



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de Marília

IVONE PINGOELLO

**Ações educativas aplicadas por professores em alunos do 6º ano do
Ensino Fundamental para a redução do *bullying***

**Marília
2012**

IVONE PINGOELLO

**Ações educativas aplicadas por professores em alunos do 6º ano do Ensino
Fundamental para a redução do *bullying***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP - campus de Marília - SP como requisito parcial à obtenção do Título de Doutora em Educação, sob a orientação da Dra. Maria de Lourdes Morales Horiguela.

**Marília
2012**

Pingoello, Ivone.

P653a Ações educativas aplicadas por professores em alunos do 6o
ano do Ensino Fundamental para a redução do bullying / Ivone
Pingoello. – Marília, 2012.

323 f. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências,
Universidade Estadual Paulista, 2012.

Bibliografia: f. 179-186

Orientador: Maria de Lourdes Morales Horiguela.

1. Crianças - Conduta. 2. Bullying. 3. Formação de professores.

I. Autor. II. Título.

CDD 371.58

IVONE PINGOELLO

**Ações educativas aplicadas por professores em alunos do 6º ano do Ensino
Fundamental para a redução do *bullying***

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP – Campus de Marília – como requisito parcial à obtenção do Título de Doutora em Educação, sob a orientação da Doutora Maria de Lourdes Morales Horiguela.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Maria de Lourdes Morales Horiguela – Orientadora

Dra. Telma Vinha – UNICAMP/Campinas

Dra. Carmem Lúcia Dias – Unoeste/Presidente Prudente

Dr. Raul Aragão – UNESP/Marília

Dra. Tânia Moron Saes Braga – UNESP/Marília

Sempre dediquei, dedico e continuo dedicando todos os meus trabalhos sobre *bullying* às
vítimas desse fenômeno.

AGRADECIMENTOS

A lista de agradecimentos é extensa, o que demonstra o quão eu fui agraciada com a presença de pessoas especiais que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho e para o meu crescimento pessoal e profissional.

Agradeço primeiramente a minha orientadora Dra. Maria de Lourdes Morales Horiguela, por ter confiado mais uma vez em mim, por me proporcionar segurança nos momentos de dúvidas, amparo nos momentos difíceis, serenidade e discernimento nos meus momentos de intempéries. Seus ensinamentos transcenderam os conhecimentos acadêmicos proporcionando tanto meu enriquecimento profissional como o pessoal.

Meus mais sinceros agradecimentos aos professores e equipe administrativa da UNESP. Agradecimentos aos honrosos docentes participantes desta banca, dentre eles as Dras. Telma Vinha e Carmem Lúcia Dias, que nos proporcionaram o privilégio de ter tão renomados nomes da educação brasileira colaborando com seus vastos conhecimentos para o aprimoramento deste trabalho.

Eternos agradecimentos ao Professor Dr. Raul Aragão, participante da banca de qualificação e defesa, mentor dos dados estatísticos desta pesquisa, que encontrou e disponibilizou um tempo que não havia em sua agenda para nos atender, elaborar, digitar e principalmente nos conduzir pelos caminhos da análise estatística. Agradecimentos às Professoras Dras. Tânia Moron Saes Braga - participante da banca de qualificação e de defesa - e Sandra Regina Gimenez-Paschoal pelos sábios ensinamentos, sempre abalando as certezas com o propósito de gerar reflexões e busca de melhorias nos trabalhos acadêmicos. Agradecimentos carinhosos à Cíntia que, com muita paciência e ética profissional, atendeu minhas necessidades administrativas na secretaria da pós-graduação da UNESP.

Agradecimentos especiais à minha família, ao meu marido Wanderlei, incentivador de plantão que, além de financiar este sonho, depositou enorme confiança em mim. Aos meus filhos, Renan e Thaís, por terem compreendido os momentos em que ficaram em segundo plano em minha vida e terem continuado me incentivando e apoiando. Agradecimentos carinhosos a minha irmã Sônia que me proporcionava as horas de recreio, momentos de relaxamento e diversão. E os meus mais emocionados agradecimentos aos

meus pais, Alice e Ernesto, exemplos constantes de honestidade, honra, força e perseverança que, com seus exemplos, sempre me ensinaram que nunca é tarde para realizar um sonho.

Agradeço de forma geral a toda a comunidade escolar envolvida com a escola onde a pesquisa foi realizada. Aos alunos, pais ou responsáveis que colaboraram gentilmente na concretização desta pesquisa. À direção e à secretaria do Colégio pelo pronto atendimento. Aos professores participantes que forneceram preciosas e essenciais colaborações a este trabalho, contribuindo com o enriquecimento de informações neste campo de estudos.

Agradecimentos carinhosos ao Gickson Rivelino Benkendorf Silva, Márcia Lemos Dantas, Débora Boaventura Sá Bevilaqua e Débora Mondini Nunes pela confiança, competência e seriedade com que receberam este projeto e pela amizade, compreensão e carinho.

Meus eternos agradecimentos à minha amiga Leonor Dias Paini pela acolhida carinhosa, pelos sábios ensinamentos e pela amizade valiosa que espero e acredito, seja perdurável em nossas vidas.

Agradeço o abraço carinhoso e especial que recebi dos amigos Nilsa e Francisco Meneguetti, presentes na defesa da tese e em muitos momentos importantes na construção deste projeto.

Finalizando, é oportuno lembrar que este trabalho teve início no Minter UNIPAR/UNESP finalizado em 2009, oportunidade importante oferecida àqueles que estão distante dos grandes centros de formação dos cursos de pós-graduação. Meus sinceros agradecimentos ao Dr. Luiz Roberto Prandi, um dos gestores desse Minter.

Temos o direito de ser iguais sempre que diferenças nos inferiorizam,
temos o direito de ser diferentes sempre que igualdades nos descaracteriza.

Boaventura de Sousa Santos

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo realizar ações educativas visando a prevenção e intervenção ao *bullying* escolar. Os participantes foram alunos de cinco turmas do 6º ano de uma escola pública estadual e oito professores que lecionam nestas turmas. A metodologia foi constituída por: método observacional em contexto natural que foram divididos em dois momentos, o primeiro para levantar os perfis das turmas pesquisadas e o segundo para observar os perfis dos alunos que apresentaram comportamentos de risco para a prática de *bullying* indicados pelos professores; aplicação de dois questionários para professores e dois questionários para os alunos das turmas pesquisadas, os dois primeiros questionários aplicados em ambos os grupos se destinaram à verificação da realidade encontrada no início dos trabalhos no ambiente de pesquisa quanto a incidência do *bullying* em sala de aula bem como as dificuldades e necessidades de atuação dos professores sobre o fenômeno; os dois últimos questionários tiveram como objetivos a mensuração, análise e avaliação final dos trabalhos realizados. As ações educativas foram desenvolvidas por meio de encontros com os professores, os conhecimentos adquiridos nos encontros formaram a base de atuação dos professores nas realizações de atividades *antibullying* em sala de aula com a participação dos seus alunos. Nos resultados os dados analisados mostraram que no início de nossas atividades a realidade observada era a de que os oito professores não sabiam lidar com o *bullying* em sala de aula e a maior dificuldade declarada foi a falta de conhecimento como também a maior necessidade apresentada por eles foi o recebimento de informações a respeito do fenômeno, bem como formas de procedimentos na sua prevenção e intervenção. Nessa ocasião, no grupo de alunos estudados, tínhamos um percentual de 32% de alunos assumindo maltratarem assiduamente colegas da escola e um percentual de 69% de alunos se declarando vítimas assíduas desse tipo de ação. A situação final apresentada pelo segundo questionário foi os oito professores declarando que, de forma geral, houve uma melhoria no clima em sala de aula e que as informações transmitidas os ajudaram a superar as dificuldades em enfrentar o *bullying*. Entre os alunos que se declararam vítimas no segundo questionário, conforme respostas dadas, o problema foi resolvido para 52,6%, o problema diminuiu para 39,7% e o problema continuou para 7,7% das vítimas; dentre os alunos que se declararam praticantes de *bullying* no segundo questionário, 83% declararam que não praticavam mais *bullying*, 12% declararam que diminuíram a prática de *bullying* e 5% afirmaram que continuavam praticando *bullying*. Os índices revelaram que houve mudanças relativas à prática de *bullying* em sala de aula tanto nos comportamentos dos alunos como nos comportamentos dos professores e que as ações educativas resultaram em contribuições para a melhoria do clima em sala de aula.

Palavras-chave: *Bullying*. Comportamento. Formação de professores

ABSTRACT

This work aims to perform educational activities aimed at prevention and intervention in school bullying. Participants were students from five classes in the 6th grade of a state school and eight teachers who teach these classes. The methodology constituted of: observational method in the natural context were divided into two phases, the first to raise the profiles of the groups surveyed and the second to watch profiles of students who have risk behaviors for bullying by teachers indicated; two questionnaires were applied to the teachers and two to the students of the groups being researched. The first questionnaire for both groups was intended to verify the actual situation found in the beginning of the study in the research environment and the incidence of bullying in the classroom and the difficulties and the needs of the teachers about the phenomenon, the second questionnaire was aimed at measuring, testing and final evaluation of the work. The educational activities were developed through meetings with teachers; the knowledge gained at the meetings formed the basis of performance of teachers in carrying out anti-bullying activities in the classroom with the participation of their students. In the results, the analyzed data showed that in the beginning of our activities the reality observed was that none of the eight teachers knew how to deal with bullying in the classroom and the biggest difficulty declared was the lack of knowledge as well as the biggest necessity shown was getting information about the phenomenon and finding ways to prevent and intervene it. In this occasion there were 32% of students who admitted mistreating assiduously schoolmates and 69% who claimed being victims this type of action among the students of the study group. The final situation shown by the second questionnaire was the eight teachers declared to have an improvement in the classroom environment and that the information conveyed about it helped them to overcome the difficulties when facing bullying. According to the answers given, among the students who declared being victims of bullying, 52.6% of the students had their problems solved, 39.7% had their problems decreased and 7.7% are still with the problem. According to the ones who declared being bullies, 83% affirmed not to practice it anymore, 12% stated to have decreased the practice of bullying and 5% admitted to have continued to practice bullying. Rates showed that there were changes related to the practice of bullying in the classroom in the behavior of teachers and students and that the educational activities resulted in contributions for a better classroom environment.

Key words: Bullying. Behavior. teachers' Formation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Alunos indicados.....	106
Quadro 2 - Análise funcional 1.....	106
Quadro 3 - Análise funcional 2.....	107
Quadro 4 - Análise funcional 3.....	112
Quadro 5 - Relato de caso de violência escolar.....	113
Quadro 6 - Definir o contexto de <i>bullying</i>	114
Quadro 7 - Exemplo de comportamento problemático em sala de aula.....	117
Quadro 8 - Exercício 4.....	118
Quadro 9 - Exercício 5.....	120
Quadro 10 - Exercício 6.....	149
Quadro 11 - Sínteses comportamentais.....	150
Quadro 12 - Categorias de Respostas.....	150
Quadro 13 - Análises de casos.....	151

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Gráfico 1 - Problemas de comportamentos em sala de aula.....	95
Gráfico 2 - Características dos alunos considerados excluídos.....	96
Gráfico 3 - Comportamentos mais observados.....	97
Tabela 01.....	127
Tabela 02.....	132
Tabela 03.....	134
Tabela 04.....	135
Tabela 05.....	138
Tabela 06.....	141
Tabela 07.....	142
Tabela 08.....	143
Tabela 09.....	147
Tabela 10.....	156
Tabela 11.....	157
Tabela 12.....	157
Tabela 13.....	157
Tabela 14.....	158
Tabela 15.....	158
Tabela 16.....	158
Tabela 17.....	159
Tabela 18.....	160

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 OBJETIVOS.....	19
3 REVISÃO DA LITERATURA.....	21
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO AO <i>BULLYING</i> ESCOLAR.....	35
5 MÉTODO.....	63
6 RESULTADOS	94
7 DISCUSSÃO.....	161
REFERÊNCIAS	180
APÊNDICES.....	188
ANEXOS.....	299

1 INTRODUÇÃO

Ao entrarmos para o mundo da dinâmica escolar, percebemos que nem tudo girava sobre processos educativos envoltos com saberes científicos e que, em muitos momentos, o conhecimento científico era o menos percebido em sala de aula. Percebemos que boa parte do tempo que deveria ser destinado aos estudos estava sendo utilizado com preocupações voltadas aos conflitos interpessoais e intrapessoais envolvendo algum tipo de ação agressiva entre pares. E por outro lado, havia professores alheios aos conflitos e agressividades, concentrados em cumprir o que determinava o currículo e o planejamento escolar, sem se darem conta de que alunos, professores e saberes estavam às margens do que realmente importa na ação educacional: a convivência pacífica e democrática visando a formação de cidadãos autônomos capazes de conviver em sociedade.

A partir dessa verificação, iniciamos uma reflexão sobre os fatores correlacionados com as práticas agressivas existentes em sala de aula que nos levou ao *bullying*, fenômeno que não é o único nem o maior problema enfrentado em sala de aula, mas faz parte de uma categoria comportamental prejudicial ao ciclo educacional, pois rompe um percurso dinâmico de desenvolvimentos cognitivo e intelectual a medida que afasta os envolvidos das oportunidades de aprendizagem.

Incomodados com esse problema, decidimos colaborar estudando o perfil da vítima de *bullying* em nossa dissertação de mestrado (PINGOELLO, 2009) para auxiliar o professor no reconhecimento da vítima em sala de aula por meio de suas características típicas. Ao reconhecer a vítima, o professor deveria interceder, intervir e tentar resolver a situação. Mas como fazer isso?

Percebemos então que o trabalho carecia de continuidade e nos propomos, neste trabalho, pesquisar o campo das intervenções a fim de contribuir com as ações dos professores sobre a ocorrência do *bullying* em sala de aula.

Nosso trabalho foi desenvolvido em dois semestres do ano letivo escolar de uma escola pública e aqui é apresentado em sete capítulos. No primeiro capítulo faremos a introdução do tema, justificamos a necessidade das ações aqui apresentadas; no segundo capítulo dispomos nossos objetivos; no terceiro contemplamos a revisão da literatura, o embasamento teórico, descrição do fenômeno *bullying*, suas características, consequências e análise deste fenômeno; no quarto capítulo sugerimos alguns dos conhecimentos necessários para a adoção de procedimentos *antibullying*; o capítulo quinto refere-se ao

método, listamos os instrumentos e os procedimentos utilizados para a execução e avaliação dos trabalhos; no sexto capítulo apresentamos os resultados dos trabalhos realizados com os professores e alunos e no último capítulo realizamos as discussões dos resultados apresentados e as considerações finais do trabalho.

Nosso foco de estudos foi o *bullying* escolar e a ênfase recaiu sobre ações educativas envolvendo professores e alunos realizadas na escola visando a prevenção e intervenção ao *bullying*, fenômeno que pode causar danos na aprendizagem tanto da vítima como do autor, pois ambos estão envolvidos nas consequências nefastas desse problema que é de ordem social. Partimos da hipótese de que ações educativas realizadas por professores bem informados podem ser eficientes na redução da prática do *bullying*.

Conjeturamos que o *bullying* é um problema de ordem social porque afeta direitos sociais, comuns a todos os cidadãos, como o direito ao respeito à sua dignidade, a viver livremente sem coação, intimidação e ameaças bem como o direito supremo à educação, desrespeitado quando o aluno se esquia da escola para fugir das agressões e violências sofridas dentro do âmbito escolar.

O *bullying* faz parte das variáveis conceituais de violência que tanto pode ocorrer nas escolas como em outras partes da sociedade, visto que a escola não é um fragmento da sociedade mas parte indissolúvel desta e que reproduz as ideologias e comportamentos presentes em todos os âmbitos sociais.

A alta incidência da violência na sociedade fez com que a Organização Mundial da Saúde - OMS (OMS, 2002) a declarasse como caso de saúde pública por ocorrer em padrões previsíveis e mediada por fatores de risco e de proteção (OMS, 2004), o que significa, segundo Martins (2007), que no trato da violência deve ser privilegiado a prevenção por meio de medidas que alterem os comportamentos dos indivíduos, as dinâmicas dos grupos e o ambiente físico e social em que estão inseridos.

O termo violência pode ser usado nas várias instâncias sociais, por isto é necessário, em primeiro lugar, estabelecer o que seja adequado à situação ou contexto em que se quer situar o assunto; a princípio, todo ato de violência é visto como um comportamento antissocial, alguém que age contra a sociedade, violando suas normas e desrespeitando os direitos dos outros participantes da comunidade. Como sujeitos participantes de uma comunidade entende-se desde crianças a adultos e as normas estabelecidas variam de uma sociedade para outra como variam também o grau de

violação, podendo ser pequenos atos que passam despercebidos por alguns, até a crimes graves, prescritos no código penal.

A interpretação da violência pode variar de um grupo social para outro, de uma época para outra e a propensão varia de indivíduo para indivíduo. Não podemos cometer o erro de definir a violência com um conceito absoluto, como bem diz Debarbieux: “O vocabulário científico, então, não “descobre” o que é verdade; o que é verdade é construído e, por sua vez constrói novos paradigmas.” (DEBARBIEUX, 2002b, p. 64), as definições de violência são para torná-la legível e a cada novo paradigma construído, novas visões e novas definições vão sendo elaboradas.

O termo *bullying* se enquadra neste novo paradigma construído e acreditamos que ele está na base de violências maiores, é o que Camacho (2001) define como antessala, ou o que Debarbieux chama de microviolência (DEBARBIEUX, 2002a), onde se incluem o uso de intimidação, ameaças, uso de apelidos e violência verbal, podendo sair da antessala e se transformar em macroviolência, envolvendo danos físicos e morais de grande monta, podendo chegar ao ponto de ocorrer mortes nos estabelecimentos de ensino.

Estudos realizados pelo serviço secreto dos Estados Unidos apontaram que nos 66 ataques em escolas que ocorreram no mundo de 1966 a 2011, 87% dos atiradores sofriam *bullying* e foram movidos pelo desejo de vingança (DANTAS, 2011). Em pesquisas realizadas pela Universidade de Yale dos Estados Unidos, os resultados apontam que o *bullying* foi relacionado por 37 pesquisas mundiais como uma das principais causas do suicídio de crianças e adolescentes, sendo que o suicídio é apontado como a 3ª maior causa de mortalidade no mundo nessa faixa etária atrás apenas dos acidentes de trânsito e homicídios (KIM; LEVENTHAL, 2008). Debarbieux (2002a) relata que em estudos longitudinais se verifica “que as crianças submetidas a intimidação apresentavam um risco quatro vezes maior que as demais de virem a tentar o suicídio.” (DEBARBIEUX, 2002a, p. 25). Lembramos que são as vítimas as mais vulneráveis a cometerem o suicídio e as principais tragédias ocorridas nas escolas foram acompanhadas de assassinatos cometidos pelas vítimas que em seguida tentam ou cometem o suicídio. A vítima em estado de extremo sofrimento quando decide pela vingança trágica, decide em primeiro lugar pela sua morte e o que fará antes disso, ou seja, a primeira morte decretada é a da vítima e o que ela vai fazer antes de efetuar a vingança pode estar diretamente relacionado com o ambiente ou com aqueles que a fizeram sofrer. Nesse caso podemos entender porque uma

vítima suicida de *bullying* escolhe um local específico para matar, como a escola onde estuda ou estudou, por exemplo, e não outro local como igrejas, shoppings, etc.

Porém Debarbieux (2002a) ressalta que episódios trágicos envolvendo mortes nas escolas apresentam um baixo índice estatístico; com este comentário, o autor não pretende subestimar a gravidade dos fatos mas sim chamar a atenção para o sensacionalismo que leva a uma admiração negativa de cenas sangrentas, sem levar em consideração que os assassinatos foram os pontos culminantes de uma violência oculta que já vinha acontecendo há muito tempo sem receber a merecida atenção.

Nesse contexto, nosso foco de trabalho é o *bullying* escolar por acreditarmos que, se nem todas as vítimas do fenômeno estão sujeitas a um desfecho trágico, há aquelas que podem ter decretada a sua morte social, o que não deixa de ser uma tragédia (MORITA, 2002). A ocorrência do *bullying* no âmbito escolar fere o direito constituinte à educação sistematizada livre de qualquer tipo de violência, discriminação e preconceito, que destitui o sujeito do direito ao desenvolvimento do conhecimento científico.

O fenômeno é conceituado como um tipo de maltrato que ocorre entre pares cuja distinção de outros eventos agressivos é definida pela repetitividade das agressões e desnível de poder de agressor para vítima. A ocorrência entre pares é fator determinante para a definição terminológica de *bullying*, no Brasil; agressividades sucessivas ocorridas entre pessoas que estão em níveis hierárquicos diferentes é denominado de assédio moral. A faixa etária em que mais ocorrem casos de *bullying* vai dos 10 aos 14 anos, portanto são crianças e adolescentes, o que justifica uma intervenção dos adultos. Algumas vítimas acreditam que é mais seguro suportar o sofrimento do que denunciar o autor porque, ao denunciar o aluno expõe seu papel de vítima, sua condição de indefeso com risco para zombarias e novas represálias e como agravante há um descrédito por parte das vítimas na atuação dos educadores a seu favor (COWIE; SMITH, 2002). Esse fato, somado à crença de alguns educadores de que o *bullying* não passa de brincadeira própria da idade (CAMACHO, 2001) faz com que sejam ignoradas as consequências e o prejuízo que este fenômeno causa às interações sociais e ao desenvolvimento cognitivo dos alunos. Segundo Royer (2003) o professor, no decorrer de sua formação, deve ter acesso ao desenvolvimento da capacidade de intervir e evitar comportamentos agressivos, fato não percebido pelo autor em suas observações e que é de grande importância, pois sem esse conhecimento, segundo Royer (2003) o educador privilegia mais a punição do que a intervenção preventiva e educativa, tendo como consequência o aumento das reações

agressivas no aluno e estresse no professor, que continuará tendo que lidar com essa situação no decorrer de sua profissão.

A falta de propostas educativas permite que valores sociais predominantes invadam o ambiente escolar sem nenhum filtro educativo, permitindo que marcas como preconceitos, por exemplo, alojem-se no interior da escolar. A ação socializadora da escola deve alcançar o ambiente relacional para não permitir a construção de experiências que podem ser nefastas, entre elas, a experiência da violência (CAMACHO, 2001).

As propostas educativas devem ser voltadas para a formação profissional e a partir dessa formação, que esses profissionais estejam aptos para proporem e realizarem ações no contexto de trabalho a fim de buscar melhorias nas interações sociais.

Por esse motivo é que nos dispomos a estudar, pesquisar e desenvolver ações educativas que levem os educadores a intervirem de forma segura no controle e prevenção do *bullying* escolar. As ações educativas se justificam por não serem medidas utilizadas somente em curto prazo ou enquanto existir um programa *antibullying* na escola, mas sim porque espera-se que todos os participantes desenvolvam comportamentos relacionados à prevenção do *bullying* bem como o conhecimento de medidas a serem tomadas quando constatado sua existência e que os conhecimentos desenvolvidos sejam usados e ampliados no decorrer da atuação docente de forma contínua e autônoma.

2 OBJETIVOS

Expor o docente ao enfrentamento da violência escolar sem um conhecimento prévio de como ela se constrói, se propaga e quais os métodos mais adequados para seu combate e prevenção é entregar o professor à própria sorte, deixando margens para que ele tome decisões pessoais que podem ser baseadas na sua própria vivência escolar, na sua experiência familiar ou na intuição. Em todos os casos, os resultados podem ser tão inesperados como inesperados podem ser as atitudes tomadas por cada professor.

A intervenção adequada a qualquer tipo de violência passa primeiramente pelo conhecimento de como ela se constrói e se propaga, estudar seus conceitos científicos, refletir e propor ações que possam resolver ou minimizar o problema nas escolas, dessa forma o objetivo geral deste trabalho foi:

2.1 Objetivo Geral

Realizar ações educativas visando a prevenção e intervenção ao *bullying* escolar.

2.2 Objetivos específicos

- Verificar as percepções dos professores sobre o *bullying* escolar.
- Verificar a dinâmica do *bullying* nas turmas de alunos do grupo estudado.
- Ministrando curso de formação continuada no local de trabalho para os professores.
- Planejar e coordenar junto com os professores ações educativas preventivas e interventivas ao *bullying* direcionadas aos alunos do grupo estudado.
- Avaliar os resultados das ações realizadas tanto com os professores como com os alunos.

Tendo dois grupos distintos de participantes, professores e alunos, a organização do trabalho se dividiu em duas fases: A primeira se refere aos trabalhos com os professores a fim de fornecer subsídios teóricos e práticos para a prevenção e intervenção ao *bullying* escolar em encontros específicos para este fim; a segunda reporta à tese de que professores bem informados podem informar seus alunos a fim de evitarem a ocorrência de *bullying* realizando ações educativas com os mesmos.

As ações educativas foram pautadas em nossos estudos de mestrado (PINGOELLO, 2009) e nos estudos de Santos (2007); Freire (2004); Cascón (2004); Centros territoriales de recursos para la orientación (2006); Del Rey e Ortega Ruiz (2001); Lederach (1997); Avilés Martínez (2002), Pikas (2002); Tognetta (2003); Tognetta (2009); Tognetta e Vinha (2007) e Vinha (2000), além dos autores que nos forneceram subsídios teóricos e metodológicos nos orientando na fundamentação deste trabalho bem como nas escolhas dos instrumentos mais adequados para a coleta de dados, como a observação comportamental dos alunos em sala de aula e a aplicação de questionários diagnósticos e avaliativos.

Amparados por essa base sólida de conhecimentos científicos definimos nossas metodologias, instrumentos e ações educativas os quais descrevemos nos capítulos subsequentes.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Conforme Aquino (2003), as práticas escolares são testemunhas das transformações históricas, o perfil das instituições de ensino adquiriu formas de acordo com as exigências sociais da época. Em tempos passados não era comum falar em violência escolar, isso não se devia a sua inexistência, mas porque o controle total e severo do comportamento dos alunos inibia atitudes de possíveis conflitos e castigo não era considerado violência mas sim instrumento pedagógico.

Portanto deve-se considerar o status de quem determina o que é ou não considerado violência na escola (ABRAMOVAY; RUA, 2002), um exemplo que podemos citar é o uso de punição no âmbito escolar que pode ser considerado medidas educativas na visão da direção escolar e professores e pode ser considerada violência na visão de quem recebe a punição, principalmente se o punido considera-se injustiçado, se seus argumentos não foram ouvidos.

Não se pode esquecer que a escola não está apenas inserida em uma sociedade, ela é a sociedade e reflete a cultura desta, o que é percebido dentro das escolas, facilmente pode ser visto fora dela também, tanto as ideologias como as divisões de classes. Das diferenças ideológicas sociais nascem as dominações, discriminações e preconceitos aos menos favorecidos. A escola torna-se então, um campo fértil para a reprodução dos modelos dominantes que impunham sua vontade usando a habilidade de intimidar, oprimir e negligenciar. Qualquer semelhança com o *bullying* não é mera coincidência.

3.1 Histórico dos estudos sobre *bullying*

No final dos anos 60 e início dos anos 70 o médico escolar sueco Peter Paul Heinemann (1972 *apud* OLWEUS, 1996b) realiza estudos sobre o comportamento escolar infantil no entorno escolar e usa o termo *mobbing* ou *mobbning*, derivado da etologia, para descrever a perseguição ou assédio moral feita por um grupo de crianças dirigidas a uma única criança (HEINEMANN, 1972 *apud* OLWEUS, 1996b). Estudos posteriores feitos na Noruega por Olweus (1996b) definem esse mesmo tipo de comportamento por *bullying*; a preocupação do autor era de que o termo *mobbing* pudesse ser mal interpretado e deixasse passar despercebido aspectos importantes do problema. A tradução do termo *mobbing*, segundo Olweus (1996b) poderia ser associada a um grupo homogêneo que age com

interesses em comum de forma imprevisível e levada por um impulso do momento. Estudos feitos por Olweus (1996b) demonstraram que havia diferenças individuais entre o grupo e que os estudos e intervenções possíveis deveriam ser feitas de forma individual tanto para quem agride como para quem é agredido. O autor preferiu concentrar sua atenção a um tipo de situação onde um estudante se vê exposto a agressão sistemática feita por uma única pessoa, por um grupo reduzido ou por uma classe toda durante um longo período de tempo, essa passou a ser a definição de *bullying* que é conhecida e aceita mundialmente.

É importante a definição correta do termo *bullying* para que não sejamos acusados de estar colocando todos os conceitos dentro de uma mesma terminologia. Não devemos confundi-lo com racismo, com violência pontual, com depredação escolar, com brigas de gangues na escola, com assédio sexual ou moral. Apesar de todos esses conceitos estarem incluídos nas características do *bullying*, este se refere especificamente a intimidação exercida sistematicamente pelo mais forte sobre o mais fraco utilizando-se de comportamentos racistas, discriminatórios e ofensivos. As práticas de *bullying* envolvem pessoas de um mesmo grupo considerando a hierarquia, tendo como agravante a existência do desnível de poder de quem intimida para quem é intimidado, intimidações persistentes e repetidas por um longo período de tempo. O que leva alguém a definir todo comportamento violento como sendo *bullying* é a ignorância do conceito real do termo.

Pesquisa realizada pela organização não-governamental Plan, que trabalha com o desenvolvimento da criança e do adolescente (PLAN, 2010) informa que 350 milhões de crianças e adolescentes no mundo são vítimas do *bullying* e revela que, por dia, um milhão de crianças passa por situações de violência em escolas em todo o mundo. Pesquisas sobre o *bullying* indicam que o percentual de vítimas nas escolas varia de 8 a 46%, e o percentual de agressores varia de 5 a 30%, conforme declara Lopes Neto (2005).

Pesquisa feita no Brasil pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2009) revela que quase um terço dos alunos (30,8%) já sofreram *bullying* pelo menos uma vez na sua vida escolar. Os participantes da pesquisa foram alunos do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas ou privadas das capitais dos estados e do Distrito Federal. A amostra foi constituída por 6.780 escolas num total de 618,5 mil estudantes. Os resultados mostraram que o percentual dos que foram vítimas desse tipo de violência raramente ou às vezes foi de 25,4% e a proporção dos que disseram ter sofrido *bullying* na maior parte das vezes ou sempre foi de 5,4%. Segundo a pesquisa, o *bullying* é mais

frequente entre os estudantes do sexo masculino (32,6%) do que entre os escolares do sexo feminino (28,3%).

Dados como esses demonstram a necessidade de intervenção e estudar as características dos envolvidos com o *bullying* é um processo importante que pode promover o reconhecimento daqueles que apresentam comportamentos de risco para a prática ou vitimização do fenômeno, facilitando uma atitude preventiva no ambiente escolar.

3.2 As principais características dos envolvidos com o *bullying*

Só podemos definir como *bullying* quando a ocorrência é entre pares, ou seja, entre iguais, como por exemplo, entre alunos, entre professores e observada a repetição das agressões e o desnível de poder entre vítima e agressor, podendo ser a força física, habilidade ou vantagem numérica, que seria vários agressores atacando uma vítima (SMITH, 2002; MARTINS, 2005; ESTRELA; AMADO, 2000; NATION et al, 2008). Essa desvantagem é o ponto crucial na escolha da vítima, pois o objetivo do agressor é ser o vitorioso, não admitindo a possibilidade de ser o perdedor. Por isso busca alguém indefeso, um aluno mais fraco que não tem como revidar e não tem quem o proteja de seus ataques e, sob o efeito de ameaças expressas ou subentendida, não denunciará seu agressor ou agressores.

Os termos agressor e agressividade são utilizados neste trabalho para definir alguém que adota comportamentos verbais, físicos e psicológicos com o propósito de provocar danos ao outro ou obter qualquer lucro ou vantagem como, por exemplo, uso de palavrões e xingamentos para ofender ou humilhar alguém, uso de violência física como chutes, empurrões, socos e uso de violência psicológica como a intimidação, fazendo ameaças como forma de se impor sobre o outro.

A indefensão da vítima provoca no agressor um alto sentimento de supremacia e geralmente ele consegue atrair para seu grupo outros agressores que imitam suas atitudes, tanto com a mesma vítima como na busca de outra para suprirem suas necessidades de diversão e autoafirmação. As atitudes agressivas se manifestam de forma repetida por meio de insultos, intimidações, apelidos pejorativos, gozações que magoam, acusações injustas, implicâncias com alunos que apresentam comportamento, forma de se vestir ou um biótipo

diferenciado, causando a exclusão, danos morais, materiais ou físicos (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003; FANTE, 2005).

Quanto a motivação da prática de *bullying*, ela se difere da motivação da violência pontual, que ocorre em um único episódio, envolvendo conflitos pessoais entre os alunos. Na violência pontual a motivação pode ser extrínseca, como a busca da solução de conflitos, disputa de território, rixa entre grupos, portanto, são problemas externos a serem resolvidos, mais fáceis de serem observados. Já na prática de *bullying* as motivações decorrem de uma necessidade pessoal do praticante, é uma motivação intrínseca que pode ser a necessidade de autoafirmação, de exteriorizar um sofrimento latente, revidando no outro sua falta de competência em resolver a situação, por isso a necessidade da certeza de que se obterá sucesso na empreitada agressiva, ou seja, o agressor necessita da vitória para se autoafirmar pois há a possibilidade dele estar convivendo com perdas em outro ambiente. Por esse motivo ele não agride alguém que possa ter a capacidade de revidar ou denunciar, a garantia da vitória ocorre pela dessimetria de poder.

O *bullying* é classificado em: direto físico que consiste em bater, tomar ou estragar pertences; direto verbal que consiste em insultos, apelidos pejorativos que ressaltam defeitos ou deficiências e atitudes de discriminação; indireto, que se refere a conduta de excluir alguém da turma por motivo de discriminação ou espalhar boatos como forma de destruir a reputação de alguém.

Entre os gêneros, a ocorrência do *bullying* acontece com maior frequência nos meninos quando se trata da forma direta, com o uso de violência física ou ameaças e nas meninas o *bullying* ocorre mais em sua forma indireta, com agressões verbais e difamações a respeito da conduta (BALDRY; FARRINGTON, 2000), na categoria agressor, o menino aparece em maior número e na categoria vítima, o número de meninos e meninas se equivalem, os meninos aparecem em menor número que as meninas quando se trata de denunciar as intimidações sofridas (SMITH, 2002). Segundo Martins (2007), para muitos autores o fato de os meninos serem a maioria no uso da violência física se explica por meio “[...] da associação que se estabelece entre a agressão e os estereótipos de dominação e manifestação de força física associados à masculinidade.” (MARTINS, 2007, p. 54) e, segundo a autora, é por esta razão que em relatório de 2002 da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002) sobre a violência mundial, a Organização associa a prevenção primária da violência com a promoção da igualdade de gênero.

As faixas etárias em que mais ocorrem casos de *bullying* são dos 10 aos 14 anos, aos 10 anos de idade; os papéis de vítima ou agressor se definem de forma mais clara, os comportamentos, tanto agressivos como passivos, vão se definindo e vão se incrementar a partir dos 12 anos. Normalmente o agressor é de séries mais avançadas ou repetentes, podendo ter idade entre 13 e 14 anos e estudar com alunos de 10 e 11 anos, idade média das vítimas (FANTE; PEDRA, 2008). Na adolescência diminui a frequência, mas aumenta a gravidade dos ataques transformando-se em vandalismo e delinquência (FANTE; PEDRA, 2008).

Recentemente surgiu uma nova modalidade de *bullying*, denominada *ciberbullying* que se refere à prática das agressões por meio virtual, utilizando-se de telefones celulares ou ferramentas disponíveis na internet para ameaçar, amedrontar, difamar ou humilhar as vítimas. Há também o *bullying* homofóbico praticado contra os que se diferenciam quanto ao gênero e mais recentemente surgiu o *bullycídio*, que se refere ao risco ou número de suicídios decorrentes da vitimização de *bullying*. Como bem definiu Debarbieux (2002b) são novos paradigmas sendo construídos acerca das ocorrências da violência.

O perfil dos praticantes de *bullying* e de suas vítimas são bem delineados, visto que ambos apresentam comportamentos típicos, observáveis e perceptíveis aos olhos de um observador bem informado. De modo geral, classifica-se os envolvidos em três categorias: as vítimas, os agressores e os espectadores.

As vítimas são também citadas na literatura como alunos alvos de *bullying*. Em nosso trabalho preferencialmente usaremos a terminologia vítima e não alvo, porque entendemos que o termo alvo está relacionado a um objeto, um ponto de mira, ou seja, o termo alvo designa a vítima como um objeto imóvel. Parece-nos que dessa forma estamos fazendo o mesmo que os agressores, designando alguém por um apelido que ressalta uma característica particular, que seria a imobilidade diante dos ataques. Já a palavra vítima se destina a definir alguém que sofre ou sofreu algum tipo de crime, o que corresponde ao termo necessário para designar quem sofre *bullying*. O fato da vítima não reagir, não significa imobilidade ou inércia, significa que ela está impedida ou impossibilitada momentaneamente de reagir, que algo a está forçando a não reação, podendo, inclusive, ser a possibilidade de estar compartilhando a imagem que o agressor tem dela, de que é fraca e acreditando ser franca não encontra meios para reagir. Porém os comportamentos considerados encobertos, como os sentimentos, o medo, a angústia, a raiva ou a ideia de

vingança estão em franca movimentação, gerando consequências, a princípio, não observáveis, mas que podem acarretar danos a saúde psíquica e social da vítima.

Na escola, os alunos mais susceptíveis aos ataques do *bully* possuem características típicas, a saber: os alunos considerados estudiosos, com média escolar alta; o aluno gentil e generoso que é mal interpretado na escola e visto como “fraco” ou “*gay*”; os alunos obesos; os negros; os que apresentam um biótipo diferenciado dos demais ou que se vestem de forma diferente. As meninas que não se enquadram no padrão “*barbie*”, que são magras demais ou obesas; que não se vestem de acordo com a moda, sofrem uma pressão constante para se enquadrarem na imagem aceita pelo grupo, sendo que a exclusão e difamação são as principais armas usadas pelas meninas para excluírem as que não se enquadram no perfil aceito. Percebe-se também o uso de discriminação quanto a posição social, o aluno que apresenta maior poder aquisitivo ou o menor poder aquisitivo da turma e os que apresentam algum tipo de deficiência física, mental ou algum tipo de transtorno de conduta.

Em nossas observações e atuações em escolas verificamos que os perfis acima apresentados são perceptíveis nas vítimas, mas não são fatores determinantes. O que vai determinar se o aluno escolhido pelo agressor será sua vítima ou não é a indefensão, a falta da capacidade de reagir, denunciar ou pedir ajuda. Como já afirmamos, o agressor só ataca na certeza da vitória, ele é estrategista: ataca, observa a reação da vítima e voltará ou não a atacar conforme a resposta que receber.

Para Smith (2002), crianças com deficiências físicas correm risco duas a três vezes mais de vir a serem vítimas do *bullying* que outras crianças e quando apresentam problemas de comportamento, podem ser as vítimas provocadoras. Essa diferença, segundo Cowie e Smith (2002) deve-se a três fatores: as crianças deficientes apresentam características particulares; crianças deficientes, com necessidades especiais que estudam em ambientes escolares integrados são menos integradas socialmente e estão desprotegidas pela ausência do círculo de amizades; crianças deficientes que apresentam problemas comportamentais podem reagir a vitimização com agressividade, transformando-se em vítima provocadora.

Acompanhando a distinção feita por Olweus (1996b) distinguimos a vítima passiva e a vítima agressora, com uma modificação do termo passivo para o termo submisso porque entendemos, conforme descrição do dicionário Michaelis (2002), que passivo designa alguém inativo, que não age nem reage, permanece indiferente e o termo submisso

denota uma submissão, que está em posição ou lugar inferior, humilhado, subordinado. Sabemos que a vítima de *bullying* não permanece indiferente, suas reações podem estar encobertas. A posição de submissão é mais adequada ao caso a que se propõe, trata-se de alguém que esta subordinada a fatores alheios a sua vontade, obedece ao agressor pelo uso da força e não por vontade própria, portanto ela não está passiva diante das agressões, ela está submissa à força do agressor.

A vítima submissa apresenta o perfil da insegurança, ansiedade e incapacidade de se defender, demonstra o medo que tem do agressor e isto é fundamental para os ataques. A vítima submissa pode ser aquela criança com traços de meiguice, docilidade, educação refinada e estas características podem ser entendidas pelo agressor como a falta de habilidade em se defender, pois quem é doce, delicado e educado, não xinga, não bate e não revida com agressividade.

Conforme esclarece Del Prette e Del Prette (2009) se na infância a criança foi por muitas vezes repreendida ao expressar seus sentimentos, ideias ou direitos, no decorrer de seu desenvolvimento ela poderá apresentar um comportamento submisso em função do medo da consequência da tentativa de expressar suas vontades.

Para Leme (2004) o comportamento de submissão motivado pelo medo do confronto seria a fuga ou esquivia da confrontação com seu opositor. A autora esclarece que:

[...], as pesquisas têm revelado que crianças agressivas e submissas sabem que seus comportamentos são inadequados na resolução de conflitos interpessoais, mas têm dificuldade em considerar respostas não agressivas ou não submissas para resolver este tipo de problema, como se as soluções possíveis se resumissem a luta ou fuga, sem outras alternativas entre os dois extremos. (LEME, 2004, p. 272).

Na visão da autora as crianças têm uma dificuldade natural em encontrar a solução adequada, que vai sendo gradativamente desenvolvida conforme a situação social em que está inserida. Para Leme (2004) o comportamento adequado para a resolução de problemas de ordem conflitiva deve ser ensinado, a criança não vem com este comportamento pronto, acabado; ele é desenvolvido nas interações sociais e estimulado pela convivência com os adultos, com aqueles que as ensinam e orientam para uma boa convivência.

A vítima provocadora é simultaneamente vítima e agressora, provoca e quando atacada não consegue lidar com a situação. Segundo Martins (2007) algumas vítimas provocadoras podem apresentar “[...] diagnóstico de hiperatividade, distúrbio de conduta

ou outros distúrbios do foro psiquiátrico (segundo a classificação DSM-IV).” (MARTINS, 2007, p. 56).

Consideramos esse o caso mais difícil de lidar, pois pode envolver algum tipo de distúrbio ou comportamento problemático em sala de aula que é a inquietude. O que o faz ser vítima não é uma característica particular do corpo, do modo de se vestir, nem do comportamento pacífico ou submisso, é o comportamento provocador, ele atiza a fúria dos agressores e essa vem com uma força maior, da qual ele não é capaz de se defender. A vítima provocadora não consegue controlar seu comportamento agressivo, nem de discernir que é sua agressividade que a torna vítima, o que dificulta uma intervenção a curto prazo, visto que a intervenção é baseada na compreensão e controle do próprio comportamento, controle esse que pode ser dificultado pela possibilidade da provocação estar sendo gerado por um distúrbio de ordem neurológica ou psicológica.

Para Martins (2007):

As vítimas/agressoras parecem ser o grupo que se encontra numa situação de maior risco psicossocial. Em suma, muitas destas crianças virão a apresentar dificuldades de aprendizagem na escola, e muitas destas dificuldades estão associadas ou têm origem nos problemas relacionais e de comportamento.

Na literatura aparece a categoria vítima provocadora e vítima agressora como categorias distintas onde a primeira é provocativa e a segunda se refere ao aluno que reproduz as agressividades recebidas. A vítima provocadora é a que descrevemos como aquela que provoca, é agredida e não sabe lidar com a situação e a vítima agressora corresponde à vítima que revida as agressões sofridas, sem que necessariamente haja relação entre quem a agrediu e em quem ela vai revidar, portanto, para nós, ela se enquadra no perfil do agressor que descrevemos nos parágrafos abaixo.

O agressor - também denominado *bully* - poder ter a mesma idade ou ser mais velho que sua vítima, pode ser fisicamente maior, ser mais dinâmico nos esportes e nas brigas. Vangloria-se de sua superioridade, intimida, ameaça, domina e subjuga os outros alunos. Tem dificuldades em aceitar normas, irrita-se com facilidade e não aceita ser contrariado, é visto como o aluno mal, frio e antipático. O perfil do agressor é o de alguém que se destaca no grupo por possuir força física e/ou psicológica, transformando-se em modelo a ser seguido; os seus seguidores podem ter o mesmo perfil ou podem aderir ao grupo por causa da popularidade do agressor ou medo de se transformar na próxima

vítima. Pode se converter na figura mais popular da escola ou na mais impopular, de qualquer forma se destacará no meio do contingente escolar acreditando que sua agressividade é uma qualidade (FARRINGTON, 2002; OLWEUS, 1993). Para Tognetta (2005) o uso da agressividade pela criança pode ocorrer como forma de motivação do orgulho próprio, pelo fato de acreditar que possui um poder que o outro não tem.

Analisando os perfis dos agressores podemos perceber que há duas categorias distintas de agressores, a primeira vamos definir como agressor hostil e a segunda como agressor vingador/retaliador, este é referido nas literaturas pertinentes como a vítima agressora.

O perfil do que designamos de agressor vingador/retaliador é daquele aluno que sofre *bullying* ou outro tipo de maltrato e busca a superação reproduzindo o maltrato que sofre como forma de reprimir a sensação de fraqueza, de impotência. O agressor vingador/retaliador busca, na prática de *bullying*, uma forma de melhorar a autoimagem, a autoestima, a superação de uma perda, uma forma de ganhar em algum momento da vida, já que em outro ele pode ter ou estar perdendo algo importante, como o afeto dos pais, por exemplo; a possibilidade de seguir para a série seguinte, no caso da reprovação; o baixo poder aquisitivo, privando-o do acesso a bens comuns aos outros colegas de turma, pode estar sendo vítima de *bullying* e buscando alívio atacando outra vítima. De certa forma ele não consegue lidar com as perdas ou com o sofrimento, revolta-se e desconta em seus pares suas frustrações, possui baixa autoestima, não aceita a situação de pobreza ou de repetência e age com agressividade, busca na prática do *bullying* o alívio para seu sofrimento. Como o seu problema é com a sua autoafirmação, a opinião do outro é importante, por isso ele busca a plateia, faz questão do show, momento de demonstração do poder que ele precisa supor ter para conseguir se sobressair aos pontos dos quais se considera fraco, um perdedor; pode ser a busca do orgulho próprio citado por Tognetta (2005). Em sala de aula é o aluno que mais se destaca, usa o professor como coadjuvante e os alunos como plateia. Esse caso se refere a alguém com problemas comportamentais a serem resolvidos de fácil observação e de fácil compreensão.

O agressor hostil seria aquele que agride pelo simples prazer de agredir, usa a agressão como forma de divertimento, sem se enquadrar nos conceitos da psicopatia que se configura num transtorno de personalidade. O agressor hostil possui alta autoestima, não possui empatia, pode ser a criança a qual os pais não impuseram limites, podendo ter sido criando em um ambiente permissivo ou em um ambiente agressivo ou nos dois ao mesmo

tempo, gerando o comportamento desregrado, agressivo naturalizado pela convivência diária na família. Para o agressor hostil a plateia ou opinião dos outros distantes dele não tem tanta importância, a importância maior está no grupo, seu show é pessoal e para o grupo que representa uma plateia particular. São individualistas e buscam aventuras usando o outro como instrumento de diversão, a aventura consiste em testar o limite de tolerância do outro. A adrenalina, que seria o estimulante natural, é causada pelo risco da punição e o prazer estaria no sucesso da fuga ou esquiva da punição e no comportamento submisso da vítima.

O agressor hostil se envolve com mais facilidade na prática do *bullying* por meio da extorsão de dinheiro ou de objetos, podendo ocorrer de forma velada porque quem pratica tem noção de que se trata de uma ação indevida, diferente dos apelidos e xingamentos que podem ser vistos como naturais. No caso da extorsão a plateia é o grupo de amigos, o que existe é uma exploração de alguém indefeso e, na maioria das vezes se trata de uma ação praticada pelo grupo, liderado por um e aderido pelos demais, como no caso que veio a público em maio de 2011, ocorrido no Mato Grosso do Sul quando um adolescente foi extorquido por no mínimo dois outros colegas durante o período de um ano (ADOLESCENTE, 2011), esse poderia ser o caso onde a opinião do grupo é o mais importante, seria o agressor hostil buscando satisfazer suas necessidades pessoais extorquindo o outro.

O caso do agressor hostil pode ser mais difícil de lidar que o caso do agressor vingativo/retaliador, pois se trata da busca por um sentido para a vida, falta de empatia, de respeito pelos direitos dos outros.

O espectador é o aluno que testemunha todo o sofrimento da vítima, mas não tem coragem de denunciar por medo de represálias dos agressores. Com medo de se transformar no próximo alvo, o aluno que testemunha as agressões tende a se afastar da vítima, contribuindo com o processo de exclusão (FANTE, 2005).

Para Tognetta e Vinha: “O que está em jogo é necessariamente a ausência de um sentimento de indignação que permita a esse espectador assumir um posicionamento contrário às ações injustas.” (TOGNETTA; VINHA, 2008, p. 130). Um dos princípios que pode gerar a ausência da indignação diante da violência é a sua naturalização, acostumar-se pode interferir na capacidade de indignação, o que poderia ocasionar falta de percepção do ocorrido como um ato de violência, que de tanto ocorrer passa a ser percebido como parte integrante do contexto escolar; a ausência de denúncias por parte do espectador pode estar

baseada neste princípio. A indignação é o princípio da ação que precisa da coragem para se manifestar, portanto só a indignação não resolve, devemos encorajar os espectadores a agir.

Os espectadores são importantes para a dinâmica do *bullying*, tanto para incentivar o comportamento do agressor quando funcionam como plateia, aplaudindo o feito, como para ajudar a vítima, protegendo-a e denunciando. Por isso eles são fundamentais nas ações *antibullying* que devem ser trabalhadas no sentido de incentivá-los a denunciar e apoiarem a vítima e não o agressor. Os *bullies* são a minoria em uma sala de aula, os espectadores são a maioria, num trabalho *antibullying* esta vantagem deve ficar bem clara aos espectadores que, cientes de seu poder, poderão usar esta vantagem para apoiar a vítima e enfraquecer o agressor.

Salmivalli (2009) faz especificações às categorias dos espectadores que nos possibilita entender melhor o papel que lhes cabe dentro da dinâmica do *bullying* em sala de aula, são elas:

Os reforçadores: A reação dos espectadores reforçadores vai gerar no agressor a noção do alcance do seu poder. Os risos, as gargalhadas, as reproduções dos apelidos inventados pelo agressor para atacar a vítima são formas de confirmação para o agressor de que ele é popular, é o líder da turma.

Os defensores: presença rara, mas extremamente importante na sala de aula, seriam os amigos das vítimas ou alguns que se indignam com a perversidade do agressor e têm coragem suficiente para defender a vítima. Como a reação da plateia é importante para a manutenção do comportamento de alguns agressores, podemos supor que se os reforçadores se transformassem em defensores, a prática de *bullying* poderia diminuir em sala de aula.

Os circunstantes: São os que conseguem se manter a margem do que está ocorrendo, estão envolvidos com os estudos, procuram ficar distante para não se envolverem, são os aparentemente indiferentes..

Quanto aos agressores, Salmivalli (2009) especificou estas categorias da seguinte forma:

Os intimidadores-líderes: São os que apresentam perfil de liderança, conseguem atrair para seu grupo outros alunos, aumentando seu poder de ataque.

Os intimidadores-seguidores: São os seguidores do líder, copiam o comportamento do líder e se esforçam para agradá-lo para não ficar de fora do grupo. Não apresentam perfil de líder, mas se identificam com o comportamento agressivo dele.

3.3 As consequências causadas pelo *bullying*

As consequências do *bullying* dependem das características individuais de cada um; tendo o aluno um bom suporte familiar que lhe proporcione segurança, autoconfiança e ajude a manter um bom nível de autoestima, facilita a superação do trauma. Alguns alunos conseguem superar o trauma sofrido dedicando-se exaustivamente aos estudos ou em outras atividades ou pedindo ajuda aos adultos, outras revidam com violência e há aqueles que desenvolvem tiques nervosos, ansiedade, depressão, fobia social e escolar que podem prosseguir na vida adulta causando transtornos profissionais e sociais (FANTE, 2005).

As consequências na aprendizagem ocorrem na medida em que há uma queda na concentração e dispersão em pensamentos de expectativas de um novo ataque, estratégias de defesa ou de vingança, seguido pelo desinteresse pelos estudos e queda no rendimento escolar, absentismo e evasão. O aluno tímido e vítima do *bullying* em decorrência das sucessivas agressões torna-se mais introvertido, prejudicando a interação e participação nas atividades curriculares em decorrência do medo de sofrer novos ataques. Não conseguindo acompanhar a turma e sendo a escola um ambiente que lhe proporciona infelicidade, o aluno começa a inventar desculpas para faltar à aula, acentuando a queda do rendimento escolar culminando com a repetência ou evasão escolar (FANTE; PEDRA, 2008).

A vítima tende a se isolar dos demais alunos por vergonha de si mesmo ou por medo de chamar a atenção dos seus agressores e compromete com esta atitude a oportunidade de novos relacionamentos, comportamento que pode persistir no decorrer da vida acadêmica e no local de trabalho (FANTE; PEDRA, 2008). As vítimas submissas podem ser facilmente confundidas com alunos disciplinados, os considerados bons alunos porque ficam quietos em sua carteira (MORITA, 2002). O comportamento submisso para Del Prette e Del Prette (1999) não provoca confronto e a falta deste pode ser vista erroneamente como algo desejável socialmente. Confrontar ideias é um procedimento de aprendizagem importante, se o aluno não se manifesta em sala de aula, o professor deve observar e descobrir o porquê desta não manifestação. Conforme esclarece Costantini (2004) é necessário dispensar atenção especial a alunos que não parecem ser problemáticos

por serem contidos em sua agressividade, quando na verdade sua agressão pode estar se voltando para si próprio.

Por ser uma forma de violência mascarada pelo fator brincadeira o *bullying* pode ser confundido com indisciplina, passando a fazer parte do cotidiano da escola, o fenômeno passa a ser naturalizado, considerado como algo normal, provocando a insensibilidade ao sofrimento do outro. A aceitação da explicação de que tudo é brincadeira reforça no agressor a sensação de impunidade e de que o sofrimento do outro é insignificante (CAMACHO, 2001).

Diante das dificuldades dos professores em detectar o *bullying*, Olweus (1996a), cita alguns comportamentos próprios de alunos vítimas, que podem ajudar o professor a identificar quando um aluno está sendo vítima do *bullying* na escola. Devem ficar atentos se: durante o recreio a criança está frequentemente isolada do grupo ou procura a companhia somente de adultos; na sala de aula demonstra insegurança ou ansiedade e dificuldade em falar diante dos demais alunos, nas atividades em grupo é o último a ser escolhido; nas tarefas escolares apresenta um desleixo gradual; apresenta fisionomia deprimida, aflita ou contrariada; apresenta contusões, feridas, cortes, arranhões ou roupa rasgada sem uma causa natural; falta às aulas com frequência; seus pertences escolares sempre somem.

Mudanças podem ocorrer no comportamento do aluno no seio familiar e são importantes para o mapeamento da extensão do problema. Algumas destas mudanças são: a criança passa a apresentar comportamentos estranhos a sua personalidade, como choro fácil, automutilação, irritabilidade e gritos não costumeiros; não se interessa mais pela escola como antes; deixa de relatar as atividades diárias das aulas; mudança súbita no percurso casa/escola; começa a apresentar notas abaixo da média; começa a se isolar, se afastando da família e recusa de participação em festas familiares; sai zangado ou deprimido das aulas; por vezes rouba dinheiro em casa; fica triste, deprimido, nervoso ou apavorado quando recebe uma mensagem no celular ou um e-mail; usa linguagem depreciativa quando fala dos colegas; tem marcas físicas e não as justifica de forma convincente; passa a reclamar de dores de cabeça, desenvolve ataques de pânico, dificuldades em dormir ou dorme demais.

Devemos ter atenção especial a alunos que apresentam algum tipo de transtornos de conduta, comportamento depressivo ou isolamento, características que os expõe a

vitimização e aumenta a probabilidade de uma reação inesperada diante do sofrimento causado pelo *bullying*, colocando em risco sua própria integridade física.

A princípio o cuidado que se deve ter é o de não cair em generalizações, para o diagnóstico de *bullying* as características que o diferenciam de outro tipo de problema comportamental devem estar presentes. Não confundir timidez com características de *bullying* e comportamento indisciplinado com comportamento *bully*. Mesmo porque, como salienta Martins (2007) nem sempre as vítimas os são por conta de um determinado perfil, as circunstâncias sociais da turma ou as dinâmicas dos relacionamentos dos grupos restritos também influenciam na determinação daqueles que serão excluídos e vitimizados sem que necessariamente haja um fator físico ou comportamental incluído.

O problema da generalização é decorrente da falta de conhecimento e se agrava quando todos os casos problemáticos comportamentais são tratados como se fossem derivados de uma única causa, normalmente intrínseca, própria do sujeito que não sabe se comportar. Por isso acreditamos que o conhecimento é primordial para saber distinguir um caso do outro e adotar as medidas adequadas para cada caso, promovendo um trabalho preventivo e interventivo à violência escolar.

4 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS DA PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO AO BULLYING ESCOLAR

Bullying é comportamento e como em sua maior parte, o comportamento humano é aprendido, portanto supõe-se que ele pode ser modificado em qualquer fase. “[...] a análise comportamental diz que o organismo é modificado pelas contingências e mais tarde responde como um organismo mudado, [...]” (SKINNER, 1995, p. 90). Se o organismo humano é modificado pelas contingências, são elas, portanto que devem ser analisadas e verificadas na proporção em que promovem o aumento ou a extinção de determinados comportamentos. A análise das contingências permite localizar as variáveis a serem manejadas quando se deseja alterá-las: “Descobrem-se as variáveis das quais os estados emocionais são função – como quaisquer outras variáveis – procurando-as.” (SKINNER, 1998, p. 99). Portanto, se queremos desenvolver ou extinguir estados emocionais devemos procurar os eventos ou variáveis que os causam: observando, registrando, analisando e interpretando dados como parte de uma análise de contingências e a partir dessa análise promover estímulos para reforçar o comportamento desejado. Em uma intervenção *antibullying* usando a análise de contingência, não há uma intervenção previamente estabelecida, mas uma análise para cada evento que pode promover uma mudança nas condições de estímulos associados com o comportamento que se deseja extinguir ou manter.

A unidade básica de estudos da Análise Comportamental (AC) são as contingências entre estímulo, comportamento e consequência. Estímulo pode ser entendido como ambiente ou evento antecedente do comportamento; comportamento se refere a resposta do organismo ao estímulo e consequência é a mudança no ambiente provocada pela resposta do organismo; contingência se refere à relação entre essas três instâncias, é o que determina o comportamento que um indivíduo vai adotar diante de uma determinada situação, contingência então, significa relação de dependência entre eventos ambientais ou entre eventos ambientais e comportamentais (TODOROV, 2007).

Entende-se por ambiente, para efeito da AC todo o conjunto de eventos que pode afetar o comportamento ou ser afetado por ele, ou seja, tudo o que ocorre antes ou depois do comportamento que tenha relação com ele; só depois que as relações funcionais tenham sido estabelecidas e que o ambiente vai ser definido (TODOROV, 2007; SCHLINGER JR, 1995). Tanto ambiente como comportamento não podem ser definidos de formas isoladas,

não há sentido descrever um ambiente sem a referência de um ser que se comporta e nem analisar um comportamento sem a descrição dos eventos antecedentes e consequentes que compõem o ambiente. Por exemplo, a frase “Maria correu” não tem significado para a análise comportamental sem verificar o evento que antecedeu o comportamento de Maria e as consequências deste comportamento.

Portanto, para a AC, comportamento consiste em uma relação funcional entre a atividade de um organismo vivo e o ambiente, que são inseparáveis e se refere tanto a ações de um indivíduo, incluindo movimentos dos músculos e das glândulas, quanto a fala, que se refere ao comportamento verbal e os sentimentos e pensamentos que são denominados de comportamentos encobertos (De ROSE, 1997).

No caso do *bullying* podemos exemplificar da seguinte forma: o ambiente ou evento antecedente pode ser a família, ambiente onde o aluno está inserido que lhe proporciona modelos comportamentais de agressividade, violência, prática de *bullying*, falta de formação moral, falta de limites ocasionando comportamentos desregrados e indisciplinados. Pode ainda ser o ambiente da própria escola que usa modelos aversivos para controlar comportamentos indesejados e o comportamento emitido pelo aluno será a resposta a esses estímulos presentes no ambiente. Estimulado pela agressividade, a resposta poderá ser o comportamento agressivo, estimulado pela violência, a resposta poderá ser a violência, estimulado pela injustiça, a resposta poderá ser um comportamento de revolta.

O meio não estimula por si só o comportamento, esse é selecionado a partir das consequências geradas, momento em que se adquire as propriedades discriminativas da indução da resposta. Seria o que se costuma chamar de escolhas, que é a capacidade de discriminar a resposta que provocou uma consequência desejada ou indesejada, aumentando ou diminuindo a probabilidade de ocorrência futura de uma mesma resposta.

Para Bandura, Ross e Ross (1961) o repertório comportamental pode ser adquirido por meio da imitação ou observação, seria a influência do comportamento do outro na modelagem do comportamento próprio. Compactuando com esta visão Ramirez (2001) esclarece que a forma com que fomos condicionados induz o modo como agimos, ou seja, o meio familiar ou de convivência assídua é fator preponderante para a indução do comportamento da criança.

Nem todos respondem igual a um mesmo estímulo, cada um reage de uma forma, emitem respostas diferentes, essas diferenças de respostas são determinadas pelas

contingências, por isso nem todo aluno que passar pelo processo de reprovação vai atacar a escola com agressividade, nem todos vão copiar os comportamentos de seus pais. Contingência então se refere a relação individual que cada um estabelece entre os eventos ambientais e os comportamentos que poderão ser emitidos. Analisando pela ótica do praticante de *bullying* seria como dizer que, se o agressor, por exemplo, é um aluno que convive com a agressividade na família, reprovou de ano, usou da agressividade com os colegas de turma na tentativa de elevar seu status e as consequências reforçaram positivamente esse comportamento, a probabilidade desse aluno adotar novamente a agressividade para ter novamente está sensação que lhe foi prazerosa é alta. Se a vítima usou da esquiva ou do escape para evitar consequências maiores para ela, como sofrer violência física, e esse comportamento de esquiva proporcionou alívio, mesmo que temporário, a probabilidade dela adotar esse mesmo comportamento em eventos parecidos será maior. O comportamento adotado pelo agressor e pela vítima seria o que Skinner (1938) define como os dois princípios motivadores fundamentais do comportamento humano: a busca do prazer e a fuga da dor.

Esses dois princípios explicam a essência do reforço positivo e negativo. O reforço positivo, que seria a busca do prazer, aumenta a probabilidade de ocorrência da mesma resposta na ocorrência de eventos da mesma espécie, pois a consequência da resposta promoveu um estado de satisfação, de prazer.

O reforço negativo, que seria a fuga da dor, é responsável pela diminuição da probabilidade da ocorrência da mesma resposta, visto que numa determinada ocorrência a consequência foi a dor, portanto, diante de um evento da mesma categoria, poderá ocorrer o comportamento de fuga ou de esquiva, visto que a consequência no evento anterior foi o estado de dor, de sofrimento. Os elogios e a atenção dedicada ao aluno podem funcionar como reforçadores positivos porque aumentariam a probabilidade de um determinado comportamento se repetir; as críticas, as repreensões, as punições podem funcionar como reforçadores negativos porque aumentariam a probabilidade de extinção do comportamento.

Segundo Skinner (1998) a punição não é eficiente para a remoção de um comportamento porque produz um efeito temporário e somente nas situações em que o agente punitivo estiver presente, podendo gerar comportamentos indesejados como o contracontrole, por exemplo. O estímulo aversivo pode promover comportamentos de fuga, na presença do estímulo, ou de esquiva, usado como prevenção ao estímulo aversivo

(SKINNER, 1998). Muitos dos comportamentos dos alunos são controlados por contingências aversivas, o aconselhável é sempre o uso de reforçadores positivos que são mais eficazes na manutenção dos comportamentos desejados.

O termo punição é largamente utilizado nas escolas quando se refere à procedimentos de contenção do comportamento indesejado. É entendido por Sidman (1995), Catania (1999) e Skinner (1998) como coerção, que seria um reforçamento negativo na interação entre pessoas, usado na tentativa de diminuição da probabilidade de ocorrência de um determinado comportamento que se deseja controlar. Na escola esse controle recai sobre os comportamentos que atrapalham o percurso das atividades escolares e/ou colocam em risco a integridade física e moral de pessoas pertencentes a comunidade escolar.

Como a punição se mantém presente na maioria dos locais de convivência, como na família, na igreja, no local de trabalho, na sociedade de forma geral, acaba por ser entendido como natural e eficiente e suas consequências não são percebidas como de fato sendo consequências dessa coerção, mas como opção do próprio sujeito, que carrega intrinsecamente a culpa pelos seus atos, sem que as contingências do ambiente sejam observadas.

O contracontrole é citado por Sidman (1995) e Skinner (1976) como uma consequência da coerção que pode aparecer em ambientes onde este é um procedimento corriqueiro. Analisando o ambiente escolar, percebe-se claramente esses processos, a indisciplina nada mais é que o contracontrole. É o aluno considerado indisciplinado que controla o comportamento do professor, levando-o a irritabilidade, exaustão, estresse e às vezes até mesmo no que se designa de desistência psicológica da profissão, traduzida na síndrome de *burnout* (CODO, 1999).

Portanto o controle coercitivo não é bom e nem eficaz para ninguém, o controlado se revolta e contra ataca ou agride seu controlador; o controlador por sua vez vai aumentando gradativamente as formas de coerção e sem obter o êxito esperado, enquadra o sujeito não controlado como alguém que quebrou ou violou as leis estabelecidas e o entrega as autoridades competentes, onde começa nova tentativa de controle.

É comum relatos de professores dizendo que deram “sermões”, chamaram a atenção, colocaram para fora da sala de aula, mandaram o aluno para a secretária, o aluno recebeu suspensão e pouco tempo depois, estava se comportando da mesma forma ou praticando atos piores. O fato do aluno não apresentar mudanças no comportamento após

todas essas medidas serem aplicadas deveria indicar que os procedimentos adotados não foram eficientes, que carecem de melhorias, porém o que se verifica é a repetição dessa situação anos após anos nas escolas sem que nada seja modificado.

A busca pela solução do problema passa sempre pelo conhecimento: conhecer os fatores que levaram a adoção de tal comportamento, do estrago causado, das consequências produzidas. Mas afinal o que significa ter conhecimento sobre o próprio comportamento?

Ter a noção de que se comporta dessa ou daquela maneira, das consequências dos atos praticados é para Skinner (1976) uma forma de descrição do próprio comportamento, é ter a capacidade de perceber quais as ações que antecedem o comportamento adotado e qual resposta é mais adequada a um determinado estímulo.

Para Sidman (1995) o conhecimento ou autoconhecimento é a tendência a adoção do comportamento considerado aceitável pela sociedade na intenção de suprimir os reforçadores aversivos. Podemos citar a situação do que se considera ser um comportamento criminoso, passível de punição na esfera da lei. Sabendo que há uma punição, ou se evita o comportamento ou o faz de forma que quem tem o poder de punição não o perceba.

Esse conhecimento, para Carvalho Neto, Alves e Baptista (2007) tanto pode ser construído como destruído. Pode ser construído por meio da observação dos comportamentos que prevalecem no meio em que vive, pode ser destruído por esse mesmo meio, quando do contato insistente à comportamentos desregrados, antissociais e criminosos. Para uma criança que foi educada na lei do mais forte onde tem o poder quem é maior ou mais velho, onde o pai, a mãe ou o irmão batem, intimidam ou coagem, a reprise pela criança deste padrão comportamental na escola será um consequência natural e não haverá a noção de que se está se comportando de forma errada porque aquele comportamento é tido como natural no ambiente familiar. Portanto, para Carvalho Neto, Alves e Baptista (2007), a definição do que possa ser um crime ou um comportamento antissocial vai depender da convivência da criança com esse tipo de comportamento.

Adquirir conhecimento ou autoconhecimento então, para Sidman, (1995) e Skinner (1976), seria adquirir a capacidade de se esquivar das consequências relativas ao comportamento que se pretende ou se pretendia adotar, portanto a fonte de estudos deveria ser a presença ou ausência do conhecimento como meio e não como fim. O que implica dizer que um determinado aluno não irá deixar de ou irá aumentar a incidência de um comportamento específico porque passou a se autoconhecer, mas sim que este aluno

passou a perceber as possíveis consequências que poderia sofrer, caso mantivesse o mesmo padrão de comportamento. É o comportamento de esquiva que demonstra o nível de conhecimento que se tem das consequências que se quer evitar. Portanto as agressões do praticante de *bullying* são repetidas porque esse ainda não adquiriu a capacidade de apreender as consequências que pode vir a sofrer e fazer sofrer sua vítima se continuar com esse tipo de comportamento.

Acreditamos que em um diálogo orientado por meio de procedimentos indutivos podemos verificar se o praticante de *bullying* adquiriu conhecimento de suas ações quando consegue descrevê-las, consegue relatar quais seriam as consequências provocadas pelo seu comportamento no ambiente que incluem ele próprio e a reação do outro.

O convívio com a prática de *bullying* em sala de aula gera o medo de ser transformado em vítima. O medo não é considerado um sentimento por Skinner (1998), mas um estado de corpo que pode apresentar diversas alterações biológicas, que são as mudanças ocorridas nos comportamentos encobertos inibindo por sua vez, os comportamentos externos. O corpo em estado de medo reduz o movimento de aproximação de tudo que lhe parece ser perigoso. No caso da vítima se o agressor lhe causa sofrimento e esse pertence a mesma turma, a vítima poderá querer se afastar da turma, da escola ou dos estudos como meio de fuga.

Para os que não percebem que o afastamento está sendo gerado pelo medo e esse não é causa interna, mas externa, os conselhos dados são sempre os de superação. Na análise comportamental caem por terra afirmações do tipo: “Você precisa dominar suas emoções”, “Você precisa lidar melhor com os seus sentimentos” considerando que as motivações para os estado emocionais não são intrínsecas mas externas ao indivíduo que sente. O que precisa ser controlado são as contingências que promovem tais estados (GUILHARDI, 2002).

A aversão a uma determinada situação tem base em contingências estabelecidas em ocorrências vividas no passado, que é o processo constituinte das contingências. Essas situações reforçadoras são os estímulos discriminativos, estímulos porque reforçam um comportamento e discriminativos porque possibilitam discriminar no ambiente as situações reforçadoras. Estudos sobre estes estímulos são importantes porque exercem influência sobre o comportamento, tanto facilitando como inibindo a ocorrência de uma mesma classe de comportamentos (MATOS, 1995). Portanto o que se tem a fazer é discriminar no ambiente o reforçador negativo e substituí-lo pelo reforçador positivo.

O professor pode reforçar ou extinguir o comportamento desejado ou indesejado do aluno desde que ele use de forma eficiente a linguagem que é o instrumento de trabalho do professor, expressa na forma verbal e não verbal. O professor emite uma mensagem mesmo quando não está dizendo nada para seus alunos e essas mensagens são facilmente percebidas pelos alunos que a interpretam e criam um estereotipo do professor, como bem explica Vinha: “A resposta dada a uma situação de conflito sempre emite uma mensagem, mesmo que seja o ‘não fazer nada’ ou ignorar, ou ainda transmitir a responsabilidade para outra pessoa.” (VINHA, 2000, p. 79).

Muitos professores podem estar estimulando o comportamento *bully* em sala de aula sem o perceber, outros podem intervir de forma a piorar a situação da vítima, estimulando ou agravando o estado de medo da vítima, colocando-a em situação de humilhação perante a turma. Por isso é primordial que o professor tenha o conhecimento sobre os procedimentos mais adequados para lidar com a situação e sobre as dificuldades na adoção desses procedimentos no contexto educacional

4.1 Dificuldades em se implantar um projeto *antibullying* no contexto escolar

Não podemos desvincular conhecimento de educação, já que aquele é o meio e essa representa os fins, não podemos também desvincular professor de conhecimento, já que aquele é o meio utilizado pelas escolas para chegar aos fins. Na era da chamada Sociedade do Conhecimento ou Sociedade da Aprendizagem, inevitavelmente se coloca a escola no eixo das grandes discussões quando o assunto é comparação na rapidez das mudanças na produção de conhecimento. Pela produção de conhecimento responsabiliza-se as escolas, na verdade, seria a reconstrução do conhecimento porque, como declara Demo (2001) construir algum conhecimento totalmente novo é uma originalidade acentuada e o que ocorre nas instituições de ensino é, ou deveria ser, a reconstrução do conhecimento, porque, ainda segundo Demo (1998), nos sempre partimos do que já sabemos, do que já foi construído pela cultura e pela história.

Na premissa da transmissão de conhecimento o professor primeiro o adquire para depois poder transmiti-lo a seus alunos, é o processo de ensinar o que se sabe, de dar aula que tem que ser superado, conforme explica Demo: “A rigor, não existe mais profissional do ensino, porque este tipo de atitude unidirecional é o que mais atrapalha a aprendizagem. Existe apenas profissional da aprendizagem, que é o professor.” (DEMO, 2001, p. 6). Para

Demo, o substancial é que se saiba fazer o aluno aprender e somente faz o aluno aprender quem bem aprende.

O bem aprender, o adquirir conhecimento para Demo (2001) significa; “[...] a habilidade de se revoltar contra o que se recebe do trajeto evolucionário e da história. Significa não aceitar o que aí está, não reconhecer qualquer limite, aspirar desmesuradamente.” (DEMO, 2001, p. 5).

Nessa questão podemos destacar a fala de Samuelsen e Ertesvåg (2006), que declaram que são necessárias escolas que aprendem e professores que aprendem e dessa forma ser manter em constante desenvolvimento.

Samuelsen e Ertesvåg (2006) enfatizam que se a escola quiser continuar sendo uma instituição que ensina tem que se converter em uma instituição que aprende. Os autores chamam o conhecimento das escolas de “caducado”, no que Demo (1998) concorda quando declara que as escolas, incluindo as universidades, funcionam como as guardiãs do conhecimento, atividade que para o autor, os museus já o fazem muito bem. Portanto para os autores citados o essencial para se manter em desenvolvimento é a reconstrução de paradigmas, de novos saberes, partindo do que já se tem, desenvolvendo novos conhecimentos.

Nas escolas a falta de conhecimento em lidar com o *bullying* e a violência escolar em suas várias manifestações designa uma palavra de ordem: o encaminhamento. Encaminhamento para fora da sala de aula, para a equipe pedagógica, para a direção escolar, para o conselho tutelar, para a patrulha escolar, para a promotoria da infância e adolescência, para outro ambiente escolar, que seria um convite sutil ao aluno de retirada da escola. Quem encaminha parte da premissa de que é a última alternativa disponível, que não há mais nada a se fazer e que a solução do problema passa a ser de responsabilidade da instância para qual o problema foi encaminhado.

Em determinados casos, como nos que ocorrem danos a integridade física e moral do aluno, o encaminhamento a instâncias jurídicas, como o conselho tutelar ou promotoria da infância e adolescência se faz necessário. Mas não podemos esquecer que trabalhamos com crianças e adolescentes que carecem de orientação educacional e que todo procedimento deve ser acompanhado por medidas educativas e encaminhar a uma instância jurídica não significa o término da ação educativa, mas sim sua intensificação.

Segundo dados de pesquisa da Plan (2008), os programas que têm se mostrado ineficientes no controle da violência escolar são aqueles que privilegiam o controle do

comportamento por meio de repressão, de estilo militar. Para Silva e Castro (2008) a discussão sobre o controle da violência escolar muitas vezes gira em torno da determinação de regras na sua função reguladora, gerando mais autoritarismo e conflitos interpessoais, onde os jovens são responsabilizados e os adultos tomam para si o direito de punir.

Parece-nos que a escola se preocupa mais com os não do que com os sim, ou seja, a ênfase está no comportamento incorreto e não no comportamento correto como projeto da escola. O que deve estar em evidência nas escolas são as coisas boas e produtivas que nelas acontecem.

Quando se fala em estabelecer regras para a boa convivência escolar não está se falando apenas do que é proibido e das sanções a serem aplicadas no caso da quebra de alguma regra. Fala-se também em sistematizar ações, formas de atendimento individualizado e grupal, ações a serem adotadas pela escola, atividades a serem desenvolvidas com os alunos, conceituação do que se entende por violência escolar e indisciplina, quais os procedimentos que devem ser adotados antes que qualquer encaminhamento seja realizado e estabelecer quais serão os momentos em que o encaminhamento será necessário. São todos procedimentos intrinsecamente ligados com as ações educativas e estas surgem nos discursos dos professores, mas não são aplicados ou aderidos por todos, presumimos que isso ocorre pelo fato desses procedimentos não estarem documentados, sistematizados e organizados em ações de responsabilidade efetiva dos professores e equipe pedagógica.

Essa falta de sistematização gera uma torre de Babel dentro da escola, cada qual com um discurso, uma crença ou uma ideologia, fragilizando a instituição diante dos alunos e comunidade escolar, instituição que, segundo Silva e Castro (2008) já está com sua identidade comprometida diante do quadro de violência que se instala em suas dependências. A imagem mítica da torre de Babel remete a uma passagem bíblica onde cada um dos construtores da torre passa a falar uma língua diferente, motivo pelo qual a construção da torre foi abandonada pois não havia como os construtores se entenderem.

Conforme relata Belintane (2002) os professores reclamam do descompasso entre os discursos dos formadores nos cursos de formação continuada quando esses estão ancorados em um eixo teórico sobre o qual são formuladas as ações e conteúdos que por vezes estão distantes dos reclamos dos professores em formação:

Em pesquisas realizadas em várias redes escolares sobre expectativas de professores, sempre detectamos as repetitivas demandas que costumam ocorrer em todo projeto de formação contínua e que, em geral, assim se expressam: “queremos que o curso traga elementos úteis à prática escolar”, “que ajude a resolver os problemas concretos da nossa prática”, “a teoria vinda da universidade está muito distante da nossa prática”, etc. (BELINTANE, 2002, p. 180).

Por um lado ocorre a expectativa de que os formadores educacionais trarão a solução concreta e pronta para ser usada como um objeto que se tira de uma caixa e se utiliza para determinado fim. Por outro lado há discursistas formadores descomprometidos com a realidade escolar que programam suas ações em ambientes distantes da escola, sem nunca terem saído para conhecer o ambiente escolar ou se conheceram foi de passagem para a realização de estágios ou de uma pesquisa sem conhecimento prático da profissão docente.

Na lista das situações ocorridas nas escolas que, de alguma forma, contribuem para a ocorrência de conflitos e conseqüentemente, para a violência no ambiente escolar, Abramovay (2002) cita esta falta de integração:

[...] atos de indisciplina; agressões entre alunos e professores; pichações; depredações; não explicitação das normas de organização da escola; carência de recursos humanos e materiais; baixos salários de professores e funcionários; falta de professores; falta de investimento em material e equipamento físico (laboratórios, biblioteca, quadras esportivas, etc.), infra-estrutura e qualificação pedagógica; espaço físico desorganizado e descuidado; gestão escolar autoritária; falta de diálogo entre os integrantes da unidade escolar; não incentivo à participação dos jovens na gestão escolar; não interação da família e da comunidade. (ABRAMOVAY, 2002, p.187).

A autora cita, entre outras, a falta de diálogo entre os integrantes da unidade escolar, o que resulta em discursos diferentes ou contrários; ações solitárias de alguns professores, desintegrando a ação coletiva e gerando incertezas e rejeições por parte dos alunos que questionam a validade das ações estabelecidas para o controle da violência escolar ou da indisciplina quando percebem a falta de consenso entre aqueles que deveriam ser seus orientadores. Samuelsen e Ertesvåg (2006) destacam que a falta de coerência e coesão entre os discursos e atitudes dos professores e poucas oportunidades de reflexão e desenvolvimento do conhecimento coletivo supõe um desafio para a implantação de estratégias de combate a violência escolar.

A lista sugerida por Abramovay (2002) revela uma situação precária nas escolas públicas, fato que, para Silva e Castro (2008) contribui para a rejeição das atribuições escolares:

A profissão de docente vem sendo sucateada e talvez isso explique os índices de rejeição às aulas. O magistério pode não estar atraindo vocações verdadeiras e a dificuldade de encontrar outro emprego prende no exercício do magistério profissionais descontentes. (SILVA; CASTRO, 2008, s.p).

Para os autores a não observação das regras pelos alunos na escola pode ser resultado da desvalorização do trabalho docente onde o aluno não aceita ser conduzido por uma categoria profissional que não está conseguindo desempenhar seu papel social de forma satisfatória, fato que também os descredencializa da função de reguladores de conflitos e difusores de valores morais.

Dentro desse contexto pode-se analisar dados de pesquisa realizada pela UNESCO, citada por Silva e Castro (2008), feita com 3.099 professores brasileiros em 14 capitais brasileiras no ano de 2002 que revela que entre as cinco coisas das quais os professores menos gostam na escola, estão os alunos e as aulas. A aula é apontada em primeiro lugar em 10 das 14 capitais e em 12, das 14 capitais a segunda opção são os alunos. Em duas capitais os alunos estão em primeiro lugar e nas 14 capitais quase a totalidade dos entrevistados afirmam não gostar dos alunos. Como esclarece Silva e Castro (2008), esses dados precisam ser qualificados para que se possa entender melhor o que significam, mas são dados importantes nos estudos sobre a convivência escolar.

Podemos interligar esses dados a dados de pesquisas realizadas por Codo (1999) que revelam que um a cada quatro educadores sofre de exaustão emocional e que esta exaustão está diretamente ligada a falta de uma conduta de controle dos conflitos escolares, pois esses atingem diretamente a atuação docente, afeta as relações afetivas com o trabalho, podendo levá-lo a uma “desistência psicológica” traduzida por *burnout* (CODO, 1999, p. 312).

O estado de angústia pode vir da noção da incapacidade em lidar com a situação. O professor percebe o que deve ser feito, mas nem sempre acredita que ele próprio pode fazer alguma coisa. Isso se deve ao fato de não enxergar as consequências ou os efeitos do seu papel no contexto educacional; se sente como uma gota no oceano, desanima, deprime-se, perde o interesse pelo trabalho, fica doente. (KOEHLER, 2006).

Tais situações comprometem a imagem da escola como um ambiente educativo por excelência, principalmente quando estas são vistas no imaginário popular como um local para guardar os jovens, para ocupar o tempo ocioso do aluno e livrá-los da rua, redimindo desta forma os males da sociedade, conforme declaram Silva e Castro (2008), que completam esclarecendo que políticas educacionais não podem ser confundidas com políticas de segurança pública, o ensino escolar não pode ser visto como forma de controle de determinado grupo social, a dimensão científica da atuação docente não pode ser resumida ao controle social.

Camacho (2001) declara que uma mudança nesse quadro exige a tomada de uma série de decisões. Ela sugere que no plano macro, deve-se optar por uma política educacional democrática e no plano micro, deve-se analisar a atuação da escola, analisar o seu currículo e reorientar suas ações em direção à superação dessa crise de socialização.

Nesse sentido, seria importante deslocar a ênfase das preocupações simplesmente pedagógicas para os (pré)conceitos que fomentam as práticas do cotidiano. Esse deslocamento significaria a inclusão – no currículo real e não apenas no prescrito – da reflexão, da discussão e do entendimento, por parte de todos os atores da instituição escolar, de conceitos como identidade (cultural e social) e de questões como alteridade, diferença, multiculturalismo, gênero, etnia, sexualidade, intolerância, preconceito e discriminação, dentre tantos outros. (CAMACHO, 2001, p. 27).

Segundo pesquisas da UNESCO, citada por Silva e Castro (2008, p. 61) nos depoimentos de jovens as escolas consideradas menos violentas são as que a equipe técnica-pedagógica ocupa o espaço escolar, onde o diretor tem atitude e compromisso, onde há relações democráticas, onde os jovens se sentem conduzidos por pessoas nas quais confiam. Para a Plan (2008) as melhores estratégias para se combater a violência escolar, entre elas o *bullying*, são as que se concentram no campo micro, as mudanças de normas técnicas da escola e da sala de aula, a capacitação de professores e funcionários, conscientização dos direitos infantis e estabelecimento de normas claras referentes ao comportamento na escola.

Acreditamos que a melhor forma desses conhecimentos chegarem até os professores que já estão atuando é a formação continuada que propicia uma revisão do conhecimento histórico, reflexão das possibilidades de melhorias e desenvolvimentos de novos saberes, novas práticas para uma nova concepção de educação.

Para Belintane (2002) a formação contínua não diz respeito a continuidade dos estudos dos professores mas sim a continuidade dos saberes escolares. Dessa forma, entendemos que a formação continuada não é somente de interesse individual, nem dependente apenas de iniciativa própria de cada professor, mas de interesse coletivo, de iniciativa social de políticas públicas que privilegiam a reconstrução e transformação do conhecimento, que ofereçam condições favoráveis para a formação contínua dos educadores.

Entre as condições favoráveis podemos citar o tempo para o aprimoramento das competências e habilidades por meio de estudos, uma das reclamações expostas nas manifestações sociais realizadas pelos sindicatos da categoria quando solicitam aumento da hora atividade para os professores poderem dar conta da demanda educacional como elaborar e corrigir provas, planejar aulas e participar de cursos de formação contínua.

Para solucionar esse problema tem surgido a opção de realização de curso de capacitação em serviço (CRUZ, 2011) onde a formação é oferecida no ambiente de trabalho e no horário de serviço dos professores, dessa forma busca-se solucionar a barreira prática.

Na busca de melhorias há muitas barreiras a serem transpostas no contexto escolar, entre elas a prática, as quais devem ser estudadas para a prevenção de possíveis fracassos resultantes da desistência ocasionada pela falta de preparo em saber lidar com as adversidades.

4.2 Barreiras a serem transpostas

Jennifer e Cowie (2006a) citam como importante para o processo de renovação do pensamento escolar quanto ao combate ao *bullying* a identificação e análise das reais necessidades da escola para que se obtenha sucesso em um processo de intervenção. A análise das necessidades oferece à comunidade escolar a oportunidade de participar do planejamento das atividades em direção a um objetivo comum, com aumento do conhecimento do problema e a motivação para que se tomem medidas conjuntas. Segundo Jennifer e Cowie (2006b), essa análise pode ser feita de várias formas, no caso do *bullying* pode-se analisar a frequência de registros de violência, o regimento interno escolar e qual a atitude que se orienta para a intervenção, pode-se observar o ambiente escolar, a sala de aula, aplicar questionário ou entrevistar a comunidade escolar.

Samuelsen e Ertesvåg (2006) sugerem um conteúdo estratégico que desenvolva um conhecimento organizativo que pode levar as escolas a superarem o *bullying*. Porém, nesse processo de aquisição de novos conhecimentos, que podem promover a reconstrução do velho saber, algumas barreiras podem surgir, entre elas Samuelsen e Ertesvåg (2006) citam as seguintes:

- Barreiras psicológicas: Se referem ao medo de mudança, acomodação, medo de errar e fazer um papel ridículo perante a sociedade, de sair de uma área segura para outra que se considera insegura. Nesse ponto, entendemos que para alguns professores ser guardião do conhecimento é mais seguro do que se aventurar pelo desconhecido.

- Barreiras práticas: Têm caráter mais concreto e estão relacionadas ao tempo, recursos, objetivos e sistemas pouco definidos. Há a necessidade de se programar visando agendar horas para os estudos ou encontros, quais os recursos que se têm disponíveis, quais os objetivos das mudanças propostas para que todos possam compreender o porquê da necessidade de mudar e em função disso, o sistema escolar pode ser definido por meio de um currículo que contemple as mudanças necessárias.

- Barreiras de valores e poder: Nas barreiras de valores depara-se com normas, tradições, cultura e sistema de crenças contrárias ao que se deseja implantar como processo inovador, como por exemplo, quando um professor acredita que a punição é mais eficaz que o diálogo no combate a violência ou que o professor deve ser autoritário para conseguir manter a disciplina em sala de aula. No caso das barreiras de poder, esse autoritarismo que alguns professores acreditam ser necessário pode representar a manipulação da situação em benefício próprio como, por exemplo, manter os alunos no mais absoluto silêncio em sala de aula para que se tenha dele uma imagem de bom professor, que consegue controlar a turma.

Qualquer que sejam as alternativas de intervenção, essas devem ser sempre baseadas em procedimentos educativos e não punitivos e as sistematizações de procedimentos *antibullying* servem para delimitar procedimentos reparatórios e estabelecer objetivos educacionais preventivos.

As escolas carecem de novas perspectivas de enfrentamento à violência escolar, de superação de velhos hábitos e crenças punitivas e desenvolvimento de habilidades consensuais entre os educadores de forma geral.

Para Ertesvåg (2006) o conhecimento promove a compreensão da violência escolar, procedimento essencial para qualquer intervenção e sugere alguns passos, dentre eles a

realização de encontros para estimular o debate e a reflexão sobre o tema em questão: Em primeiro lugar cada pessoa individualmente reflete sobre suas próprias ideias e suas compreensões, em segundo lugar formam-se grupos pequenos e cada um apresenta sua compreensão aos membros do grupo e o grupo discute os pontos mais importantes, por último cada grupo apresenta os resultados de seu debate para os demais grupos e a discussão é aberta a todos em sessão plenária. Esse procedimento poderia ser utilizado tanto em encontros de alunos como de professores e pode-se propor que, baseados nos relatos, seja formulado um estatuto ou Regulamento Responsivo (MORRISON, 2005) ou estatuto regulamentar.

Cumprir registrar que todo ato de *bullying* é um ato ilícito sob pena de responsabilização nas esferas cível e criminal (CALHAU, 2009). Diante desse quadro alguns Estados estão se organizando e normatizando leis que regulamentam políticas públicas contra o *bullying* nas escolas, como temos visto nos noticiários da mídia televisiva, impressa e online. Por meio desses mesmos noticiários percebemos uma tímida mobilização das escolas para regulamentar estatutos *antibullying* ou incrementar o regulamento escolar com a descrição de procedimentos a serem adotados no combate ao *bullying*. A iniciativa tem que ser generalizada e não propostas isoladas de algumas escolas; sistematizar ações *antibullying* é importante na medida que se organiza as informações a respeito do fenômeno, sua definição, formas de identificação, prevenção e intervenção.

4.3 Propostas de procedimentos interventivos *Antibullying*

Além de todas as consequências causadas pelo *bullying* no processo de aprendizagem do aluno, o que já nos obriga a tomar uma atitude como educador, sabe-se também que há uma criança indefesa sofrendo violência verbal, moral e/ou física que precisa de ajuda. Assim, a partir das mudanças ocasionadas pelos conhecimentos adquiridos sobre o *bullying*, o professor necessita mudar o comportamento de espectador para interventor ativo; de omissor para profissional responsável pela boa convivência escolar; de negligente para conhecedor das leis que protegem nossos alunos da ofensa e humilhação; de professor que julgava o *bullying* como brincadeiras próprias da idade para um professor que acredita que esse fenômeno fere o direito ao respeito à integridade física e moral do aluno.

A prevenção se faz com a informação tanto para professores como para alunos, informando-os sobre os conceitos e formas de manifestação do *bullying*, promoção do entendimento de regras necessárias para a boa convivência social, respeito aos direitos do outro, atitudes proativas, colaborativas e solidárias que podem ser vinculados à atividades escolares e extracurriculares, desenvolvidas em projetos ou eventos, envolvendo os alunos e a comunidade escolar.

Passando pelo processo de aquisição de informações novas e reconstrução do conhecimento prévio, o professor estará seguro para transmitir essas informações a seus alunos de forma que esses também consigam assimilá-las e que tenham a capacidade de usá-las na transformação e construção de conceitos novos, capazes de modificar seus comportamentos.

O segundo passo para prevenir e intervir no comportamento *bully* é a intervenção nos casos identificados com o uso do diálogo indutivo feito de forma individual.

Como já dito anteriormente, conhecer significa adquirir a capacidade de descrever seus atos, de perceber os eventos que o antecedem e conseguir adotar a resposta mais adequada (SKINNER, 1976). Portanto o agressor precisa adquirir a capacidade de perceber o seu comportamento, refletir sobre ele, descrevê-lo e só então tentar mudá-lo. Dessa forma o diálogo indutivo é um dos procedimentos indicado para se obter as mudanças desejadas, podendo ser eficaz na busca do autoconhecimento.

Quando se pergunta para os professores qual seu procedimento diante de um comportamento agressivo ou violento, as respostas normalmente são de que eles conversam, dialogam ou chamam a atenção do agressor. Porém em nossas observações o que se percebe é que prevalece o chamar a atenção caracterizado pelo sermão (PINGOELLO, 2009). No sermão apenas o professor fala, trata-se mais de um monólogo do que um diálogo; no diálogo, como o próprio nome diz, há a participação de dois interlocutores, no sermão fala mais a parte que se considera detentora do direito de punir.

O agressor, muito mais do que ouvir, precisa falar, ele tem que se expressar para promover a reflexão e consequentemente as mudanças desejadas. O sermão não acrescenta nada ao aluno, principalmente quando utilizado na frente de toda a turma, revelando a todos o poder de mobilização do agressor e aumentando a exposição e fragilidade da vítima.

Na tentativa de auxiliar o professor sobre os procedimentos adotados em um diálogo indutivo com vítima e agressor e a transmitir mensagens *antibullying*, produzimos

uma série de sugestões baseadas em experiências adquiridas nos nossos trabalhos de mestrado (PINGOELLO, 2009) e em análises de textos dos autores: Santos (2007); Freire (2004); Cascón (2004); Centros territoriales de recursos para la orientación (2006); Del Rey e Ortega Ruiz (2001); Lederach (1997); Avilés Martínez (2002), Pikas (2002); Tognetta (2003); Tognetta (2009); Tognetta e Vinha (2007) e Vinha (2000), as quais apresentamos abaixo:

Para combater o *bullying*, os conhecimentos adquiridos podem ser integrados na prática das seguintes formas:

- Expor o *bullying* para os alunos, não expondo relatos de casos específicos, mas transmitindo informações gerais sobre o fenômeno.
- As crianças tendem a reproduzir ideias lançadas pelos professores, ao falar sobre *bullying* não fique reproduzindo a ação do agressor.
- Esclarecer que *bullying* é violência e não brincadeira e lembrá-los disso quantas vezes forem necessários. Conforme Vinha (2000), mudança de comportamento é uma seqüência de momentos no tempo e não um único acontecimento, por isso não devemos acreditar que os *bullies* mudarão seus comportamentos de forma rápida, com apenas uma conversa.
- Deixar bem claro que o *bullying* não será tolerado.
- Sempre que possível trabalhar o tema *bullying* nas atividades escolares.
- As atividades devem conter mensagens *antibullying* e não serem reprodutoras do *bullying*. Nas produções textuais, desenhos, cartazes e teatros a ênfase deve ser na forma como o *bullying* foi superado, em mensagens de amizade, solidariedade e respeito.
- Informar a importância de denunciar o *bully*.
- Estimular os espectadores a avisarem sempre que ocorrer *bullying*.
- Valorizar e reconhecer atitudes positivas de alunos no combate ao *bullying*.
- Dar oportunidades aos alunos para que eles criem regras *antibullying*.
- Estimular a transformação de lideranças negativas em lideranças positivas.
- Interferir nos grupos para quebrar as dinâmicas de *bullying*, separar as panelinhas compostas por agressores.
- Perceber quando um aluno está sendo vítima de *bullying* e tentar conversar com ele.
- Manter agressor e vítima longe um do outro em sala de aula.

- Colocar a vítima para se sentar próximo ao educador.
- Não tentar ignorar a situação, nem fazer de conta que está tudo bem.
- Intervir de forma ativa no momento da agressão, ou seja: não permitir que os apelidos ou humilhações se repitam em sala de aula; chamar a atenção do agressor, repreendendo-o no momento da ação e posteriormente conversando com ele em particular, de preferência no mesmo dia.
- A repreensão deve ser apenas ao comportamento daquele momento, o professor pode usar de sua autoridade para colocar um ponto final na situação, dizendo ao agressor que não admite tal conduta em sala de aula e que irá ter uma conversa em particular com ele depois. A promessa tem que ser cumprida.
- Não ficar dando sermões, ao dar sermões o professor está tirando do aluno a oportunidade de refletir sobre o problema de forma ativa; em um sermão quem está agindo de forma ativa é o professor e não o sujeito da ação, que é o aluno.
- Não ficar repetindo o apelido pelo qual a vítima é chamada para toda a turma da sala, fazendo isto o professor está reforçando o apelido, diga apenas: “– Ele tem nome, não devemos usar apelidos, vamos chamá-lo pelo nome”.
- Não ficar defendendo a vítima na frente de toda a turma chamando-a de “coitada”. A palavra coitada significa “desgraçada, mísera” conforme o dicionário Michaelis (2002).
- Não culpar o agressor na frente de toda a turma, dessa forma o professor está fortalecendo o comportamento do agressor provando seu poder de ação.
- Não intervir de improviso, levado pelo sentimento de raiva pelo agressor, não sofrer com o problema, mas sim administrá-lo.
- Acompanhar atentamente o desenvolvimento do relacionamento entre agressor e vítima no decorrer do ano letivo.
- Se observado a repetição da ação sobre a mesma vítima, conversar novamente com o agressor e adverti-lo sobre o próximo passo a ser tomado caso ele volte a cometer *bullying*.
- Em caso de reincidência, o próximo passo será o encaminhamento à equipe pedagógica que deverá tomar as medidas necessárias.
- O encaminhamento à equipe pedagógica não significa que a atuação do professor está encerrada, significa que o professor terá um aliado, professor e equipe pedagógica irão atuar de forma conjunta.

Todas as intervenções diretas sobre a vítima e o agressor devem ser feitas em particular, os únicos procedimentos que devem ser feitos com o envolvimento da turma toda são os procedimentos preventivos. As ações sobre os envolvidos são baseadas no diálogo indutivo e neste momento devemos tomar cuidado com a propensão de ficarmos buscando informações que sejam consistentes com as nossas hipóteses, com as nossas crenças, evitando informações que nos contrarie, ou seja, tendemos a procurar o que nos confirma. Por isso, o aconselhamento é que o diálogo seja feito por alguém que esteja neutro na situação, por um professor ou pedagogo que não tenha envolvimento emocional com nenhum dos envolvidos.

O diálogo com a vítima:

- A conversa deve ser em um local reservado. Cautela para não expor mais a vítima do que ela já está exposta.
- Os professores não devem falar diante da turma que o aluno esta sendo vítima de *bullying*, isto somente servirá para expor mais ainda a vítima e fazê-la se sentir mais humilhada.
- Caso o aluno não tome a iniciativa de denunciar o *bully*, o professor pode incentivar dizendo: “ – Parece que você tem tido problemas com um colega, estou certo?”; “ – Tenho percebido que você anda chateada/o com alguns colegas, o que está acontecendo?”.
- Em qualquer caso de *bullying* a primeira conversa deve ser com a vítima para verificar qual a atitude que ela gostaria que fosse tomada: “– Como é que eu posso te ajudar?”; “– Diga-me, vamos pensar juntos, o que nós podemos fazer para resolver essa situação?”
- Caso o aluno não saiba o que sugerir para resolver o problema, o professor pode fazer questionamentos, como por exemplo: “ – Você quer que ele te peça desculpas?”; “ – Você quer que eu leve o caso à equipe pedagógica?”; “ –Você quer que eu chame seus pais e os pais dele para conversarem?”.
- Qualquer ação que for tomada deve ser com o consentimento da vítima.
- Deve-se deixar claro que ele não está sozinho, que pode contar com o apoio da escola e que ele deve denunciar se as agressões continuarem ocorrendo.

- Dizer ao aluno que a culpa não é dele e que terá apoio na resolução do problema.
- Não dizer ao aluno vítima que ele não deve “ligar”, que “isto não é nada, logo passa”. Falando isso estamos desvalorizando o sofrimento da vítima.
- Ouvir com atenção (escuta ativa). Só o fato de o aluno poder desabafar, chorar, mostrar sua angústia já ajuda muito e promove o autoconhecimento, autoanálise.
- Assumir uma postura de curiosidade respeitosa.
- Valorizar o fato de o aluno estar tendo a coragem de denunciar.
- Valorizar os sentimentos dele com frases do tipo: “ – Sei o quanto você está sofrendo”; “ – Sei o quanto é difícil suportar o sofrimento, mas você não deve revidar com as mesmas atitudes do agressor pois assim estará se comportando como um deles e você não é um deles”; “ – É normal sentir muita raiva nesta hora, mas isto não justifica você agir com violência para se defender”.
- Controlar a indignação e ansiedade por resolver a situação.
- Relatar o caso aos demais professores para que estes observem em suas aulas o comportamento do agressor e da vítima para verificar se o *bullying* cessou ou não.
- No caso de não saber o que dizer diante de um relato de *bullying*, o máximo que se deve fazer é utilizar uma linguagem descritiva, parafrasear o que foi dito, recontando a história, dizer que vai refletir sobre o assunto para encontrar uma solução. Assim se diminui a chance de tomada de medidas erradas e se ganha tempo para encontrar uma solução eficaz.

O diálogo com o agressor:

- Utilizar linguagem corporal confiante, usar tom de voz firme, olhar nos olhos do agressor.
- Não ficar dando lições de moral com sermões extensos. O exercício da autoridade requer brevidade.
- Não ignorar a situação, mas manter a calma e controlar a própria agressividade, mostrando que a violência deve ser evitada.
- Não agredir nem intimidar ou ameaçar com frases do tipo: “ – Se não melhorar seu comportamento você vai ser expulso da escola.”
- Mostrar que independente de não aprovar o comportamento do aluno, você está disposta/o a ajudar e que vai buscar alguma maneira de fazer isso.

- Procurar saber por que ele está agindo assim e o que poderia ser feito para ajudá-lo.
- Tentar identificar algum problema atual que possa estar desencadeando o comportamento agressivo.
- Dê orientações e limites firmes, capazes de ajudá-lo a controlar seu comportamento. “ – Esse tipo de comportamento é inaceitável, vamos pensar como poderemos resolver esta questão.”
- Procurar auxiliá-lo a encontrar meios não agressivos para expressar suas insatisfações.
- Incentivar a mudança de atitude do agressor alertando-o de que a violência não pode ser considerada um comportamento a ser utilizado na superação dos problemas pessoais.
- A conversa deve ficar em torna da tentativa de que o agressor reconheça que errou, se responsabilize pelo seu ato e sinta a necessidade de pedir desculpas.
- Não obrigar o aluno a pedir desculpas, isso resolve apenas uma parte, ou seja, ficamos com nossa consciência tranquila porque acreditamos que resolvemos a situação quando vimos o agressor pedindo desculpas ao agredido. Mas será mesmo que o problema foi resolvido? Obrigar ou mandar um aluno pedir desculpas só fortalece nossa posição de autoridade, ele está pedindo desculpas apenas porque o mandamos pedir, não porque reconheceu o erro cometido.
- Não conversar em tom de acusação. Evite temas absolutos: “– Você sempre faz isso”; “– Você nunca vai mudar?”; “ – Você está fazendo isso de novo?”; “– Quem você pensa que é para falar assim?”; “ – Você tem noção do que você fez?”. Quando acusamos estamos causando no outro a necessidade de se defender. A noção da ação só acontece depois que o caráter defensivo é abandonado, quando o sujeito se acalma e reflete sobre as consequências de seus atos.
- Não espere que o *bully* seja honesto na primeira conversa, mas nem por isso o acuse de estar mentindo. Não coloque dúvidas sobre o que o aluno esta lhe relatando, caso perceba que alguma parte do relato possa ser mentirosa ou exagerada, peça para o aluno contar novamente o que ocorreu, a repetição da história promove contradições e a verdade se sobressai.
- Quando perceber contradições no relato, não diga: “ – Você está mentindo?”. O importante é que o aluno chegue à verdade da história; valorize esse fato e diga

palavras de estímulo como: “– Que bom que você está me relatando a verdade. Eu sabia que podia confiar em você!”

- Valorize todos os argumentos utilizados pelo agressor, é um momento propício para desenvolver as habilidades de argumentação. Argumentar significa conseguir utilizar o discurso e não a violência para resolver os problemas.
- Não fique na defensiva da vítima, a atenção deve estar voltada para o comportamento emitido pelo agressor, no máximo deve-se lembrar das consequências do ato agressivo sobre qualquer um que possa ser vítima.
- Não se deixe tomar por uma discussão minuciosa, muitos detalhes desviam a atenção do foco principal que é o comportamento adotado pelo agressor.
- Não permitir que o agressor fique relatando o que os outros fizeram, o que interessa naquele momento é o que ele fez. Falar sobre o que os outros fizeram é uma forma que o agressor usa para dividir a culpa, para se defender ou tirar o foco que está sobre ele e passá-lo para outro colega.
- Se o nervosismo tomar conta, prefira dizer: “ – Eu agora estou muito nervosa/o, vou me acalmar primeiro, conversaremos sobre isto depois.”
- Atenção às projeções: os professores tendem a projetar suas experiências negativas nos alunos.
- Evite cair no extremo do certo e do errado, não generalize um erro para todos os aspectos da vida social do aluno. Todos erram e acertam, eles fazem parte do processo de desenvolvimento de qualquer pessoa, principalmente da criança.
- No decorrer do ano letivo, tentar descobrir aspectos positivos em que se destaque e que venha a melhorar sua autoestima, procure criar situações em que ele possa se sair bem, elogiando-o sempre que isso ocorrer.
- Criar situações em que ele possa ser útil e solidário, elogie sua evolução.
- Caso seja um grupo de agressores, deve-se conversar em particular com cada integrante do grupo. Quando os alunos estão em grupo eles se sentem mais poderosos e tudo que for dito será motivo de piadas e zombarias entre eles. Sozinhos eles ficam mais vulneráveis e podem, inclusive, relatar motivos pessoais que os levaram a agir desta forma, como apanhar dos pais em casa, por exemplo, fato que não seria relatado na frente dos amigos do grupo.

Medidas que podem ser tomadas pela equipe pedagógica

O *bullying* se combate com a possibilidade de que o agressor possa se responsabilizar pela dor causada à vítima, realizando as seguintes ações:

- Justificando suas ações.
- Refletindo sobre as possibilidades de reparar seus erros.
- Assumindo as necessidades de mudanças como num contrato de intenções.

Aplicação da Escuta Ativa nas intervenções *antibullying*

A escuta ativa promovida pelo professor ou equipe pedagógica é muito eficaz em estratégias *antibullying*, escutar ativamente o agressor permite entender as causas do comportamento *bully* e promove no agressor a autorreflexão e responsabilização dos atos praticados; no aluno vítima a escuta ativa proporciona uma sensação de acolhimento, respeito aos seus anseios e dificuldades, promove uma exteriorização dos seus pensamentos possibilitando uma reorganização e melhor percepção do problema enfrentado.

Atitudes essenciais para a Escuta Ativa

- Empatia: Capacidade de se colocar no lugar do outro e imaginar como se sentiria caso estivesse no lugar dele.
- Respeito: Capacidade de acolher o outro integralmente, sem julgá-lo pelo que sente, pensa, fala ou faz.
- Confrontação: Levar o outro a perceber a incoerência entre o que ele fala e o que ele faz.
- Clarificação: Eliminar as confusões dos relatos; ordenar os fatos: “Como foi mesmo que tudo começou?”
- Parafrasear: Consiste em repetir, por palavras próprias, as principais ideias ou pensamentos expressos por quem fala, permite verificar se o significado atribuído pelo aluno à mensagem é o mesmo entendido pelo professor. “Quer dizer que para você tudo foi brincadeira”- “Então, o que você acabou de dizer é que ele merece o que você fez”.

- Resumir: Recontar a história contada pelo aluno utilizando apenas os dados principais. Oferece a quem fala uma boa oportunidade de corrigir ou acrescentar algo ao já dito. “Então, você o agride porque você faz parte de um grupo de amigos que o agride também?”.

Benefícios da Escuta Ativa em procedimentos *antibullying*

- Mostra ao aluno que você está interessado nele e o aceita como ele é.
- Mostra que você envolveu-se com o problema dele.
- Dá-lhe uma oportunidade para desabafar e sentir-se aliviado.
- Encoraja-o a definir o problema e resolvê-lo.
- Evita a dependência. A decisão sobre qual atitude tomar é do aluno.
- Possibilita conhecer a imagem que eles fazem de si mesmo, porque agrediu, porque não se defendeu.

Diante de um caso de *bullying* a escuta ativa pode ser aplicada da seguinte forma:

- O ideal é que a escuta ativa seja feita primeiro com a vítima, depois com o agressor, se for um grupo de agressor, eles devem ser ouvidos individualmente, e por último, se houver necessidade e consentimento da vítima, fazer uma reunião entre os envolvidos para que se escutem mutuamente.
- Num primeiro momento o condutor da escuta ativa deve fazer um resumo correto do que ocorreu.
- Se os envolvidos não concordarem com o que foi dito no resumo, deixá-los falarem, um de cada vez e explicarem suas versões do fato.
- Deve-se manter uma atitude de respeito e interesse sem críticas.
- Olhe nos olhos, procure não desviar o olhar a toda hora.
- Fuja a tentação de interromper o aluno no meio do discurso.
- Mantenha uma posição ereta do corpo.
- Fale de forma clara, audível e firme.
- Não fale em tom de lamentação nem discurso em defesa de alguém.
- Evite escutar e digitar ou escrever ao mesmo tempo.
- Use incentivos verbais como "Mm-hum", "Fale mais", "Ah?".

- Faça gestos de assentimento, balance a cabeça ou sorria.
- Reduza ao máximo os gestos que possam distrair o aluno, tais como brincar com uma caneta, mexer no celular, etc.
- Atentar-se também ao conteúdo expresso na forma não verbal: postura, gestos, tom de voz e reações emocionais.
- Aceitar as expressões e os sentimentos tanto negativos como positivos.
- Respeitar silêncio e/ou o choro.
- Faça perguntas para checar o que foi dito. Nossas suposições, julgamentos e crenças podem distorcer o que ouvimos por isso a escuta ativa favorece uma boa interpretação do que está sendo relatado, pois a todo o momento é feito um *feedback* do conflito.
- Resumir o que entendeu e solicitar esclarecimentos.
- Ênfase no processo (o que poderão aprender) e não no produto (como resolver).
- Manter-se calmo e controlar suas reações, não agir de impulso.
- Caso o agressor ou a vítima estiverem muito exaltados, acalme-os primeiro ou diga a ele/eles que a conversa ocorrerá quando ele/eles estiver(em) mais calmo(s) de forma que o fato ocorrido seja relatado sem a interferência da raiva momentânea.
- Acreditar na capacidade dos envolvidos em resolver o problema.
- Ouça as sugestões dos alunos para a solução do problema, se for dada uma solução ruim, questione-se como seria se adotássemos a sugestão, o que aconteceria depois. Não ria da sugestão, questione para que o aluno chegue a conclusão de que a sugestão não é boa.
- Caso não seja dada nenhuma sugestão de solução, sugerir opções de solução e dar ao/s aluno/s a oportunidade de escolher a opção que ele/s considera/m ser a melhor.
- Não é necessário resolver de imediato. Às vezes temos que dar um tempo para os envolvidos pensarem sobre a melhor solução.
- Não aceitar qualquer alternativa de solução.
- Devemos estimular as partes a escutarem-se uma à outra, promovendo o exercício da tolerância em escutar e compreender o que o outro fala.
- O condutor da escuta ativa não deve se colocar no papel de amigo dos envolvidos, ele tem que ser a autoridade nessa relação, o que não significa que ele deve ser autoritário.

- A conversa deve ser finalizada com o comprometimento da adoção da solução aceita pelos alunos envolvidos.

Não se considera que seja uma escuta ativa quando são tomadas atitudes como as citadas abaixo:

- Querer impor a sua vontade. Na escuta ativa o papel do professor não é o de vencer, mas de convencer.
- Usar de autoridade: “Peça desculpas”.
- Ameaçar: “Mais uma palavra e você sai da sala”.
- Moralizar: “Isto é pecado”.
- Fazer comparações: “Quando eu tinha sua idade, eu não fazia isso”.
- Emitir julgamento: “Eu te conheço muito bem, sei do que você é capaz”.
- Xingar, rotular: “Você é terrível”.
- Diagnosticar: “Você é mau”.
- Esforçar-se para diminuir os sentimentos negativos: “Você vai sentir-se melhor depois que ele te pedir desculpas” - “Como pode estar com tanta raiva por uma coisa tão insignificante?”.
- Usar ironia, sarcasmo: “Você sabe muito bem do que estou falando”.

Essas ações podem ser tomadas dentro de um processo de mediação de conflitos entre agressor e vítima. Quando as agressões sobre a vítima forem consideradas graves, como danos morais elevados, que prejudicaram a vida social da vítima ou agressões físicas, a mediação de conflito em um primeiro momento não é aconselhada porque se trata de crianças e não se sabe se um encontro pessoal com o agressor trará benefícios ou prejuízos para os sentimentos da vítima que já se encontram abalados. Nesse caso a decisão da realização da mediação de conflitos deverá partir da criança em conjunto com sua família e, se possível, com orientação e acompanhamento de um profissional da área da psicologia.

Se necessário pode-se buscar parcerias com: Pais, alunos, Associação de Pais e Mestres, Núcleo Regional de Ensino (ouvidoria); Conselho Tutelar, Delegacia da Criança e do Adolescente, Promotoria Pública - Vara da Infância e da Juventude.

Além desses procedimentos, outros conhecimentos se fazem necessários à medida que serão a base de decisões para as intervenções. Vinha (2000) sugere a Sanção por Reciprocidade que possui um mínimo de coerção e uma relação natural ou lógica com o ato a ser sancionado e não tem como objetivo expiar o débito, mas sim educar, levando o infrator a compreender sua falta e valorizar o vínculo social. Deve haver uma relação lógica com a atitude que o educador toma e aquilo que a criança fez e esta lógica deve ser percebida pelos alunos envolvidos. O papel do educador, nesse caso é o de conduzir a situação a um desfecho em comum acordo no momento e local em que ocorre o fato.

Outra indicação é a mediação de conflito que se baseia no respeito da dignidade de todas as pessoas afetadas, com possibilidade de compreensão do fato ocorrido por meio do diálogo, fomentando a responsabilidade e oferecendo a possibilidade de reparação do dano causado que pode ser feito com pedido de desculpa, restituição do dano causado, serviços ou outro tipo de reparação. A mediação pode funcionar ou ser aplicada de várias formas, porém a mais utilizada, dentro do contexto escolar, é a mediação vítima/agressor; considerando que se os conflitos pertencem a seus proprietários, nada mais justo que eles próprios cheguem a conclusão de qual será a melhor forma de reparar o dano causado. Para a mediação o processo mais recomendado é o método Pikas (2002) desenvolvido em 1989 pelo sueco Anatol Pikas, psicólogo do Departamento de Educação da Universidade de Uppsala – Suécia que é composto por uma série de entrevistas individuais com os envolvidos até que percebam a situação e as consequências causadas, ao final do processo o grupo se encontra em uma reunião onde ficam estabelecidas as ações de reparação do dano causado e o comprometimento de não haver reincidência. O mediador deve conhecer a importância do seu papel, mantendo-se imparcial, não emitindo juízo de valor, apoiando ambas as partes e respeitando o caráter confidencial das reuniões, utilizando a escuta ativa que consiste em demonstrar interesse pelo caso, pelo sofrimento da vítima, sem emitir opinião, apenas parafraseando ou reformulando as perguntas e respostas feitas pelos envolvidos (CASCÓN, 2004).

A mediação é uma técnica que se aplica em diferentes níveis e com diferentes enfoques, para Lederach (1997) a mediação deve sempre começar por duas questões: Quem e como? A primeira questão refere-se a quem deverá ser o mediador, o autor esclarece que se deve procurar uma pessoa que inspire confiança, que esteja fora do conflito e consiga ser neutro e imparcial; e a segunda questão refere-se ao método que será utilizado, como mediar, o que fazer, o que dizer, como dizer. Os trabalhos do mediador

relacionam-se com a escuta, com a análise, com a compreensão e criação de um marco em que se vai tratar o conflito. Para se definir a utilização de procedimentos mediadores de conflitos em um caso de *bullying* deve ser observada a gravidade das agressões e se a vítima deseja e consente com a realização da mediação. Em casos mais graves, se houver a mediação, esta deve ser feita com a presença de uma autoridade que represente o papel do mediador.

Esclarecemos que não existe uma técnica específica, nem um programa perfeito, nem estratégias que se possam aplicar a todos os casos de forma igual, o que se percebe e que cada caso é único e o conhecimento que possuímos do conceito e formas de manifestação do *bullying* podem formar uma base para que se possa tomar a medida mais acertada, com menos chances de erros e injustiças. O conhecimento não se encontra pronto, acabado, como sugere Demo (2001), mas em um contínuo processo de reconstrução.

5 MÉTODO

Para que pudéssemos atingir nosso objetivo, o de realizar ações educativas visando a prevenção e intervenção ao *bullying* escolar, adotamos método e metodologias compatíveis com o objetivo, dessa forma, nossa pesquisa é empírica e os procedimentos adotados foram descritivos e observacionais realizados no contexto natural sem manipulação planejada de variáveis.

Partimos da hipótese de que ações educativas realizadas por professores capacitados podem ser eficientes na redução da prática do *bullying* em sala de aula e para responder essa questão com a produção de dados adotamos procedimentos sistematizados pré-estabelecidos porém não padronizados por se tratar de pesquisa em contexto natural onde os planos de pesquisa podem ser alterados conforme os resultados obtidos. Parte-se da premissa que há multideterminações dos fenômenos de interesse do estudo e que parte da variabilidade mensurada na pesquisa é inerente e intrínseca ao sujeito participante (ANDERY, 2010).

Foi adotado o método observacional em contexto natural que foram divididos em dois momentos, o primeiro para levantar o perfil das turmas pesquisadas e o segundo para observar os perfis dos alunos que apresentam comportamentos de risco para a prática de *bullying* indicados pelos professores. Como instrumento estruturado de coleta de dados foi adotado questionários para alunos, questionários semiestruturados para professores e fichas de avaliações de atividades estruturadas e semiestruturadas para alunos e professores.

Sendo nossa linha de base a Análise Comportamental, optamos por analisar os dados de forma quantitativa e qualitativa pois, conforme esclarece Andery (2010): “O dado comportamental é um dado substantivo, o tratamento estatístico pode, com vantagens, complementar a análise individual, mas não pode ser seu substituto.” (ANDERY, 2010, 332).

Segue a descrição do método adotado.

5.1 Local

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual da cidade de Maringá, no estado do Paraná, cidade com 357.117 habitantes, conforme contagem de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Na cidade existem 8 Instituições

de Ensino Superior; 43 escolas municipais, 34 escolas estaduais e 28 escolas particulares.

A escola escolhida localiza-se em uma área central, próxima a bairros de classe média, médio-baixa. O estado fornece vale transporte aos alunos da rede pública de ensino e por este motivo a escola conta com alunos provenientes de bairros distantes.

Optou-se por fazer a pesquisa nessa escola pelo fato de nela existir um número alto de alunos matriculados possibilitando um aumento no número de participantes. O colégio possui turmas do ensino fundamental, médio e cursos técnicos profissionalizantes, com um total de 1.964 alunos matriculados no ano letivo de 2010, nos períodos matutino, vespertino e noturno. No período vespertino, período de realização da pesquisa, havia 717 alunos matriculados.

5.2 Participantes

Os participantes foram alunos de cinco turmas do 6º ano do período vespertino e oito professores que lecionaram nessas turmas no ano de 2010.

Ao todo eram 16 professores que lecionavam nas cinco turmas e dos 8 que participaram da pesquisa, 7 são do sexo feminino e 1 é do sexo masculino, 03 estavam na faixa etária de 50 anos, um professor estava na faixa etária de 40 anos e 04 estavam na faixa etária de 30 anos. Todos os educadores participantes possuem graduação na área em que atuam, 7 educadores possuem curso de Especialização e 1 educador, além do curso de especialização, possui Mestrado. A média de tempo exercendo a profissão era de 16 anos.

Apenas um professor declarou já ter participado de curso em mediação de conflito ou prevenção e contenção da violência escolar, os demais professores declararam que não participaram de nenhum curso desta natureza.

As turmas foram indicadas pelos diretores da escola que esclareceram que nossa pesquisa poderia contribuir com os trabalhos de mudanças promovidos na gestão atual pois o colégio não possui turmas do 5º ano e os alunos do 6º ano são novos na escola podendo se adaptar com mais facilidade a um regime *antibullying* e levar esse novo pensamento para as séries subsequentes, dando continuidade aos trabalhos realizados e contribuindo com a renovação da filosofia da escola conforme esclareceu o Diretor.

O número de alunos matriculados nas cinco turmas era de 178 alunos, 76 são do sexo feminino e 102 do sexo masculino; a faixa etária variava de 10 a 14 anos, idade onde os casos de *bullying* são mais frequentes (FANTE; PEDRA, 2008).

5.3 Instrumentos

Os registros dos dados ocorreram por meio de questionários, protocolos e fichas de avaliações. O questionário 1 para os alunos foi adaptado de Fante e Pedra (2008) os outros três questionários foram elaborados por nós, sendo que o Questionário 1 para professores passou por pilotos para sua validação. Segue a disposição dos mesmos.

a. Questionário 1 (Q1P) para professores (Apêndice C)

O objetivo do Q1P foi verificar a percepção dos professores sobre *bullying*, quais suas necessidades, dificuldades e obstáculo no enfrentamento a esse fenômeno em sala de aula. Esse questionário proporcionou uma visão inicial do campo de pesquisa. No questionário foi disponibilizado espaço para que os professores citassem a identificação dos alunos que apresentam comportamentos de risco para a prática de *bullying*.

O Q1P foi composto por três partes, sendo que a parte A possui nove questões objetivas com a finalidade de caracterizar os participantes; a parte B possui 14 questões objetivas cuja finalidade foi verificar a percepção dos professores quanto a dinâmica do *bullying* em sala de aula e a parte C do questionário foi composta por 15 questões dissertativas com espaços destinados a descrição das dificuldades encontradas pelos professores e pela escola no trato ao *bullying* bem como sugestões de como deveria ser esse trato.

b. Questionário 1 (Q1A) para alunos (Apêndice R)

O Q1A foi adaptado de Fante e Pedra (2008) e contém 18 questões objetivas, da questão 1 a 8 os dados que se pretendeu levantar foi em relação a vitimização, da questão 9 a 14 procurou-se saber sobre o comportamento dos possíveis agressores e da questão 15 a 18 a busca foi pela percepção dos espectadores.

c. Protocolo de Observação (Anexo F)

O Protocolo de Observação foi adaptado de Danna e Mattos (2006) e foi utilizado o registro cursivo. O Protocolo foi utilizado em dois momentos: na primeira fase de observações em sala de aula com a finalidade de coletar informações a respeito do perfil apresentado por cada turma a fim de serem contextualizados os discursos dos professores e na segunda fase das observações, momento de observação dos alunos indicados pelos professores no Q1P com o objetivo de análise individual dos comportamentos apresentados pelos alunos indicados.

d. Fichas de atividades

Todas as atividades realizadas com os alunos dentro da proposta das ações educativas foram avaliadas pelos professores e pelos alunos. As fichas continham questões que variaram em número e conteúdo acompanhando o teor da atividade realizada.

e. Questionário 2 (Q2P) para professores (Apêndice AK)

O Q2P contém nove questões objetivas e três dissertativas, nas questões objetivas o professor avaliou os trabalhos realizados e nas questões dissertativas o professor teve a oportunidade de sugerir, criticar e deixar mensagens que considerava serem importantes.

f. Questionário 2 (Q2A) para alunos (Apêndice AL)

O Q2A foi dividido em duas partes a primeira parte se constitui da Análise geral da sala de aula com 4 questões, onde se procurou saber a visão geral do aluno sobre a turma da qual participava; na segunda parte o aluno fez a Análise individual respondendo a 10 questões sobre a percepção de seu próprio comportamento e do comportamento individual dos colegas da turma. Todas as questões são objetivas e o questionário foi finalizado com espaço para que os alunos pudessem deixar sugestões, críticas ou mensagens.

5.4 Considerações éticas

Toda pesquisa científica deve se cercar de cuidados éticos para não ferir a integridade física e moral do participante. O primeiro procedimento, em se tratando de pesquisa de campo envolvendo seres humanos é a análise e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da instituição ao qual está vinculada, seguindo com procedimentos de

busca de autorização dos envolvidos com a pesquisa. Nossos procedimentos éticos foram os seguintes:

5.4.1 Comitê de Ética

A presente pesquisa foi submetida a avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, Campus de Marília, em reunião realizada em 02/12/2009 e aprovada com parecer número 1650/2009 (Anexo A).

5.4.2 Autorização da escola e dos professores

Foi feita visitas ao colégio para expor ao diretor os procedimentos e objetivos da pesquisa e solicitar sua autorização (Apêndice A) no ano anterior à realização da pesquisa; a partir da autorização da escola os professores foram contatados pessoalmente no início do ano letivo de realização da pesquisa, todos foram informados de que sua participação era livre, podendo haver desistências a qualquer momento dos trabalhos se assim desejassem. Foi ressaltado que as identidades dos participantes não seriam reveladas e que os dados seriam expostos de forma a não acarretar riscos ou prejuízos psicológicos ou morais para qualquer um dos participantes. A princípio, dos 16 professores das turmas participantes, todos aceitaram participar, porém participaram efetivamente do começo ao fim dos trabalhos 8 professores.

5.4.3 Termo de Consentimento livre e esclarecido (TCLE)

O TCLE (Apêndice M) foi entregue no início do ano letivo aos alunos, oportunidade na qual foram feitos esclarecimentos sobre o projeto, seus objetivos e as atividades a serem realizadas no decorrer do ano. Foi solicitado que levassem e entregassem os TCLEs aos pais e/ou responsáveis e que os devolvessem assinados por estes. Nos dias que seguiram, durante a semana, passamos por todas as salas para recolhermos os TCLEs. A maioria foi devolvido e o restante foi sendo recolhido no decorrer do ano. Houve casos em que os pais não autorizaram a participação do filho por não entenderem do que se tratava, atendendo a solicitações dos alunos que tiveram negada a sua participação por seus responsáveis, foram realizados contatos por telefone com esses

pais para melhores esclarecimentos que posteriormente devolveram o TCLE assinado com a autorização dada.

Houve alunos que se recusavam a participar, dizendo que não queriam participar e outros que diziam ter esquecido o TCLE em casa todas as vezes que o documento era solicitado. Para esses casos a solução foi encontrar pessoalmente os responsáveis desses alunos, o momento do encontro foi a reunião de entrega do boletim, onde, autorizados pela direção escolar, fizemos maiores esclarecimentos sobre os procedimentos e objetivos do projeto e entreguemos um novo TCLE para o responsável pelo aluno, que lia, assinava e o devolvia no momento do encontro.

No decorrer do ano letivo alguns alunos foram transferidos e houve a entrada de alunos novos nas turmas; para os alunos que entraram até o início do segundo semestre, data de início dos trabalhos com os alunos, foi entregue o TCLE; para os alunos que entraram na turma passados mais de um mês do início das atividades, o TCLE não foi entregue.

No total 150 TCLEs foram devolvidos assinados.

5.5 Procedimentos

Por termos dois grupos distintos de participantes houve a necessidade de dividirmos nossos trabalhos em duas fases: no decorrer do primeiro semestre os trabalhos foram direcionados por nós aos professores, no decorrer do segundo semestre os trabalhos foram direcionados aos alunos, coordenados por nós e realizados pelos professores.

Os trabalhos realizados com os professores compunham as atividades e conteúdos utilizados nos encontros de formação de professores os quais listamos abaixo:

- a. Conceito e Características do *bullying*
- b. Identificando o *bullying* na sala de aula
- c. Fundamentação teórica da prevenção e intervenção ao *bullying* escolar
- d. Dificuldades em se implantar um projeto *antibullying* no contexto escolar
- e. Conceituações das diferentes manifestações da violência escolar
- f. Compreensão e análises de casos
- g. Propostas de procedimentos interventivos *Antibullying*
- h. Planejamento e definição das ações educativas

Os trabalhos realizados com os alunos se referem às ações educativas realizadas pelos professores com seus alunos sob nossa coordenação. Abaixo segue a lista das atividades realizadas:

- a. Palestra
- b. Debates sobre *bullying*
- c. Elaboração de cartazes
- d. Versão musical
- e. Leitura literária
- f. Pesquisa bibliográfica
- g. Pesquisa quantitativa
- h. Mostra de vídeo I
- i. Mostra de vídeo II
- j. Produção de vídeo
- k. Estatuto
- l. Teatro

Segue a descrição dos procedimentos adotados em ambas as fases de desenvolvimento destes trabalhos:

5.5.1 Trabalhos realizados com os professores

O ano letivo teve início na segunda semana do mês de fevereiro e foram aguardadas seis semanas para estabelecer contato com os professores, tempo necessário para que todas as turmas estivessem com seus quadros de professores completos, conforme orientação da equipe pedagógica.

Definidos os professores, a vice-diretora disponibilizou uma lista com os nomes e horário de hora atividade de cada professor das cinco turmas. Cada professor foi procurado individualmente, na sua hora atividade, para esclarecer os objetivos e os procedimentos do projeto e para perguntar se queriam ou não participar do mesmo e, em caso afirmativo, qual seria o melhor horário para a realização dos encontros. A hora atividade se refere ao horário em que o professor deve permanecer na escola para realizar as atividades relativas ao planejamento das aulas e das avaliações. Todo o cuidado foi tomado no sentido de não atrapalhar estas atividades, a aproximação só ocorria mediante autorização dos mesmos.

Todos os 16 professores se disponibilizaram a participar, relatando que tinham interesse sobre o assunto e sugeriram a hora atividade como o melhor momento para a realização dos encontros. Todos indicaram o dia e horário que poderia ser usado para os encontros, havendo muitas atividades a serem realizadas no horário escolhido, os encontros poderiam ser transferidos para outro horário sem prejuízo para o professor. A realização dos encontros nesses horários contou com a autorização da equipe pedagógica e da direção da escola.

Para cada quatro aulas dada, o professor tem direito a 1 hora/atividade, o professor que tem 20 horas/aula por semana, terá 4 horas/atividade por semana, a hora atividade corresponde aos 50 minutos de duração de uma aula, portanto, todos os professores participantes possuíam mais de uma hora atividade por semana e para os encontros seriam utilizadas somente uma hora aula por semana.

Os horários da hora atividade são determinados por disciplina, ou seja, em cada dia acontece a hora atividade de uma determinada disciplina para que os professores possam se encontrar e discutir assuntos relacionados ao conteúdo, atividades e avaliações. Por exemplo, na quinta-feira acontece a hora atividade dos professores que lecionam história para que eles possam se reunir, na quarta-feira é a hora atividade dos professores de língua portuguesa e assim acontece com as demais disciplinas. Esse método inviabiliza a realização dos encontros com a presença de todos os professores participantes da pesquisa, dessa forma nos disponibilizamos a realizar encontros individuais, atendendo a um professor por encontro. Essa foi a única forma encontrada para poder contar com a participação dos professores, marcar encontros em outro horário que não dentro do horário de trabalho correríamos o risco de não termos professores participantes. Tivemos que levar em consideração que alguns deles davam aulas nos três períodos, manhã, tarde e noite, outros tinham filhos pequenos e não podiam se ausentar de suas casas fora do horário de trabalho, outros moram em outras cidades e não se disponibilizaram a viajarem para participarem dos encontros. Acreditamos, portanto, que é preferível realizar os encontros nas condições adversas que apresentamos do que não realizá-los.

Como local de realização dos encontros ficou definido a sala de estudos destinada aos professores, que fica ao lado da sala dos professores e próxima à sala da equipe pedagógica.

5.5.1.1 Aplicações dos Questionários 1 e 2

O Q1P foi aplicado no terceiro encontro realizado com os professores, as informações contidas nos dois primeiros encontros forneceram a base que possibilitaram aos professores darem respostas com conhecimento de causa, diminuindo o risco de coletarmos dados imprecisos.

O Q2P foi aplicado no término das atividades realizadas com os alunos com a finalidade de avaliar os trabalhos realizados. Ambos os questionários foram aplicados nos horários dos encontros, na nossa presença.

5.5.1.2 Encontros com os professores

Os horários dos encontros ficaram assim estabelecidos: segunda-feira das 16:50 às 17:40, terça-feira das 14:05 às 14:55 e quinta-feira 13:15 às 15:45. Nas segundas-feiras o encontro era realizado com uma professora, nas terças-feiras ocorriam encontros com três professoras e nas quintas-feiras ocorriam encontros com quatro professores. Nas quintas-feiras eram realizados três encontros, um encontro com dois professores no mesmo horário e outros dois encontros com um professor cada. Esses horários nos orientavam em relação ao dia em que deveríamos ir até a escola, mas não foram seguidos rigorosamente por motivo de compromissos dos professores com suas atividades escolares, porém eles sempre nos avisavam com antecedência quando ocorria alguma mudança.

Foi feito registro escrito dos encontros com os professores que resultaram em relatórios semanais, além desses registros, foi feito gravações de áudio de todos os encontros para que pudéssemos recorrer às gravações caso ocorresse alguma dúvida quanto aos registros escritos. Todo o conteúdo foi aplicado a todos os professores, se algum professor faltasse em um encontro, o conteúdo era repostado em encontros posteriores, prolongando-se o tempo de duração do encontro ou realizando um encontro a mais na semana, conforme a disposição de tempo do professor.

Como os encontros não aconteceriam com todos os educadores em um mesmo dia e horário, foi feito um cronograma dividido por semana, com término marcado para o final do primeiro semestre, que ocorre no mês de julho. Após essa data, haveria as férias e após estas, teriam início as atividades com os alunos.

Os conteúdos ministrados nos encontros ficaram distribuídos em 10 semanas, sendo que a terceira semana foi destinada à aplicação do Q1P.

Segue o cronograma:

a. Conceito e Características do *bullying*

Assunto: O que é *bullying*

Objetivo: Proporcionar ao professor os conhecimentos teóricos científicos sobre o *bullying* para que ele possa compreender e identificar as situações de *bullying* ocorridas em sala de aula.

Atividade: Leitura do texto: As principais características dos envolvidos com o *bullying* – exposto nesse trabalho no capítulo 3 Revisão da literatura.

Método: Leitura do texto, discussão e esclarecimentos das partes que não foram bem compreendidas ou que lhes chamassem mais a atenção.

Indicação de atividade para a semana: Observar os alunos para identificar possíveis episódios de *bullying*.

Procedimentos: Foi entregue uma cópia do texto para cada professor e os procedimentos de leitura ficaram a critério de cada professor podendo fazer leitura silenciosa ou leitura em voz alta, pausando para maiores esclarecimentos ou discussões ou fazendo os questionamentos ao final da leitura.

b. Identificando o *bullying* na sala de aula

Assunto: Identificando o *bullying*

Objetivo: Identificar casos de *bullying* em sala de aula

Atividade: Responder oralmente as questões feitas nas atividades (Apêndice B)

Método: Leitura das situações apresentadas nas atividades pela pesquisadora que solicita resposta do professor.

Indicação de atividade para a semana: Continuidade das observações em sala de aula para identificar possíveis vítimas e agressores de *bullying*.

Procedimentos: Para esse encontro foram preparadas situações hipotéticas descritas no texto da atividade Identificando o *bullying* (Apêndice B) com o objetivo de reforçar os conhecimentos adquiridos no encontro anterior, identificando características típicas de

bullying e refletindo quanto ao posicionamento adotado frente as situações apresentadas. Cada professor recebeu uma cópia do texto que respondeu oralmente a cada situação apresentada. Optou-se pelo procedimento oral por ser mais prático e mais rápido e por não existir a preocupação com a estética da escrita.

c. Fundamentações teóricas da prevenção e intervenção ao *bullying* escolar

Assunto: Análise Comportamental

Objetivo: Conhecer os princípios básicos da Análise Comportamental por meio da leitura do texto “Fundamentação teórica da prevenção e intervenção *antibullying*”, exposto no capítulo 4 desse trabalho, que pôde ser utilizado como método de análise do comportamento do agressor e da vítima.

Atividade: Leitura do texto, debater e fazer a análise funcional de um episódio observado em sala de aula que tenha a presença de comportamento agressivo.

Método: Leitura em voz alta com análise simultânea dos pontos mais relevantes do texto ou que tenha gerado dúvidas. Escrever um relato de evento observado em sala de aula onde o comportamento agressivo esteve presente, fazer a análise funcional do relato (Apêndice D)

Indicação de atividade para a semana: Leitura do texto Módulo B: Un enfoque escolar integral (EEI) Unidad B2: Cómo insertar el enfoque escolar integral (EEI): El desafío de su implantación. (SAMUELSEN; ERTESVÅG, 2006) e assinalar os pontos que chamaram a atenção (Anexo C).

Procedimentos: *Bullying* é um comportamento e como tal possui seus antecedentes e consequentes. Para que os professores pudessem entender essa dinâmica foi produzida uma síntese da Análise Comportamental (AC) de forma clara e objetiva para facilitar a compreensão deste fenômeno e subsidiar os estudos dos comportamentos de vítimas e agressores. A intenção foi chamar a atenção dos professores para o fato de que todo comportamento é resultado de um estímulo antecedente, no caso do *bullying*, há a necessidade de deixar claro que o agressor age conforme os estímulos recebidos e a vítima reage aos estímulos emitidos pelo agressor, ambos estão condicionados aos estímulos antecedentes dos ambientes em que estão inseridos. Dessa forma, pode-se perceber que a intervenção deve ter como base a substituição de um estímulo pelo outro, um estímulo que gera um comportamento inapropriado pode ser substituído por um estímulo que gera um

comportamento apropriado socialmente. A leitura do texto, feita de forma pausada para debates, esclarecimentos e contextualização com a problemática *bullying*, subsidiou a análise funcional de um caso fictício ou real feita pelos professores para que percebessem com maior clareza a dinâmica comportamental dos envolvidos com o *bullying*.

d. Dificuldades em se implantar um projeto *antibullying* no contexto escolar

Assunto: Barreiras na implantação de um projeto na escola

Objetivo: Considerar os desafios da implantação de um projeto na escola

Atividade: Leitura do texto Módulo B: Un enfoque escolar integral (EEI) Unidad B2: Cómo insertar el enfoque escolar integral (EEI): El desafío de su implantación.

Método: Leitura e debates sobre os pontos mais relevantes do texto.

Indicação de atividade para a semana: Analisar as barreiras que podemos enfrentar na implantação do projeto na escola.

Procedimentos: Levantar hipóteses sobre as barreiras que poderiam surgir no decorrer do desenvolvimento do trabalho como falta de recursos, escassez de tempo e dificuldades de mudança de comportamento. Foi entregue uma cópia do texto para cada professor com antecedência e solicitado leitura prévia. No encontro foi feita leitura e debate somente dos pontos mais relevantes do texto, como as mudanças que podem ser feitas a nível individual, grupal e organizativo e as barreiras práticas, psicológicas de valores e de poder. O texto utilizado foi traduzido para o espanhol, opção do próprio site que disponibiliza o texto.

.

e. Conceituações das diferentes manifestações da violência escolar

Assunto: Conceitos de violência escolar

Objetivo: Conhecer, compreender e diferenciar as diferentes formas de manifestações da violência escolar.

Atividade: Leitura de partes dos textos e debates sobre o assunto

Texto: Módulo A: contexto, definiciones y conocimiento de la violencia escolar. Unidad A1: Comprender la definición y el contexto de la violencia escolar (Anexo D) (ORTEGA et al, 2006b).

Texto: Módulo B: Vista: Um enfoque escolar integral (EEI). Unidad B6: Tratar con a indisciplina y la disrupción (Anexo D) (ORTEGA et al, 2006a).

Método: Leitura e debates dos pontos mais relevantes do texto.

Indicação de atividade para a semana: Foi recomendado aos professores que leiam os textos na íntegra em suas casas.

Procedimentos: Esclarecer que uma das dificuldades encontradas pelos professores é a de diferenciar as várias manifestações de violência e distinguir indisciplina de violência. Para cada caso de violência escolar há uma intervenção adequada que difere da atitude a ser adotada diante da indisciplina, pois são comportamentos diferentes, resultados de estímulos diferentes, com consequências diferentes. O texto utilizado nesse encontro, traduzido para o espanhol, opção do site que o disponibiliza, traz esclarecimentos quanto aos conceitos de violência e indisciplina, necessários para que se possa diferenciar o *bullying* das demais formas de violência e não confundi-lo com indisciplina. As partes mais relevantes do texto, indicadas pela pesquisadora, foram lidas durante o encontro, seguido de debates das diferenças conceituais de violência e os contextos e fatores de risco para o comportamento violento.

f. Compreensão e análises de casos

Assunto: Definindo a violência escolar (Apêndice E)

Objetivo: Compreender as diferentes formas e conceitos da violência escolar para saber diferenciá-las e poder tomar as medidas cabíveis a cada caso.

Atividade: Fazer os exercícios propostos.

Método: Fazer os exercícios relacionando-os com a realidade em sala de aula.

Indicação de atividade para a semana: Analisar as possibilidades de atuação preventiva e interventiva do professor em sala de aula.

Procedimentos:

O Exercício 1 teve como objetivo facilitar a definição e distinção das variáveis da violência escolar. Ao descrever um comportamento violento e refletir sobre o que caracteriza aquele comportamento como violento, o professor pode refletir sobre a noção do que seja violência e do que seja um conflito ou comportamento indisciplinar, quais são as características peculiares do comportamento violento e definir as características que os distinguem. Esse exercício favorece a percepção entre as variáveis da violência escolar.

No Exercício 2 o professor fez uma análise completa de um caso de *bullying* que poderia ser um relato observado pelo professor como também assistido em um filme, seriado ou lido em um livro ou jornal. Essa opção amplia as possibilidades de análises, pois alguns professores podem não terem observado um caso de *bullying* ocorrido em sua turma ou escola, ou se observou, não acompanhou o desenvolver do caso do início ao fim. O exercício contempla uma análise dos fatos, do contexto dos envolvidos, do que foi feito e do que deveria ser feito para resolver a situação.

O Exercício 3 possibilita ao professor reforçar o conhecimento sobre as diferentes manifestações comportamentais relacionadas à agressividade ou que geram problemas nas interações em sala de aula, podendo classificá-las e refletir sobre as opções de solução para cada caso. Proporciona também uma forma de avaliarmos a assimilação dos debates feitos nos encontros anteriores pelos professores, se conseguem diferenciar as formas de comportamentos problemáticos e quais as intervenções adotadas por eles.

O Exercício 4 descreve uma situação hipotética em que há uma discussão entre os professores sobre as possibilidades de atuação frente a um caso envolvendo agressão física entre alunos. O exercício propõe a análise das sugestões dadas, as características individuais dos envolvidos e se estas podem influenciar e de que forma podem influenciar na decisão sobre qual medida se deve tomar diante do problema exposto.

O Exercício 5 pede que se faça nova descrição de um caso de *bullying*, a forma como ele foi solucionado e quem o solucionou. A ênfase desse exercício recai sobre as possibilidades de resoluções do problema, as possibilidades que podem dar certo, as que podem ter consequências negativas e as que refletem a omissão de caso.

No Exercício 6 a reflexão que se almejou foi a do que seja um comportamento baseado no respeito e o seu contrário. Esse exercício se faz necessário para que se reflita sobre o que é desrespeito e quais são os comportamentos que podem ser considerados desrespeitosos cometidos pelos professores para com os alunos e vice-versa.

g. Propostas de procedimentos interventivos *Antibullying*

Assunto: Discussão sobre a conduta adequada para lidar com o *bullying* em sala de aula.

Objetivo: Alertar os professores sobre condutas que podem piorar a situação da vítima e do agressor em sala de aula e propor atitudes *antibullying*.

Atividade: Leitura do texto “Propostas de procedimentos interventivos *Antibullying*”, exposto no capítulo 3 desse trabalho e discussões das condutas sugeridas.

Método: Leitura e debate do texto

Indicação de atividade para a semana: Refletir sobre qual atividade *antibullying* que o professor pode realizar em sala de aula.

Procedimentos: Desenvolvemos uma série de sugestões que podem ajudar na prevenção e intervenção ao *bullying* escolar, baseadas nas literaturas citadas na fundamentação deste trabalho e nas experiências adquiridas no desenvolvimento de nossa dissertação de mestrado (PINGOELLO, 2009). O texto contendo as sugestões foi entregue aos professores, lido item por item e a cada leitura a sugestão dada foi discutida, seguindo para a leitura do próximo item somente não havendo mais dúvidas sobre o porquê da sugestão, sobre sua fundamentação e formas de aplicação em sala de aula. Os itens foram apenas sugestões, foi solicitado aos professores que caso adotassem algumas das sugestões no decorrer dos trabalhos que nos relatassem.

h. Reposições de conteúdos

Assunto: Reposição de conteúdos aos professores que faltaram em algum encontro.

Objetivo: Garantir que todos os professores tenham acesso a todos os conteúdos ministrados nos encontros

Atividade: Reposições de conteúdos aos professores faltosos.

Método: Conforme o conteúdo a ser repostado.

Indicação de atividade para a semana: Refletir sobre a atividade *antibullying* que o professor pode realizar em sala de aula.

Procedimentos: Essa semana foi reservada para reposição de aulas aos professores que faltaram em algum encontro e para aqueles que não conseguiram terminar os exercícios dos encontros anteriores.

i. Ações educativas

Assunto: Atividades a serem realizadas em sala de aula com o tema *bullying*.

Objetivo: Definir as atividades e o cronograma de realização das mesmas.

Atividade: Escolha e planejamento das atividades.

Método: Apresentar lista de sugestões de atividades (Apêndice F); esclarecer os objetivos de cada atividade e confeccionar o cronograma das atividades a serem realizadas.

Indicação de atividade para a semana: Refletir sobre a atividade escolhida, planejar a sua execução.

Procedimentos: Essa semana foi destinada à definição das atividades realizadas pelos professores em sala de aula com seus alunos. Foi apresentada uma lista com sugestões de atividades e cada professor escolheu uma atividade da lista ou sugeriu outra que de sua preferência e tenha condições de realizar. A sugestão foi de que a atividade deveria ter vínculo com o conteúdo da disciplina e, portanto, teriam dois objetivos a serem atingidos, um objetivo didático, que se refere ao conteúdo da disciplina e um objetivo *antibullying*, que se refere a atividades preventivas do *bullying*. A partir da escolha foi elaborado um cronograma, conforme a disposição e sugestão de cada professor.

5.5.2 Trabalhos realizados com os alunos

Os trabalhos realizados com os alunos foram: observações e aplicações de questionários realizados pela pesquisadora e atividades realizadas pelos professores com a coordenação da pesquisadora. As observações e a aplicação do Q1A foram realizadas no primeiro semestre e as atividades e a aplicação do Q2A, com exceção da palestra, foram realizadas no segundo semestre do ano letivo.

Segue a descrição dos procedimentos adotados nestes trabalhos.

5.5.2.1 Observações primeira e segunda etapas

As observações foram divididas em duas etapas: a primeira teve por objetivo identificar os comportamentos que prevalecem entre os alunos, se refere-se a turmas amistosas, colaborativas, disciplinadas, se há a presença de alunos que apresentam comportamentos pré-indicativos da existência de possíveis *bullies* nas turmas, como o uso abusivo de apelidos pejorativos e violência verbal ou física cometida do mais forte sobre o mais fraco. Na segunda etapa as observações estiveram voltadas especificamente para os alunos que apresentam comportamentos de risco para a prática de *bullying*, indicados pelos professores no Q1P.

Para a primeira etapa optou-se pela participação de duas juízas, para provê-las dos conhecimentos necessários para a realização das observações, foram realizados dois encontros para esclarecimentos sobre o *bullying* e suas principais características. Foi entregue às juízas textos sobre o *bullying*, texto sobre a observação comportamental e cópias do protocolo de observações, bem como esclarecimentos sobre os procedimentos de registros das observações e comportamentos éticos que envolvem a pesquisa observacional. Antes do início dos trabalhos de observações, foi feita uma visita à escola para ambientalização e realização das observações piloto, realizadas em duas horas aula e em outra turma que não a turma que seria pesquisada.

Nas observações da primeira fase optamos por observar todas as cinco turmas utilizando o registro contínuo cursivo para registrar os comportamentos que foram destacados por sua agressividade, tanto física como verbal e ao final das observações, preencher um relatório final de cada turma, assinalando os comportamentos que prevaleceram nos registros de observações acompanhado de um parecer geral quanto às interações entre os alunos das turmas. O levantamento desse perfil foi útil nos encontros com os professores, nos proporcionando uma visão geral do clima da sala de aula, facilitando e promovendo maior entendimento das reclamações feitas pelos professores quanto aos comportamentos apresentados pelos alunos além de registrar o contexto do ambiente de realização deste trabalho.

As observações da primeira fase foram divididas em 3 seções por turma resultando num total de 15 horas/aulas. A decisão de fazer três seções de observações por turma se deve ao fato de que se tratava de coleta de dados suficientes para auxiliarem no entendimento dos relatos dos professores e que três seções seriam suficientes para esse tipo de contextualização. Considerando que havia três observadoras observando uma mesma turma num mesmo período, tínhamos condições de coletar dados para complementar o conhecimento necessário a serem utilizados nos encontros com os professores.

Para a realização das observações, havia a necessidade de definir um código de identificação dos alunos a serem observados para que cada registro de comportamento fosse atribuído ao emissor e receptor sem que sua identidade fosse revelada. Para essa situação foi adotado o mapa da sala, que, conforme informados pelo diretor da escola, é um procedimento comum neste colégio, adotado para controlar conversas paralelas, afastando aqueles que conversam muito, atrapalhando a concentração dos demais alunos.

O processo consiste em fazer uma planta baixa da sala de aula com a localização das carteiras; no desenho das carteiras é escrito o nome do aluno que deverá sentar-se nela, ficando assim estabelecido um lugar fixo para cada aluno. Depois de elaborado, o mapa é fixado na parede ao lado da mesa do professor e no momento da chamada o professor confere se o aluno está no local determinado, caso não esteja, o professor ordena que este retome seu local de assento. Usando a disposição em fileiras das carteiras, já estabelecida pela escola, designamos uma letra para a turma e um número para cada carteira, assim a identificação de cada aluno foi feita por uma letra, que representa a turma a qual pertence, seguida por um número, correspondente ao lugar em que senta na fileira de carteiras (Apêndice N). Na primeira fase das observações foram feitas cópias desses mapas e entregues às juízas para que, havendo dúvidas a respeito da identificação do aluno no momento do registro do comportamento emitido ou recebido, bastava consultar o mapa.

As aulas de educação física não foram observadas porque nelas os alunos ficam dispersos pela quadra de esportes, o que dificulta os registros comportamentais. Para a definição das aulas e a quantia de aulas a serem observadas por dia teríamos que aguardar a definição do horário de aulas porque foi estabelecido que não seriam observadas as aulas dos professores que não estavam participando da pesquisa. No colégio pesquisado as aulas têm início às 13h e 15min, com aulas com 50 minutos de duração cada; após as três primeiras aulas há um intervalo de 15 minutos e segue-se com as duas últimas aulas que vão até às 17h e 40min.

Quanto a posição ocupada pelas observadoras em sala de aula, foi decidido permanecer nas últimas carteiras localizadas no fundo da sala, posição que propicia uma visão geral da sala sem ficar no campo de observação dos alunos, atrapalhando sua concentração; nesse quesito, tomou-se também cuidados com o uso de roupas, acessórios e comportamentos que fossem o mais discreto possível, sempre com a preocupação de não interferir no andamento normal da aula.

Para os registros das observações optou-se pelo uso da técnica de registro cursivo, utilizando para as anotações o Protocolo de Observações, seguindo o modelo de Danna e Matos (2006). Todos os alunos presentes à aula foram observados e os comportamentos registrados foram categorizados. Para cada dia foi feito um relatório, terminado os dias de observações foi feito um relatório final de cada turma, que foi definido pela quantidade ou frequência de comportamentos registrados nos protocolos diários de observações.

envolvendo os alunos da turma. As categorias comportamentais definidas acompanham o relatório final (Apêndice O).

Na segunda etapa das observações foram observados apenas os alunos indicados pelos professores no Q1P levando em consideração os comportamentos típicos indicativos da prática de *bullying* os quais foram registrados em Protocolo de Observações (Anexo F) utilizando a técnica de registro cursivo. Nessa fase não houve a participação das juízas por se trata de observações complementares aos trabalhos de pesquisa.

5.5.2.2 Aplicações dos Questionários 1 e 2

Foram aplicados dois questionários aos alunos para coletas de informações a respeito das situações apresentadas em sala de aula no que se refere à prática, vitimização ou testemunha de *bullying*. Os dois questionários foram acompanhados de ficha de identificação onde os alunos escreveram seus nomes. As fichas receberam os códigos de identificação do aluno que foi transcrito no questionário, a ficha então foi excluída, permanecendo apenas a identificação do aluno por meio do código, possibilitando o acompanhamento das participações dos alunos sem que suas identidades fossem reveladas.

Os procedimentos para a aplicação dos dois questionários foram os mesmos. Definiu-se previamente as datas e as aulas utilizadas para a aplicação dos questionários autorizadas pelos professores. Nos dois questionários os alunos foram orientados a ouvirem a leitura de cada questão feita pela pesquisadora e, em seguida, responder a questão, ou seja, a questão foi lida, foi dado um tempo para que os alunos pudessem respondê-la e assim foi feito sucessivamente com todas as questões.

O Q1A foi respondido no final do primeiro semestre e, antes da entrega do questionário aos alunos, estes responderam a uma questão feita em uma tira de papel contendo a seguinte pergunta: Você sabe o que é *bullying*? (Apêndice P). O objetivo deste procedimento foi o de acompanhar a evolução dos conhecimentos adquiridos sobre *bullying* nas atividades realizadas com os alunos. Devolvidas as tiras, foi dada uma explicação sucinta sobre o *bullying*, suficiente para supri-los de conhecimentos básicos sobre as formas de ocorrências do fenômeno para que pudessem responder as questões do questionário, gerando um mapa percentual da ocorrência do *bullying* nas turmas participantes.

O Q2A foi respondido ao final do segundo semestre que corresponde ao término das atividades de pesquisa.

5.5.2.3 Ações educativas

As atividades realizadas com os alunos fazem parte das ações educativas propostas neste trabalho que se baseiam em informações sobre o *bullying*, as consequências para quem pratica, para quem é vítima e para quem convive com esse problema em sala de aula na expectativa de ser a próxima vítima. As atividades foram escolhidas pelos professores nos encontros realizados com eles e o cronograma final ficou assim estabelecido:

a. Palestra

Atividade 1: Palestra sobre *bullying* (Apêndice S)

Responsável: Pesquisadora

Participantes: Todas as cinco turmas

Objetivo antibullying: Transmitir informações sobre *bullying*.

Objetivos específicos: Informar aos alunos a conceituação de *bullying* e suas consequências; incentivar a denúncia; promover a autoanálise dos atos agressivos; oferecer oportunidades aos alunos de exporem suas ideias e sugestões.

Material: Data show

Método: Expor em data show todas as informações necessárias para o entendimento do que é *bullying*, estimular os alunos a falarem sobre o *bullying* e promover debates.

Procedimentos: A palestra foi ministrada nos horários de aulas dos professores participantes e na biblioteca, espaço destinado a este tipo de atividade na escola, onde está instalado o data show. O conteúdo foi exposto em slides (Apêndice S), seguido de explicações da pesquisadora e momentos para questionamentos e relatos de casos dos alunos.

Previsão de tempo para a execução da atividade: 1 hora aula.

Avaliação: Antes da entrega do Q1A os alunos responderam a uma pergunta feita em uma ficha: Você sabe o que é *bullying*?. Ao retornarem das férias, os alunos responderam na avaliação da atividade 2 o que consideram ser *bullying*, dessa forma pudemos verificar a assimilação das informações recebidas sobre o fenômeno nessa palestra.

b. Debates sobre *bullying*

Atividade 2: Debates sobre *bullying*

Responsáveis: Todos os professores participantes

Participantes: Todas as cinco turmas

Objetivo *antibullying*: Verificar e reforçar os conhecimentos adquiridos pelos alunos sobre *bullying* na palestra.

Objetivos específicos: Promover o *follow up*; dar oportunidades aos alunos de exporem suas ideias e sugestões.

Material: Opcional

Método: Estimular os alunos a falarem sobre o *bullying*, reforçar as informações expostas na palestra sobre *bullying* e promover debates.

Procedimentos: Os professores fizeram questionamentos sobre as informações transmitidas na palestra sobre *bullying*, verificaram quais as informações que os alunos não lembravam e reforçaram o conhecimento dos alunos. Os professores questionaram se durante as férias algum aluno assistiu ou leu alguma reportagem sobre *bullying*, promovendo debates sobre a exposição do tema na mídia televisiva ou impressa.

Previsão de tempo para a execução da atividade: 30 minutos.

Avaliação: Os alunos e professores responderam às questões avaliativas da atividade (Apêndice T).

c. Elaborações de cartazes

Atividade 3: Elaborações de cartazes

Disciplina: Arte

Participantes: Todas as cinco turmas

Objetivos didáticos: Distribuir os elementos de um cartaz (texto e ilustração) harmonicamente, obtendo estética e comunicação.

Objetivos *antibullying*: Transmitir e reforçar os conhecimentos sobre *bullying*

Objetivos *antibullying* específicos: Refletir sobre as informações recebidas acerca do *bullying*; transmitir os conhecimentos adquiridos por meio dos cartazes produzidos.

Materiais: Cartolina, mensagens impressas sobre *bullying* em papel A4, cola, tesoura, lápis de cor, canetas e fitas coloridas, revistas, gibis ou outras matérias com gravuras para serem recortadas e coladas.

Método: Avisar previamente aos alunos sobre o dia da elaboração dos cartazes. Solicitar antecipadamente aos alunos que tragam os materiais necessários para a realização da atividade. Preparar as frases que deverão ser digitalizadas e imprimidas em papel A4. Selecionar figuras que poderão ser usadas como gravuras. Trabalhar em grupo. Expor os cartazes em locais de fácil visualização na escola.

Procedimentos: Por apresentarem dificuldades em realizar uma escrita uniforme em cartolinas, conforme relatos dos professores no encontro de definição das atividades, as frases foram formuladas pela pesquisadora, digitadas e imprimidas em papel A4 com fonte variando entre 36 a 72 para o tamanho das letras (Apêndice U). No dia da realização desta atividade, as frases foram apresentadas aos alunos que escolheram a frase de sua preferência, colaram a frase na cartolina e decoraram o cartaz conforme suas preferências e habilidades, colorindo, colando figuras e fitas coloridas. Os cartazes finalizados foram guardados para serem utilizados em data a ser marcada pelo professor responsável pela atividade.

Previsão de tempo para a execução da atividade: 2 horas aula.

Avaliação: Preenchimento da ficha avaliativa da atividade pelo professor e alunos (Apêndice W).

d. Versão musical

Atividade 4: Versão musical

Disciplina: Arte

Participantes: Todas as cinco turmas

Objetivo didático: Analisar a música como forma de arte e transmissão de informações.

Objetivo antibullying: Utilizar a música para reforçar e transmitir os conhecimentos adquiridos sobre *bullying*.

Objetivos específicos: Falar sobre o *bullying* de forma simples e direta; transmitir mensagens de amizade e solidariedade; sentir-se responsável pela transmissão de mensagens *antibullying*.

Materiais: Folha com pauta, caneta ou lápis. Aparelho de áudio opcional.

Método: Produção de texto a partir de música conhecida e exposição de ideias motivacionais.

Procedimentos: O professor colocou uma música como incentivo à composição da versão musical (opcional), permitiu a liberdade de escolha da música sobre a qual foi feita a versão. Sugeriu mensagens *antibullying* como a amizade, solidariedade, respeito às diferenças, paz na escola. Solicitou que compunham a versão musical em sala de aula. Recolheu a versão musical e analisou qual a melhor versão. Cada turma fez sua versão final.

Previsão de tempo para a execução da atividade: Produção do texto musical: 2 horas aula.

Avaliação: Foi aplicado questionário avaliativo aos alunos e ao professor responsável pela atividade (Apêndice Y).

e. Leitura literária

Atividade 5: Leitura literária

Disciplina: Português

Participantes: Todas as cinco turmas

Objetivo didático: Trabalhar a leitura, interpretação e compreensão de texto narrativo.

Objetivo *antibullying*: Analisar a dinâmica do *bullying* por meio das situações expostas no livro.

Objetivos específicos: Promover a sensibilização ao comportamento *bullying*; analisar o comportamento do agressor; analisar o comportamento da vítima; refletir sobre as formas de lidar com o *bullying*.

Material: Livro Pretinha, eu? (Apêndice G)

Método: Solicitar a leitura do livro Pretinha, Eu?. Solicitar análise, interpretação e compreensão do livro.

Procedimentos: A escola adquiriu 29 livros, o que possibilitou que todos os alunos fizessem leitura simultânea em sala de aula. Após a leitura, promoveu-se um debate em sala de aula sobre as cenas de *bullying* apresentadas no livro, incentivando os alunos a indicarem as cenas descritas no livro que os levaram a crer que se trata de *bullying*. Incluiu-se observações sobre o racismo e exclusão social e foi sugerido que se colocassem no lugar das personagens e dissessem o que fariam se estivessem no lugar delas.

Previsão de tempo para a execução da atividade: 5 horas aula.

Avaliação: Foi feito por meio de um questionário interpretativo do livro que foi aplicado aos alunos e um questionário avaliativo para os professores (Apêndice Z).

f. Pesquisa bibliográfica

Atividade 6: Pesquisa bibliográfica – Tema: O *bullying* no mundo

Disciplina: Inglês

Participantes: Turmas C, D e E

Objetivo didático: Entender o uso do léxico inglês no vocabulário português.

Objetivo antibullying: Aprofundar os conhecimentos sobre o *bullying* por meio de pesquisa bibliográfica.

Objetivos antibullying específicos: Saber como foi o início das pesquisas sobre *bullying*; entender o porquê do uso de um termo estrangeiro no vocabulário português; conhecer pessoas de outros países que sofreram *bullying*.

Materiais: Livros, revistas, jornais, papel com pauta, caneta ou lápis.

Métodos: Solicitou-se aos alunos que trouxessem materiais contendo informações sobre o *bullying*. A pesquisa foi realizada em sala de aula com troca de materiais entre os alunos. Foi solicitado aos alunos que redigissem um texto contendo o resultado da pesquisa para ser entregue ao professor..

Procedimentos: Na aula antecedente à realização da pesquisa, foi entregue aos alunos uma lista com sugestões de sites, livros e revistas que poderiam ser pesquisados e utilizados para a pesquisa. O professor disponibilizou materiais complementares. O tema da pesquisa foi: O *bullying* no mundo. Os aspectos pesquisados foram: histórico, onde, como e quando começaram as pesquisas sobre *bullying*; tradução da palavra *bullying*; casos de *bullying* mais noticiados na mídia; pessoas famosas que sofreram *bullying*. Os resultados dos dados colhidos foram apresentados em formato de trabalho escolar, contendo capa com os nomes dos alunos, do professor, o título da pesquisa e o conteúdo.

Previsão de tempo para a execução da atividade: 2 horas aula.

Avaliação: foi feita por meio de questionário avaliativo aplicado aos participantes (Apêndice AA).

g. Pesquisa quantitativa

Atividade 7: Pesquisa quantitativa

Disciplina: Matemática

Participantes: Turmas B, C, D e E

Objetivos didáticos: Conhecer os mecanismos primários da pesquisa quantitativa e confecção de gráficos estatísticos.

Objetivos antibullying: Aprofundar os conhecimentos sobre o *bullying* por meio da pesquisa de campo.

Objetivos antibullying específicos: Estimular a participação dos pais nas reflexões sobre o *bullying*; ter noção de como as pesquisas de campo influenciam nos estudos sobre as intervenções *antibullying*.

Materiais: Sulfite, caderno, lápis ou caneta.

Métodos: Foi entregue uma cópia do questionário a cada aluno, recolhido o questionário respondido, produziu-se um gráfico percentual dos resultados obtidos.

Procedimentos: Foi entregue aos alunos o questionário (Apêndice H) elaborado pelo professor com o auxílio da pesquisadora contendo três questões objetivas para serem respondidas pelos pais ou responsáveis dos alunos. Cada aluno recebeu uma folha que deveria ser entregue a seu pai, mãe, avô ou avó ou outro responsável pelo aluno para que fossem respondidas as questões. Após a devolução dos questionários, foi feita a soma dos dados colhidos e confecções dos gráficos, tarefa que foi realizada em sala de aula pelos alunos com o auxílio do professor. Cada turma confeccionou seu próprio gráfico para que seja conhecido o percentual obtido em sua turma. Ao final foi elaborado pela pesquisadora um gráfico único com os dados colhidos em todas as turmas participantes para obtenção do resultado geral da pesquisa quantitativa.

Previsão de tempo para a execução da atividade: 2 horas aula.

Avaliação: A atividade foi avaliada por meio da ficha avaliativa aplicada ao professor e alunos (Apêndice AC).

h. Mostra de vídeo I

Atividade 8: Mostra de vídeo

Título do vídeo: O pai, o filho e o burrico (Apêndice I)

Série: Tv Escola

Disciplina: História

Participantes: Todas as cinco turmas.

Objetivo didático: Analisar as funções do conto como fonte de informação histórica.

Objetivo *antibullying*: Favorecer a formação de opinião própria.

Objetivos *antibullying* específicos: Perceber que as opiniões são dadas a partir da aparência e não a partir do que é real; analisar a própria opinião antes de dar ouvido às opiniões alheias.

Materiais: Aparelho para transmissão de vídeo, pen drive.

Métodos: Mostra do vídeo e debates.

Procedimentos: O vídeo foi mostrado para todas as turmas participantes da pesquisa seguido de comentários do professor com espaço para debates entre os alunos.

Previsão de tempo para a execução da atividade: 1 hora aula.

Avaliação: Foi feita por meio de questionários aplicados ao professor e aos alunos (Apêndice AD).

i. Mostra de vídeo II

Atividade 9: Mostra de vídeo

Título do vídeo: Exclusão (Anexo E)

Série: Ser ou não ser – Exclusão em debate – Programa Fantástico – Rede Globo

Disciplina: Religião

Participantes: Todas as cinco turmas

Objetivo didático: Estudar a gênese da discriminação e exclusão.

Objetivos *antibullying*: Estimular a associação de casos de *bullying* com a exclusão.

Objetivos *antibullying* específicos: Mostrar o mal que a discriminação e a exclusão podem causar às pessoas; perceber a presença dos conceitos do fenômeno *bullying* no vídeo; analisar a exclusão social pela ótica de quem é excluído.

Materiais: Aparelho para transmissão de vídeo, pen drive

Métodos: Mostra do vídeo e debates.

Procedimentos: O vídeo foi mostrado para todas as turmas participantes da pesquisa seguido de comentários dos professores com espaço para debates entre os alunos.

Previsão de tempo para a execução da atividade: 1 hora aula.

Avaliação: Foi feita por meio de questionários aplicados aos professores e alunos (Apêndice AE).

j. Produção de vídeo

Atividade 10: Produção de vídeo

Disciplina: Ciências

Participantes: Turma A e B

Objetivo didático: Estudo dos fatos jornalísticos como meio de informação científica.

Objetivo antibullying: Transmitir os conhecimentos adquiridos sobre *bullying*.

Materiais: Texto para o jornal (Apêndice J), materiais para compor a cenografia, filmadora.

Método: Escolha dos participantes do vídeo, ensaios e gravação do vídeo.

Procedimentos: O vídeo teve formato jornalístico e os alunos interpretaram o apresentador, apresentadora, convidados e entrevistados, ao todo foram 9 papéis interpretados. O professor expôs os procedimentos do ensaio e da gravação aos alunos e solicitou que se manifestassem aqueles que queriam participar, esclarecendo que só poderiam participar os alunos que tivessem autorização de uso de imagem (Apêndice K) dos pais ou responsáveis. Essa autorização é necessária por se tratar de gravação da imagem dos alunos. O texto foi produzido pela pesquisadora e entregue uma cópia para cada participante os quais decoraram suas falas, ensaiaram a apresentação e só então foram efetivados os procedimentos de gravação. O jornal foi composto por 8 cenas e se ausentaram da sala de aula apenas os alunos que participaram da cena que estava sendo ensaiada, cada cena tem a participação de no máximo três alunos, portanto, se ausentaram da sala de aula, apenas estes três alunos que retornaram à sala quando terminado seu ensaio que teve a duração máxima de 5 minutos, seguido do próximo ensaio com os outros alunos e assim sucessivamente. Estando os alunos preparados, foi marcado um dia para ser feita a gravação que foi feita pelo professor com filmadora própria. O local e horário da gravação foi determinado pelo professor, conforme disposição de horário dos envolvidos na atividade. A filmagem foi exibida na televisão da sala de aula em dia marcado pelo professor.

Previsão de tempo para a execução da atividade: Gravação do vídeo: 1 hora aula. Ensaios: variando de acordo com a progressão dos alunos.

Avaliação: A atividade foi feita por meio de três questionários avaliativos que foram aplicados aos alunos que assistirem ao vídeo, aos que participarem como ator e ao professor (Apêndice AF).

k. Estatuto

Atividade 11: Estatuto

Disciplina: História

Participantes: Todas as cinco turmas

Objetivo didático: Organização da sociedade.

Objetivos *antibullying*: Estabelecer diretrizes e critérios gerais relativos ao controle do *bullying* escolar.

Objetivos *antibullying* específicos: Entender, compreender e aceitar regras que conduzam à boa convivência escolar.

Materiais: Texto estatutário para análise, material para anotações.

Método: Entrega do Estatuto, análise dos critérios estabelecidos, coleta de sugestões de melhorias para elaboração do texto final.

Procedimentos: Foi formulado pela pesquisadora, o estatuto regulamentar que dispõe sobre regras para prevenção, intervenção e controle da prática do *bullying* na escola. Os alunos se agruparam em equipe de no máximo três e receberam uma cópia do estatuto. Foi feita a leitura do estatuto, com pausa para debates entre os alunos. Cada equipe compôs sugestões de modificações que acreditaram serem necessárias para a melhoria do texto final. As sugestões foram escritas em papel de caderno e entregues ao professor que as entregou a nós para que pudessemos utilizar as sugestões compatíveis com o objetivo da atividade.

Previsão de tempo para a execução da atividade: 2 horas aula

Avaliação: Foi avaliado por meio de questionários aplicados ao professor e aos alunos (Apêndice AH).

l. Teatro

Atividade 12: Teatro

Disciplina: Arte

Participantes: Todas as cinco turmas

Objetivo didático: Procedimentos teatrais. Dramatização.

Objetivos antibullying: Oferecer experimentações e discussões sobre eventos que envolvem o *bullying* na escola.

Objetivos antibullying específicos: Utilizar o teatro como meio de formação e informação sobre *bullying*; analisar as causas e formas de enfrentamento do fenômeno; desenvolver o senso crítico sobre as formas de atuação do agressor.

Materiais: Texto do enredo teatral (Apêndice L), materiais para compor a cenografia.

Método: Escolha dos alunos atores, ensaios e apresentação.

Procedimentos: O texto foi produzido pela pesquisadora, o enredo partiu da sugestão de um professor participante e teve a aprovação final do professor responsável pela atividade; foram 10 papéis representados, sendo cinco as turmas participantes, puderam participar do teatro dois alunos por turma, para que todas tivessem a oportunidade de ter um representante nesta atividade. O professor fez o convite em todas as turmas, esclarecendo que só participarão dois alunos por turma, a escolha dos participantes foi feita pelo professor que solicitou ao aluno interessado que represente uma pequena fala do teatro para verificar a possibilidade de sua atuação na peça. Foram escolhidos os alunos que apresentaram menor inibição. Os ensaios tiveram início assim que definidos os atores e foram realizados nos horários da aula de Arte, em local definido no momento dos ensaios. O teatro foi dividido em 8 cenas e os ensaios foram por cenas, evitando a saída de todos os alunos da sala de aula num mesmo momento. Cada aluno se ausentou da aula de Artes por no máximo 10 minutos, retornando para a sala no momento em que começava o ensaio de outra cena com a participação de outros alunos. Os ensaios foram conduzidos pela pesquisadora, pois o professor não pôde se ausentar da sala de aula para ensaiar os alunos e o ensaio não pode acontecer na sala de aula por motivo do barulho, interferindo na concentração dos atores e no desenvolvimento da aula. O professor se responsabilizou em atualizar os conteúdos perdidos pelos alunos nos momentos dos ensaios e os demais alunos não participantes como atores tiveram aulas sobre os procedimentos teatrais como conteúdo teórico e observação da prática por meio do teatro apresentado pelos alunos atores. O teatro foi apresentado a todas as turmas participantes da pesquisa em dia e hora previamente marcados pelo professor.

Previsão de tempo para a execução da atividade: Determinado pelo desenvolver da atividade.

Avaliação: Foi feita por meio de respostas dadas ao questionário avaliativo que foi aplicado ao professor responsável pelo teatro, aos alunos que assistiram à apresentação teatral e aos alunos atores (Apêndice AJ).

As atividades realizadas com os alunos foram planejadas para o início do segundo semestre após as férias, para esse período foi sugerido aos professores que pesquisassem mais sobre o *bullying* e se preparassem para atender as denúncias que poderiam surgir incentivadas pela palestra, única atividade realizada com os alunos antes da saída para as férias.

5.5.2.4 Análises de casos

A análise de caso teve como objetivo analisar individualmente uma amostra dos alunos que participaram das atividades e que apresentaram comportamentos de risco para a prática de *bullying* conforme indicações feitas pelos professores no Q1P.

As análises foram feitas em quatro fases: a primeira análise foi feita por meio das observações da segunda fase totalizando 15 dias de observações. Foram feitas um total de 19 horas e 10 minutos de observações ou 35 horas/aula de tempo observado, distribuídos em 7 horas aula ou 5 horas e 50 minutos de observação em cada turma (Apêndice AM). A segunda análise foi feita por meio das análises individuais das respostas dadas no Q1A pelos alunos indicados; na terceira análise os dados analisados foram as respostas dadas pelos alunos nas avaliações das atividades e a quarta análise foi feita por meio das respostas dadas ao Q2A. Os procedimentos de cada fase foram descritos nos capítulos anteriores.

5.6 Formas de análises dos dados

Os instrumentos e as formas de análises dos dados foram os seguintes:

a. Observações comportamentais:

Análise qualitativa e quantitativa dos comportamentos apresentados pelas turmas e pelos alunos indicados pelos professores.

b. Questionários 1 e 2 para professores e alunos:

Os questionários 1 e 2 para professores foram analisados de forma qualitativa e quantitativa com descrições das respostas dissertativas dadas pelos professores.

Os questionários 1 e 2 para alunos foram analisados quantitativamente resultando em percentuais de respostas dadas.

c. Fichas de avaliações das atividades:

Foram analisadas quantitativamente obtendo-se resultados percentuais das respostas dadas.

Todos os dados quantitativos obtidos dos alunos foram digitados em uma planilha eletrônica e exportados a um programa de análises estatísticas (SPSS, 2003) onde foram computadas as frequências de cada questão e posteriormente feitos os cruzamentos dos dados.

6 RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados das análises quantitativas e qualitativas dos dados obtidos no decorrer dos trabalhos realizados os quais estão distribuídos das seguintes formas:

- a. Trabalhos realizados com os professores
 - Percepções dos professores sobre o *bullying* escolar.
 - Encontros realizados com os professores.

- b. Trabalhos realizados com os alunos
 - A dinâmica do *bullying* no grupo estudado.
 - As ações educativas direcionadas ao grupo estudado.
 - Análises de casos.

- c. Avaliações
 - Avaliações dos professores.
 - Avaliações dos alunos.

6.1 Trabalhos realizados com os professores

Nos relatos dos resultados optamos por usar o termo professor para designar os docentes participantes, mesmo que se trata de 7 professoras e um professor. O termo professor, em nosso caso, designará a categoria professor, dessa forma dificulta-se uma possível identificação da identidade dos participantes.

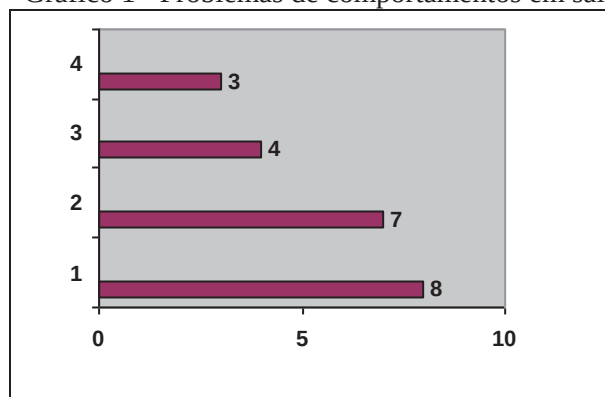
Na aplicação do Q1P partiu-se da pressuposição de que há a necessidade de se conhecer o tema relacionado ao questionário para que se possa respondê-lo com precisão, evitando assim, tanto quanto possível, o preenchimento do questionário com respostas sem nexos com o tema proposto. Desta forma o Q1P foi respondido no terceiro encontro realizado com os professores quando já haviam tido contato com informações relativas ao *bullying*.

6.1.1 Percepções dos professores sobre o *bullying* escolar

Os professores responderam ao Q1P na nossa presença, sem que fossem feitas interferências de nossa parte, exceto nos casos em que se solicitavam esclarecimentos sobre o enunciado de alguma questão. Houve algumas solicitações e essas foram quase todas voltadas para a confirmação de que haviam entendido corretamente. Analisando as respostas pudemos obter os seguintes resultados:

Os oito professores afirmaram enfrentarem algum tipo de problema no que se refere ao comportamento dos alunos em sala de aula e assinalaram como problemáticos os comportamentos listados no gráfico 1:

Gráfico 1 - Problemas de comportamentos em sala de aula



Legenda:

- 1 - Indisciplina, falta de respeito entre os alunos e falta de concentração
- 2 - Falta de limite e comportamento agressivo
- 3 - Falta de respeito com o professor
- 4 - Outro

Fonte: elaborado pela autora

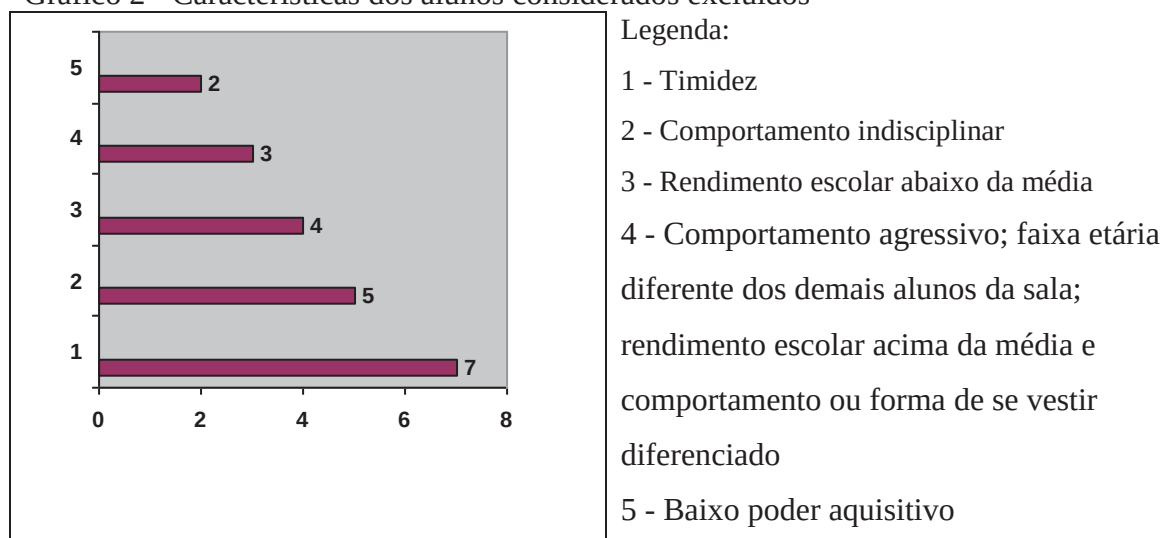
Observa-se que a indicação da indisciplina foi unânime na indicação dos professores como o comportamento mais problemático na sala de aula e três professores assinalaram a alternativa outro, declarando que além desses comportamentos ainda observam outros comportamentos problemáticos em sala de aula que não foram citados como opções de respostas.

Na linha de frente estão a indisciplina e a falta de concentração; a falta de concentração demonstra que o professor não está atingindo o objetivo desejado, ou seja, não está conseguindo fazer com que o aluno preste atenção no conteúdo exposto, portanto o professor não está tendo controle da situação. Por outro lado, sabemos que a indisciplina pode ser uma forma de contracontrole, procedimento citado por Sidman (1995) e Skinner (1976) que se refere ao ato de opor-se contra uma imposição. Observa-se portanto que, nesse contexto, quem está controlando o ambiente da sala é o aluno.

Quanto ao relacionamento entre os alunos nas turmas pesquisadas, os professores citaram mais de uma característica de relacionamento entre os alunos. Foram citadas, numa quantia de seis vezes, que o relacionamento entre os alunos é conflituoso; houve três citações definindo o relacionamento entre os alunos como amistoso; houve uma citação para a característica de individualidade nas turmas e uma citação de formação de grupos fechados. Ao responderem os professores faziam comentários de que os conflitos eram gerados pela alta incidência de indisciplina, ou seja, segundo comentários dos professores, a indisciplina gera conflitos entre os alunos.

Os professores foram unânimes em afirmar que existem alunos excluídos dos grupos de amizade e apontaram as características típicas destes alunos as quais podem ser observadas no gráfico 2:

Gráfico 2 - Características dos alunos considerados excluídos

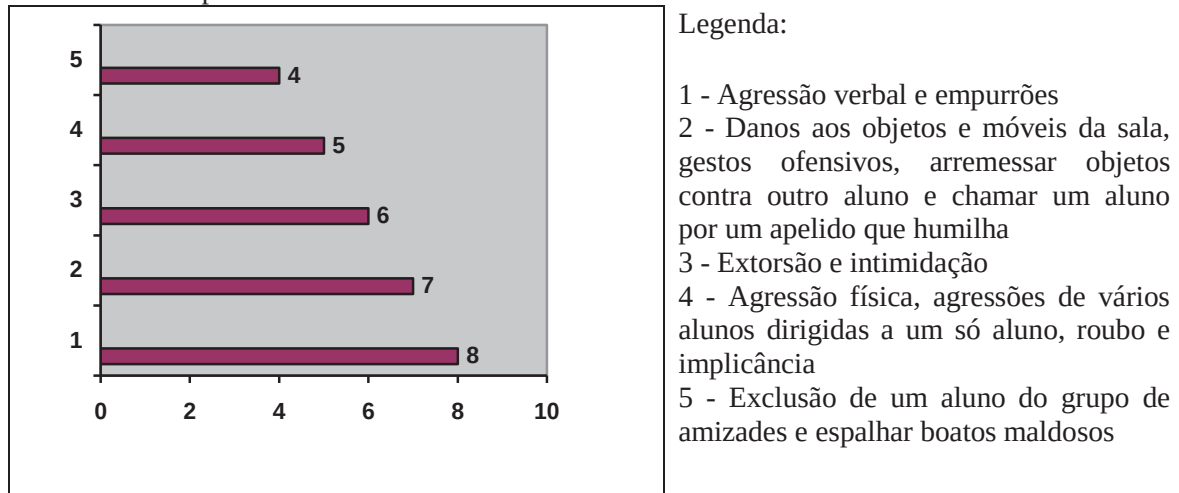


Fonte: elaborado pela autora

Observa-se no gráfico que a característica mais assinalada foi a timidez, entende-se por timidez o comportamento acanhado proveniente de alguém sem coragem, que tem temor, medo ou receio (MICHAELIS, 2002). Essas são as características principais das vítimas submissas de *bullying*, alguém que por não ter coragem de reagir se submete às agressividades do *bully*. Porém, não se deve generalizar, nem as todas as vítimas o são por um determinado perfil, conforme esclarece Martins (2007), as circunstâncias sociais da turma ou as dinâmicas dos relacionamentos dos grupos restritos também influenciam na determinação daqueles que serão excluídos e vitimizados.

Os oito professores afirmaram já terem presenciado comportamentos agressivos entre os alunos, seis professores disseram que presencia com frequência e dois professores disseram que presencia algumas vezes tais comportamentos e a ordem dos comportamentos mais observados para os menos observados estão apresentadas no gráfico 3:

Gráfico 3 - Comportamentos mais observados



Fonte: elaborado pela autora

Também nesse gráfico pode-se observar a prevalência dos comportamentos típicos da prática de *bullying* em sala de aula como as agressões verbais, uso de apelidos pejorativos e os empurrões.

Quanto a ter presenciado casos de *bullying* nas turmas pesquisadas, um professor afirmou não ter presenciado nenhum caso de *bullying* nessas turmas e sete professores disseram que sim e que o local em que presenciaram tal comportamento foi a sala de aula; três professores declararam que além da sala de aula também observaram a ocorrência de *bullying* no corredor da escola.

Cinco professores revelaram já terem recebido denúncias de casos de *bullying* e três professores disseram não terem recebido nenhuma denúncia vinda de alunos. Em relação a ter recebido denúncia por parte dos pais ou responsáveis dos alunos, um professor afirmou já ter recebido este tipo de denúncia e sete disseram nunca terem recebido denúncias vindas dos responsáveis pelos alunos.

Solicitados a definirem o *bullying*, todos os professores o definiram como violência, porém apenas um professor o definiu de forma mais completa, citando a repetição e o desnível de poder. Lembramos que essa definição foi solicitada no terceiro

encontro realizado com os professores, portanto os dois primeiros encontros não foram suficientes para que os professores assimilassem as características definidoras do *bullying*.

Sete professores alegaram já terem tido que intervir em caso de *bullying* e um professor disse não ter tido a necessidade de ter feito esse tipo de intervenção. Os procedimentos adotados diante de uma situação típica de *bullying* citados pelos professores foram:

- *Conscientizo o aluno e, se preciso a família.*
- *Observo com cautela, converso, encaminho para a equipe pedagógica.*
- *Não sei como e nem o que fazer diante de uma situação como essa em sala de aula.*
- *Diálogo com a turma, restringindo em particular com agressores e vítimas.*
- *Tento conversar com o agressor separadamente.*
- *Trato como violência e encaminho ao setor pedagógico.*
- *Converso individualmente, busco conscientizá-lo de que está se comportando errado.*
- *Chamo a atenção.*

Um professor alegou não ter presenciado o *bullying* nas turmas que leciona, por esse motivo não enfrenta obstáculos para enfrentar problemas dessa ordem, porém sete professores afirmaram terem dificuldades nesse tipo de intervenção e relacionaram os seguintes obstáculos enfrentados:

- *Falta de conhecimento suficiente, saber como lidar com essa questão sem prejudicar à aprendizagem.*
- *Os obstáculos e as necessidades aparecem porque não sei como agir.*
- *Identificar quem são os causadores devido ao pouco tempo para tantas atividades.*
- *Não saber como agir e como falar ao aluno sem causar ainda mais danos ao agredido.*
- *Tratar o bullying como violência simples, isto é reflexo da falta de capacitação sobre este tema.*
- *Não estou preparada para enfrentar este tipo de situação, falta apoio pedagógico e dos pais. Não consigo fazer nada sozinha.*
- *Raramente consigo resolver o problema sem fazer ameaças.*

Sintetizando as respostas dadas pelos professores há um foco em evidência: a falta de conhecimento que reflete a falta de formação citada por Royer (2003) onde o professor opta em fazer ameaças por ser o único procedimento que conhece.

Quanto às necessidades que os professores têm para superar a ou as dificuldades em lidar com o *bullying* em sala de aula. Foram apontadas as seguintes necessidades:

- Seis professores citaram a necessidade de mais conhecimento, mais informações para saber identificar o *bullying*.

- Três professores citaram a necessidade de apoio pedagógico.

- Foram citados uma vez cada: a necessidade de tempo para lidar com a situação, necessidade de acompanhamento psicológico tanto para os professores como para os alunos, necessidade de material diferenciado e necessidade de se ter paciência.

Se temos a falta de conhecimento como maior obstáculo ao enfrentamento do *bullying* escolar temos também o conhecimento como maior anseio dos professores.

Nos relatos das medidas adotadas pela escola nos casos de *bullying*, surgiram as seguintes ações:

- Seis professores disseram que a escola chama o aluno agressor e os pais desse aluno para conversar.

- Dois professores citaram o encaminhamento para a patrulha escolar nos casos mais graves;

- Um professor respondeu “ - *Que eu saiba, nenhuma medida*”, outro professor fez o seguinte comentário “ - *Chamo a atenção, pois isto intimida.*”

Os obstáculos ou dificuldades enfrentadas pela escola para lidar com o *bullying* citadas foram as seguintes:

- Quatro professores citaram a falta de conhecimento, não saber identificar e lidar com o *bullying*, não saber distinguir violência pontual de *bullying*.

- Dois professores disseram que falta apoio pedagógico, psicológico e pessoas especializadas em comportamento para ajudar.

- Dois professores disseram que falta a colaboração dos pais.

- Foi citado o número alto de alunos nas escolas, a ausência de profissionais comprometidos com a educação, a falta de cursos de capacitação e, conforme resposta de um professor, “ - *Por falta de identificação os casos mais graves de bullying ficam meio que acobertados*”.

Os professores puderam opinar quanto a atuação da escola no trato com os autores do *bullying*, com as vítimas e com os espectadores. Segue a opinião dos professores quanto ao trato que deveria ser dado pela escola ao agressor:

- Três professores declararam que a escola deveria ser mais rígida com os agressores.
- Dois professores defenderam a ideia de se manter diálogos constantes com os agressores.
- Dois professores disseram que deveriam ser encaminhados às autoridades competentes.

Nas respostas, houve ainda as seguintes citações: atitudes que ajudem os alunos que apresentam problemas comportamentais; fazê-los refletir sobre as consequências de seus atos; procurar entender o motivo das agressões; pedir ajuda a especialistas, acompanhamento psicológico; punição e responsabilizar mais as famílias.

Quanto ao trato com as vítimas:

- Três professores disseram que a escola deveria proporcionar-lhes apoio psicológico.

Foram citados também: o incentivo a denúncia; diálogo constante com atendimento individual; reunião entre pais, professores e a direção; oferecer condições para que ela não sofra violência; encaminhar para o Conselho Tutelar e unir-se aos pais.

Quanto ao trato com os espectadores:

- Três professores disseram que a escola deveria incentivá-los a denunciar.
- Três professores declararam que a escola deveria proporcionar mais informações aos espectadores sobre o *bullying*.
- Na opinião de dois professores a escola deveria conscientizá-los sobre seu papel diante do problema e a consequência da omissão.
- Um professor sugeriu que a escola deveria manter grupos permanentes de estudos e um espaço aberto para o diálogo.

A escola é composta por professores logo presume-se que as dificuldades e suas necessidades são compatíveis com as da escola. Considerando o tempo de existência das instituições escolares e as formas como estas lidam com a violência escolar, acreditamos que essas formas fazem parte do conhecimento caducado citado por Samuelsen e Ertesvåg (2006) pois não se observa renovação nas intervenções feitas que ainda consistem em ameaçar, intimidar e encaminhar.

Em relação às medidas que podem ser implantadas para prevenir e evitar o *bullying* nas instâncias: governamental por meio da Secretaria Estadual de Educação (SEED), escolar por meio da Direção Escolar e da sala de aula por meio dos professores, os professores sugeriram o seguinte:

Quanto às medidas que podem ser implantadas pela SEED:

- Quatro professores sugeriram a inclusão do tema *bullying* nos cursos de formação continuada oferecido pelo estado aos professores.

- Dois professores propuseram que deveriam ser contratadas pessoas especializadas para darem apoio às escolas.

- Dois professores sugeriram a difusão do tema na comunidade escolar.

- Um professor relatou que “ - *A própria SEED poderia lançar como desafio no programa educacional o combate ao bullying. De início, nas semanas pedagógicas e, na seqüência, cursos, seminários, palestras. Do geral para o particular. Isto é, partindo da mantenedora geral para cada escola.*”

- Um professor declarou que o estado deveria “ - *Ser mais rígido em todos os aspectos*”.

Quanto às medidas que poderiam ser implantadas na escola pela direção escolar para prevenir e evitar o *bullying*:

- Quatro professores sugeriram que a escola poderia fazer palestras para toda a comunidade escolar.

- Dois professores disseram que a escola poderia incentivar projetos de conscientização.

Foram sugeridos também: mostrar explicitamente as consequências do *bullying*; realizar atividades extras; promover cursos para os educadores; não colocar alunos mais velhos na mesma turma que alunos mais novos; encaminhar os casos mais graves às autoridades competentes; manter na escola um profissional habilitado para trabalhar valores e boas maneiras e “ - *Reeducar a comunidade escolar no intuito de que os alunos possam levar para casa um novo comportamento, pois muitas vezes o aluno apresenta o perfil de sua família*”.

Quanto às medidas que os professores deveriam tomar em sala de aula para prevenir o *bullying*:

- Três sugeriram que os professores deveriam chamar agressor e vítima para conversar e tentar descobrir o motivo das agressões.

Foram citados também: incluir o tema *bullying* nas atividades escolares; unidade no falar de cada educador; fazer o mapa de sala e procurar separar os possíveis agressores das vítimas; coibir os atos de violência; trabalhar o respeito às diferenças, ética e valores; mostrar as consequências dos atos praticados; solicitar mais apoio do setor pedagógico e da direção.

No espaço destinado a comentários livres. Houve dois comentários que se destacaram por retratar a importância dessa pesquisa, são eles:

“ - *Projeto de suma importância para o ambiente escolar; pois lidamos com pessoas, vidas, sentimentos que merecem respeito. Precisamos de conhecimentos para compreensão e divulgação do tema entre os alunos; para clarear mentes e encher corações para que nossa profissão possa valer a pena.*”

“ - *É louvável o estudo que o colégio está possibilitando aos professores e também a estratégia de iniciar com as turmas do 6º ano para formar um grupo com uma nova visão a respeito do assunto.*”

Analisando os dados colhidos no Q1P percebemos que os oito professores declararam que não sabiam lidar com o *bullying* em sala de aula e a maior dificuldade declarada foi a falta de conhecimento como também a maior necessidade apresentada por eles foi o recebimento de informações a respeito do fenômeno, bem como formas de procedimentos na sua prevenção e intervenção. Os professores demonstraram ter boa percepção das características típicas da prática de *bullying*, mas com dificuldades de identificar as vítimas desse fenômeno.

6.1.2 Encontros realizados com os professores

Como descrito nos procedimentos, os encontros com os professores foram programados para acontecerem semanalmente e os conteúdos acompanharam essa divisão. Portanto foram 10 semanas de encontros sendo que uma foi reservada para a aplicação do Q1P e outra para a reposição de conteúdos aos professores que faltaram em encontros anteriores.

Os trabalhos realizados com os professores seguiram conforme o planejado, com algumas exceções as quais foram previstas com a ajuda do texto de Samuelsen e Ertesvåg (2006). As três barreiras citadas pelos autores, como as barreiras psicológicas, práticas, de valores e poder estiveram presentes no decorrer dos encontros realizados. Enfrentamos

situações de pouco interesse por parte de alguns professores, oposições de valores quando se privilegia a punição e se desacredita no poder do diálogo educativo e falta de local, material e tempo para a realização dos encontros e das atividades *antibullying*. O preparo prévio nos auxiliou nas superações dessas dificuldades.

Seguem os resultados dos encontros:

a. Conceito e Características do *bullying*

A primeira atividade dos encontros foi ler o texto “As principais características dos envolvidos com o *bullying*”, os professores preferiram fazer leitura silenciosa e interrompiam a leitura quando se deparavam com algum ponto que gerava alguma dúvida ou questionamentos. Os questionamentos mais comuns foram: “ - Antes de receber o nome *bullying*, como era chamado este fenômeno?”; “ - O que fazer em casos de *bullying*?”.

Ao final da leitura foi feito um debate sobre as informações contidas no texto e a relação dos conteúdos com o que é percebido em sala de aula. Os relatos dos professores ficaram a maior parte do tempo, em torno de relatos de casos, tanto pessoais, da vida particular de cada professor, como também de casos observados em sala de aula envolvendo questões relacionadas à violência escolar.

Todos os professores utilizaram o tempo para desabafar ou reclamar da falta de apoio tanto da escola como do estado que não lhes dá o respaldo necessário para o enfrentamento a violência escolar. Um professor comentou sobre a dificuldade em identificar as vítimas de *bullying*, visto que estas não se manifestam em sala de aula e que é mais fácil perceber os agressores. Outro professor disse que o primeiro contato com informações a respeito do *bullying* foi por meio desta pesquisa. Houve também o desabafo de um professor que disse nunca ter gostado do uso de apelidos entre os alunos porque sofreu com isto em sua infância e adolescência, vítima de apelidos que o constrangiam. Um professor declarou já ter desistido de tentar melhorar o clima na sala de aula quanto ao comportamento dos alunos, segundo o relato do professor: “ - *Nada mais vai adiantar, nada vai mudar.*”

Percebe-se por meio das reclamações dos professores as dificuldades enfrentadas na profissão docente descritas por Royer (2003) como a falta de contato com novas informações; a não interação da família e da comunidade citada por Abramovay (2002) e a não percepção do professor em relação ao papel que desempenha no contexto escolar

citado por Koehler (2006) quando o professor afirma que “*nada mais vai adiantar*”, afirmação que pode ser um indício de desistência psicologia da profissão citado por Codo (1999).

Após esclarecimentos sobre o comportamento da vítima em sala de aula, foi solicitado aos professores que observassem os alunos das turmas participantes numa tentativa de identificar possíveis casos de *bullying*. A sugestão foi de que as observações deveriam ser voltadas especialmente para a identificação de possíveis vítimas, pois, conforme relatos ouvidos no encontro, os educadores identificam com facilidade os agressores mas não identificam suas vítimas. Nesse encontro foi feito esclarecimentos sobre os comportamentos típicos dos praticantes de *bullying* e foi solicitado aos professores que observassem se há alunos nas turmas que apresentam tais comportamentos.

b. Identificando o *bullying* na sala de aula

As atividades realizadas nesse encontro tinham como foco principal reforçar os conhecimentos adquiridos sobre *bullying* no encontro anterior, identificando características típicas nas situações apresentadas e refletindo sobre a forma de atuação em cada uma delas. A cada situação lida, o professor se manifestava, respondendo as questões que acompanhavam as situações. As questões tinham como objetivo levar os professores a refletirem sobre os papéis desempenhados pelos envolvidos em casos de *bullying*, incluindo a atuação do professor.

De forma geral, todos os professores souberam identificar os casos de *bullying*, reconheceram as características do fenômeno em cada situação apresentada e as condutas adequadas para cada situação, que seria investigar a situação para não cometerem erros e manter um diálogo com agressor e vítima.

Quanto às observações recomendadas no encontro anterior, dois professores relataram um caso que acreditavam ser *bullying*, os demais professores disseram que confirmaram a presença dos agressores, mas não tinham certeza se tratava-se de *bullying*, pois não conseguiram identificar uma vítima que estivesse sendo constantemente maltratada. Houve comentários de que há uma confusão entre o que se entende por indisciplina e o que é violência, pois a presença de alta incidência de indisciplina tumultua o ambiente e prejudica a análise de casos de *bullying*, o que só pode ser confirmado com mais tempo de observações, conforme relatos de quatro professores.

As dificuldades em identificar as vítimas podem ser geradas pela possibilidade de associações entre as características das vítimas submissas com características de alunos disciplinados, os considerados bons alunos porque ficam quietos em sua carteira (MORITA, 2002). O comportamento submisso para Del Prette e Del Prette (1999) não provoca confronto e a falta desse pode ser vista erroneamente como algo desejável socialmente.

c. Fundamentações teóricas da prevenção e intervenção ao *bullying* escolar

A leitura do texto fluiu normalmente, com análises simultâneas dos pontos mais relevantes do texto e citação de exemplos para que a interpretação e compreensão fossem feitas com êxito. Não foi percebida nenhuma dificuldade de compreensão do texto. Para a realização da análise funcional foi solicitado que o professor relatasse um caso de violência escolar, *bullying* ou indisciplina que tenha presenciado. O professor relatou primeiro oralmente e depois por escrito o caso a ser analisado e em seguida, com a ajuda da pesquisadora, o caso foi analisado em evento antecedente, comportamento do sujeito e evento consequente (SKINNER, 1998).

Cada professor fez um relato e uma análise funcional diferente, escolhemos três atividades que melhor representam os resultados deste exercício. Segue abaixo, a transcrição destas três análises, das oito realizadas:

1 - Transcrição da análise funcional

Relate, de forma sucinta, um episódio de indisciplina, *bullying* ou violência escolar que você observou em sala de aula.

Relato

Busca de livros

Duas turmas de 5ª série não receberam o livro didático de Português. Devido a este fato, a cada aula alguém precisa buscar uma caixa com os livros e no término da aula devolver os livros. Muitos alunos querem buscar a tal caixa. Certo dia um aluno teve sua primeira oportunidade de buscá-los, ao entrar na sala de aula com a caixa nas mãos, outro aluno, que costumava provocá-lo, coloca o pé na sua frente e este tropeça e cai, derrubando todos os livros. Os alunos que fazem parte da turma dos provocadores riram e o aluno que caiu se sentiu envergonhado, a partir daí este aluno se fechou.

Agora faça a análise funcional do episódio relatado:

Quadro 1 - Análise funcional 1

Evento antecedente ou estímulo	Comportamento ou resposta do sujeito	Evento consequente ou consequência
<i>Aluno dá rasteira no aluno que entra com a caixa de livros nos braços</i>	<i>Aluno busca caixa com livros.</i> <i>Aluno com a caixa de livros cai.</i> <i>Procurou se justificar, sem sucesso porque os provocadores não permitiram devido ao sarro</i>	<i>Todos riem</i> <i>O aluno ficou mais tímido, tem receio do grupo, não quer brincadeiras, enfim, se fechou.</i>

Fonte: transcrito pela autora

2 - Transcrição da análise funcional

Relate, de forma sucinta, um episódio de indisciplina, *bullying* ou violência escolar que você observou em sala de aula.

Relato

Durante uma avaliação de Português, os alunos faziam a prova em um silencio absoluto. Uma determinada aluna fez uma pergunta sobre a prova, antes da minha resposta explicativa, um aluno começou a tirar sarro pelo fato da questão ser muito fácil. A aluna começou a chorar e se recusou a terminar a avaliação. O tumulto foi grande, os apelidos contra essa aluna foram muitos. A minha atitude foi retirar a aluna da sala, levá-la para a coordenação e depois de muito tempo ela conseguiu terminar a prova na biblioteca. O agressor levou um sermão e continuou a prova.

Agora faça a análise funcional do episódio relatado:

Quadro 2 - Análise funcional 2

Evento antecedente ou estímulo	Comportamento ou resposta do sujeito	Evento consequente ou consequência
<i>Dia de prova</i>	<i>Aluna faz uma pergunta sobre uma questão da prova</i>	<i>Um aluno tira sarro e a humilha perante a turma</i>
<i>O aluno a chama por apelidos pejorativos</i>	<i>A aluna começa a chorar e se recusa a continuar a prova</i>	<i>A professora leva a aluna para a coordenação para ela se acalmar e terminar a prova</i>
<i>A professora chama a atenção do aluno</i>	<i>A aluna pediu transferência de escola</i>	

Fonte: transcrito pela autora

3 - Transcrição da análise funcional

Relate, de forma sucinta, um episódio de indisciplina, *bullying* ou violência escolar que você observou em sala de aula.

Relato

Em sala de aula, eu estava explicando conteúdo e todos os alunos participando. De repente um aluno começou a agredir verbalmente uma garota e ela respondeu com insultos. Fui até a carteira da garota e pedi que ficasse quieta, que no final da aula eu ia resolver com a pedagoga. Quando virei, ela jogou o estojo no garoto e quebrou o vidro da janela. Mande os dois saírem da sala e ir para a supervisão resolver o problema. A solução dada pela supervisão foi de os dois alunos pagarem pelo vidro quebrado.

Agora faça a análise funcional do episódio relatado:

Quadro 3 - Análise funcional 3

Evento antecedente ou estímulo	Comportamento resposta do sujeito ou	Evento consequente ou consequência
<i>Aluno provoca aluna</i>	<i>Aluna provocada joga estojo no aluno</i>	<i>O estojo quebrou o vidro da janela</i>
<i>Os dois alunos vão para a supervisão</i>	<i>Aluna reclama</i>	<i>Os dois pagaram pelo vidro quebrado</i>

Fonte: transcrito pela autora

Nessa atividade percebemos que os professores tiveram facilidade em entender os conceitos da AC, porém demonstraram dificuldades em separar os eventos antecedentes dos eventos consequentes, análise que só se concretizou com nossa ajuda e que propiciou reflexão mais apurada sobre os estímulos ambientais, conforme comentários feitos pelos professores.

d. Dificuldades em se implantar um projeto *antibullying* no contexto escolar

O texto foi entregue no encontro anterior aos professores e solicitado que fizessem leitura prévia, um professor disse ter lido o texto, os demais alegaram falta de tempo para a leitura. O texto desse encontro foi apresentado em espanhol o que, a princípio, provocou uma rejeição dos professores, rejeição esta que foi superada após perceberem que se tratava de um texto com vocabulário de fácil compreensão. Não houve qualquer problema

ou prejuízo com a leitura do texto em espanhol que pudesse prejudicar o objetivo do encontro.

Os debates dessa semana ficaram em torno das dificuldades em se implantar um projeto na escola, baseados nas discussões sugeridas pelo texto do qual foi lido apenas os tópicos mais relevantes para o projeto. Foi solicitado aos professores que fizessem uma leitura posterior em suas casas.

O ponto mais debatido do texto foi a necessidade de a escola aprender se quiser continuar sendo uma instituição que ensina. Nesse item um professor salientou a importância da formação continuada e da posição crítica de alguns professores que não participam de cursos de capacitação diante de outros que participam ativamente dos cursos, um professor reproduziu o comentário que ouviu de outros professores: “ - *Há! Mas eu não preciso mais de avanço, porque eu vou fazer curso? Meu aluno não estuda, não tem interesse.*” e concluiu dizendo: “ - *Mas esta falta de interesse é geral! Será que não entendem que, como meu físico precisa de alimento, meu intelecto precisa do saber.*” Para entendermos melhor o que significa a fala do professor devemos saber que no estado do Paraná a cada curso feito pelos professores, estes recebem uma pontuação em seu currículo, atingindo uma soma estipulada pela SEED o professor sobe um nível em sua carreira docente, o que significa uma progressão que pode proporcionar um aumento de salário, é o que a professora chamou de “*avanço*”. Alguns professores já atingiram a pontuação máxima, o que significa que fazer cursos não lhes trará nenhum avanço na pontuação.

No encontro também foram discutidos os itens fragmentação e sobrecarga da profissão docente; a atuação docente em nível individual, grupal e organizativo; a análise das carências e as barreiras a serem enfrentadas na implantação de um projeto na escola. Dentre essas barreiras, cinco professores citaram a falta de coerência dentro do próprio grupo de professores e entre estes e a equipe pedagógica. Os professores relataram que há um descompasso entre as atitudes tomadas entre os professores no que se refere ao controle de comportamentos indisciplinados ou agressivos, por exemplo, o que ocasiona formas diferentes de lidar com o problema, resultando em conflitos quando um professor toma uma determinada atitude e outro discorda dessa atitude, as vezes discordando até mesmo diante dos alunos ou desfazendo em sala de aula o que foi feito anteriormente para controlar o comportamento indisciplinado ou agressivo, como a discordância e/ou menosprezo a regras decididas em reunião pedagógica.

Conforme relatos dos professores há ainda o descompasso entre o que os professores e a equipe pedagógica acreditam ser a melhor forma de agir diante destes problemas. Os professores citaram o exemplo da seguinte situação: os professores colocam um aluno para fora da sala de aula por motivo de perturbação, encaminhado-o à biblioteca para fazer as atividades ou para a equipe pedagógica e esta o manda de volta à sala, desautorizando o professor. Os professores enfatizaram a necessidade de integração entre a conduta adotada pelos professores e entre estes e a equipe pedagógica. Um professor ressaltou que: “ - *Esta incoerência acaba por deixar o professor desacreditado e sua autoridade abalada*”.

Por meio do relato de um professor percebeu-se a falta da percepção de que a formação continuada não é e nem deve ser de interesse apenas pessoal, mas sim de interesse coletivo (BELINTANE, 2002). Essa decisão não poderia ser individual como se não houvesse vínculo entre a decisão tomada e a atuação do profissional que trabalha com a educação, fonte de interesse social. Além disso, a decisão de não participar da formação continuada não deve se amparar na falta de interesse do aluno em estudar justamente porque é essa falta de interesse que sinaliza a necessidade da busca de novos saberes, novas práticas pedagógicas que instiguem a curiosidade do aluno. De qualquer forma não é uma decisão que só afetará o salário do professor, é uma decisão coletiva que afeta todos os interessados na produtividade educativa.

Os descompassos dos discursos entre os educadores citados por Abramovay (2002) foram registrados neste encontro os quais foram debatidos por Samuelsen e Ertesvåg (2006) quando destacaram a falta de coerência e coesão entre os discursos e atitudes dos professores como um desafio a ser superado na implantação de estratégias de combate a violência escolar.

e. Conceituações das diferentes manifestações da violência escolar

Esse encontro foi destinado ao estudo das diferentes manifestações de indisciplina e violência escolar. Com base nos textos e nos debates promovidos nos encontros anteriores pode-se fazer uma análise das diferenças entre conflito, indisciplina, *bullying* e demais formas de violência escolar (ORTEGA et al, 2006a; ORTEGA et al, 2006b).

Foi esclarecido que os conflitos são saudáveis e naturais do desenvolvimento das relações interpessoais desde que respeitados os limites do bom diálogo que devem ser

ensinados às crianças pois estas não nascem com esse conhecimento pronto, conforme esclarece Leme (2004). Enquanto forma de exposição e debates de ideias opostas ou discussão sobre pontos de vista diferentes, o conflito pode gerar desenvolvimento na capacidade de argumentação, defesa de seu ponto de vista, reconhecimento de modos diferentes de ver o mundo e de que é possível conviver pacificamente com pessoas que pensam e agem de forma diferente.

Já a indisciplina se caracteriza pela quebra de regras estabelecidas pela instituição escolar. Ressaltou-se nesse item que só podemos dizer que um aluno cometeu um ato de indisciplina se conhecer as regras disciplinares da escola, mesmo que para os professores as regras disciplinares sejam claras, para um aluno do 6º ano pode não ser tão claras assim. Portanto, ele pode estar sendo acusado de quebrar uma regra que ele, na realidade, nem sabe que existe. Um ato indisciplinar gerar conflito entre professor e aluno quando este não entende a necessidade da regra que aquele estabeleceu. Por esse motivo toda regra disciplinar deve ser discutida com os alunos para que possam assimilar e compreender a real necessidade das regras estabelecidas.

Esclareceu-se que a passagem do conflito para a violência escolar ocorre quando percebemos que uma das partes envolvidas começa a ofender, ameaçar ou agredir fisicamente a outra parte, saindo de uma discussão de pontos de vista diferentes para o que consideramos violência verbal ou física. A violência escolar se difere da indisciplina porque o que foi quebrado foi o direito à integridade física e moral do indivíduo podendo a vítima recorrer às autoridades competentes para o ressarcimento dos danos causados; já no caso de indisciplina o que foi quebrado foi a regra estabelecida pela instituição e cabe a esta resolver o problema com os envolvidos

O *bullying* por sua vez se difere de outras formas da violência escolar por não ser um caso pontual, ou seja, não acontece e se encerra em apenas um momento, ele é recorrente e traz a marca da lei do mais forte impondo suas vontades sobre o mais fraco.

Todos esses conceitos foram devidamente esclarecidos e debatidos entre os professores, favorecendo a percepção das diferenças nos comportamentos problemáticos em sala de aula, amparando-os na tomada de medidas específicas necessárias para cada caso. Os comentários que mais surgiram entre os professores foram sobre a generalização da conduta tomada diante de casos diferentes, ou seja, os procedimentos são iguais para todos os casos, relatos que reforçam a necessidade de formação específica para o enfrentamento à violência escolar (ROYER, 2003).

f. Compreensão e análises de casos

Nessa semana de encontros foram realizados seis exercícios de reflexão. No primeiro exercício o professor deveria relatar um caso de *bullying* e descrever as características essenciais e elementos distintivos do caso relatado. Nos encontros anteriores os professores demonstraram dificuldades em lembrar um caso específico de *bullying*, por esse motivo entregamos aos professores uma cópia do resumo da estória relatada no livro Pretinha, eu? de Júlio Emílio Braz (Apêndice G), para que os professores pudessem fazer os exercícios baseados no resumo.

Durante o encontro um participante ressaltou a importância do professor, mas que essa importância parece ser percebida somente no dia em que ele falta e completou, dizendo: “ - *A escola fica louca*”, se referindo a grande quantidade de alunos que ficam no pátio da escola atrapalhando as outras turmas que estão tendo aula.

O mesmo professor levantou a questão da cobrança de uma aula atrativa, o culpabilização do professor pela falta de interesse do aluno. Ressaltou que o único instrumento que os professores têm para manter os alunos interessados nas aulas são as atividades curriculares e que: “ - *O professor não é uma pessoa famosa e bonita da televisão que vem para a escola dar um show diário para uma média de 400 a 800 alunos*”. Em outro momento, um participante reclama da falta de união dos professores, que estes deveriam se unir “ - *Não só para cobrar salários melhores, mas cobrar também iniciativas de combate a violência na escola*”. Disse que os professores deveriam se recusar a entrar em sala de aula como forma de protesto diante do problema da violência escolar e relata: “ - *Se você manda um aluno para fora da sala de aula, não é bom professor, se você o mantém na sala, não consegue dar aula*” e completa dizendo: “ - *Na semana pedagógica, só teoria, falar da corrente filosófica de fulano de tal. E a prática? Teoria que a gente nunca usa na prática*”.

O desabafo se referiu à falta de material prático, de ajuda prática no combate a violência na sala de aula, da falta de textos que tragam descrições claras de como colocar em prática toda a teoria que se julga ser importante para a educação, principalmente no que se refere a contenção da violência escolar. Essa reclamação também foi registrada por Belintane (2002) quando professores reclamaram do distanciamento entre as teorias vindas das universidades e a real necessidade das escolas.

Para a realização do exercício 1 a maioria dos professores preferiu utilizar o resumo do livro, portanto os relatos ficaram parecidos e por esse motivo preferimos expor a amostra dos exercícios realizados por dois professores que relataram fatos observados por eles em sala de aula. Os dois modelos seguem abaixo:

Definir a violência escolar

Quadro 4 - Relato de caso de violência escolar

Relato 1	
RELATO DE CASO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR	
Momento de leitura. A professora solicita que um determinado aluno faça a leitura do texto. Um colega próximo diz que ele não sabe ler porque a mãe dele é analfabeta. O ofendido revida dizendo que analfabeta é a mãe dele por ser catadora de lixo. E assim prosseguem as agressões.	
ESTUDO DE CASO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR	
Características essenciais	Elementos distintivos
Conflito entre alunos com agressão verbal	Xingamentos à mãe; indisciplina; violência verbal
Relato 2	
RELATO DE CASO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR	
A aluna faz uma pergunta para a professora e o aluno a chama de loira burra. A aluna começa a chorar e o aluno continua a chamá-la de loira burra até que ela sai da sala. A aluna já havia sido chamada por este apelido em outros momentos.	
ESTUDO DE CASO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR	
Características essenciais	Elementos distintivos
Violência verbal	A repetição do fato leva a pensar que tenha sido <i>bullying</i> .

Fonte: transcrito pela autora

No exercício 2, todos os professores preferiram fazer a análise baseado no resumo da história do livro Pretinha, eu?. Portanto os exercícios ficaram parecidos, pois as características analisadas eram as mesmas. Por esse motivo, optamos em expor apenas o resultado de um exercício que servirá de amostra.

Definir o contexto do *bullying*

Quadro 5 - Definir o contexto do *bullying*

ESTUDO DE CASO DE BULLYING	
Onde se desenvolveu a ação: Na escola	
Características dos participantes Vítima: Cor escura, pobre, inteligente, simpática Agressor(es): Cores brancas, ricas populares na escola	
O que ocorreu entre os participantes: Perseguição, intenção de humilhar	
Provável motivo: Preconceito	
Fatores contextuais relacionados: A pobreza, a aluna era bolsista e em cem anos de existência, nunca antes havia estudado uma criança negra nesta escola.	
Desfecho do episódio: A agressora enfraqueceu-se, o diretor fez uma campanha contra o preconceito.	
ESTUDO DO CONTEXTO	
Contexto social	
Vítima Pobre	Agressor Rico
Contexto familiar	
Vítima Tinha uma família que sempre a apoiava	Agressor Os pais eram ausentes e preconceituosos
Contexto escolar	
Vítima Tirava notas boas	Agressor Mediana no rendimento escolar
Contexto interpessoal	
Vítima Isolada, excluída	Agressor Popular

Fonte: transcrito pela autora

No exercício 3 foi solicitado aos professores que descrevessem exemplos de comportamentos problemáticos observados em sala de aula que podem converter-se em fatores de risco à violência escolar e que classificassem cada evento como indisciplina, conflito ou *bullying* e/ou outras formas de violência escolar, completando com uma sugestão de como agir diante de cada exemplo dado. Optou-se por transcrever os exercícios feitos pelos oito professores por fornecerem um rico material de estudo quanto a

percepção dos professores frente às várias situações problemáticas vivenciadas por eles na sala de aula.

Exercício 3

Quadro 6 - Exemplos de comportamentos problemáticos em sala de aula

Relato 1	
Comportamento problemático	Classificação e sugestão para a solução do problema
Não faz as atividades. Não pega material escolar. Fica andando pela sala, mexendo com os outros alunos.	Classificação: Indisciplina.
	Sugestão: Chamar os responsáveis, cobrar que tome atitude com o aluno sobre sua postura em sala de aula.
Não aceitar a repreensão da professora e a acusa de estar mentindo.	Classificação: Conflito.
	Sugestão: Tentar o diálogo, se for possível.
Aluno danifica objeto da escola, móveis, etc..	Classificação: Depredação.
	Sugestão: Chamar os responsáveis para pagarem o dano causado.
Pegar objetos de colegas sem permissão.	Classificação: Roubo.
	Sugestão: Não podemos fazer nada, trata-se de menores.
Relato 2	
Comportamento problemático	Classificação e sugestão para a solução do problema
Não traz material. Desacato ao professor. Não é participativo.	Classificação: Indisciplina.
	Sugestão: Esclarecer e fazer cumpri-las.
Xingamentos.	Classificação: Violência verbal..
	Sugestão: Conscientização.
Violência, agressão e danos à vítima.	Classificação: Violência física.
	Sugestão: Conscientização e encaminhamento.
Agressão verbal constante.	Classificação: <i>Bullying</i> .
	Sugestão: Esclarecimentos sobre o tema e o quão desagradável é para a vítima.
Relato 3	
Comportamento problemático	Classificação e sugestão para a solução do problema
O aluno não trazer material.	Classificação: Indisciplina.

	Sugestão: O aluno perde nota de conceito.
Discussão entre alunos por causa do material.	Classificação: Conflito.
	Sugestão: Ninguém pode emprestar material de ninguém.
Os palavrões de baixo calão.	Classificação: Violência verbal pontual.
	Sugestão: A intervenção do professor.
Intimidação feita pelo aluno para conseguir algo.	Classificação: <i>Bullying</i> .
	Sugestão: Relatar o caso para a direção, chamar os pais.
Relato 4	
Comportamento problemático	Classificação e sugestão para a solução do problema
Xingar, gritar.	Classificação: Falta de regras.
	Sugestão: Criar regras de convivência e fazer cumpri-las.
Violência.	Classificação: Agressão física.
	Sugestão: Encaminhar para as instâncias competentes.
Gritos e discussões.	Classificação: Agressão verbal.
	Sugestão: Fazer cumprir regras estabelecidas.
Falta de educação familiar.	Classificação: Ausência da familiar.
	Sugestão: Acompanhamento e incentivo nos estudos do filho.
Relato 5	
Comportamento problemático	Classificação e sugestão para a solução do problema
Aluno abre estojo do outro e pega uma caneta sem permissão, isso gera discussão.	Classificação: Conflito.
	Sugestão: Mediação de conflito.
O aluno se recusa a fazer a tarefa e fica perturbando os colegas que participam.	Classificação: Indisciplina.
	Sugestão: Chamar a atenção do aluno e incentivá-lo a fazer a atividade.
O aluno ofende verbalmente a mãe do outro aluno, levantam e vão para a violência física.	Classificação: Violência física pontual
	Sugestão: Registro de ocorrência e encaminhamento ao conselho tutelar.
Colegas colocam apelidos em uma aluna e ela não gosta, assim a chamam a todo momento.	Classificação: <i>Bullying</i> .
	Sugestão: Conscientizar sobre o problema e exigir que cessem as ofensas.

Relato 6	
Comportamento problemático	Classificação e sugestão para a solução do problema
Dois alunos se agredem.	Classificação: Violência pontual.
	Sugestão: Conversar com os dois alunos para descobrir os motivos de seus atos.
Aluno joga papel ou objetos em outro aluno.	Classificação: Indisciplina.
	Sugestão: Descobrir as razões das atitudes realizadas pelos alunos.
Ofensas constantes por parte de um aluno a outro.	Classificação: <i>Bullying</i> .
	Sugestão: Levar ao conhecimento do setor pedagógico para que possam acompanhar o caso, se necessário chamar os responsáveis ou encaminhar ao Conselho Tutelar.
Aluno pichando as paredes e as carteiras da escola.	Classificação: Vandalismo
	Sugestão: Orientar esses alunos, conscientizando-os que suas atitudes constituem ato infracional e fazê-los repararem o dano causado.
Relato 7	
Comportamento problemático	Classificação e sugestão para a solução do problema
Discussão pela posse de algum objeto.	Classificação: Conflito.
	Sugestão: Mediar.
Sair da sala sem autorização.	Classificação: Ato de indisciplina.
	Sugestão: Mostrar a regra da escola.
Agressão física.	Classificação: Violência pontual.
	Sugestão: Fazer o aluno reparar o dano causado.
Ficar humilhando, empurrando.	Classificação: <i>Bullying</i> .
	Sugestão: Chamar a patrulha.
Relato 8	
Comportamento problemático	Classificação e sugestão para a solução do problema
Discussão pela posse de um objeto.	Classificação: Conflito.
	Sugestão: Mediar.
Quebra de vidros.	Classificação: Depredação.
	Sugestão: Fazer o indivíduo pagar o que ele quebrou.

Chegar atrasado às aulas.	Classificação: Indisciplina.
	Sugestão: Mostrar as regras da escola
Agressões físicas.	Classificação: Violência.
	Sugestão: Chamar a polícia.

Fonte: transcrito pela autora

Nos casos em que o *bullying* foi citado podemos perceber que alguns professores ainda não acreditam no seu potencial de interventor e opta pelos encaminhamentos para a Direção, para o setor pedagógico, para os pais, para o Conselho Tutelar e para a Patrulha Escolar. Prevalece nessa visão, conforme esclarece (KOEHLER, 2006), a falta da crença de que se é capaz de resolver a questão buscando informações (ROYER, 2002) e adquirir conhecimentos que se traduz na habilidade de aspirar desmesuradamente por evolução (DEMO, 2001) que, nesse caso, pode ser configurada nas transformações das formas de intervir.

O exercício 4 foi baseado nas análises do texto que o acompanha, por este motivo as respostas dos professores foram parecidas, se diferenciando apenas no quesito medidas que deveriam ser tomadas na reunião. Por isso, apenas esse item será transcrito com as respostas de todos os professores de forma resumida.

Exercício 4

Quadro 7 - Exercício 4

Quais são as características que diferem João de Luis?	
João Os professores descreveram João como um aluno ruim de nota e bom de bola.	Luis Os professores descreveram o Luis como bom aluno e bom de bola.
Há a possibilidade de estas características interferirem na decisão dos educadores? Todos os professores responderam sim, que as características dos alunos interferem na decisão sobre a atitude que deve ser tomada.	
Que medidas deveriam ser tomadas nesta reunião? As medidas citadas pelos professores foram: - Três professores sugeriram que deveriam investigar melhor a situação para verificar se não é perseguição de Luiz, caracterizando <i>bullying</i> . - Dois professores declararam que os dois alunos deveriam ser punidos. - Dois professores disseram que ambos os lados deveriam ser investigados. - Um professor alertou para não rotularem os alunos e procurarem observar caso a caso.	

Fonte: transcrito pela autora

Para o exercício 5, novamente foi usado o resumo do livro Pretinha, eu? para a análise, o que gerou relatos parecidos e, por este motivo, optamos por apresentar uma síntese das respostas dadas.

Exercício 5

Quadro 8 - Exercício 5

ANÁLISE DE CASO DE BULLYING	
Descrever um caso de bullying:	
Todos os professores preferiram utilizar a análise do caso apresentado no livro Pretinha, eu?	
Quais as medidas que foram tomadas:	
De forma geral, as medidas citadas pelos professores foram:	
A princípio a professora chamava a atenção da agressora.	
A escola vai tomando conhecimento aos poucos.	
O diretor da escola disse que iria fazer uma campanha contra o racismo.	
Quem as tomou:	
Todos responderam que foi a professora e o Diretor.	
ANALISAR A ATUAÇÃO DE CADA PARTICIPANTE	
O QUE FAZEM	
A vítima	
Os professores relataram que a vítima se sobressaiu muito bem, ignorando e estudando cada vez mais.	
O agressor	
Os professores descreveram a agressora como alguém que perseguia, humilhava, não estudava e se irritava com as boas notas da vítima.	
O professor	
Somente chamava a atenção, foi a resposta de todos os professores neste item.	
Os colegas de classes	
Os professores relataram que:	
Por medo de serem vítimas, ficavam a favor da agressora; tomavam partido do lado da agressora; foram omissas; eram dominadas; se divertiam com a situação.	
O diretor	
Os professores disseram que o diretor foi omissos e somente depois da humilhação pública sofrida pela vítima toma alguma atitude.	

A equipe pedagógica Não aparece na história.
Os pais da vítima Em geral, os professores disseram que os pais da vítima a incentivavam a estudar para vencer as dificuldades e o preconceito.
Os pais do agressor Para os professores os pais da agressora eram omissos, ausentes da vida da filha e incentivavam o preconceito.
ANALISAR A ATUAÇÃO DE CADA PARTICIPANTE O QUE DEVERIAM FAZER
A vítima Todos os professores responderam que a vítima agiu bem, impondo sua condição de indivíduo único, ignorando a plateia e mostrando sua competência.
O agressor Os professores responderam que a agressora deveria mudar de comportamento; conscientizar-se que todos devem ser respeitados e que preconceito é desumano; ser mais tolerante às diferenças, valorizando as qualidades da vítima; tomar vergonha e parar de agredir; junto com os pais, repensar como estava agindo.
O professor Em relação a atitude que o professor deveria ter tomado foram citados: Ter tomado providências na primeira provocação; não permitir que chegasse aonde chegou; compreender sobre até que ponto as ações são prejudiciais à vítima; chamar os pais da agressora para conversar; conversar com a agressora e conscientizá-la do erro e a da forma como estava agindo.
Os colegas de classe Em relação a atitude que os colegas de turma deveriam ter tomado, os professores citaram o seguinte: Ajudar a vítima; não terem medo; tomar partido do que é correto; não terem se omitido; não serem “<i>Maria-vai-com-as-outras</i>”; denunciar a agressora e apoiar a vítima; ignorar a agressora e fazer ela se sentir ridícula com o que estava fazendo.
O diretor Quatro professores disseram que o diretor deveria ter tomado uma atitude desde que foi comunicado dessa situação; três professores declararam que ele deveria fazer um trabalho de conscientização. Foi citado também: organizar campanha contra o preconceito; tomar providências mais enérgicas; chamar a atenção dos pais e mostrar o erro que seus filhos estavam cometendo.

A equipe pedagógica

As atitudes que a equipe pedagógica deveria ter tomado, segundo os professores são as seguintes: Elaborar trabalho de conscientização; trabalhar junto ao professor contra atitudes negativas em sala; não ter se omitido; ser mediadora desde o início do caso; realizar reunião com os pais da agressora e vítima; junto com o diretor, promover palestras e cursos contra o *bullying* e “*ter mais pulso, elas não fazem nada*”.

Os pais da vítima

Quanto às atitudes que os pais da vítima deveriam tomar, os professores relataram que eles agiram corretamente, mas deveriam ter procurado a escola e exigir que esta tomasse medidas de contenção às agressões que a filha vinha sofrendo.

Os pais do agressor

Para os pais da agressora, os professores disseram que eles deveriam mudar a postura, não serem preconceituosos, serem mais presentes na vida escolar da filha e rever a educação que estão dando a ela.

Fonte: transcrito pela autora

No exercício 6, foi solicitado aos professores que citassem os comportamentos que eles consideram ser um comportamento respeitoso e desrespeitoso feito tanto pelo aluno como pelo professor. Listamos todos os comportamentos citados, os números que aparecem antes de cada comportamento se refere a quantidade de professores que o citaram. Os comportamentos citados foram os seguintes:

Exercício 6

Quadro 9 - Exercício 6

Cite exemplos de comportamentos			
Desrespeitoso		Respeitoso	
Aluno	Professor	Aluno	Professor
4 - Xingamento	2 - Chamar a atenção	2 - Convivência	2 - Bom
3 - Gritos	de forma agressiva	amigável	relacionamento
1 - Palavrões	1 - Antipatia	1 – Interesse	professor/aluno
1 - Descaso	1 - Apelidar aluno	1 - Educação	2 - Respeitar as
1 - Apelido	1 - Humilhar	1 - Saber colocar-se	diferenças
2 - Ofensa verbal	1 - Desconfiar, não	no seu lugar de aluno	1 - Saber que ele não é
1 – Insultar	acreditar no aluno	1 - Respeitar a si	o dono da verdade
1 – Conversas	1 - Chamar a atenção	mesmo, colegas e	1 - Interagir nos
paralelas	do aluno diante dos	professores	conflitos

1 – Atraso no horário 1 – Enfrentar o professor 1 – Não realizar as atividades	outros 1 – Ofender a turma com generalizações 1 – Não perceber as diferenças entre os alunos 1 – Nunca ouvir o aluno	1 - Ouvir o professor 1 - Obedece, pedir licença e desculpa 1 – Saber falar no momento certo 1 – Respeitar o horário 1 – Realizar as atividades	1 - Reconhecer quando está errado 1 – Saber ouvir os alunos 1 – Ser flexível com alunos que demonstram dificuldades

Fonte: transcrito pela autora

De forma geral, pode-se perceber por meio destas atividades que os professores analisaram e responderam de forma coerente todas as ações descritas sobre *bullying*, portanto, na teoria podemos perceber que houve respostas plausíveis em relação à prática desse fenômeno.

g. Propostas de procedimentos interventivos *Antibullying*

Nesse encontro foi lido o texto “Propostas de procedimentos interventivos *Antibullying*” item por item, acompanhado de discussões sobre cada procedimento sugerido e sobre certas condutas adotadas por alguns professores, citadas no texto, que poderiam piorar a situação da vítima. Foi sugerido aos professores que colocassem em prática as sugestões do texto e que nos informassem caso isso acontecesse e qual foi o resultado da prática adotada.

Foi sugerido também que em caso da necessidade de diálogo com alunos envolvidos em casos de *bullying*, esse poderia ser realizado nos horários de hora atividade do professor, ou seja, sugerimos que, frente à necessidade de se manter um diálogo com a vítima e/ou com o agressor, o diálogo deveria ser agendado em um horário que o professor tivesse mais tempo disponível para conversar com os alunos envolvidos, sem interferência da turma, pois a conversa deveria ser em particular e para tanto, teria que ser em um ambiente calmo, sem a presença de outros alunos.

Entre os itens lidos um professor discordou da sugestão de não obrigarmos o aluno agressor a pedir desculpas; conforme relato desse professor, em sua vida particular ele já adotou esse procedimento e obteve bons resultados. Os demais professores concordaram

com as sugestões do texto e teceram comentários sobre erros que cometiam como chamar a atenção do agressor na frente de toda a turma, repetir o apelido do aluno vítima, não conversar com a vítima para saber como ela estava se sentindo.

Ao final do encontro ressaltamos que caso algum professor adotasse a medida de dialogar em particular com o agressor e com a vítima nos casos percebidos, deveriam nos comunicar e relatar o resultado da medida adotada.

h. Reposição de conteúdo

Houve a necessidade de repor alguns encontros, pois alguns professores tiveram que realizar atividades nos horários dos encontros como corrigir provas, entregar notas na secretaria, entregar boletins aos pais, etc. Por meio dessa reserva de tempo foi possível ministrar todos os conteúdos a todos os professores.

A análise geral das atividades realizadas com os professores nos mostra que, em se tratando de teoria, todos tiveram boa percepção quanto à característica de *bullying* e as melhores formas de atuação frente ao problema. Porém, se percebe a presença de preferências sobre ações punitivas, imposições de regras e encaminhamentos a outras instâncias, demonstrando a falta de percepção de capacidade própria na busca da solução.

i. Ações educativas

Nessa semana foram definidas as atividades, os objetivos didáticos, os objetivos *antibullying*, os procedimentos, a data de realização e as formas de avaliação de cada atividade. As datas de realização de cada atividade foram definidas de acordo com a programação de cada professor, respeitando data de prova e demais eventos já programados no calendário escolar; um professor assumiu a realização de três atividades, outro assumiu a realização de duas atividades, ficando um total de 11 atividades a serem realizadas em sala de aula. Foi planejada a realização de uma atividade por semana, portanto, a cada semana um professor estaria realizando uma atividade com o tema *bullying* em sala de aula, o que significa que os alunos realizaram atividades com esse tema por 11 semanas consecutivas em disciplinas diferentes.

O cronograma começa com a palestra para os alunos sobre *bullying*, definida como sendo a atividade número 1. A palestra foi ministrada pela pesquisadora, de acordo com a

vontade e decisão dos professores. Portanto uma atividade com os alunos foi a palestra sobre *bullying* ministrada pela pesquisadora e as demais foram as atividades realizadas em sala de aula pelos professores, totalizando 12 atividades.

Os materiais necessários para a realização das atividades, como o enredo para o teatro e para o vídeo jornalístico; a seleção dos vídeos para a apresentação em sala de aula e o questionário para a pesquisa quantitativa foram todos providenciados pela pesquisadora, atendendo a solicitações dos professores que alegaram não terem tempo disponível para produzirem ou pesquisarem tais materiais.

As atividades, de forma geral, tiveram como objetivo principal transmitir informações acerca do *bullying* e a recepção das informações recebidas foram avaliadas por meio de fichas de avaliação aplicadas aos professores e alunos. Nas fichas de avaliações há espaço para o aluno colocar seu nome e a turma a qual pertence dado que foi revertido no código identificador de cada aluno.

Nem todos os professores das turmas estão participando desse trabalho e nem todos os professores participantes lecionam nas cinco turmas, o que impediu a realização de todas as atividades com todas as turmas.

6.2 Trabalhos realizados com os alunos

Ao iniciarmos os trabalhos com os professores realizamos as primeiras observações em sala de aula para levantamento dos perfis dos grupos pesquisados. Com os relatos dos diretores, de alguns professores e com os registros de observações da primeira etapa (Apêndice Q) pode-se fazer o levantamento dos perfis das turmas estudadas a fim de contextualização dos trabalhos de pesquisa. Os comportamentos prevalentes em cada turma foram definidos pela quantidade ou frequência de comportamentos registrados nos protocolos diários de observações envolvendo os alunos da turma os quais foram categorizados. As categorias comportamentais definidas acompanham o relatório final das observações que podem ser consultadas no Apêndice O.

Segue os perfis das turmas:

PERFIL DA TURMA 6A

Essa turma era a mais numerosa, em média estavam presentes em sala de aula 35 alunos. Foi definida pela equipe pedagógica como uma turma “*terrível*” pelo fato de nela estarem presentes alunos que apresentavam comportamentos indisciplinados e que constantemente provocavam conflitos em sala de aula, segundo relatos da vice-diretora, da pedagoga e de três professoras da turma. Nas observações foi verificado que se tratava de uma turma bastante agitada, com a presença de comportamentos indisciplinados em vários pontos da sala ocasionando conflitos entre os alunos e entre estes e os professores, com destaque para o aluno A21 que define, em registro feito em um momento da observação, o que pensa da escola: “ - *Pra ser o que eu quero, eu não preciso estudar. Eu quero ser pedreiro e tem um homem que mora perto da minha casa que não tem nem a quinta série e é mestre de obras. Eu só venho aqui porque sou obrigado*”.

Os comportamentos prevalentes nessa turma, conforme registros de observações foram: indisciplina, comportamento antissocial, comportamento desregrado e violência verbal.

PERFIL DA TURMA 6B

Em sua maioria, os alunos se comportavam de forma amistosa entre eles, com muitas conversas paralelas onde prevaleceram assuntos relacionados a sexo ou conversas em torno de quem quer “ficar” com quem. O relato de alguns professores foi de que a maioria dos alunos dessa turma se comportava de forma mais amigável e cooperativa. Fato que não os impedia de apresentarem comportamentos indisciplinados e o uso de apelidos pejorativos e palavrões entre os grupos de amigos conforme registro das observações. A constância das brincadeiras e indisciplina entre alguns alunos acabava gerando conflitos que terminavam em discussões, ou seja, existia na turma relações de amizades tumultuadas por conflitos ocasionados por indisciplina. Em média, estiveram presentes na sala de aula 31 alunos.

Os comportamentos prevalentes nessa turma, conforme registros de observações foram: indisciplina e violência verbal.

PERFIL DA TURMA 6C

Nessa turma percebeu-se o constante uso de apelidos pejorativos, principalmente apelidos que ressaltam alguma característica física do aluno, como por exemplo: macaco

velho, branquela azeda, dentuço, coisa feia, lambisgóia, gordinho, *gay*. Houve o registro de agressões verbais e físicas, porém não houve o registro da repetição desses comportamentos com uma mesma vítima. O clima da sala de aula, que teve em média a presença de 28 alunos nos períodos de observações, mostrou-se bastante agitado e os registros de comportamentos relacionados com as características da prática de *bullying* indicaram a possibilidade de ocorrência de possíveis episódios do fenômeno no decorrer do ano letivo nessa turma.

Os comportamentos prevalecentes, conforme registros de observações foram: indisciplina, comportamento antissocial, comportamento desregrado, violência verbal e física.

PERFIL DA TURMA 6D

Turma que promoveu bastante barulho, com conversas em tom de voz alto e gritos. Observou-se a presença de alunos que se impunham sobre os demais utilizando comportamento agressivo tanto físico como verbal, prevalecendo-se do porte físico maior que a maioria dos alunos da turma. Não foi possível verificar a repetição desses fatos sobre uma mesma vítima, o que caracterizaria um caso de *bullying*. Em média, havia 31 alunos presentes na sala nos momentos das observações.

Os comportamentos prevalecentes nessa turma, conforme registros de observações foram: indisciplina, comportamento antissocial, comportamento desregrado, violência verbal, física e psicológica.

PERFIL DA TURMA 6E

Apesar de ter sido a turma com a menor média de alunos presentes, presença de 25 alunos numa lista de 29 matriculados, apresentou clima barulhento, conversas em tom de voz alta, indisciplina, conflitos que acabavam gerando confusão entre os alunos. Segundo os professores, nos dias de observações não estavam presentes os alunos considerados os mais barulhentos e indisciplinados da turma, que seriam os alunos repetentes.

Os comportamentos prevalecentes nessa turma, conforme registros de observações foram: indisciplina, comportamento desregrado e violência verbal

Por meio do levantamento desses perfis pode-se perceber que se trata de turmas dinâmicas em suas relações interpessoais onde a indisciplina prevalece ocasionando conflitos e perturbações nas aulas, dificultando os trabalhos educativos.

Planejamos iniciar os trabalhos com os alunos depois de terminado os trabalhos com os professores por acreditarmos que a formação docente é essencial para que possam transmitir informações aos alunos baseados no conhecimento científico, com menores chances de erro e isentos de “achismos”, suposições do senso comum.

Acreditamos que um equívoco cometido nas escolas é abordar o tema *bullying* em sala de aula sem estar preparado para atender as denúncias, sem conhecimento aprofundado sobre as características desse fenômeno, fato que pode promover uma pioria na situação da vítima e reforço no comportamento do agressor. Portanto, a principal medida a ser adotada em um projeto *antibullying* é a capacitação dos professores e só então trabalhar o tema com os alunos, provendo-os de informações na busca do conhecimento das consequências do comportamento *bully*.

É importante que se faça um levantamento da realidade encontrada em sala de aula; a aplicação de questionário quantitativo aos alunos fornece dados estatísticos que podem revelar o mapa das ocorrências do *bullying* na escola e esse foi o primeiro procedimento adotado por nós dentre os trabalhos realizados com os alunos, seguido das ações educativas e do questionário avaliativo para medição e comparação das variáveis pré e pós das ações educativas.

6.2.1 A dinâmica do *bullying* no grupo estudado

O Q1A aplicado aos alunos possibilitou o registro das ocorrências da prática de *bullying* nos grupos estudados os quais responderam ao questionário nas aulas previamente definidas e autorizadas pelos professores. O procedimento teve uma duração média de 45 minutos em cada turma.

Antes da entrega do questionário, foi entregue a tira de papel contendo a questão: Você sabe o que é *bullying*? O resultado apontou que, dos 143 alunos que responderam, 4,8% (N = 7) disseram que sabiam o que é *bullying* e 95,2% (N = 139) responderam que não sabiam o que é *bullying*. Após responderem essa questão foi feito esclarecimentos

sucintos sobre o *bullying*, suficientes para provê-los de informações básicas para que pudessem responder o questionário.

O Q1A foi respondido por 150 alunos, 7 alunos chegaram atrasados e por isso não responderam à questão feita antes da entrega do questionário. Dos alunos que responderam ao questionário 57,3% (N = 86) são do sexo feminino e 42,7% (N = 64) são do sexo masculino. Houve pequenas variações quanto ao total de respostas dadas em cada questão motivadas pelas respostas nulas ou em branco.

Durante o tempo em que permanecemos em sala de aula, ouvimos, em todas as turmas, vários comentários que expressavam a preocupação dos alunos. Os comentários foram os seguintes:

“ - *Meu pai vai ver isto aqui? Se meu pai ver isto eu tô ferrado.* ”

“ - *Eu vou mentir* ”

“ - *Você tá doido, se eu contar a verdade eu tô ferrado.* ”

“ - *Não sou nem doido de contar a verdade.* ”

As respostas dadas ao questionário seguem abaixo:

Uma das características mais nefastas do *bullying* é a exclusão, a falta de amigos, o isolamento, por esse motivo foi questionado quantos bons amigos o aluno considerar ter na escola. A tabela 1 expõe o resultado da questão:

Tabela 1. Número de amigos

Número de amigos	f	%
Um	24	16
2 a 3	27	18
4 a 5	18	12
+6	77	51,3
Não tem	4	2,7
Total	150	100,0

Observa-se que a maioria, 51,3%, declarou ter mais de seis bons amigos, seguindo a tendência de socialização promovida pelas interações ocorridas no âmbito escolar.

Na primeira análise quanto ao índice de alunos que são maltratados por colegas da escola, dos 150 alunos que responderam ao questionário, 70% (N = 105) responderam que são maltratados e 30% (N = 45) responderam que não são vítimas desse tipo de ação de seus pares.

Para o cálculo dos índices dos tipos de agressividades e as variáveis do contexto do

aluno vítima, o percentual das respostas foi calculado somente sobre as respostas válidas dadas pelos alunos que responderam serem maltratados na escola, num total de 105 alunos.

Os alunos que se declararam terem sido maltratados apontaram que foram acometidos pelos seguintes atos:

- Em primeiro lugar, 68,6% (N = 72) dos alunos apontaram: me chamarem por apelidos que eu não gosto.
- Em segundo lugar, com 7,6% (N = 8) das respostas aparece: receber xingamentos, me humilhando na frente dos outros colegas.
- Em terceiro lugar foi apontado as fofocas, espalhando mentiras sobre mim com 5,7% (N = 6).
- Em quarto lugar, com o mesmo percentual de respostas, aparecem os socos, pontapés e empurrões; ameaçam-me, dizendo que vão me bater e outras formas de maltrato, com 3,8% (N = 4) das respostas.
- Em quinto lugar foi apontado o ato de esconderem e/ou estragarem meus pertences, com 2,9% (N = 3) das respostas.
- Em sexto lugar estão os comportamentos isolamento, não o deixando fazer parte do grupo e tirar sarro de forma exagerada do corpo ou do comportamento, com um percentual de 1,9% (N = 2) das respostas dadas.

Observa-se que os alunos consideraram me chamar por apelido que não gosto como maltrato, o que demonstra que apelidos pejorativos não são visto como brincadeiras pelos próprios alunos.

Dos 105 sujeitos que declararam serem maltratados, 54,3% (N = 57) foram vítimas de um tipo de ação; 14,3% (N = 15) foram vítimas de dois tipos de comportamentos considerados agressivos; 11,4% (N = 12) foram maltratados por três tipos de ações agressivas; 6,7% (N = 7) receberam quatro tipos desse tipo de ação e 13,3% (N = 14) estiveram envolvidos como vítimas com cinco tipos de ações agressivas. 81,9% (N = 86) dos alunos declaram que seus agressores estudam na mesma sala e 18,1% (N = 19) responderam que seus agressores não estudam na mesma sala que eles.

Quanto ao local em que os alunos foram maltratados, os resultados apontam que:

- 62,5% (N = 65) dos alunos disseram que são maltratados na sala de aula, na presença do professor.
- 25% (N = 26) disseram que são maltratados no pátio do recreio.

- 8,7% (N = 9) disseram que são maltratados na sala de aula sem a presença do professor.

- 3,8% (N = 4) disseram que são maltratados no corredor.

Ao serem questionados sobre o que sentem ao serem maltratados; 36% (N = 38) dos alunos revelaram que ficam magoados; 31% (N = 32) disseram sentir tristezas quando do maltrato recebido; 17% (N = 18) declararam se sentirem indefesos e 16% (N = 17) disseram não sentir nada.

Em relação a contar para alguém sobre terem sido maltratados, a maioria, 51,5% (N = 53) revelou ter contado para seus familiares; 17,5% (N = 18) disseram ter contado para seus colegas; 15,5% (N = 16) disseram nunca terem contado para ninguém; 9,7% (N = 10) disseram ter contado para o professor e 5,8% (N = 6) disseram ter contado para a direção da escola.

Para podermos definir se as agressões recebidas foram derivadas da prática de *bullying* precisamos observar a frequência, pois como se sabe, uma das características do *bullying* é a repetitividade das agressões. Nessa questão, os dados nos revelaram que 37,6% (N = 38) declararam serem maltratados uma a duas vezes por mês, 23,8% (N = 24) disseram que são maltratados uma vez por semana, 18,8% (N = 19) disseram que são maltratados várias vezes por semana e 19,8% (N = 20) disseram que são maltratados todos os dias.

Somando o número de alunos que apontaram terem sido maltratados repetidas vezes, temos um total de 101 alunos que gera um percentual de 69% de vítimas contra 31,3% (N = 46) de alunos que declararam não terem sido maltratados. Diante desses dados podemos dizer que temos 69% de alunos se declarando vítimas de *bullying*.

O percentual que encontramos em nossa pesquisa está muito além do apresentado em pesquisas já realizadas sobre o *bullying* que indicam que o percentual de vítimas nas escolas varia de 8 a 46% (LOPES NETO, 2005).

Quanto a assumir que maltrata, dos 150 alunos que responderam ao questionário: 34,7% (N = 52) assumiram esta posição. Tivemos um total de 98 (65,3%) alunos declarando que não maltratam colegas de turma, número que foi isolado, ficando apenas na base de análise o total de alunos que assumiram que maltratam seus pares, total de 52.

Quanto às variáveis de maltratar, as análises nos revelaram que:

- Em primeiro lugar, 66,6% (N = 34) dos alunos disseram que colocam apelidos nos colegas da escola.

- Em segundo lugar, com percentuais iguais de respostas, 7,8% (N = 4) são citados o comportamento de xingar; humilhar e isolar.

- Em terceiro lugar, com percentuais iguais de respostas dadas, 5,9% (N = 3), aparecem dar socos, pontapés e empurrões e outras formas de maltratar que não foram citadas como opção de resposta.

- Em quarto lugar com um mesmo percentual, 2,0 % (N = 1), aparece o comportamento de ameaçar, dizendo que vai bater, fazer fofocas, espalhando mentiras sobre um aluno e tirar sarro do corpo ou do comportamento dos colegas de escola.

Os locais em que mais se maltrata, conforme resultado da análise são:

- O pátio do recreio com 50% (N = 24) das respostas.
- Na sala de aula, na presença do professor, com 29,2% (N = 14).
- Na sala de aula sem a presença do professor com 18,7% (N = 9).
- No corredor do colégio com 2,1% (N = 1).

Confrontando os dados, dos alunos que se declararam vítimas, 62,5% dos alunos declararam que são maltratados na sala de aula, na presença do professor, 25% declararam que são maltratados no pátio do recreio.

As posições se invertem no relato dos agressores: dos alunos que assumiram ser agressores 50% assumiram que maltratam no pátio do recreio e 29,2% responderam que maltratam na sala de aula, na presença do professor.

Portanto para as vítimas as agressões ocorrem com maior frequência na sala de aula na presença do professor e para os agressores a maior frequência das agressões cometidas é no pátio do recreio.

Quanto aos sentimentos dos que se declararam maltratar 30% (N = 15) disseram sentir tristeza; 26% (N = 13) revelaram que sentem raiva deles mesmos; 22% (N = 11) disseram não sentir nada; 16% (N = 8) admitiram sentir satisfação ao maltratarem e 6% (N = 3) afirmaram que no momento do maltrato praticado têm o sentimento de superioridade.

Questionados se os colegas que maltratam estudam na mesma sala que eles, 64% (N = 32) dos alunos disseram que suas vítimas estudam na mesma sala e 36% (N = 18) disseram que suas vítimas não estudam na mesma sala que eles. São cinco aulas por período, total de 4 horas e 10 minutos para se aproveitar estudando, porém podemos perceber que 32 alunos têm aproveitado este tempo para também maltratar colegas de turma.

No confronto dos dados temos a seguinte situação:

Das vítimas, 81,9% declararam que seus agressores estudam na mesma sala e dos que assumiram maltratar 64% disseram que suas vítimas estudam na mesma sala. Portanto, temos 32 alunos que maltratam colegas que estudam na mesma sala e 86 alunos que declararam que seus agressores estudam na mesma sala que ele, o que gera uma média de 2,68 de vítimas para cada agressor em sala de aula. Ou seja, cada agressor pratica maltrato com no mínimo duas vítimas que estudam na mesma turma dele.

Na análise das frequências verifica-se que 69,3% (N = 32) dos alunos que maltratam outros alunos, o maltratam de uma a duas vezes por mês; 13% (N = 6) maltratam uma vez por semana; 10,9% (N = 5) maltratam várias vezes por semana e 6,5% (N = 3) maltratam colegas de turma todos os dias. Na soma dos números de alunos que assumem maltratarem seus pares temos um total de 46 alunos, o que gera um percentual de 32% de alunos assíduos nesse tipo de prática contra 68,3 (N = 99) de alunos que alegam não maltratarem seus pares.

Pesquisas sobre o *bullying* indicam que o percentual de praticantes de *bullying* varia de 5 a 30%, conforme declara Lopes Neto (2005), o índice obtido em nossa pesquisa de alunos que maltratam seu pares fica próximo desse percentual, com 32%.

Buscou-se analisar as percepções dos espectadores quanto a prática do *bullying* nas turmas estudadas, como dito anteriormente, aos alunos foi dada explicações sucintas sobre o fenômeno para que estes pudessem responder o questionário.

Dos 150 alunos, 73,3% (N = 110) afirmaram terem presenciado colegas praticando *bullying* e 36,7% (N = 40) disseram não terem presenciado este tipo de comportamento.

Das afirmativas, 32,4% (N = 36) declaram terem presenciado colegas praticando o *bullying* uma vez e 67,6 (N = 74) disseram terem presenciado esta prática entre os colegas várias vezes.

Quanto à atitude tomada ao presenciar colegas praticando *bullying*, o resultado mostra que dos 110 alunos que afirmaram presenciar esta prática: 23,6% (N = 26) declararam que defenderem a vítima; 22,7% (N = 25) disseram não fazerem nada; 16,4% (N = 18) disseram que contaram para um adulto; 12,8% (N = 14) disseram fingirem não terem visto; dei risada e pedi para pararem aparece com 11,8% (N = 13) cada e um aluno, representando um percentual de 0,9%, disse que ajuda os agressores.

Nessa questão os dados nos mostram que 51% (N = 57) dos alunos agiram em defesa da vítima, ou seja, declararam que defenderam a vítima, que contaram para um adulto e pediram para os agressores pararem. Pelo quadro apontado, podemos considerar

que esses são os espectadores defensores citados por Salmivalli (2009). Tivemos 35% (N = 39) de alunos que se mantiveram indiferentes, que se enquadram na categoria de circunstantes e percebemos a presença de 14% (N = 14) de alunos que reforçaram o comportamento do agressor dando risadas ou o ajudando, categorizados como espectadores reforçadores, todos citados por Salmivalli (2009).

Os sentimentos declarados ao presenciarem práticas de *bullying* foram: o medo de acontecer o mesmo com eles com percentual de 47,2% (N = 52); ficar triste, sentimento alegado por 32% (N = 35); não sentir nada, são brincadeiras foi citado por 15,4% (N = 17) dos alunos e 5,4% (N = 6) disseram que acharam engraçado.

As hipóteses assinaladas quanto às motivações que levam à prática de *bullying* foram as seguintes, conforme tabela abaixo:

Tabela 2. Hipóteses sobre as motivações do agressor

Motivações	f	%
Querem ficar populares	58	38,9
Se acham melhores que os outros	34	22,8
Porque são maus	24	16,1
Por diversão	21	14,1
Porque as vítimas merecem	7	4,7
Porque não são punidos	3	2,0
Porque fazem <i>bullying</i> com eles	1	0,7
Omissão do adulto	1	0,7
Total	149	100,0

Respostas em branco ou nulas: 0,7% (N = 1) do total de 150

A análise da situação inicial com os alunos nos revelou um percentual de 69% de alunos se declarando vítimas constantes de colegas que os maltratam, 86 (81,9%) alunos convivendo com seus agressores diariamente dentro da sala de aula, sempre na expectativa de um novo ataque, 19 (18,8%) alunos sendo maltratados várias vezes por semana e 20 (19,8%) alunos sendo maltratados todos os dias e um percentual de 32% de alunos assumindo maltratarem assiduamente colegas da escola. Índices que demonstram a necessidade interventiva e preventiva à prática de *bullying* nos grupos estudados.

6.2.2 As ações educativas direcionadas ao grupo estudado

Os alunos que não devolveram os TCLEs ou que não o receberam por terem entrado passados mais de um mês do início das atividades, não foram impedidos de

participarem das ações educativas porque as mesmas foram realizadas como atividades curriculares, ou seja, atividades que foram realizadas em sala de aula pelos professores das disciplinas. As avaliações foram feitas por todos os alunos presentes à aula na qual as atividades foram realizadas. A porcentagem de alunos que não participaram das avaliações se refere aos alunos que não estavam presentes à aula.

No total foram realizadas 12 atividades cujos resultados são descritos abaixo:

a. Palestra

A palestra teve como objetivo esclarecer aos alunos o que é *bullying*, as formas e consequências das práticas desse fenômeno e incentivar as denúncias. Optou-se por realizar as palestras na biblioteca por já possuir a instalação do data show, disponibilizado pela direção escolar. Porém, nesse espaço não caberiam as cinco turmas juntas, tivemos, então, que dividi-las em três turmas, portanto foram três dias consecutivos de palestras, duas turmas assistiram à palestra no primeiro dia, duas no segundo e uma turma no terceiro dia.

As palestras foram realizadas nos horários de aulas dos professores participantes da pesquisa e estes puderam participar com comentários e reforços sobre a necessidade de mudança do comportamento *bully*. Na palestra foi sugerido aos alunos que refletissem sobre o assunto nas férias e que ficassem atentos aos noticiários sobre o tema *bullying*, frequentemente vinculados à mídia. Foi reservado um momento para que os alunos pudessem fazer comentários e perguntas; a turma que mais participou foi a 6D, a turma que menos fez comentários e perguntas foi a 6E. A maioria das participações dos alunos se referia a relatos de casos seguidos da pergunta se tratava-se de *bullying* ou não.

b. Debates sobre *bullying*

A atividade 2 teve como objetivo reforçar os conhecimentos adquiridos na palestra sobre *bullying* realizada no final do primeiro bimestre; todos os professores ficaram responsáveis por realizar essa atividade que foram feitas com todas as turmas. Foi feita uma visita à escola no primeiro dia de aula após o término das férias para lembrar os professores participantes da atividade a ser realizada. A sugestão foi de que todos deveriam falar sobre *bullying* no início da aula, não importando se o outro professor já havia falado.

Acreditamos que cada professor pode contribuir propondo reflexões e debates diferentes aos alunos acerca do tema e a repetição das informações e dos debates reforça a apreensão e compreensão dos conceitos sobre *bullying*.

As avaliações foram entregues para dois professores que se encarregaram de aplicá-las, recolhê-las e entregá-las a nós. A avaliação procura saber qual o conceito formulado pelos alunos sobre o *bullying* a partir da palestra e do debate promovido pelos professores em sala de aula. Dos 178 alunos matriculados, 84% (N = 149) participaram dessa avaliação e 16% (N = 29) não participaram. Para mensuração das respostas dadas, foram definidas palavras-chave que foram formuladas conforme surgiam nas respostas dadas pelos alunos. Dessa forma, as respostas ficaram resumidas, conforme categorias apresentadas na tabela 3:

Tabela 3. O que é *bullying* para você?

O que é <i>bullying</i> para você?	<i>f</i>	%
Violência	73	49,0
Violência repetitiva	43	28,9
Violência repetitiva e com desnível de poder	16	10,7
Violência com desnível de poder	11	7,4
Programa para combater a violência	6	4,0
Total	149	100,0

Na avaliação de um professor, que leciona em duas turmas, metade dos alunos compreendeu o que é *bullying*; na avaliação de dois professores, um que leciona em uma turma e outro que leciona em quatro turmas, todos os alunos de suas turmas compreenderam o que é *bullying*; para os demais cinco professores, a maioria dos alunos compreendeu o que é *bullying*, sendo que três deles lecionam nas cinco turmas, um leciona em quatro turmas e outro leciona em três turmas.

c. Elaboraões de cartazes

Ficou definido que nessa semana seria feita a elaboração de cartazes informativos sobre o *bullying* para serem fixados na escola. Na semana anterior, foi avisado aos alunos que as aulas de Artes da próxima semana seriam destinadas a esta atividade e foi solicitado que trouxessem materiais para a confecção dos cartazes; foi decidido pelo professor e informado aos alunos que a atividade receberia nota compondo a avaliação bimestral da disciplina. Foi solicitada nossa presença em sala de aula para auxiliar nos trabalhos. Todas

as turmas têm duas aulas por semana de Artes, a atividade teve início na primeira aula da semana e término na segunda aula da semana, os procedimentos foram os mesmos em todas as turmas.

Formaram-se equipes de dois, no máximo três alunos; para cada equipe foi mostrado as folhas com as frases sobre *bullying*. A escola cedeu cartolinas aos alunos que se esqueceram de trazê-las, o professor e a pesquisadora cederam os materiais para enfeitar os cartazes aos alunos que esqueceram ou não os tinham. Foram recortadas figuras em revistas e jornais para ilustrar alguns cartazes. Ao final da primeira aula, os cartazes foram recolhidos e guardados na sala dos professores, na aula seguinte, os cartazes foram devolvidos aos alunos para finalizarem os cartazes.

Foram produzidos um total de 90 cartazes; no apêndice V pode-se observar uma amostra desses cartazes. Os cartazes foram guardados na escola até definição da data da exposição dos mesmos que seria feita pelo professor que, a princípio, planejava utilizar os cartazes em algum evento promovido pela escola.

A atividade foi feita com as cinco turmas e dos 178 alunos matriculados, 77,5% (N = 138) alunos participaram dessa avaliação e 22,5% (N = 40) não participaram e na avaliação dos alunos o objetivo da atividade foi aprender mais sobre *bullying* para 80,4% (N = 111) dos participantes; transmitir informações sobre *bullying* foi o objetivo indicado por 69,6% (N = 96); tirar nota na disciplina foi a indicação de objetivo da atividade feita por 29,7% (N = 41); se divertir foi a alegação de objetivo da atividade feita por 23,4% (N = 32) e para 10,1% (N = 14) do participantes o objetivo da atividade foi enfeitar o colégio.

Na avaliação solicitou-se aos alunos que assinalassem a alternativa que correspondesse à opinião deles sobre a atividade, os resultados são apresentados na tabela 4:

Tabela 4. Opinião dos alunos sobre os cartazes produzidos

Opinião	f	%
Informam e ajudam a combater o <i>bullying</i>	120	87,0
Só enfeitam e ninguém presta atenção nas mensagens	5	3,6
Informam mas não ajudam no combate ao <i>bullying</i>	13	9,4
Total	138	100,0

Observa-se que para 87% dos alunos transmitir informações ajuda a combater o *bullying*.

Para o professor, conforme sua avaliação, foi possível conciliar os objetivos da disciplina com os objetivos *antibullying* e completou dizendo: “ – *Foi importante dentro da disciplina, visto que puderam trabalhar com recortes, colagem, usando a criatividade para compor os cartazes*”.

d. Versão musical

A pesquisadora foi convidada a participar da realização da atividade como forma de incentivo aos alunos. Os procedimentos adotados foram os seguintes: Os alunos ouviram alguns comentários do professor sobre a importância da amizade, da solidariedade, do respeito e de não se praticar *bullying*; explicou-se que, com base nesses quesitos eles deveriam compor uma versão musical, deveriam escrever um texto a partir de uma música conhecida, entregá-lo ao professor que iria escolher o melhor texto para ser apresentado a todos da turma. Para a atividade, o professor levou um aparelho de som para a sala de aula e colocou músicas para os alunos ficarem ouvindo, alguns preferiram ouvir músicas em seus celulares. A atividade poderia ser feita em equipe de até três alunos. Foram utilizadas duas horas aula por turma para o término da atividade.

Para a escolha da melhor versão musical foi solicitada nossa ajuda, o professor entregou as versões feitas pelos alunos as quais foram corrigidas por nós. Foi entregue um total de 80 versões, destas, 14 eram cópias idênticas de músicas já existentes e foram devolvidas a seus donos, fato descoberto em buscas em sites de pesquisas na internet. Foram selecionadas as 12 melhores versões e seus autores foram chamados para que pudessem explicar melhor suas composições, pois alguns textos possuíam apenas uma estrofe, outros apresentavam estrofes desconectadas de sentidos e não conseguíamos identificar de qual música se tratava as versões produzidas. Percebeu-se que nem mesmos os alunos conseguiam cantar suas versões, ou seja, o texto produzido não possuía melodia para ser cantado.

O que se constatou foi que os alunos fizeram textos com sonorização poética, sem serem, necessariamente, versões musicais. A versão musical, portanto, foi descartada como gênero textual e optou-se por considerá-los textos poéticos dos quais, em comum acordo com seus autores, foi feito uma junção dos que se completavam, mantendo os nomes dos autores. Produziu-se dessa forma oito textos com mensagens *antibullying*, quatro deles podem ser observados no apêndice X. Os textos foram digitalizados e colados em

cartolinas para serem exposto no pátio escolar juntamente com os cartazes produzidos pelos alunos, em data a ser marcada pelo professor.

A atividade foi realizada nas cinco turmas e dos 178 alunos matriculados nas turmas, 80% (N = 142) alunos participaram dessa avaliação e 20 % (N = 36) não participaram. A avaliação foi realizada no momento da entrega dos textos, o aluno entregava o texto e respondia a avaliação. Procurou-se saber se os alunos gostaram de participar desta atividade, o resultado aponta que 92,3% (N = 131) gostaram e 7,7% (N = 11) disseram que não gostaram de participar desta atividade. Entre os participantes, 93,7% (N = 133) acreditam que é possível transmitir uma mensagem *antibullying* por meio dessa atividade e 6,3% (N = 9) acreditam que não.

Essa atividade atendeu os objetivos propostos, conforme opinião do professor que teceu o seguinte comentário: “ – *O mais importante é que os alunos tiveram a oportunidade de exteriorizarem o que sentem e o que pensam a respeito do bullying usando a criatividade, baseando-se na musicalidade que é algo extremamente importante na formação do indivíduo criador.*”

e. Leitura literária

As turmas têm quatro aulas da disciplina de português na semana, o que possibilita a leitura em sala de aula, procedimento facilitado pela aquisição feita pela escola dos 29 livros.

São dois os professores que ficaram responsáveis em realizar essa atividade, um leciona para quatro turmas e outro leciona para uma turma. A leitura foi feita nas quatro aulas da semana e a análise, debate e avaliações foram feitos na aula da semana seguinte, ocupando cinco horas aulas ao todo. As quatro turmas, pertencentes a um professor, realizaram as atividades com êxito, desocupando os livros e possibilitando que o outro professor pudesse iniciar a atividade com sua turma na semana seguinte. Porém, ao solicitar os livros na biblioteca o professor foi informado de que os mesmos haviam sido emprestados a outro professor que os utilizaria em atividades fora da escola e sem previsão de data de devolução, mesmo tendo sido os livros reservados por nós com antecedência. Portanto a turma 6D, pertencente a esse professor, não realizou essa atividade.

A avaliação foi feita após todos completarem a leitura, o professor promoveu um debate entre os alunos sobre a trama da história e aplicou um questionário interpretativo

como atividade da disciplina, ao final o professor entregou a avaliação da atividade. Do total de 141 alunos matriculados nas quatro turmas, 79% (N = 112) participaram da avaliação e 21% (N = 29) não participaram. Dos participantes 99,1% (N = 111) perceberam situações de *bullying* no enredo apresentado no livro e 0,9% (N = 1) disse que não, que o livro não retratava situações de *bullying*. Na análise das mensagens que se pode tirar da história contada no livro, a tabela 5 mostra os resultados obtidos:

Tabela 5. Mensagens que podemos tirar da história contada no livro

Mensagem	f	%
Era <i>bullying</i> e a vítima superou estudando muito	89	79,5
Protagonista merecia porque era pobre e negra	21	18,8
Era só brincadeira	2	1,8
Total	112	100,0

Segundo a avaliação do professor que realizou a atividade, foi possível conciliar o ensino de leitura e interpretação de texto com o ensino de práticas *antibullying* e completa a avaliação com o seguinte comentário: “ – A leitura amplia o conhecimento de cada pessoa por isso foi possível desenvolver diversas atividades de ensino com a prática *antibullying* e o mais importante é que todos os alunos sabem o que é *bullying* e o que fazer.”

f. Pesquisa bibliográfica

O professor solicitou ajuda quanto aos materiais para a pesquisa pois houve reclamações por parte dos alunos quanto ao acesso a esses materiais: não há livros, cartilhas, vídeos ou revistas que contenham as informações desejadas e muitos alunos não têm acesso a internet em suas casas. Dessa forma foram providenciados textos, artigos de revistas, de jornais, livros e imprimimos textos organizados por nós com uma série de informações básicas sobre o tema para que os alunos pudessem realizar a pesquisa.

No dia da realização da atividade, o professor solicitou a presença da pesquisadora em sala de aula para ajudar na organização e distribuição dos materiais. Foram formados grupos de no máximo três alunos e para cada equipe foi entregue no mínimo três materiais com conteúdos para a pesquisa, no caso dos livros e das revistas, as páginas contendo as informações necessárias foram marcadas previamente para que os alunos pudessem localizar os dados com mais agilidade. O professor introduziu a atividade falando sobre o

uso de estrangeirismos no vocabulário português, citou exemplos e em seguida solicitou aos alunos que lessem os textos e descrevessem os resultados obtidos a partir do solicitado, que era a busca da tradução da palavra *bullying* e a ocorrência do fenômeno no mundo.

No transcorrer da realização da atividade, observou-se que uma minoria de alunos se ocupava da leitura dos textos, da procura pelos dados da pesquisa. A maioria conversava, brincava ou cantarolava dentro da sala, sem se preocupar com a realização da tarefa, alguns alunos se ocuparam em enfeitar a capa do trabalho, fazer desenhos com referências ao uso de drogas na escola, à violência escolar e ao *bullying*, em todos os desenhos observados, pode-se notar a presença de sangue, morte e destruição. O trabalho de pesquisa ocupou duas horas aulas para ser concluído, o resultado foram alguns trabalhos sem conteúdo escrito, contendo apenas desenhos e/ou cópias do texto e trabalhos com informações copiadas dos livros e revistas entregues aos alunos, sem relação com o tema proposto.

Havia um total de 106 alunos matriculados nas três turmas pertencentes ao professor que realizou a atividade, 68% (N = 72) participaram dessa avaliação e 32% (N = 34) não participaram. Para 84,7% (N = 61) dos alunos participantes os conhecimentos sobre *bullying* aumentaram depois de terem feito o trabalho de pesquisa sobre o tema e 15,3% (N = 11) declararam que não, que os conhecimentos deles não aumentaram depois da realização da atividade de pesquisa.

Conforme a avaliação do professor, essa atividade atingiu os objetivos propostos, porém, com ressalvas, conforme seu comentário: “ – *Percebemos que os alunos têm mais interesses pelas atividades dinâmicas. Quando é para leitura e pesquisa, eles têm menos interesse. Tivemos dificuldades em controlar a disciplina. Percebemos que sem a nossa colaboração e insistência a atividade não teria sido realizada.*”

g. Pesquisa quantitativa

As quatro turmas pertencentes a esse professor têm três aulas semanais de matemática e, conforme relato do professor, a entrega do questionário foi feita na primeira aula da semana. Na segunda aula a maioria dos alunos havia devolvido o questionário respondido pelos seus responsáveis, os demais alunos foram devolvendo no decorrer dos trabalhos, alguns entregaram depois do prazo estabelecido pelo professor, esses foram aceitos pelo professor, mas não foram incorporados aos resultados que já haviam sido

calculados. Foram copiadas no quadro as três questões com as alternativas de respostas, cada alternativa foi designada por uma letra. Foi feita a contagem da quantia de vezes que cada alternativa foi assinalada e o total foi exposto no quadro, desse total foi desenhado um gráfico que revelou as alternativas mais assinaladas, também foi feito o cálculo percentual dos resultados obtidos.

Os alunos foram divididos em equipe de dois e cada grupo fez o seu próprio gráfico em uma cartolina, pode-se observar uma mostra dos trabalhos no apêndice AB. As cartolinas com os gráficos foram guardadas na escola para serem expostas juntamente com os outros trabalhos produzidos pelos alunos. Foram produzidos quatro modelos de gráficos diferentes, cada qual com os resultados de uma turma. Os questionários utilizados na pesquisa com os resultados obtidos por turma foram entregues à nós os quais utilizamos para efetuar o cálculo percentual geral dos dados colhidos nas quatro turmas cujos resultados apresentamos abaixo:

No total, 88 pais responderam ao questionário e o resultado geral da pesquisa mostra que: 62,5% (N = 55) afirmaram que o aluno já reclamou sofrer, repetidas vezes, violência física, verbal ou psicológica na escola e 37,5% (N = 33) disseram que o aluno não reclamou sobre esse tipo de ocorrência.

Perguntado qual foi a atitude tomada diante da reclamação do aluno, dos 55 que responderam afirmativamente a questão anterior, 58% (f 19) disseram que conversaram com o aluno e pediram para ele não ligar; 42% (N = 14) disseram que foram até a escola relatar a reclamação do aluno para a equipe pedagógica; nenhum responsável assinalou a alternativa que correspondia a pedir para o aluno revidar, dar o troco.

Dos 88 responsáveis que responderam ao questionário, 92% (N = 81) declararam saber o que é *bullying* e 8% (N = 7) disseram não saber o que é *bullying*. Esse alto índice de pais que responderam saber o que é *bullying* chamou a atenção e ao aplicarmos a avaliação da atividade foi perguntado oralmente para os alunos como ou de que forma seus pais ficaram sabendo o que é *bullying*, no que a maioria respondeu que deram explicações a seus pais sobre o *bullying* para que pudessem responder ao questionário sem erros. Percebeu-se que houve a preocupação dos filhos de que seus pais não errassem a resposta, como se fosse uma prova valendo nota e, mesmo diante da motivação que levou o aluno a agir dessa forma, podemos tirar um fator positivo: os alunos levaram a seus pais informações a respeito do *bullying*.

A avaliação da atividade foi feita por 72% (N = 101), do total de 140 alunos matriculados nas quatro turmas, 28% (N = 39) dos alunos não participaram da avaliação.

A tabela 6 expõe os resultados da análise da aceitação da atividade pelos alunos:

Tabela 6. O que achou da atividade

Opinião	f	%
Gostei	54	53,5
Adorei	39	38,6
Achei chata	6	5,9
Odiei	2	2,0
Total	101	100,0

Dos 101 participantes 91% (N = 92) afirmaram que entenderam o gráfico e 9% (N = 9) responderam que não o entenderam.

Conforme avaliação do professor a atividade atingiu os objetivos propostos e completou com o seguinte comentário: “ – *Após a pesquisa feita com os responsáveis, os alunos esclareceram as dúvidas sobre o que é bullying. Na construção do gráfico em sala, os alunos observaram claramente as respostas e conseguiram identificar as situações de bullying em sala com os resultados.*”

h. Mostra de vídeo I

Para a mostra de vídeo foi utilizado a TV Pendrive, nome dado ao monitor de televisão que fica instalado em todas as salas de aulas das escolas estaduais no Paraná, que é equipado com entradas para pen drive. Cada professor recebeu um pen drive do governo. No qual o vídeo foi gravado e transmitido aos alunos por meio do monitor de tv.

As cinco turmas assistiram ao vídeo e, segundo relato do professor, os alunos participaram dos debates, expondo suas opiniões sobre o tema proposto pelo vídeo. O professor relatou que completou a atividade com dizeres sobre a importância de analisarmos o que fazemos incentivados pelos colegas e o que fazemos motivados pela educação recebida dos pais.

Participaram da avaliação 81% (N = 145) dos 178 alunos matriculados nas cinco turmas e 19% (N = 33) não participaram desta avaliação. Dos participantes 93% (N = 135) declararam terem gostado do vídeo 7% (N = 10) disseram que não gostaram do vídeo.

Quanto à percepção da mensagem do vídeo, os alunos puderam assinalar mais de uma opção de resposta, a tabela 7 expõe os resultados:

Tabela 7. Qual a mensagem que prevalece no vídeo?

Mensagens	f	%
Pessoas falam mal de nós, o que importa é nossa opinião	145	51,6
Devemos fazer o certo, apoiados pelos nossos pais	124	44,1
Pessoas falam mal e devemos acreditar	9	3,2
Devemos fazer o que os outros falam para fazermos	3	1,1
Total	281	100

Conforme avaliação feita pelo professor essa atividade atingiu os objetivos propostos e, segundo seu comentário: “ – *O vídeo despertou interesse nos alunos e estes entenderam a mensagem causando discussões na sala.*”

Ressaltamos que a importância dessa atividade se refere ao fato de que muitos praticantes de *bullying* agem em grupo e pode haver alunos que não concordam com a situação, mas a aceitam pelo desejo de fazer parte do grupo, de ser aceito.

i. Mostra de vídeo II

O vídeo foi exibido na aula de Religião e, conforme declarações do professores, houve debates sobre a segregação difundida pelo estado e pelas religiões por meio de explicações míticas.

A avaliação da atividade foi feita por 77% (N = 137) do total de 178 alunos matriculados nas cinco turmas, 23% (f 41) não participaram dessa avaliação. 93% (N = 127) dos participantes declararam que gostaram do vídeo e 7% (N = 10) disseram que não gostaram.

Quanto à percepção dos alunos, para 96% (N = 132) há relações entre os fatos apresentados nos vídeos e casos de *bullying* e para 4% (N = 5) essa relação não existe.

Na avaliação dos dois professores, a atividade atingiu os objetivos propostos e ambos fizeram os seguintes comentários avaliativos:

“ – *O que se pode perceber é que alguns alunos acreditam que se pode resolver os problemas com violência. Mesmo após as discussões, permaneceram com a mesma opinião.*”

“ – Os alunos perceberam e entenderam a mensagem do vídeo, porém não se interessaram em fazer um debate maior.”

j. Produção de vídeo

Os ensaios seguiram os procedimentos descritos no planejamento, aconteceram no corredor da escola, em frente à sala de aula e cada aluno se ausentava por no máximo cinco minutos da sala. Com dois ensaios por semana e três semanas de ensaios, os alunos estavam prontos para as filmagens. Foi marcado um dia em que o professor não teria aula para serem efetuadas as gravações com a câmera própria do professor. A filmagem foi feita em aulas vagas dos alunos na sala de aula que estava vazia.

Foram feitos dois vídeos, um com cada turma, que foram entregues a um editor para a edição das imagens, finalizado o vídeo, esse foi exibido aos alunos na TV Pendrive, após a exibição do vídeo, os alunos responderam ao questionário avaliativo.

Dos 72 alunos matriculados nas duas turmas, 72% (N = 52) participaram da avaliação e 28% (N = 20) não participaram. A opinião dos alunos sobre a atividade pode ser observada na tabela 8:

Tabela 8. Você considera que o vídeo produzido pelos alunos:

Opinião	f	%
Passa informações e isto ajuda no combate ao <i>bullying</i>	46	88,5
Instrumento de diversão, ninguém vai prestar atenção nas mensagens	1	1,9
Passa informações mas isto não ajuda no combate ao <i>bullying</i>	5	9,6
Total	52	100,0

Na avaliação do professor a atividade atingiu os objetivos propostos no planejamento e o mesmo completou com o seguinte comentário: “ - De forma geral foi muito bom. Infelizmente faltou espaço e tempo para os ensaios.”

k. Estatuto

Por sugestão da direção escolar essa atividade foi realizada com a participação de todos os alunos da escola em evento marcado, organizado e realizado pela equipe pedagógica. Os procedimentos desse evento estão descritos no relato dos resultados da atividade Teatro.

Foi entregue as sugestões dadas pelos alunos participantes do evento e na análise destas sugestões pode-se perceber que as que prevaleceram foram as que privilegiavam a punição para o aluno que pratica *bullying*, como por exemplo: colocar o agressor para lavar banheiro; colocar o agressor para limpar o pátio da escola; colocar o agressor para jogar o lixo da escola; expulsar o agressor da escola; dar suspensão. Em menor número ocorreram algumas sugestões que privilegiavam a transmissão de conhecimento, como campanha envolvendo todos da escola, palestras e trabalhos realizados pelos agressores que levem informações sobre *bullying* a todos da escola.

A partir dessas sugestões, o estatuto foi finalizado (Apêndice AG) e entregue ao diretor para aprovação em assembleia geral conforme desejo do diretor e equipe pedagógica.

A avaliação da atividade foi feita no dia seguinte a realização do evento. Do total de 178 alunos matriculados nas cinco turmas, 69% (N = 122) alunos participaram dessa avaliação e 31% (N = 56) não participaram. Os resultados da avaliação mostram que 97% (N = 118) dos alunos acharam a elaboração do estatuto *antibullying* uma atividade necessária e 3% (N = 4) acharam essa atividade desnecessária.

I. Teatro

Primeiramente foi feito a divulgação da atividade teatral e solicitado aos alunos interessados que se inscrevessem para participar. Como esperado, obteve-se mais inscrições do que os números de vagas disponíveis, portanto teria que ser feito uma seleção dos alunos que apresentavam perfis mais adequados aos personagens do enredo, essa seleção foi feita pelo professor que consistiu na representação de um texto ou uma frase escolhida, com essa atividade a maioria dos alunos desistiram de participar por se sentirem acanhados.

Foram selecionados os 10 alunos e alguns que continuaram interessados ficaram na lista de espera caso um aluno desistisse durante os ensaios, fato que ocorreu com três participantes. Nenhum aluno da 6C manifestou interesse em participar e cinco alunas da 6E que não foram selecionadas, pediram para fazerem seu próprio teatro, pedido que foi aceito e esse foi denominado de Teatro II com o título Diferente?... Eu?...(Apêndice AI). Os enredos para os dois teatros foram produzidos pela pesquisadora, para o teatro II, as alunas se responsabilizaram a ensaiarem sozinhas, alegaram serem amigas e que moravam

próximas umas das outras; disponibilizamo-nos a dar todo apoio e orientações a essas alunas sempre que houvesse aulas vagas.

O texto com o enredo foi entregue aos dois grupos em uma reunião marcada pelo professor, que foi realizada na biblioteca em horário de aula, com a permissão da orientação escolar. Foi solicitado aos alunos que decorassem cada um a sua fala e só depois começariam os ensaios, esta fase demorou duas semanas, quando foi realizada outra reunião e todos puderam demonstrar que o texto havia sido decorado. Os personagens foram montados e os ensaios começaram como já descritos nos procedimentos, cuidando para que os alunos não se ausentassem da sala de aula por mais de 10 minutos.

Os ensaios eram realizados hora na biblioteca, hora em sala de aula vazia, hora na sala de recursos. As quatro alunas que se dispuseram a fazer um teatro à parte ensaiaram nas aulas vagas e acompanhávamos os ensaios sempre que estávamos no colégio. Havia o planejamento dos teatros serem apresentados junto com a exposição dos cartazes produzidos em um evento que finalizaria o projeto de pesquisa, conforme sugestão dos professores participantes.

A avaliação dessa atividade ficou programada para ser realizada nesse dia, quando todos poderiam assistir aos teatros e avaliar a atividade. Planejou-se fazer duas avaliações com os alunos, uma com os alunos espectadores, onde todos responderiam a avaliação e outra somente com os alunos atores.

Porém mudanças ocorreram por solicitação da direção escolar que nos procurou para solicitar que a apresentação das atividades feitas pelos alunos participantes da pesquisa fossem apresentadas para todos os alunos da escola, incluindo os três períodos de aulas. O objetivo da direção escolar era o de utilizar os trabalhos produzidos pelos alunos para levar conhecimentos aos demais alunos do colégio, transmitindo mensagens *antibullying* por meio dos cartazes produzidos e apresentações dos teatros como forma de transmissão de informações e valorização dos trabalhos realizados.

Proposta aceita, o evento recebeu o nome de “A escola que queremos. A escola sem *bullying*”. A organização ficou a cargo da equipe pedagógica e direção escolar e foi feita em forma de rodízio, ou seja, foram planejadas para serem realizadas quatro atividades diferentes, as turmas de alunos do colégio seriam divididas em grupos e cada grupo estaria participando de uma atividade ao mesmo tempo em que outro grupo estaria participando de outra atividade com inversão das turmas e de local ao término de cada atividade.

Foram definidas 4 atividades: Palestras sobre *bullying* para os alunos; oficina de análise do estatuto *antibullying*; mostra de vídeo e exposição de cartazes.

Os procedimentos foram definidos da seguinte forma:

As atividades foram realizadas em quatro locais simultaneamente, as palestras foram realizadas em cinco salas, os professores que participaram da pesquisa ficaram responsáveis voluntariamente em ministrar as palestras, os slides utilizados nas palestras foram os mesmos utilizados na palestra realizada para os alunos participantes da pesquisa.

Saindo das palestras, os alunos se dirigiram a outras cinco salas organizadas para as oficinas, momento em que os alunos analisaram o estatuto, dessa forma, todos os alunos do colégio contribuíram com sugestões.

Para a terceira atividade, a biblioteca foi preparada para receber os alunos vindos das oficinas, onde assistiram à mostra de vídeo, os vídeos se referem aos teatros realizados pelos alunos e gravados para que pudessem ser repetidos durante todo o evento para todas as turmas do colégio. Optou-se por não apresentar o teatro ao vivo, porque seriam muitas apresentações e os alunos poderiam não suportar o cansaço.

Ao término da mostra de teatro os alunos se dirigiram para o pátio da escola, onde estavam expostos todos os cartazes produzidos pelos alunos e foi também o momento para o lanche. Todos os grupos de alunos passaram pelos quatro ambientes. Essa programação foi planejada para os três períodos, matutino, vespertino e noturno; para o período da noite, foi planejada também uma palestra para os pais dos alunos.

Para a gravação do vídeo, o primeiro procedimento foi o de solicitar a autorização de uso e imagem dos alunos aos seus pais ou responsáveis, foi utilizado o mesmo modelo usado na atividade 10. Somente com a autorização de todos os responsáveis em mãos e que foi dado início às gravações dos vídeos. No total foram gravados três vídeos, o primeiro foi o vídeo jornalístico que já havia sido gravado, mas programado apenas para ser mostrado às turmas participantes, o segundo vídeo foi o vídeo “Diferente?... Eu?” encenado pelas quatro alunas voluntárias e o terceiro vídeo foi o vídeo “*Bullying* na escola” resultado da peça teatral. A gravação foi marcada para uma tarde em que os alunos teriam aulas vagas por conta do afastamento de uma professora. As gravações foram feitas por uma pessoa contratada pela escola, na sala da direção escolar, acompanhadas pelo professor responsável pelo teatro e pela pesquisadora.

No dia marcado para o evento, não houve aulas, os alunos foram avisados com antecedência e dispensados de trazerem material escolar, fato que promoveu a diminuição

de alunos presentes. A escola foi enfeitada com os cartazes produzidos pelos alunos e com faixas contendo o título do evento. O evento, que contou com a participação aproximada de 1.400 pessoas, entre alunos, professores e funcionários, aconteceu de forma organizada, disciplinada e sem perturbações nos três períodos, os alunos foram acompanhados todo o tempo pelos professores do período, que ficaram responsáveis por encaminhar as turmas para as atividades. No período noturno, o movimento foi menor e a palestra para os pais foi realizada pela pesquisadora a convite da direção escolar, que contou com a presença de 12 pais, dos 400 que foram convidados. O convite para os pais foi feito com antecedência e nele constava a informação de que haveria a apresentação das atividades feitas pelos alunos, ou seja, pelos seus filhos. Pudemos contar com a presença de três pais de alunos das turmas pesquisadas.

No dia seguinte, foram realizadas as avaliações das atividades 11 e 12 e muitos alunos das turmas participantes nos procuraram para justificar a ausência do pai ou da mãe. Ouvimos as seguintes justificativas:

“– Minha mãe não veio porque ela foi fazer aula de direção.”;

“– Meu pai não veio porque ele tinha que jogar bola.”;

“– Minha avó não veio porque ela teve que ir no culto.”;

“– Minha mãe não veio porque ela não tinha com quem deixar meu irmãozinho”;

“– Minha mãe não veio porque ela tinha marcado hora no salão para pintar o cabelo.”

As avaliações dos teatros apresentados em vídeos para os alunos foram realizadas no dia seguinte ao evento, mesmo dia em que foi realizada a avaliação da atividade 11. Do total de 178 alunos matriculados nas cinco turmas, 69% (N = 122) alunos participaram dessa avaliação e 31% (N = 56) não participaram. As opiniões dos alunos que assistiram o teatro pode ser observada na tabela 9:

Tabela 9. O que você achou da peça teatral mostrada no vídeo?

Opinião	f	%
Ótimo	77	63,1
Bom	38	31,1
Ruim	4	3,3
Péssimo	3	2,5
Total	122	100,0

Na percepção dos alunos quanto as mensagens dos teatros, os resultados apontam que 96% (N = 117) acreditaram que no enredo apresentado o praticante de *bullying* tinha problemas a serem resolvidos e 4% (N = 5) acreditaram que o praticante de *bullying* estava correto.

Na avaliação do professor, foi possível assimilar o objetivo da disciplina com o objetivo *antibullying* e, segundo sua opinião, a participação no teatro promoveu melhorias no comportamento dos alunos atores em relação à prática ou vitimização de *bullying*. Conforme resposta dada pelo professor, a receptividade dos alunos que assistiram às peças teatrais foi boa e completou a avaliação com o seguinte comentário: “ – *Foi excelente, em todos os sentidos, para quem viu, para quem fez com certeza trouxe uma mensagem clara com consciência para que atitudes erradas sejam deixadas para trás e que desacreditados possam se autoafirmar, conhecendo seu próprio potencial.*”

A avaliação dos alunos atores foi feita para os alunos que participaram atuando como atores nas três atividades que envolveram encenação, lembrando que foram realizados dois teatros, que acabaram sendo gravados em vídeos e a gravação do vídeo jornalístico. No total foram 24 alunos atores que responderam a esta avaliação.

Dos 24 participantes, todos afirmaram terem gostado de ter participado da atividade, com percentual de 100%; 96%, (N = 23) declararam que seus conhecimentos sobre *bullying* aumentaram após a participação no teatro e 4% (N = 1) disseram que seus conhecimentos sobre *bullying* permaneceram iguais; 87,5% (N = 21) relataram que a participação na peça teatral promoveu mudanças em seus comportamentos e 12,5% (N = 3) disseram que não houve mudanças.

As atividades realizadas com os alunos se encerraram nesse evento e deixou a perspectiva sobre os resultados gerados em relação à prática de *bullying* nas turmas pesquisadas, dados que foram analisados nos dois questionários avaliativos. Mas antes das apresentações desses dados, iremos analisar os casos que foram acompanhados de forma individual revelando as escolhas pessoais dos alunos citados pelos professores e nas observações.

6.3 Análises de casos

Foram indicados pelos professores 26 alunos que apresentaram comportamentos indicativos da prática de *bullying* atendendo a solicitações nossas. Os alunos indicados estão representados por seus códigos apresentados no quadro abaixo:

Quadro 10 - Alunos indicados

Turma A	Turma B	Turma C	Turma D	Turma E
A19	B20	C9	D3	E1
A21		C17	D5	E9
A25		C19	D7	E13
		C21	D12	E18
		C22	D15	E19
		C23	D22	E20
			D23	E21
			D30	E24

Fonte: elaborado pela autora

No total, os professores indicaram 26 alunos que apresentaram comportamentos de risco para a prática de *bullying* e em nossas observações acrescentamos mais cinco alunos que não foram citados pelos professores mas que apresentaram o mesmo perfil, portanto, o total de alunos observados na segunda fase das observações foi de 31 alunos.

Foram realizadas um total de 35 horas/aulas de observações divididas em 7 seções por turma, cada seção teve a duração de cinquenta minutos. Decidiu-se por 7 seções em cada turma por acreditar ser tempo suficiente para emitir parecer sobre o comportamento adotado pelos alunos indicados pelos professores. Tais dados se destinavam à análise das indicações feitas pelos professores e das respostas dadas pelos alunos nos questionários comparando-as com a descrição do perfil indicado nas observações.

No decorrer dos trabalhos realizados, alguns desses alunos foram transferidos de colégio, outros faltaram na maioria das atividades ou não responderam ao questionário 1 e 2, fato que impossibilitou a realização de uma análise completa desses alunos, por esse motivo, foram descartados dessa análise, restando 20 alunos para serem analisados.

Os alunos analisados citados pelos professores foram: A19; A21, A25; B20; C9; C17; C21; C22; D3; D5; D12; D30; E13; E18; E19; E24. Os alunos indicados nas observações da segunda fase foram: A29; C1; C8; E5. Desses alunos 19 são meninos e a única menina do grupo é D30. Os comportamentos que prevaleceram nos alunos observados foram sintetizados e estão apresentados no quadro 11 e no quadro 13 estão referenciados pela numeração que os acompanham no quadro 11. As sínteses comportamentais expostas no quadro 11 foram produzidas a partir dos comportamentos

descritos nas observações da segunda fase e podem ser observadas no apêndice AN na qual também estão dispostas as descrições completas das observações e das respostas dadas pelos alunos em cada fase.

Quadro 11 - Sínteses Comportamentais

1	Indisciplinado
2	Provocativo
3	Aparente dificuldade em seguir regras e limites
4	Humilha colegas com xingamentos
5	Imposição pelo porte físico e agressividade
6	Extrovertido
7	Ameaça com palavras
8	Intimida com gestos, palavras e porte físico
9	Sério, aparente introversão
10	Oscilação de comportamento, ora inquieto, ora apático
11	Zombarias
12	Tumultua a aula
13	Agressão física
14	Desrespeita professores e alunos

Fonte: elaborado pela autora

Nas respostas às questões dos questionários 1 e 2 pode-se fazer uma comparação das respostas dadas pelos alunos quanto a posição de vítima ou de agressor no início e depois no término dos trabalhos. As categorias de respostas estão dispostas no quadro 12 e no quadro 13, Análises de Casos, as respostas dadas são representadas pelos números que as acompanham no quadro 12.

Quadro 12 - Categorias de Respostas

Q1A		Q2A	
1	É maltratado	1	Nunca foi maltratado
2	Maltrata	2	Nunca maltratou
3	Não é maltratado	3	Não é mais maltratado
4	Não maltrata	4	Não maltrata mais
5	Não respondeu o Q2	5	Continua maltratando
		6	Maltratam-me menos
		7	Maltrato menos

Fonte: elaborado pela autora

No Quadro 13 podem ser acompanhados os resultados das análises:

Quadro 13 - Análise de casos

Aluno	Idade	Repetente		Comportamentos observados														Q1A		Q2A	
		Sim	Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	Q2	Q9	Q5	Q7
A19	11		X	X	X													1	4	1	2
A21	12	X		X		X												1	2	3	4
A25	12	X		X														3	4	1	2
A29	10	X		X	X		X											1	4	3	2
B20	13	X		X	X													1	2	1	4
C1	13	X			X													1	2	1	2
C8	12	X			X													1	2	1	5
C9	12	X		X				X										1	2	6	7
C17	12	X		X										X				1	2	1	2
C21	10		X	X														1	2	1	7
C22	11		X						X									3	4	1	2
D3	12	X		X				X		X	X							3	4	1	4
D5	12	X										X						1	2	3	2
D12	12	X											X					3	4	6	2
D30	11	X		X	X													1	2	1	2
E5	13	X		X										X				1	2	3	4
E13	14	X		X	X										X			5	5	1	4
E18	11		X	X														1	2	1	2
E19	12	X		X														5	5	3	4
E24	13	X		X												X	X	3	2	1	5

Fonte: elaborado pela autora

No Quadro Análises de Casos podem ser acompanhados os resultados das análises feitas individualmente com os alunos indicados, a primeira coluna se refere ao código dos alunos seguido da coluna em que estão dispostas as idades e a situação do aluno na série, se é repetente; a coluna Comportamentos observados refere-se aos comportamentos prevalentes nos alunos nos momentos das observações da fase 2; nas duas últimas colunas estão as respostas dadas pelos alunos no Q1A nas questões 2 e 9; as respostas dadas pelo aluno no Q2A nas questões 5 e 7.

Dos 20 alunos analisados, 2 não responderam ao Q1A, portanto não foi possível confirmar a mudança de opinião destes alunos. Dos 18 alunos, podemos observar que 9 deles mudaram de opinião quanto à posição de vítima, um aluno em especial, D12, declarou no Q1A que não era maltratado e no Q2A afirmou que o maltratam menos.

Os demais, A19, B20, C1, C8, C17, C21, D30 e E18 assumiram a posição de vítima no Q1A e no Q2A alegaram nunca terem sido maltratados.

Quanto à posição de agressores, dos 20 indicados 12 se assumiram agressores no

Q1A. Dos 18 alunos que responderam aos dois questionários, 6 deles mudaram de ideia, 6 alunos se assumiram como alunos que maltratam colegas na escola no Q1A e responderam no Q2A que nunca maltrataram.

Dois casos analisados chamaram a atenção: o primeiro se refere ao aluno D12 e o segundo se refere ao aluno E24.

Por meio das observações e da declaração de D12 feito na nossa presença à pedagoga, na secretaria da escola de que era perseguido por um grupo de alunos, que o empurravam para o meio da rua no momento em que passavam carros, podemos afirmar que D12 é vítima de *bullying* praticado por alunos que estudam na mesma sala dele e ao mesmo tempo constatamos nas observações que D12 é um aluno provocador.

As oscilações de comportamento de D12 são visíveis, o que provoca ora a posição de vítima, ora a posição de agressor. Porém no Q1A ele não assumiu nenhuma das duas posições. Segundo relato de D12 à pedagoga, o grupo que o havia ameaçado “*sempre*” fazia isso. Portanto as agressões possivelmente já estavam ocorrendo quando D12 respondeu ao Q1A. Nas respostas de D12 ao Q2A ele declarou que “o *bullying* comigo diminuiu mas não acabou”, ou seja, assumiu que era e continua sendo vítima de *bullying*, mesmo que diminuída as agressões. D12 declarou que seu comportamento mudou e que não tem mais medo de denunciar o agressor.

D12 foi contraditório quanto a sua posição de agressor, nos dois questionários afirmou que nunca maltratou, mas na questão de número 8 do Q2A deixou transparecer sua posição quando assinalou a alternativa “o meu comportamento não mudou, continuo praticando *bullying* do mesmo jeito.”

Já o aluno E24 se mostrou arredo em todas as suas participações e a maioria das respostas dadas pelo aluno no questionário 1 e 2 e nas avaliações das atividades foram negativistas. Assumiu e continuou assumindo sua posição de agressor e declarou que colabora com o agressor.

Na interpretação da leitura do livro *Pretinha, Eu?* E24 disse que a protagonista merecia o que fizeram com ela porque era pobre e negra.

Uma discreta melhora foi percebida em E24 ao se contradizer quando afirma que o clima em sala de aula não mudou nada quanto a prática de *bullying* e ao mesmo tempo declara em outra questão que as agressões sobre a vítima diminuiriam, mas não acabaram.

Pode-se perceber algumas semelhanças entre as respostas de E24 e E19, os dois são irmãos, são criados no mesmo ambiente, vivenciam as mesmas situações familiares. Porém

E19 mostrou-se menos arredio e declarou que mudanças ocorreram em sua postura diante da prática de *bullying*.

Outro aluno que apresentou o mesmo perfil de E24 foi o aluno C8, apesar de ter dito que o clima na sala de aula não mudou nada, que continua praticando *bullying* e de ter avaliado os trabalhos como péssimos, declarou que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de *bullying*.

Dos 135 alunos que responderam ao Q2A, apenas dois alunos responderam na questão 7 que continuam praticando *bullying*. Percebemos nas análises realizadas que estes alunos são C8 e E24; C8 foi percebido por nós nas observações com possibilidades de ser praticante de *bullying*, devido ao comportamento apresentado e E24 foi indicado pelos professores como aluno com comportamento de risco para a prática de *bullying*.

Por meio das análises de casos pôde-se observar que dos 20 alunos indicados com comportamentos de risco para a prática de *bullying*, 12 assumiram que maltratam colegas no Q1A, portanto houve uma concordância de 67% entre as indicações feitas pelos professores e por nós e a posição assumida pelo aluno no Q1A. Já nas respostas ao Q2A, como houve mudanças de opinião, temos um percentual de 50% de concordância entre as indicações feitas e a posição assumida pelos alunos, pois tivemos um total de 10 alunos que continuaram afirmando que maltratam colegas de turma.

6.4 Avaliações

Com o levantamento da realidade que se apresentava no início das atividades de pesquisa com a aplicação dos questionários para alunos e professores e com as observações em sala de aula, foi possível revelar as variáveis de nosso ponto de partida. Com objetivos delimitados, realizamos nossas atividades de intervenção e ao final dessas intervenções realizamos a avaliação final para obtermos dados sobre as variáveis de nosso ponto de chegada. Seguem as análises avaliativas.

6.4.1 Avaliação dos professores

O Q2P foi aplicado na sala de estudos da escola nos horários dos encontros. Cada professor respondeu o questionário na presença da pesquisadora, que se manteve em silêncio, só se manifestando quando solicitada. Dos oito professores, sete responderam ao

questionário na escola e para um professor que estava de licença prêmio, levamos o questionário até sua casa e depois retornamos para pegá-lo. Todos os professores responderam ao questionário na mesma semana.

Os encontros realizados foram considerados como ótimos por seis professores e dois professores consideraram que os encontros foram bons. Os conteúdos utilizados nos encontros, expostos em textos, foram considerados apropriados ao objetivo do projeto pelos oito professores. Quanto ao tempo utilizado para os encontros, sete professores declararam que o tempo gasto nos encontros foi suficiente e um professor declarou que o tempo foi insuficiente. Em relação ao local dos encontros, sete professores consideraram apropriados e um professor considerou que o local era apropriado, porém os ruídos atrapalharam a concentração.

Quanto à avaliação da atividade realizada pelo professor com seus alunos, seis professores avaliaram como ótimas as atividades que realizaram, um professor considerou que foi boa e um professor declarou que a atividade que realizou foi regular.

Os oito professores avaliaram que seus procedimentos diante do *bullying* melhoraram; que as dificuldades para enfrentar o fenômeno diminuíram e que houve melhoria no clima em sala de aula no que se refere a prática de *bullying*.

Na avaliação geral do projeto seis professores o avaliaram como ótimo e dois professores o avaliaram como bom.

Os professores deram sugestões sobre o que poderia ser melhorado nos encontros realizados com os professores, as sugestões foram as seguintes:

Cinco professores se referiram à falta de disponibilidade de tempo dos professores em participar dos encontros.

Três professores reclamaram sobre a falta de um encontro com a presença de todos os professores participantes do projeto para que pudessem discutir o tema trocando opiniões.

Um professor declarou que o ambiente dos encontros não era propício à concentração e reclamou da falta de interesse por parte de alguns professores.

Um professor sugeriu que “ - *Os encontros poderiam ser realizados nas semanas pedagógicas, nos dias de replanejamento e nos grupos de estudos. É um tema muito amplo para ser discutido somente nas horas atividades do professor.*” Um professor teceu o seguinte comentário: “ - *Participamos dos encontros, mas sempre preocupados com outros trabalhos e outras tarefas. Isso sempre prejudica a participação.*”

As sugestões dadas para a melhoria das atividades realizadas com os alunos foram:

Dois professores disseram que a SEED deveria proporcionar mais horas-atividade para que os professores pudessem realizar e discutir projetos como esse.

Dois professores declaram que a escola deveria ter um lugar apropriado para a realização e apresentação de atividades realizadas pelos alunos.

Dois professores sugeriram que materiais diversificados deveriam estar a disposição do professor na escola, como cartilhas, vídeos, materiais diversos para a produção de cartazes, teatros, entre outros.

Foi sugerido também, por um professor, o uso de uma aula semanal, proporcional à carga horária de cada disciplina para estudos específicos sobre *bullying*.

Foram feitas também as sugestões de se cobrar dos alunos, em atividades específicas, opiniões de juízo de valor sobre o *bullying* e sua relação com a violência na sociedade e mais atividades preparadas referentes ao *bullying*.

Na finalização da avaliação os professores teceram os seguintes comentários:

“- Falta de conhecimento por parte de alguns professores da importância deste projeto.”

“- Acredito que tudo parte de uma ação e que com certeza muitos pensamentos foram mudados em várias faixas etárias e grupos dentro da escola; que foi extremamente positivo para todos e até fora do ambiente escolar, mas que sempre há condições de melhorar desde que tenha incentivo e disponibilidade de tempo, materiais e suportes para que esse trabalho não pare por aqui.”

“- É um tema que abrange o mundo. Tem que ser passado adiante, ser lembrado com muita frequência para que essa prática seja banida das nossas escolas, nossos lares, etc..”

“- A temática da pesquisa possibilitou um novo olhar nas relações interpessoais na comunidade escolar.”

“- O projeto ajudou a diferenciar violência pontual de bullying, isso reflete no trabalho pedagógico do professor com os alunos.”

“- Que a escola tenha um projeto sobre bullying contínuo. Que os educadores tenham mais respaldo ou ajuda do setor pedagógico quando se trata do bullying.”

“- Agradeço por ter participado no projeto, aprendi muito e peço desculpas se deixei alguma tarefa sem realizar. Muito obrigada!”

6.4.2 Avaliações dos alunos

Para a aplicação do Q2A foram utilizadas somente as aulas dos professores participantes, os quais foram avisados previamente e como em todos os momentos, só entrávamos em sala de aula mediante autorização dos mesmos.

Foi esclarecido aos alunos o objetivo do questionário e foi mencionado o Q1A que responderam no final do primeiro semestre, recordando algumas questões que foram feitas no questionário na tentativa de suscitar nos alunos as lembranças das respostas dadas por eles para que percebessem as relações entre os dois questionários. Todas as questões foram lidas pela pesquisadora e em seguida respondidas pelos alunos, a cada questão lida, foi feita referência à questão similar respondida no Q1A.

O questionário de avaliação foi respondido somente pelos alunos que estavam matriculados na escola desde o início do ano letivo ou que tivessem sido matriculados logo após o início do segundo semestre. Apenas três alunos das cinco turmas se manifestaram como alunos novos e não responderam ao questionário.

Aproveitamos o momento do encontro com os alunos para a despedida, foram feitos agradecimentos quanto à importante participação dos alunos e elogios quanto às produções realizadas e o comprometimento com o projeto.

Os resultados das avaliações feitas pelos alunos foram os seguintes:

Dos 178 alunos matriculados no início do ano 76% (N = 135) responderam ao questionário avaliativo, 24% (N = 43) não responderam, número que corresponde ao número de alunos que não estavam presentes à aula a qual foi aplicado o questionário.

Os resultados da análise geral do clima percebido em sala de aula quanto a incidência da prática de *bullying* após o início dos trabalhos realizados pelos professores podem ser observados na tabela 10:

Tabela 10. Incidência da prática do *bullying* em sala de aula

Incidência	f	%
A prática de <i>bullying</i> diminuiu	55	40,7
A prática de <i>bullying</i> diminuiu só um pouco	50	37,0
Não mudou nada	17	12,6
A prática de <i>bullying</i> acabou na sala de aula	12	8,9
A prática de <i>bullying</i> aumentou	1	0,7
Total	135	100,0

Em relação à percepção dos alunos quanto ao comportamento do agressor, os resultados estão expostos na tabela 11:

Tabela 11. Percepção sobre o comportamento do agressor

Situação atual do agressor	f	%
Diminuiu um pouco	82	60,7
Continua praticando <i>bullying</i>	28	20,7
Não pratica mais <i>bullying</i>	22	16,3
Aumentou a prática de <i>bullying</i>	3	2,2
Total	135	100,0

Quanto ao comportamento dos espectadores na percepção dos alunos, 52% (N = 70) disseram que os espectadores estavam ajudando a vítima; para 36% (N = 49) os espectadores não estavam fazendo nada e 12% (N = 16) disseram que os espectadores estavam ajudado o agressor.

Na análise sobre seu próprio comportamento em relação à vitimização, a situação daqueles que se consideravam vítimas de *bullying* no decorrer do ano letivo pode ser observada na tabela 12:

Tabela 12. Situação atual da vítima

Situação atual da vítima	f	%
Nunca fui vítima	57	42,2
Não sou mais vítima	41	30,4
As agressões diminuíram	31	23,0
Continuo sendo vítima	6	4,4
Total	135	100,0

Quanto ao comportamento dos que se consideravam vítimas, os resultados podem ser observados na tabela 13:

Tabela 13. Comportamento atual da vítima

Comportamento atual da vítima	f	%
Nunca fui vítima	54	40,0
Confio mais em mim	34	25,2
Não tenho mais medo de denunciar	25	18,5
Confio mais nos professores	17	12,6
Continuo tendo medo de denunciar	3	2,2
Continuo não confiando no professor	2	1,5
Total	135	100,0

Avaliando o comportamento daqueles que se consideravam praticantes de *bullying* no decorrer dos trabalhos realizados, os alunos apontaram as seguintes avaliações:

Tabela 14. Comportamento atual do agressor

Comportamento atual do agressor	<i>f</i>	%
Nunca pratiquei <i>bullying</i>	94	69,6
Não pratico mais <i>bullying</i> com meus colegas de escola	34	25,2
Diminui a prática de <i>bullying</i>	5	3,7
Continuo praticando <i>bullying</i>	2	1,5
Total	135	100,0

Na verificação do motivo da mudança de comportamento dos que se consideraram agressores e declararam que não o são mais, foram assinaladas as seguintes motivações, conforme observadas na tabela 15:

Tabela 15. Motivo da mudança

Motivo da mudança	<i>f</i>	%
Nunca pratiquei <i>bullying</i>	81	60,0
Agora sei que <i>bullying</i> é crime	28	20,7
Agora tenho mais conhecimento sobre as consequências dos meus atos	23	17,0
Não mudei, continuo praticando <i>bullying</i>	3	2,2
Total	135	100,0

Na análise do comportamento dos alunos que se enquadraram no perfil de espectador. Foram dadas 8 opções de respostas divididas em 4 blocos, em cada bloco os alunos poderiam optar em assinalar uma das duas alternativas sugeridas. Os resultados podem ser analisados na tabela 16:

Tabela 16. Comportamento atual do espectador

Bloco 1	<i>f</i>	%
Não tenho mais medo de denunciar	99	73,3
Continuo tendo medo de denunciar	10	7,5
Não assinalou nenhuma das duas respostas	26	19,2
Total	135	100,0
Bloco 2	<i>f</i>	%
Não acho engraçado	100	74,1
Continuo achando engraçado	3	2,2
Não assinalou nenhuma das duas respostas	32	23,7
Total	135	100,0

Bloco 3	f	%
Não colaboro com o praticante de <i>bullying</i>	92	68,2
Colaboro com o praticante de <i>bullying</i>	3	2,2
Não assinalou nenhuma das duas respostas	40	29,6
Total	135	100,0
Bloco 4	f	%
Não tenho mais medo de acontecer comigo	62	45,9
Continuo tendo medo de acontecer comigo	27	20,0
Não assinalou nenhuma das duas respostas	46	34,1
Total	135	100,0

Na tabela 17 pode-se observar o percentual de respostas dadas quanto a atitude que tomariam caso presenciassem um colega praticando *bullying*:

Tabela 17. Atitude atual do espectador

Atitude do espectador	f	%
Denunciaria o agressor	56	41,5
Ajudaria a vítima	54	40,0
Não faria nada	13	9,6
Pediria para o agressor parar	10	7,5
Ajudaria o agressor	2	1,5
Total	135	100,0

Quanto à percepção dos professores frente a prática de *bullying* em sala de aula, 50% (N = 68) dos alunos disseram que alguns professores estavam percebendo a prática de *bullying* em sala de aula e outros não; 41% (N = 55) responderam que sim, que os professores estavam percebendo o *bullying* e 9% (N = 12) declararam que os professores não estavam percebendo tal prática em sala de aula.

Para 51% (N = 69) dos alunos os professores estavam ajudando as vítimas quando percebiam que a mesma estava sofrendo *bullying*; para 36% (N = 49) dos alunos somente alguns professores estavam ajudando e para 13% (N = 17) dos alunos os professores não estavam ajudando as vítimas de *bullying*.

Em relação às atividades desenvolvidas pelos professores, 82% (N = 111) dos alunos declararam que acreditavam que as atividades contribuíram para a diminuição da prática de *bullying* e 18% (N = 24) dos alunos disseram que não acreditavam que as atividades contribuíram.

Na última questão do questionário avaliativo solicitamos aos alunos que fizessem uma avaliação geral de todas as atividades realizadas pelo projeto envolvendo os alunos. Os resultados estão apresentados na tabela seguinte:

Tabela 18. Avaliação geral

Avaliação	<i>f</i>	%
Ótimo	72	53,3
Bom	57	42,2
Ruim	3	2,2
Péssimo	3	2,2
Total	135	100,0

Ao término dos trabalhos de coletas de dados, foi feita a última visita à escola para agradecimentos à direção escolar, às pedagogas, aos professores e a todos que de uma forma ou de outra colaboraram com as atividades do projeto. Comprometemo-nos a retornar para apresentação do resultado final da pesquisa em dia e hora marcados pela escola.

7 DISCUSSÃO

Destacamos na discussão aqui exposta o tema debatido no quinto encontro realizado com os professores por meio do texto que expõe a necessidade de a escolar aprender se quiser continuar sendo uma instituição que ensina (SAMUELSEN; ERTESVÅG, 2006).

Esse destaque é oportuno porque a principal necessidade declarada pelos professores no Q1P foi o conhecimento e a principal dificuldade revelada foi a falta dele, os principais anseios revelados pelos professores foi o saber agir.

Esse fato pode ser percebido nas falas dos próprios professores quando perguntado quais os procedimentos adotados diante de um caso de *bullying* em sala de aula e surge o seguinte comentário: “- *Não sei como e nem o que fazer diante de uma situação como esta em sala de aula.*” ou, quando questionados sobre os obstáculos enfrentados e os professores citam vários itens que, traduzidos, resumem a consequência da falta de conhecimento como o não saber agir, não saber identificar os protagonistas, o tratar o *bullying* como violência pontual, não se sentir preparado e usar de ameaça na tentativa de resolver o problema.

Analisando que sete professores declararam nunca terem participado de algum curso em mediação de conflito ou prevenção e contenção da violência escolar e que estão em média a 16 anos exercendo a profissão, podemos verificar que estão a uma década e meia sem receber informações em como lidar com a violência escolar. Percebemos que novos paradigmas surgiram quanto à violência no ambiente escolar, como no caso do termo *bullying*, e os professores continuam atuando nos mesmos moldes da sua época de formação da graduação, seria o que Demo (2001), Samuelsen e Ertesvåg (2006) chamam de conhecimento caducado, que seria o uso de metodologias e procedimentos ultrapassados.

E para completar o quadro das dificuldades sentidas pelos professores, são apontadas a falta de apoio pedagógico; tempo para lidar com a situação, material diferenciado, situações citadas por Abramovay (2002) que de alguma forma contribuem para a ocorrência de conflitos e consequentemente para a violência no ambiente escolar. Os professores citaram também a falta de acompanhamento psicológico tanto para os professores como para os alunos, o que poderia colaborar no controle da paciência, necessidade apontada por um professor.

Permanecer em sala de aula por 50 minutos em contato com uma média de 38 crianças, onde prevalece o comportamento indisciplinado e barulho exagerado, abala o controle emocional de qualquer professor e na falta desses professores: “ - *A escola fica louca*”, frase dita por um professor em um encontro quando ressaltava a importância do professor, mas que essa importância só era percebida pela escola quando da sua ausência, resultando em alunos indisciplinados soltos pelo pátio do colégio.

Conforme o relato das percepções dos professores podemos supor que as dificuldades enfrentadas por eles são reflexos das dificuldades enfrentadas pela escola pois, segundo os professores, a ela também falta o conhecimento sobre como lidar com o *bullying*; falta de profissionais especializados para auxiliar; falta de colaboração dos pais; número alto de alunos na escola, falta de cursos de capacitação que podem gerar o conhecimento e que impediria a seguinte situação citada por um professor, “ - *Por falta de identificação os casos mais graves de bullying ficam meio que acobertados*”.

Problemas como esses podem ser identificados na análise das necessidades sugeridas por Jennifer e Cowie (2006a) os quais sugerem que um conteúdo estratégico que desenvolva um conhecimento organizativo pode levar as escolas a superarem o *bullying*. Esses dois procedimentos são a base inicial dos trabalhos de renovação do pensamento escolar que podem ser adotados em qualquer projeto que objetiva a melhoria do ambiente escolar.

No Q1P um professor citou a ausência de profissionais comprometidos com a educação. Esse profissional seria o professor e essa ausência de comprometimento seria a permanência na escola com a única finalidade de receber o salário no final do mês, sem compromisso com o desenvolvimento de novas habilidades, novos conhecimentos que poderiam enriquecer a aprendizagem. No quinto encontro um professor levantou essa questão e salientou a importância da formação continuada e da posição crítica de alguns professores que não participam de cursos de capacitação diante de outros que participam ativamente dos cursos e reproduziu o comentário que ouviu de outros professores: “ - *Há! Mas eu não preciso mais de avanço, porque eu vou fazer curso? Meu aluno não estuda, não tem interesse.*” e concluiu dizendo: “ - *Mas esta falta de interesse é geral! Será que não entendem que, como meu físico precisa de alimento, meu intelecto precisa do saber.*”

Pode-se perceber nesse relato a presença das barreiras psicológicas citadas por Samuelsen e Ertesvåg (2006) quando da tentativa de implantação de um projeto escolar. Seria a acomodação no território que se julga seguro, barreira que contribui com a

continuidade da escola como guardião do conhecimento (DEMO, 2001), onde o conhecimento adquirido pelo professor na graduação está depositado na escola sem ser renovado. O conhecimento que precisa ser renovado se refere a novas formas de produzir a aprendizagem, sem descartar o conhecimento acumulado pela cultura produzida no decorrer da história.

A consequência da falta de informação gera medidas paliativas (ROYER, 2003), como diálogos desconectados de continuidade, confundidos na prática com monólogos onde só a autoridade fala e o repreendido ouve. Diálogos esses que engrossam a ficha do aluno a cada vez que é chamado na diretoria, pois são todos registrados para que se possa acompanhar o que o aluno tem feito de errado durante o ano letivo. Nos casos mais graves ocorre o encaminhamento para a patrulha escolar que, no Paraná, se refere a ação da Polícia Militar que se diz especializada a atendimento escolar.

Nas sugestões de medidas que poderiam ser adotadas pelos professores no trato com o agressor surgem as indicações de 7 práticas punitivas, como ser mais rígido na correção dos comportamentos indesejados, encaminhá-los às autoridades competentes, punir e responsabilizar mais as famílias e 6 práticas educativas que podem ser promovidas pela escola como diálogo constante com os agressores, fazê-los refletir sobre as consequências de seus atos; procurar entender o motivo das agressões; pedir ajuda a especialistas e acompanhamento psicológico. Nas sugestões dadas pelos alunos na formulação do estatuto *antibullying* também houve sugestões punitivas no trato com os agressores. Obviamente que se esses são os procedimentos mais utilizados pela escola, pela família, pela igreja e pelas organizações governamentais, serão esses também os procedimentos citados pela nova geração que os acompanha (SIDMAN, 1995; CATANIA, 1999; SKINNER, 1998). Acreditamos que se as ações educativas escolares recebessem maior ênfase, pouca ou nenhuma ação punitiva seria necessária.

Entende-se por prática educativa escolar promovida pela escola toda ação voltada ao desenvolvimento intelectual e moral desenvolvida em meio democrático, isento de controle punitivo ou coercitivo, a fim de promover a autonomia do cidadão.

Destacamos as medidas que poderiam ser implantadas pela SEED na fala de um professor: “ - A própria SEED poderia lançar como desafio no programa educacional o combate ao bullying. De início, nas semanas pedagógicas e, na sequência, cursos, seminários, palestras. Do geral para o particular. Isto é, partindo da mantenedora geral para cada escola.”

E um professor completou dizendo que o Estado deveria “ - *Ser mais rígido em todos os aspectos*”. Podemos interpretar que este “*em todos os aspectos*” inclui o trabalho dos professores e isto significa não somente a rigidez na cobrança de mudanças de comportamentos dos alunos agressores, mas também a cobrança de mudanças de comportamentos dos professores que lidam com esses alunos.

Percebe-se que as cobranças sobre os professores são feitas prioritariamente sob a necessidade de se realizar uma aula mais atrativa para os alunos, realizada por um professor motivado, informado e capacitado para isto. Esses requisitos nos parecem ser essenciais a qualquer profissional de qualquer área de trabalho, mas para o professor o peso da cobrança é maior porque ele lida com a educação, motor de alavanque do desenvolvimento do país, esquecendo-se do fato de que nesse motor, os professores são parte integrante de uma engrenagem maior. Essa cobrança foi destaque nas reclamações dos professores nos encontros realizados e pode ser resumida em um comentário feito por um professor: “ - *O professor não é uma pessoa famosa e bonita da televisão que vem para a escola dar um show diário para uma média de 400 a 800 alunos*”, o professor completou dizendo que o único instrumento que eles têm para manter os alunos interessados nas aulas são as atividades curriculares, que só pelo nome já causam aversão nos alunos. A questão não é apenas cobrar, é também suprir os professores dos meios para que atinjam as exigências do processo educativo, situação frisada por um professor que diz: “ - *Na semana pedagógica, só teoria, falar da corrente filosófica de fulano de tal. E a prática? Teoria que a gente nunca usa na prática*”. A reclamação dos professores é de que há muitos textos teóricos que são debatidos nas semanas pedagógicas, mas que esses textos pouco contribuem com a prática em sala de aula, pois não trazem explicações de situações problemáticas reais e formas de enfrentá-las em sala de aula (BELINTANE, 2002).

Nas medidas que poderiam ser implantadas na escola pela direção escolar para prevenir e evitar o *bullying*, também podemos resumir as respostas dadas pelos professores na fala de um professor: “ - *Reeducar a comunidade escolar no intuito de que os alunos possam levar para casa um novo comportamento, pois muitas vezes o aluno apresenta o perfil de sua família*”. O reeducar pode ser entendido como a reconstrução do conhecimento citado por Demo (2001) e entende-se por comunidade escolar todos que participam da escola, desde pais, alunos, professores e funcionários, portanto esta reconstrução cabe a todos, sem distinção. Para reeducar é necessário que se desenvolva

uma nova mentalidade de contenção da violência escolar que deve se iniciar com mudanças de velhos hábitos que se mostram nocivos, como as punições por exemplo.

Um professor citou, dentro das medidas que poderiam ser usadas pela escola, a medida de não colocar alunos mais velhos na mesma turma que alunos mais novos. Podemos observar nas análises dos alunos que foram citados por apresentarem comportamentos de risco para a prática de *bullying* que, dos 20 alunos analisados, 15 são repetentes, ou seja, 75% dos alunos citados são repetentes. A repetência aparece tanto nas citações das consequências que o *bullying* pode ocasionar às vítimas, já que pode ocorrer uma queda no rendimento escolar, absentismo e evasão, como nas características dos alunos agressores (OLWEUS, 1993; CALHAU, 2009; CAMACHO, 2001; FANTE; PEDRA, 2008; MARTINS, 2007), portanto, parece-nos que há uma estreita relação entre o *bullying* e a repetência.

Nas suposições quanto à necessidade de se praticar *bullying*, ficar popular é uma das necessidades indicada por 38,9% dos 150 alunos que responderam ao Q1A, ficar popular significa ficar conhecido por uma qualidade que o destaca dos demais, mesmo que esta qualidade seja a brutalidade, o comportamento violento, como avaliam Farrington (2002), Olweus (1993) e Tognetta (2005). Podemos supor que a busca da popularidade por meio do que se acredita ser uma qualidade melhor que a dos outros pode ser a busca do orgulho próprio e dentre os fatores que podem abalar o orgulho próprio podemos citar a repetência.

O sentimento de inferioridade pode ser acobertado pela falsa noção de que se tem o comando da turma por ser o maior e/ou o mais velho entre os alunos, aprendizado que pode ter sido adquirido na família, fato debatido por Pereira (2005) e Smith (2002). A suposta posição de superioridade diminui o sentimento de inferioridade e dá a falsa sensação de que se está no comando de uma situação que na verdade é comandada pelo sistema que reprova e coloca juntos na mesma turma de 6º ano alunos de 10, 11, 12, 13 e até 14 anos.

Foi citada por um professor a necessidade de unidade no falar de cada educador; esse item foi trabalhado nos encontros e insistiu-se muito nessa área, pois acreditamos que todo e qualquer procedimento de contenção ao *bullying* não surtirá o efeito desejado se cada professor apresentar um discurso diferente, incoerente com os objetivos propostos pelo projeto, como esclarecem Samuelsen e Ertesvåg (2006). Unificação do discurso não significa unificação de forma de trabalho, cada professor tem a liberdade de executar seu

trabalho conforme suas habilidades, o que não pode ocorrer é cada professor apresentar um conceito diferente de *bullying*, por exemplo, alguns privilegiarem a punição e outros o diálogo, alguns acreditarem que se trata de brincadeira e outros perceberem o *bullying* como violência.

No encontro da quinta semana alguns professores esclareceram que esse descompasso é muitas vezes percebido nas atitudes tomadas entre os professores no que se refere a alunos que apresentam comportamentos indisciplinados ou agressivos, por exemplo, ocasionando formas diferentes de lidar com o problema, resultando em conflitos quando um professor toma uma determinada atitude e outro discorda desta atitude, expondo inclusive sua posição de discordante para os alunos, desfazendo procedimentos adotados para controlar o comportamento indisciplinado ou agressivo, decididos de forma coletiva em reunião com a equipe pedagógica. Foi citado também o descompasso entre as atitudes tomadas pelos professores e as atitudes tomadas pela equipe pedagógica, como exemplo os professores citaram a situação em que colocam um aluno para fora da sala de aula por motivo de perturbação, encaminhando-o a biblioteca para fazer as atividades ou para a equipe pedagógica e esta o manda de volta à sala, desautorizando o professor. Um professor completou o raciocínio dizendo: “ - *Se você manda um aluno para fora da sala de aula, não é boa professora, se você o mantém na sala, não consegue dar aula.*

Diante de situações como essas, os professores enfatizaram a necessidade de integração entre a conduta adotada pelos professores e entre estes e a equipe pedagógica. Um professor ressaltou que: “ - *Esta incoerência acaba por deixar o professor desacreditado e sua autoridade abalada*”. Problemas como esses devem ser resolvidos antes que o assunto ou tema que se quer trabalhar seja exposto aos alunos, pois a existência de incoerências nos discursos dos professores certamente levantará suspeitas nos alunos sobre a qualidade do trabalho que se quer realizar, os alunos perceberão os descompassos dos discursos e a tentativa de conquistar sua confiança poderia ficar abalada.

Tudo se resume na falta de diálogo entre os profissionais da educação, fator citado por Abramovay (2002) como contribuinte de um clima desfavorável ao controle da violência escolar e neste quesito voltamos à análise das necessidades e o planejamento de conteúdo estratégico sugeridos por Jennifer e Cowie (2006a) e Samuelsen e Ertesvåg (2006), procedimentos necessários para uma compreensão e direcionamento de tomada de medidas conjuntas que poderiam prevenir problemas como os citados acima.

Os encontros realizados com os professores foram avaliados positivamente pelos mesmos, com algumas restrições como o local inadequado e os horários dos encontros, no que concordamos, pois se tratava de uma sala de estudos onde transitavam vários professores. Os professores que participavam dos encontros por várias vezes se ausentaram por terem sido solicitados por alunos que queriam conversar, solicitados para resolverem questões administrativas e para atenderem pais de alunos. Portanto a concentração ficava comprometida e havia sempre a preocupação com outras tarefas a serem realizadas, como preparação de provas e de aula, pois se tratava da hora atividade deles, essa seria a barreira prática, citada por Samuelsen e Ertesvåg (2006) na análise das necessidades.

Ao analisarmos as necessidades dos professores percebeu-se que uma das barreiras para a formação contínua docente provinha da falta de tempo em estudar e participar de ações educativas. Dessa forma a solução encontrada foi a formação realizada no horário e local de trabalho, utilizando as horas atividades dos professores. Confirmamos por meio de nossa experiência que esse procedimento é possível, porém carece da colaboração das instituições escolares e da própria SEED, esta poderia colaborar disponibilizando horas atividades específicas para a realização de formação contínua e aquela colaborando com os professores, respeitando os momentos de estudos, não solicitando a presença do professor para resolver problemas administrativos quando estão envolvidos em estudos complementares à sua prática pedagógica.

Os oito professores declararam que seus procedimentos diante de um episódio de *bullying* melhoraram e que as dificuldades para enfrentá-lo diminuíram e que houve a melhoria do clima em sala de aula no que se refere a prática do fenômeno conforme avaliação dos oito professores. Diante dos dados apresentados até aqui podemos supor que as mudanças citadas foram ocasionadas pelo contato com informações sobre o *bullying* e formas de atuação preventiva e interventiva, corroborando com a afirmação de Samuelsen e Ertesvåg (2006) quando declaram que a escola deve aprender para continuar sendo uma instituição que ensina.

Findada a parte de preparação dos professores para lidar com o *bullying*, passamos a discutir qual a situação encontrada por eles na sala de aula em relação ao comportamento dos alunos. O Q1P mostrou que 69%, dos alunos se declararam vítimas de *bullying*, um índice considerado elevado se comparado com outras pesquisas realizadas na mesma área que apontam que o percentual de vítimas varia de 8 a 46%. (LOPES NETO, 2005). O índice de alunos que assumiram maltratar colegas nessa pesquisa foi de 32%, ficando

próximo dos índices apresentados em pesquisas sobre o fenômeno que é de 5 a 30%, conforme declara Lopes Neto (2005).

Tanto para os alunos declarados como vítimas como para os alunos que assumiram maltratar, “colocar apelidos” aparece em primeiro lugar das indicações e para sete, dos oito professores esse comportamento aparece em terceira posição dos mais observados em sala de aula. Para os professores os comportamentos que mais se destacam são as agressões verbais e os empurrões; agressões verbais constituem-se em palavrões ditos na sala de aula, xingamentos e ofensas. Ou seja, os professores percebem mais os palavrões e menos os apelidos. Acreditamos que os apelidos, de tanto ocorrer, acabam passando despercebidos pelos professores, diferente dos palavrões que sempre foram considerados falta de respeito. Os apelidos são mascarados pelo fator brincadeira e acabam sendo naturalizados, provocando nos professores a falta de percepção destes comportamentos como violência (CAMACHO, 2001). Por outro lado, apelidos pejorativos praticados entre pares não envolvem a figura docente, fato que poderia representar falta de respeito e ferir a autoridade do professor exigindo uma tomada de atitude contra quem o desrespeitou.

Quanto aos espectadores, dados nos mostram que 51% (N = 57) alunos agiram em defesa da vítima, ou seja, declararam que defenderam a vítima, que contaram para um adulto e pediram para os agressores pararem, esses são os espectadores defensores citados por Salmivalli (2009). Percebemos a presença de 14% (N = 14) de alunos que reforçaram o comportamento do agressor dando risadas ou o ajudando, os quais são citados por Salmivalli (2009) como espectadores reforçadores. Tivemos 35% (N = 39) de alunos que se mantiveram indiferentes, que se enquadram na categoria de circunstantes descrita por Salmivalli (2009).

Como podemos explicar essa aparente indiferença?

Diante dos números podemos supor que algumas das possibilidades são: o medo de ser a próxima vítima se mantendo indiferente para não chamar a atenção do agressor; não conceituar como *bullying* o que presenciou e, como sendo alta a incidência da prática de *bullying* nas turmas pesquisadas, os espectadores podem acabar por não relativizar os comportamentos *bullies* com violência. A prática de *bullying* acaba por ser naturalizada (CAMACHO, 2001) e não ser percebida como violência para quem não sofre com esse tipo de problema e os alunos acabam se acostumando com o *bullying*, deixando de se indignar (TOGNETTA; VINHA, 2008), só quem tem dificuldades em se “acostumar” é a vítima porque é mais difícil acostumar-se com o sofrimento.

Quanto ao local em que os alunos são maltratados, os resultados do Q1A apontam que a maioria (62,5%) declararam que são maltratados na sala de aula, na presença do professor. A questão que se levanta é a percepção do professor: ele percebe ou não esse fato? Nas respostas dadas pelos professores no Q1P os oito professores responderam que presenciavam comportamentos agressivos entre os alunos e, como já vimos, os dois primeiros comportamentos mais observados citados pelos oito professores foram agressão verbal e os empurrões. Portanto os professores percebem o que está ocorrendo em sala de aula quanto aos comportamentos considerados agressivos. Se percebem, porque continuam a ocorrer?

Podemos relacionar esse fato a uma fala de um professor em um dos nossos encontros: “ - *Nada mais vai adiantar, nada vai mudar.*” O professor pode não estar percebendo as consequências ou os efeitos do seu papel no contexto educacional, como esclarece Koehler (2006) e, como ele acredita que “*nada mais vai adiantar*”, desiste de intervir. Agindo dessa forma, conforme Vinha (2000) o professor emite uma mensagem: não fazer nada ou ignorar passa para o agressor a mensagem da impunidade e para a vítima a mensagem da desproteção. O professor percebe o que está acontecendo, incomoda-se mas não se percebe como coadjuvante nesse quadro e não acredita no seu potencial de intercessão. Também deve ser analisada a suposição de que maltratar colegas de turma não afeta os professores o que pode promover a percepção de um grau menor de gravidade, sendo que o grau maior envolveria a agressividade contra o professor que representa o status referente à autoridade.

Ao término dos encontros com os professores foi solicitado a eles que caso adotassem alguma sugestão contida no texto *Propostas de intervenções Antibullying* incluindo a sugestão de diálogo com o agressor e vítima em particular, que nos relatassem contando a forma como agiram e os resultados atingidos. Porém nenhum professor nos procurou para informar-nos sobre a adoção de alguma das sugestões discutidas nos encontros.

Na questão que se procura saber se contaram e para quem contaram terem sido maltratados sofridos, 51,5% dos alunos disseram ter contado para seus familiares; podemos usar aqui os resultados obtidos pelos alunos na atividade referente à pesquisa quantitativa onde 88 pais responderam ao questionário e o resultado geral da pesquisa feita pelos alunos mostra que 62,5% afirmaram que o aluno já reclamou sofrer, repetidas vezes, violência física, verbal ou psicológica na escola.

A família apareceu como a opção mais citada quando se trata de contar para alguém

e nessa atitude paira a confiança do aluno depositada nos familiares, que devem assumir suas responsabilidades e participarem ativamente da vida escolar e social de seus filhos.

Contar para o professor aparece na quarta posição com 9,7%; e no Q2A 12,6% dos alunos alegaram que depois dos trabalhos realizados confiam mais nos professores. Conforme o Q2A, temos um percentual de 87,4% de alunos que optaram em não assinalar a opção “confio mais nos professores”, o que demonstra que a confiança que deveria ser depositada no professor está seriamente abalada.

Dos 110 alunos que declararam já terem presenciado casos de *bullying* na escola 47,2% (N = 52) disseram que ficaram com medo de acontecer o mesmo com eles. O medo, como já sabemos, produz diversas alterações biológicas, entre eles o bloqueio do raciocínio. Para Skinner (1989) o medo aumenta a probabilidade de afastamento do estímulo; no caso das vítimas, estas tendem a se afastar do agressor e progressivamente de tudo que lhe provoca o estado de medo, como a escola, por exemplo. E a tendência dos espectadores é de se afastar das possibilidades de se envolverem em situações sofridas por seus colegas e presenciadas por eles, portando podem se afastar das vítimas como forma de esquiva da probabilidade de ser atacada pelo agressor, contribuindo com o processo de exclusão da vítima.

Na realização da atividade 6, o fato que chamou a atenção foi que, conforme as observações da pesquisadora e do professor participante, a atividade pareceu ser desinteressante para os alunos, que apresentaram dificuldades na realização e finalização da tarefa, porém 84,7% dos alunos declararam que seus conhecimentos sobre *bullying* aumentaram. Esse dado levanta a questão sobre a forma de avaliação de quem observa: para quem observou, o clima era de uma bagunça generalizada, provavelmente para os alunos que participaram foi um processo de interação que culminou com o aumento do conhecimento do objeto de pesquisa. Podemos supor que está seja a situação em que para o professor o que predomina são os comportamentos indisciplinados e para os alunos pode ser o processo dinâmico de interação. São visões diferentes que devem ser melhor analisadas.

Quase todas as atividades transcorreram conforme o planejado, exceto a não realização da atividade 5 - leitura do livro *Pretinha, Eu?* - pela turma 6D.

Quanto aos resultados do Q2A, na avaliação de 40,7% dos alunos a prática de *bullying* diminuiu em sala de aula. Segundo a percepção de 60,7% dos alunos o agressor diminuiu as agressões, avaliação que compactua com a avaliação feita pelos oito

professores onde declaram que o clima em sala de aula melhorou em relação à prática de *bullying*.

Quanto às vítimas, se somado os números de alunos que declararam terem sido vítimas de *bullying* no Q2A, temos 78 alunos, o que gera um percentual de 58% dos 135 alunos que responderam ao Q2A. No Q1A tivemos um percentual de 69% de alunos que declararam terem sido frequentemente maltratados. Mesmo que o número de alunos que responderam aos dois questionários não sejam os mesmos, o percentual de alunos se considerando vítimas continua alto.

Dentre esses 78 alunos que se declararam vítimas no Q2A, o problema foi resolvido para 52,6%, o problema diminuiu para 39,7% e o problema continua para 7,7% das vítimas. Números que revelam a necessidade da continuação do trabalho *antibullying* na escola pois o problema tem que ter um fim para todos.

Da mesma forma podemos calcular os índices de alunos que se assumiram como agressores no Q2A, quando obtivemos um percentual de 30,4% (N = 41) e comparar com o percentual que obtivemos no Q1A, com um percentual de 32% de alunos que assumiram maltratar frequentemente, podemos observa uma pequena diferença entre os percentuais. Desses 41 alunos que alegaram terem sido praticantes de *bullying* no Q2A, 83% declararam que não praticam mais, 12% declararam que diminuíram essa prática e 5% afirmaram que continuam praticando *bullying*. Mesmo que em menor índice, ainda temos praticantes de *bullying* nas turmas pesquisadas, o que continua justificando a continuidade das intervenções *antibullying* que podem ser realizadas pela escola.

Conforme respostas dadas no Q2A, saber que *bullying* é crime provocou a mudança de comportamento em 55% dos alunos que declararam que praticavam *bullying* e que não praticam mais e 45% alegaram que essa mudança ocorreu porque agora têm mais conhecimento sobre as consequências de seus atos. Podemos utilizar aqui as considerações feitas por Sidman, (1995) e Skinner (1976) quando alegam que o conhecimento é a capacidade de relatar o próprio comportamento que no nosso caso foi o aluno assumir que maltrata os colegas e depois declarar que não maltrata mais porque descobriu que *bullying* é crime ou que conhece mais as consequências de seus atos. Assumir que maltrata não deve ser visto como algo negativo, mas como dado positivo, pois esse é o início da reflexão para a mudança de comportamento (SKINNER,1976).

Parar de maltratar porque descobriu que *bullying* é crime ou porque agora tem mais conhecimento das consequências de seus atos pode estar ligado a descoberta de que

poderia sofrer punições, pois quando se comete um crime, sabe-se que se descoberto esse crime o praticante deverá sofrer punições, o que acarretaria o comportamento de se esquivar das consequências relativas ao comportamento adotado, que seria a fuga, a esquivas das punições. Portanto as duas possibilidades estão interligadas, saber que *bullying* é crime e ter mais conhecimento das consequências dos atos praticados leva à fuga ou a não praticar mais os mesmos comportamentos.

Os dados coletados no Q2A se comparados aos dados coletados no Q1A, nos revelam uma nova realidade. Para efeito de comparação deixamos na base de cálculo somente os alunos que responderam aos dois questionários, totalizando 122 alunos.

Selecionamos como fonte de comparação as questões 2 do Q1A, que pergunta:

Você é maltratado por colegas da escola?

E a questão 5 do Q2A que questiona:

Caso você tenha sido vítima de *bullying* no início do ano letivo, como está sua situação hoje?

Ambas as questões são para verificação da posição de vítima. O cruzamento das respostas dadas nos dois questionários nos revela que houve mudanças de opiniões ou mudanças na forma de percepção do envolvimento que cada aluno acreditava que tinha com o *bullying* quanto ao papel de vítima.

Dos 122 alunos que responderam aos dois questionários 74% (N = 90) assinalaram a opção 1 da questão 2 do Q1A, declarando que eram maltratadas e no Q2A, 69% (N = 62) confirmaram a posição assumida no Q1A e responderam que o *bullying* com eles acabou, diminuiu ou que continuava sendo vítima. Ou seja, dos 90 alunos que responderam no Q1A que eram maltratadas, 62 deles continuaram afirmando esta posição no Q2A.

Desses 90 alunos, temos 28 alunos, representando um percentual de 31% dos alunos que assinalaram a opção 1 da questão 2 do Q1A, declarando que eram maltratadas por seus pares e no Q2A assinalaram a opção 4 da questão 5, afirmando que nunca sofreram *bullying*. Aqui temos um percentual de 31% de alunos que mudaram de opinião quanto a posição de vítimas.

Nessas mesmas questões ainda podemos fazer a comparação dos alunos que responderam no Q1A que não eram vítimas e deram respostas diferentes no Q2A.

Tivemos 26% (N = 32) de alunos que assinalaram a opção 2 na questão 2 no Q1A declarando que não eram maltratadas. Desses, 75% (N = 24) continuaram afirmando que nunca foram vítimas de *bullying* no Q2A assinalando a opção 4 da questão 5. Temos 75%

dos alunos mantendo a mesma posição nos dois questionários quanto a posição de não serem maltratados na escola.

Nessa mesma questão temos 8 alunos que mudaram de opinião, representando um percentual de 25% de alunos que assinalaram a opção 2 da questão 2 do Q1A, declarando que não eram maltratadas e no Q2A responderam que não eram mais, que diminuiu ou continuou sendo vítima de *bullying*. Subentende-se que se não é mais, diminuiu ou continua sendo vítima é porque antes eram vítimas e não foi esta a resposta dada no Q1A.

Quanto a posição de quem assumiu ou não maltratar colegas, comparamos as respostas dadas na questão 9 do Q1A e na questão 7 do Q2A que são elas:

Q1A – questão 9: Você maltrata seus colegas da escola?

Q2A – questão 7: Caso você tenha se reconhecido como agressor no decorrer dos trabalhos realizados sobre *bullying* na escola, como está seu comportamento hoje?

Dos 122 alunos que responderam aos dois questionários, 40 deles assumiram maltratar colegas de escola no Q1A, representando um percentual de 33%.

Desses alunos, 55% (N = 22) assinalaram a opção 1 da questão 9 do Q1A assumindo que maltratam colegas de escola e assinalaram as opções 1, 2 e 3 na questão 7 do Q2A declarando que não praticam mais, diminuíram a prática ou que continuam praticando *bullying*. Temos aqui 55% dos alunos que assumiram maltratar no Q1A e confirmaram essa posição no Q2A.

Na mesma linha de comparação, dos 40 alunos que assumiram maltratar, assinalando a opção 1 da questão 9 no Q1A, 45% (N = 18) deles assinalaram a opção 4 na questão 7 do Q2A alegando que nunca maltrataram. Ou seja, temos 45% dos alunos que haviam assumido no Q1A que maltratavam e depois alegaram que nunca praticaram *bullying* no Q2A.

Ainda nessa mesma questão podemos fazer a comparação com os 82 alunos que alegaram não maltratarem os colegas no Q1A, destes 84% (N = 69) continuaram afirmando que não maltratam colegas de escola. Temos portanto 84% de alunos que não mudaram de posição quanto a não maltratar seus pares.

Dos 82 alunos que assinalaram a opção 2 na questão 7 do Q1A, declarando que não maltratavam colegas de escola, temos 16% (N = 13) que assinalaram as opções 1, 2 e 3 na questão 7 do Q2A, declarando que pararam, diminuíram ou continuam praticando *bullying*. Portanto, temos aqui a inversão de papéis, 16% de alunos declararam não maltratar os colegas e depois disseram que pararam, diminuíram ou continuam maltratando.

Acreditamos que não tem como parar, diminuir ou continuar fazendo algo que antes não se fazia. Portanto temos 16% de alunos que não assumiram maltratar no Q1A e assumiram esta posição no Q2A.

Vale lembrar que o verbo maltratar foi bem explicado para os alunos antes de responderem ao Q1A, também foi revelado a eles algumas características do *bullying* para que conseguissem responder o questionário, portanto eles foram munidos de informações suficientes para responderem os questionários. As demais informações sobre o *bullying*, como suas consequências tanto para a vítima com o para agressor foram reveladas na palestra e atividades realizadas em sala de aula pelos professores.

A que podemos atribuir essas mudanças de opiniões? Podemos levantar várias hipóteses, entre elas, um conhecimento maior sobre *bullying* que os fez perceber que confundiram violências pontuais que poderiam ter sofrido ocasionalmente, com *bullying*. Poderia também ter ocorrido a vontade de “zoar” com a pesquisadora, essa palavra zoar está constantemente presente no vocabulário dos alunos e percebe-se que é o comportamento predominante entre os alunos e muito usado pelos praticantes de *bullying*.

Percebemos em nossas observações que os alunos envolvidos em comportamentos de risco para a prática de *bullying* demonstraram tendência a levar fatos ocorridos em sala de aula como brincadeira ou objeto de diversão. Analisando por esse lado, podemos supor a possibilidade de se colocaram na posição de vítimas como forma de divertimento, levando em consideração que responderam o questionário sem terem recebido maiores informações sobre as consequências do *bullying*, ou seja, se estavam brincando, não sabiam o que estavam fazendo e as respostas mudaram a partir do momento em que se deram conta de que *bullying* não é brincadeira.

Para entendermos essa mudança podemos ainda analisar as informações recebidas pelos alunos a respeito do *bullying*, entre elas a de que *bullying* é crime, motivação dada por 55% dos alunos que assumiram terem mudado de comportamento diante da prática de *bullying*. Há também o conhecimento sobre as consequências de seus atos, causa da mudança alegada por 45% dos alunos assumidos como praticantes de *bullying*. Nessa análise, seria a assimilação da informação recebida que poderia ter provocado a mudança de comportamento

Por meio dessas comparações podemos perceber que ocorreram mudanças nos comportamentos dos alunos, essas mudanças apresentadas por meio de números percentuais podem ser melhor analisadas no contexto das análises de casos.

O primeiro dado que podemos analisar é o fato de que entre os 20 alunos indicados com comportamentos de risco para a prática de *bullying*, 12 assumiram que praticam maltratos contra colegas no Q1A, portanto houve uma concordância de 67% entre as indicações feitas pelos professores e por nós e a posição assumida pelo aluno no Q1A. Já nas respostas ao Q2A, como houve mudanças de opinião, temos um percentual de 50% de concordância entre as indicações feitas e a posição assumida pelos alunos, pois tivemos um total de 10 alunos que continuaram afirmando que maltratam seus pares. Percebe-se a boa percepção dos professores quanto aos alunos que apresentam comportamentos de risco para a prática de *bullying*.

Dos casos individualmente analisados, três chamaram mais a nossa atenção: os alunos D12, C8 e E24.

Quanto ao caso do aluno D12 acreditamos que houve mudanças em sua conduta refletida nas respostas dadas por ele no Q2A quando declarou que passou a ter coragem de denunciar, refletindo uma maior confiança nos professores e na escola.

Acreditamos que o caso de D12 é o mais complicado a ser lidado quando se trata de envolvimento com o *bullying* porque envolve algum tipo de transtorno de conduta, fato declarado pela equipe pedagógica e percebido nas observações quando observada a fisionomia em D12 de alguém que faz uso de algum tipo de medicamento que inibi o movimento corporal, como olhos entreabertos, fala mole, demora no raciocínio; comportamento presente em quatro dias de observações e ausentes em dois dias de observações. Podemos incluir D12 na categoria de vítima provocadora, pois ele apresenta o perfil desta categoria (MARTINS, 2007). Esse seria um caso em que haveria a necessidade de acompanhamento de especialistas de outras áreas, como um psicólogo ou psiquiatra por exemplo.

Uma discreta melhora pode ser percebida nos alunos C8 e E24. E24 avaliou todos os trabalhos como tendo sido ruins, mas acredita que as agressões sobre as vítimas diminuíram e C8 considerou que os trabalhos realizados foram péssimos, mas acredita que as atividades realizadas ajudaram a diminuir a prática de *bullying* em sala de aula. Portanto, mesmo que de uma forma peculiar e tímida, ambos revelaram que a situação da vítima melhorou.

Entre os 135 alunos que responderam ao Q2A, E24 e C8 foram os únicos que assumiram continuarem praticando *bullying* e podemos defini-los como agressores hostis, pois revelaram que a motivação é a busca de divertimento e satisfação pessoal.

As ações educativas escolares com esses alunos devem ser realizadas de forma consecutiva, persistente e ininterrupta, os resultados serão percebidos em longo prazo. O trabalho com esses alunos devem ser voltados na busca de um sentido para a vida, algo que os faça pensar ou acreditar que vale a pena mudar buscando a autorregulação. Nesse caso o diálogo indutivo pode ser usado como tentativa de se descobrir o porquê de tão pouca valorização do viver bem e o que poderia motivá-los a buscar uma melhor convivência com os colegas. Como os consideramos agressores hostis, que buscam satisfação maltratando, a punição serviria apenas como reforço negativo, gerando um efeito temporário que poderia eclodir em contracontrole, conforme esclarecem Sidman (1995) e Skinner (1998).

Tanto o caso de D12 como o caso dos alunos C8 e E24 são os que merecem um maior envolvimento por parte dos professores e equipe pedagógica. O primeiro porque provavelmente envolve algum tipo de transtorno de conduta que necessita de acompanhamento médico, deixando de ser área de atuação somente da educação e o segundo porque se trata de aluno que apresentou comportamentos aversivos a qualquer procedimento educativo.

Os casos dos alunos C8 e E24 são típicos dos agressores que acreditam que a violência é a melhor forma de se resolver os problemas, posição comentada por um professor na avaliação da atividade 9: “ – *O que se pode perceber é que alguns alunos acreditam que se pode resolver os problemas com violência. Mesmo após as discussões, permaneceram com a mesma opinião.*”

Em síntese, em análises iniciais tínhamos 8 professores declarando que não sabiam lidar com o *bullying* em sala de aula, 150 alunos respondendo o Q1A revelando um percentual de 69% de alunos declarando serem constantemente maltratados, tínhamos 86 (81,9%) alunos convivendo com seus agressores diariamente dentro da sala de aula, sempre na expectativa de um novo ataque, 19 (18,8%) alunos sendo maltratados várias vezes por semana e 20 (19,8%) alunos sendo maltratados todos os dias. Tínhamos um percentual de 34,7% de alunos assumindo maltrataram colegas da escola.

A situação final foi os oito professores declarando que, de forma geral houve uma melhoria no clima em sala de aula e que as informações transmitidas os ajudaram a superar as dificuldades de enfrentar o *bullying*. Tivemos 135 alunos respondendo o Q2A onde foi revelado que dentre os 78 alunos que afirmaram terem sido vítimas de *bullying*, o problema foi resolvido para 52,6% das vítimas, o problema diminuiu para 39,7% e

continuou para 7,7% das vítimas. Números que revelam a necessidade da continuação do trabalho *antibullying* na escola.

No Q2A, tivemos um percentual de 30,4% (N = 41) de alunos que assumiram ser praticantes de *bullying*, desses 41 alunos, 83% declararam que não praticam mais *bullying*, 12% declararam que diminuiram a prática de *bullying* e 5% afirmaram que continuam praticando *bullying*. Mesmo que em menor índice, ainda temos praticantes de *bullying* nas turmas pesquisadas, o que continua justificando a continuidade das intervenções *antibullying* que podem ser realizadas pela escola.

7.1 Considerações finais

Como podemos perceber, o projeto carece de continuidade e de alguns ajustes para sua melhoria, como o local, tempo e horário para a realização dos encontros com os professores. Mesmo com as limitações, os índices analisados nos permitem supor que é possível reduzir a prática de *bullying* por meio de ações educativas realizadas por professores.

Sendo uma ação educativa escolar, cabe o envolvimento de toda a comunidade no sentido de colaborar com os professores pois, como pudemos perceber nas atividades realizadas com os alunos, nossa colaboração foi fundamental. Os professores alegaram não terem tempo para organizar materiais necessários, como o enredo do teatro, o questionário da pesquisa quantitativa, pesquisar vídeos para os alunos, por exemplo, o que justifica a necessidade de uma coordenação das atividades e a falta desta compromete a execução dos trabalhos planejados.

Nas análises de casos feitas com os 20 alunos indicados podemos generalizar os resultados para os outros participantes e perceber que cada um tem uma história, uma particularidade que enriquece qualquer estudo quantitativo realizado com o propósito de entender o comportamento humano. A análise qualitativa proporcionou uma visão mais pessoal dos dados apresentados por meio dos números estatísticos. Quando analisamos quantitativamente podemos ter uma ideia da proporção, quando analisamos qualitativamente podemos ter uma ideia das variáveis que podem promover um mesmo tipo de comportamento. Esse propósito se deve ao fato de que para sugerir mudanças comportamentais, deve-se entender primeiro o que o estimula, quais são os princípios

desencadeadores dos comportamentos agressivos, para assim realizar atividades sobre esses princípios.

Acreditamos que a primeira mudança ocorre no campo dos pensamentos encobertos, deve primeiro ocorrer uma mudança de valores que se materializará na mudança de comportamento. Para isso carece-se de pesquisas mais detalhadas sobre as mudanças comportamentais ocorridas entre os professores após a assimilação de uma informação e o reflexo dessa mudança nas ações educativas escolares realizadas com finalidades específicas. E ainda pesquisas que se aprofundem nas relações entre os comportamentos dos agressores e a falta ou presença de informações relativas à agressividade e suas consequências individuais e coletivas.

Esse trabalho privilegiou o estudo sobre o comportamento dos agressores e, para que seja completado, seria necessário um estudo sobre suas reais necessidades, sobre as motivações que os levam a maltratarem seus pares. Seria importante termos dados de pesquisa que mostrassem o envolvimento da prática de *bullying* e a repetência escolar, o envolvimento do sentimento de inferioridade provocado pela reprovação e a suposta adoção de comportamentos agressivos para superar a baixa autoestima.

Novos estudos carecem serem feitos para complementar os dados aqui expostos, como por exemplo, investigações para descobrir em que consiste se sentir superior maltratando os outros, por que maltratar gera satisfação; abrindo um leque de novas possibilidades de entendimento do comportamento do agressor.

Outro estudo que poderia ser feito seria uma pesquisa que levantasse o tempo total gasto pelos alunos em sala de aula na realização de atividades de estudos e o tempo gasto maltratando os colegas de turma. São cinco aulas por período, total de 4 horas e 10 minutos para serem aproveitados estudando, porém podemos perceber que parte desse tempo tem sido utilizado para maltratar colegas de turma.

Optamos por não envolver nesse trabalho os pais dos alunos, acreditando que a ausência desses das escolas é um fato comprovado nos diversos relatos ouvidos tanto em nossos trabalhos de mestrado como de doutorado e confirmado no evento realizado pela escola quando foram convidados 400 e compareceram somente 12 pais. No dia seguinte ao evento muitos alunos quiseram se justificar pela ausência de seus pais.

Estamos certos de que a presença da família é essencial para garantir o sucesso de qualquer projeto que tenha como finalidade a contenção da violência escolar, mas acreditamos que primeiro temos que trazer esses pais para a escola. O primeiro

procedimento a ser adotado seria conquistar a confiança dos pais e trazê-los efetivamente para o âmbito escolar de onde nunca deveriam se ausentar. Iniciar um projeto de contenção à violência escolar contando com a presença dos pais sem preparar o caminho antes, seria iniciar um projeto com altas possibilidades de fracasso.

Sabemos que é um trabalho árduo, complexo e que carece de muitas pesquisas para se completar, mas o que não se pode fazer é desistir, como mostra um comentário feito por um professor logo no início dos encontros: “ - *Nada mais vai adiantar, nada vai mudar.*”

Encerrando, não podemos deixar de discutir sobre o evento organizado pela direção escolar, nos fazendo perceber que os trabalhos realizados tomaram uma proporção maior do que a esperada; a princípio a mostra das atividades realizadas pelos alunos seria feita somente para as cinco turmas participantes, que seriam os 178 alunos matriculados e este número saltou para uma média de 1.400 pessoas. O evento que teve sua primeira edição em 2010 teve sua segunda edição em novembro de 2011, com organização e realização exclusiva dos educadores envolvidos com a escola a qual foi feita a pesquisa. Os professores que participaram de nossa pesquisa assumiram atividades, como realizar palestras no novo evento que teve como tema a violência de forma geral, incluindo o *bullying*. Ou seja, o compromisso feito pela direção escolar de que os trabalhos teriam continuidade com as turmas novas que se matricularam no colégio está sendo cumprido.

A semente foi plantada e os frutos estão sendo colhidos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001257/125791porb.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2011.
- ABRAMOVAY, Miriam. Escolas inovadoras: um retrato de alternativas. In: Seminário Internacional de Violência nas Escolas. **Desafios e Alternativas: violência nas escolas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002. p. 184-276. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130875porb.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.
- ADOLESCENTE paga R\$ 1.000 para evitar bullying. **R7 NOTÍCIAS**. 24 mai. 2011. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/vestibular-e-concursos/noticias/adolescente-paga-r-1-000-para-evitar-bullying-20110524.html?question=0>>. Acesso em: 24 maio. 2011.
- ANDERY, Maria Amalia Pie Abib. Métodos de pesquisa em análise do comportamento. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 21, n. 2, p. 313-342, abril/junho, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103_65642010000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 06 jun. 2012.
- AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas**. São Paulo: Moderna, 2003.
- AVILÉS MARTÍÑES, José Maria. **Bullying, intimidación y maltrato entre el alunado**. [S.I]: STEE-EILAS, 2002. Disponível em: <http://www.stee-eilas.org/dok/arloak/lan_osasuna/gaiak/Bullying/bullyingCAST.pdf>. Acesso em: 24 set. 2011.
- BALDRY, Anna Constanza; FARRINGTON, David P. *Bullies e delinquentes: Características pessoais e estilos parentais*. Tradução: Cristina Maria Coimbra Vieira. **Revista Portuguesa de Pedagogia: comportamento anti-social e educação**, Coimbra, v. 34, n.1/3, p. 195-221, 2000.
- BANDURA, Albert; ROSS, Dorothea; ROSS, Sheila A. Transmission of Aggressions through Imitation of Aggressive Models. In: **Classics in the History of Psychology**. Toronto: York University, 1961. Disponível em: <<http://psychclassics.yorku.ca/Bandura/bobo.htm>>. Acesso em: 20 out. 2011.
- BELINTANE, C. Por uma ambiência de formação contínua de professores. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 177-193, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15557.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.
- CALHAU, Lélío Braga. **Bullying: o que você precisa saber, identificação, prevenção e repressão**. Niterói: Impetus, 2009.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123-140, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100009&lng=in&nrm=iso&tlng=in>. Acesso em: 20 dez. 2011.

CARVALHO NETO, Marcus Bentes de; ALVES, Ana Carolina Pereira; BAPTISTA, Marcelo Quintino Galvão. A “consciência” como um suposto antídoto para a violência. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 9, n. 1, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452007000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2011.

CASCÓN, Paulo. Herramientas de comunicación. Fragmento de resumen del taller "educar en y para el conflicto". In: **Dia escolar de la no violència i la pau** -DENIP- 2004. Processos de comunicació, participació democràtica i consens a l'escola. Seminari permanent d'educació per a la pau de Badalona (SPEPB). Barcelona: 2004. Disponível em: <<http://www.edualter.org/material/denip2004/herramientas.htm>>. Acesso em: 15 ag. 2011.

CATANIA, Anthony Charles. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. 4. ed. Tradução Deisy das Graças de Souza. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

CENTROS Territoriales de Recursos para la Orientación, Atención a la Diversidad, Interculturalidad y Convivencia. **Convivência escolar**. Centros docentes. Castilla-La: Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha Consejería de Educación y Ciencia, 2006. Disponível em: <http://www.amcv.org.pt/amcv_files/pdfs/Bullying/Brochura%20Bullying-Escola.pdf>. Acesso em: 25 out. 2011.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista Sociologias**. Porto Alegre, v. 4, n.8, p. 432-443, jul./dez. 2002. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/5864/3460>>. Acesso em: 30 jul. 2011.

CODO, Wanderley (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

COSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo? : prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. Tradução: Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova, 2004.

COWIE, Helen; SMITH, Peter K. Violência nas escolas: uma perspectiva do Reino Unido. In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (Orgs.). **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília, DF: UNESCO, 2002. p.247-253. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128722por.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2011.

CRUZ, Luciana Aparecida Nogueira da. As implicações do curso de formação continuada sobre consumo de álcool: uma proposta de intervenção breve aplicada por professores. 2011. 158f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2011. Disponível em:

<http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/cruz_lan_do_mar.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2012.

DANNA, Marilda Fernandes; MATTOS, Maria Amélia. **Aprendendo a observar**. São Paulo: EDICON, 2006.

DANTAS, Pedro. Bullying motivou 87% de ataques em escolas, diz estudo. **Estadão.com.br** – O estado de São Paulo, São Paulo, 16 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,bullying-motivou-87-de-ataques-em-escolas-diz-estudo,707042,0.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2011.

DEBARBIEUX, Éric. Cientistas, políticos e violência: rumo a uma comunidade científica européia para lidar com a violência nas escolas? In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (Orgs.). **Violência nas escolas: dez abordagens européias**. Brasília, DF: UNESCO, 2002a. p.13-29. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128722por.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2011.

_____. “Violência nas escolas”: divergências sobre palavras e um desafio político. In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (Orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002b. p. 59-87. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128720por.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2011.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. **Psicologia das habilidades sociais: teoria e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DEL REY, Rosario; ORTEGA RUIZ, Rosário. Programas para la prevención de la violencia escolar en España: la respuesta de las comunidades autónomas. **Revista Interuniversitaria de Formación de Profesorado**. Zaragoza, n. 041, p.133-145 ago., 2001. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/oaiart?codigo=118106>>. Acesso em: 20 ag. 2011.

De ROSE, Júlio César. O que é comportamento? In: BANACO, Roberto Alves (Org.) **Sobre comportamento e cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitiva**. v. 1. São Paulo: Arbytes, 1997.

DEMO, Pedro. **Professor/Conhecimento**. Brasília, DF: UnB, 2001. Disponível em: <http://www.enap.gov.br/downloads/ec43ea4fProfessor_Conhecimento.pdf>. Acesso em: 20 out. 2011.

_____. Aprender: o desafio reconstrutivo. **Boletim Técnico do SENAC**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, set./dez. 1998. Disponível em: <<http://www.senac.br/INFORMATIVO/bts/243/boltec243c.htm>>. Acesso em: 20 out. 2011.

ERTESVÅG, Sigrun K. Module E: Preventive and Integrative practice. Unit E5: Creating a Shared Understanding of School Bullying and Violence. In: COWIE, Helen; et al. **School Bullying and Violence: Taking Action**. [s.i.], 2006, [s.p]. Disponível em:

<<http://www.vista-europe.org/downloads/Spanish/E5f.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

ESTRELA, Maria Teresa; AMADO, João da Silva. Indisciplina, violência e delinquência na escola: Uma perspectiva pedagógica. **Revista Portuguesa de Pedagogia: comportamento anti-social e educação**, Coimbra, v. 34, n.1/3, p. 249-271, 2000.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus Editora, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas & respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FARRINGTON, David P. “Fatores de risco para a violência juvenil”. In: DEBARBIEUX, Éric.; BLAYA, Catherine. (Org.) **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002, p. 25-57. Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128720por.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2011.

FREIRE, Nádia Maria Bádue. **Educação para a paz**: um estudo psicogenético sobre a tolerância. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em:
<<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000349842>>. Acesso em: 23 mai. 2011.

GUILHARDI, Hélio José. Análise do comportamento do sentimento de culpa. In: TEIXEIRA, Adélia Maria Santos et al. **Ciência do comportamento**: conhecer e avançar. v. 1. Santo André: ESETec, 2002, p. 158-183.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

JENNIFER, Dawn; COWIE, Helen. Module D: Managing and Evaluating Change. Unit D1: Conducting a Needs Analysis: Preparing for Change. In: COWIE, Helen; et al. **School Bullying and Violence: Taking Action**. [s.n.]: 2006a. Disponível em
<<http://www.vista-europe.org/downloads/Spanish/D1f.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

_____. Module D: Managing and Evaluating Change. Unit D2: Conducting a Needs analysis: Consultation and Evaluation. In: COWIE, Helen; et al. **School Bullying and Violence: Taking Action**. 2006b. Disponível em:
<<http://www.vista-europe.org/downloads/Spanish/D2f.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

KIM, Young Shin; LEVENTHAL, Bennett. **Bullying and suicide**. A review. [s.i.]: Freund Publishing house Ltd, 2008. Disponível em:
<<http://www.cfah.org/hbns/archives/viewSupportDoc.cfm?supportingDocID=626>> . Acesso em: 30 out. 2011.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Violências nas escolas: o papel do professor. In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de. **Juventudes, cultura de paz e violências na escola**. Fortaleza: UFC, 2006, p. 213-226.

LEDERACH, Jean Paul. Mediación. In. **Documents Red Gernika**. [Espanha]: Gernika Gogoratuz, 1997, (s.p). Disponível em:
<<http://www.edualter.org/material/euskadi/mediacio.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

LEME, Maria Isabel da Silva. Resolução de conflitos interpessoais: interação entre cognição e afetividade na cultura. **Psicologia Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 17, n. 3, p 367-380, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a10v17n3.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

LOPES NETO, Aramis; SAAVREDRA, Lúcia Helena. **Diga não para o bullying:** rograma de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

LOPES NETO, Aramis. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. Sociedade Brasileira de Pediatria. Rio de Janeiro, v. 81, n. 5 , p. 164-172, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2011.

MARTINS, Maria José D. Violência interpessoal e maus tratos entre pares, em contexto escolar. **Revista de Educação**, Lisboa, v. 2, n. 15, p. 51-78, 2007. Disponível em: <<http://revista.educ.fc.ul.pt/>>. Acesso em: 20 out. 2011.

_____. Agressão e Vitimação entre Adolescentes em contexto escolar: Um estudo empírico. **Análise Psicológica**. Lisboa, v. 4, n. 23, p. 401-425, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v23n4/v23n4a05.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

MATOS, Maria Amélia. Behaviorismo metodológico e behaviorismo radical. Palestra apresentada no II Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental, out., 1993, Campinas. Versão revisada encontra-se publicada em: Bernard Rangé (org) *Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas*. Campinas: Editorial Psy, 1995. Disponível em : <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/matos.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

MICHAELIS. Dicionário Escolar Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2002

MORRISON, Brenda. Justiça Restaurativa nas Escolas. In: BASTOS, Márcio Thomaz; LOPES, Carlos; RENAULT, Sérgio Rabello Tamm (Org.). **Justiça Restaurativa:** Coletânea de Artigos. Brasília, DF: MJ e PNUD, 2005, p. 295-319. Disponível em: <www.justica21.org.br/interno.php?ativo=BIBLIOTECA>. Acesso em: 04 set. 2011.

MORITA, Yohji. Violência na escola: uma abordagem japonesa. In. DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002. p. 93-135. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128720por.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2011.

NATION, Maury; et al. Bullying in School and Adolescent Sense of Empowerment: An Analysis of Relationships with Parents, Friends, and Teachers. **Journal of Community & Applied Social Psychology**, n.18, p.211–232, 2008. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/casp.921/pdf>>. Acesso em: 04 out. 2011.

OLWEUS, Dan. Hostigamiento y vejaciones em la escuela: um programa de intervención. **Perspectivas**, Paris, v. 2, n. 2, p.133-139, jun. 1996a. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001047/104709so.pdf#104609>>. Acesso em: 08 jul. 2011.

_____. Problemas de hostigamiento y de victimas em la escuela. In. **Perspectivas**, Paris, v. XXVI, n. 2, p. 357-389, jun., 1996b. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001064/106433sb.pdf#106429>>. Acesso em: 09 set. 2011.

_____. **Bullying at school**. What we know and what we can do. Oxford: Blackwell, 1993.

OMS - Organização Mundial de Saúde. **Preventing violence**: a guide to implementing the recommendations of the World report on violence and health. World Health Organization: Geneva, 2004. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/publications/2004/9243592076_spa.pdf>. Acesso em: 20 out. 2011.

_____. **World report on violence and health. Summary**. World Health Organization: Geneva, 2002. Disponível em: <http://www.paho.org/Spanish/AM/PUB/capitulo_1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2011.

ORTEGA, Rosario; DEL REY, Rosario; ORTEGA-RIVERA, Javier; MONKS, Claire. Module B: VISTA: A Whole School Approach (WSA). Unit B6: Dealing With Indiscipline and Disruption. In: Cowie, Helen; et al. **School Bullying and Violence: Taking Action**. 2006a. Disponível em <http://www.vista-europe.org/unit_b6.php>. Acesso em 15 ago. 2009.

ORTEGA, Rosario; et al. Module A: Definition, Context and Knowledge of School Violence. Unit A1: Understanding the Definition and Context of School Violence. In: Cowie, Helen; et al. **School Bullying and Violence: Taking Action**. 2006b. Disponível em <http://www.vista-europe.org/unit_a1.php>. Acesso em 15 ago. 2009.

PIKAS, Anatol. **New Developments of the Shared Concern Method**. Department of Education. London: SAGE, 2002 Disponível em: <www.kenrigby.net/PikasPaper.pdf>. Acesso em: 20 ag. 2011.

PINGOELLO, Ivone. **Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula**. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

PLAN - Organização não governamental. Pesquisa: Bullying escolar no Brasil. In: PLAN. **Relatório final PLAN**. Março de 2010. Centro de Empreendedorismo Social e

Administração em Terceiro Setor – CEATS. Fundação Instituto de Administração – FIA. São Paulo, 2010. Disponível em:
<http://www.aprendersemmedo.org.br/docs/pesquisa_plan_relatorio_final.pdf>.
Acesso em: 17 abr. 2011.

_____. Aprender sem medo. **Campanha Global para acabar com a violência nas escolas**. Resumo do relatório. Outubro de 2008. Disponível em: < <http://plan-international.org/learnwithoutfear/files/learn-without-fear-report-summary-portuguese> >.
Acesso em: 17 abr. 2011.

RAMIREZ, Fuensata Cereso. **Condutas agressivas na idade escolar**. Lisboa: McGraw-Hill, 2001.

ROYER, Égide. Condutas Agressivas na escola: pesquisas, práticas exemplares e formação de professores. In: **Desafios e Alternativas: violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, UNDP, 2003. p. 57-78. Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130875porb.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2011.

SALMIVALLI, Christina. **Bullying and the peer group: A review**. [s.i.]: Elsevier, 2009. Disponível em:
<<http://njbullying.org/documents/bullyingandpeergrroup.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2011.

SAMUELSEN, Anne Sofie; ERTESVÅG, Sigrun K. Module B: The Whole School Approach. Unit B2: How to Embed the Whole School Approach (WSA): The Challenge of Implementation. In: COWIE, Helen et al. **School Bullying and Violence: Taking Action**. 2006. Disponível em: < <http://www.vista-europe.org/downloads/Spanish/B2f.pdf> >.
Acesso em: 15 out. 2011.

SANTOS, Miguel Augusto Meneses da Silva. **Gestão de Sala de Aula Crenças e Práticas em Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico**. 2007. 291 f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) - Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Minho, 2007. Disponível em:
<<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6937/1/TESE%20DOUTORAMEN TO%20MIGUEL%20A.%20SANTOS.pdf> >. Acesso em: 10 fev. 2011.

SCHLINGER JUNIOR, Henry D. **A behavior analytic view of child development**. New York: Plenum Press, 1995.

SIDMAN, Murray. **Coerção e suas implicações**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

SILVA, Hermínia Helena; CASTRO, Leonardo Villella de. Formação docente e violência na escola. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 26, p. 47-66, 1º sem., 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752008000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 out. 2011.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e Comportamento Humano**. Tradução: João Cláudio Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Questões recentes na análise comportamental**. Tradução: Anita Liberalesso Néri. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. **About behaviorism**. New York: Vintage books, 1976.

_____. **The behavior of organisms: An experimental analysis**. New York: Appleton-Century, 1938.

SMITH, Peter. K. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002. p.187-202. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128720por.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2011.

SPSS. Chicago: SPSS Inc. 2003.

TODOROV, João Cláudio. A psicologia como o estudo de interações. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, Brasília, v 23, n. especial, p. 057-061, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23nspe/10.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2011.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino **A formação da personalidade ética: estratégias de trabalho com a afetividade**. Campinas: Mercado de letras, 2009.

_____. O mapa do problema escolar: quando a cidadania parece não ser possível. XXII Encontro dos Nacional de professores do PROEPRE: Educação e Cidadania. Ano 2005, UNICAMP – Campinas – SP. **Anais do XXII encontro nacional de professores do PROEPRE: Educação e cidadania**. Campinas: Faculdade de Educação, Unicamp, 2005. p. p.109-120

_____. **A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola: uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista**. Campinas: Mercado de letras; FAPESP, 2003.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Estamos em conflito, eu comigo e com você: uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. In: CUNHA, Jorge Luiz; DANI, Lúcia Salete Celich: Escola, **conflitos e violências**. Santa Maria: 2008 [s.p]. Disponível em: <<http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/Educacao/Doutrina/Bullying%20Estamos%20em%20conflito.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2011.

_____. **Quando a escola é democrática: um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola**. Campinas: Mercado de letras, 2007.

VINHA, Telma Pileggi. **O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista**. Campinas: Mercado de letras; Fapesp, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Autorização da Direção Escolar

Maringá, 20 de Outubro de 2009.

À

Direção da

XXXXXX

Maringá – PR

Prezados Senhores:

Vimos solicitar a autorização para a realização de pesquisa institucional neste estabelecimento de ensino. A pesquisa faz parte do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Marília – SP. Os trabalhos serão realizados pela doutoranda Ivone Pingoello, portadora do RG. 4.018.214-4, regularmente matriculada neste programa, tendo como orientadora a professora Doutora Maria de Lourdes Morales Horiguela.

O tema da pesquisa é “Ações educativas aplicadas por professores em alunos do 6º ano do Ensino Fundamental para a redução do *bullying*” e tem como objetivo realizar ações educativas visando a prevenção e intervenção ao *bullying* escolar.

Os trabalhos de coleta de dados envolverão os seguintes aspectos:

- Investigar a realidade em sala de aula no que se refere à existência do *bullying* escolar com questionários para os educadores e alunos e observação em sala de aula.
- Realizar reuniões com os educadores onde serão discutidos os temas, objetivos, técnicas e estratégias de desenvolvimento de habilidades *antibullying*.
- Realizar palestra para os alunos sobre o *bullying* e suas consequências.
- Incentivar os professores a desenvolverem atividades *antibullying* com os alunos.
- Avaliar os trabalhos realizados por meio de questionários aplicados aos professores e alunos participantes da pesquisa.

A presença da pesquisadora em sala de aula se fará necessário nos períodos de observações ficando condicionada a permissão voluntária dos professores.

Todas as etapas da pesquisa serão realizadas dentro da escola, sem a necessidade de deslocamento de professores e alunos. A data para o início da pesquisa deverá ser marcada posteriormente com a orientação e direção da escola, em comum acordo entre a escola, professores e pesquisadora, sem que ocorram prejuízos tanto para a escola como para o bom andamento das aulas. Os alunos participantes da pesquisa poderão ser indicados pela equipe de orientação e direção escolar

Esclarecemos que a participação na pesquisa é voluntária e em hipótese alguma os participantes terão suas identidades divulgadas para outras pessoas ou entidades, além daquelas que participam efetivamente do desenvolvimento do trabalho. Serão mantidos em sigilo todas as informações obtidas relacionadas com a privacidade dos voluntários. Os resultados da pesquisa serão apresentados na defesa da tese de Doutorado na cidade de Marília no campus da UNESP; em congressos e seminários, com publicações em periódicos e demais veículos de publicações de pesquisas. Os resultados serão apresentados a esta escola depois de aprovado pela banca examinadora de defesa.

Contando com sua colaboração, subscrevemo-nos

Atenciosamente

Dr^a. Maria de Lourdes Morales Horiguela
Docente do Departamento de Psicologia da Educação

APÊNDICE B

Atividade para professores: Identificando o *bullying*

Atividade 1: Identificando o *bullying*

Situação 1:

Tomás, Eduardo, Emílio e Jorge estudam na mesma sala de aula e costumam fazer parte do mesmo time quando jogam bola nas aulas de Educação Física. Nos jogos Tomás sempre se irrita quando Jorge está de posse da bola porque ele não gosta de passá-la aos outros amigos. Quando isto acontece, Tomás reclama a Jorge com palavrões e xingamentos, ressaltando sempre a cor da pele de Jorge, que é negro. Os amigos não dizem nada e Jorge fica irritado com os xingamentos do amigo e os dois acabam brigando.

Em sua opinião, este comportamento é *bullying*?

Como você explica este comportamento?

Conforme sua opinião, descreva quais os sentimentos que acredita que Jorge teve:

O que os amigos deveriam fazer em relação ao comportamento de Tomás?

O que os amigos deveriam fazer em relação ao comportamento de Jorge?

Qual deve ser a atitude correta do professor neste momento?

Situação 2:

David e Geraldo estudam na mesma classe e as vezes se sentam juntos para fazer as atividades da aula. Um dia os dois estavam pintando um cartaz a pedido do professor, David pintava um lado do cartaz e Geraldo pintava o outro lado, Geraldo levantou o braço para pegar um pincel que estava do outro lado da carteira e bateu a mão no copo com água que estava sendo usado para lavar os pinceis, a água caiu sobre a parte que David estava pintando, David começou a xingar Geraldo e os dois começaram a brigar.

Esta situação pode ser caracterizada como um episódio de *bullying*? Por quê?

Qual seria a atitude mais certa a ser tomada por David?

Qual seria a atitude mais certa a ser tomada por Geraldo?

Qual é a atitude correta que deve ser tomada pelo professor?

Situação 3:

Guilherme está parado no pátio da escola, dois meninos que estudam na mesma sala que ele pedem-lhe dinheiro. Guilherme diz que não tem dinheiro naquele momento, os dois meninos empurram e dão chutes em Guilherme. A partir daí, a cena se repete todas as vezes que os dois meninos encontram Guilherme.

Está situação pode ser caracterizada como *bullying*? Por quê?

Conforme sua opinião, por que os meninos que pedem dinheiro a Guilherme se comportam desta maneira?

Qual deveria ser o comportamento do professor, caso ele ficasse sabendo do fato?

Situação 4:

Amanda é uma aluna que esta acima do peso considerado bom para a idade dela, todas as vezes que ela lê em voz alta na sala de aula ou quando ela vai apresentar um trabalho escolar, os alunos Vitor e Jonas a chamam por apelidos pejorativos.

Está situação pode ser caracterizada como *bullying*? Por quê?

Isto pode trazer consequências para o aprendizado de Amanda? Se sim, quais?

Situação 4:

Vitor, Jonas, Willian fazem parte de um grupo de amigos que sempre se chamam por apelidos. Vivem inventando novos apelidos entre eles que ressaltam particularidades físicas ou forma de se vestir de cada um. Eles estão sempre juntos e se divertem o tempo todo desta forma.

Está situação pode ser caracterizada como *bullying*? Por quê?

Que tipo de relação existe entre o grupo?

Situação 5:

Um professor foi apelidado pelos alunos por um apelido que o professor não gosta e que é ofensivo, todas as vezes que ele entra na sala os alunos a chamam pelo apelido.

Isto pode ser considerado *bullying*?

Qual deve ser o comportamento do professor?

A escola tem políticas de combate a este tipo de comportamento? Quais são elas?

As políticas da escola contra este tipo de comportamento servem somente às necessidades do professor?

Situação 6:

Numa reunião de professores há alguns professores novatos que consideram que a opinião dos professores mais velhos estão ultrapassadas e debatem em tão de críticas, dizendo que deviam se aposentar. A situação se repete sempre que os professores se reúnem para decidir algo sobre a escola.

Esta situação pode ser caracterizada como *bullying*?

Conforme sua opinião, por que os professores novatos agem assim?

Como eles deveriam se comportar?

Qual deveria ser a atitude dos professores mais velhos?

Qual deveria ser a atitude dos professores novatos?

Qual deveria ser a posição tomada pelo diretor da escola?

Algumas questões:

Em sua própria experiência como aluno, qual de seus professores influenciou positivamente em seu comportamento? Por quê?

Por que escolheu ser professor?

Como pensa que seu papel como profissional afeta os jovens?

Como gostaria de ser recordado por seus alunos?

As atividades desta unidade foram baseadas no texto:

O'MOORE, Astrid Mona, and MINTON, Stephen James Módulo B: VISTA: Un enfoque escolar integral (EEI). Unidad B5: Trabajar con profesores. In Cowie, H., et al. **School Bullying and Violence: Taking Action**. 2006, www.vista-europe.org. Disponível em: <<http://www.vista-europe.org/downloads/Spanish/B5f.pdf>>. Acesso em: 15 ag. 2009.

APÊNDICE C

Questionário 1 para professores

**INSTRUMENTO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES
QUESTIONÁRIO 1 PARA OS PROFESSORES****QUESTIONÁRIO Nº. 01****DATA** ____/____/____

Prezado Professor

Este instrumento é parte integrante da pesquisa institucional que está sendo realizada no Colégio Estadual XXXXX nas turmas do 6º ano do período vespertino sob o título Ações educativas aplicadas por professores em alunos do 6º ano do Ensino Fundamental para a redução do *bullying*. Tal instrumento nos possibilitará fazer uma imersão na realidade vivenciada em sala de aula no que diz respeito ao *bullying*. Sua participação é imprescindível para o sucesso deste trabalho.

PARTE A – CARACTERIZAÇÃO**01 – Sexo:**1.(☐) Masculino 2.(☐) Feminino

02 – Idade: _____

03 – Possui curso superior?

1.(☐) Sim 2.(☐) Não

04 – Em caso afirmativo, qual sua habilitação? _____

05 – Possui curso de pós-graduação?

1.(☐) Sim 2.(☐) Não

06 - Em caso afirmativo, em que nível?

1.(☐) Especialização2.(☐) Mestrado3.(☐) Doutorado4.(☐) Outro

07 - Em que área possui curso de pós-graduação?

08 - Há quanto tempo exerce a profissão? _____

09 – Você já participou de algum curso em mediação de conflito ou prevenção e contenção da violência escolar?

1.(☐) Sim 2.(☐) Não

PARTE B – O BULLYING NA SALA DE AULA

*As turmas de referências para as respostas dadas devem ser as turmas do 6º ano do período vespertino do Colégio Estadual XXXXX.

01 – Você enfrenta algum tipo de problema no que se refere ao comportamento dos alunos em sala de aula?

1.(☐) Sim 2.(☐) Não

02 – Em caso afirmativo, de que tipo é o problema?

1.(☐) Indisciplina

2.(☐) Falta de limite

3.(☐) Falta de respeito com o professor

4.(☐) Falta de respeito entre os alunos

5.(☐) Comportamento agressivo

6.(☐) Falta de concentração

7.(☐) Outro

03 – Como é o relacionamento entre os alunos nestas turmas?

1.(☐) Amistoso

2.(☐) Cooperativo

3.(☐) Individualista

4.(☐) Conflituoso

5.(☐) formação de grupos fechados

6.(☐) Outro

04 – Existe(em) aluno(s) excluído(s) dos grupos de amizades nas turmas?

1.(☐) Sim 2.(☐) Não

05 – Em caso afirmativo, quais são as características destes alunos?

1.(☐) Tímidos

2.(☐) Agressivos

- 3.(☐) Indisciplinados
 - 4.(☐) Faixa etária diferente dos demais alunos da sala
 - 5.(☐) Rendimento escolar acima da média
 - 6.(☐) Rendimento escolar abaixo da média
 - 7.(☐) Baixo poder aquisitivo
 - 8.(☐) Alto poder aquisitivo
 - 9.(☐) Deficiente físico
 - 10(☐) Comportamento ou forma de se vestir diferenciado
- 06 – Você presencia comportamentos agressivos entre os alunos?

- 1.(☐) Sim 2.(☐) Não

07 – Em caso afirmativo, com que frequência?

- 1.(☐) frequentemente
- 2.(☐) algumas vezes
- 3.(☐) raramente

08 - Se presencia, de que tipo? (Responda enumerando na ordem do comportamento mais observado ao menos observado)

- 1. (☐) Agressão física
- 2. (☐) Agressão verbal
- 3. (☐) Empurrões
- 4. (☐) Extorsão (emprego de força ou ameaça para obtenção de um bem)
- 5. (☐) Intimidação (assustar, apavorar como meio de controle do outro)
- 6. (☐) Danos aos objetos e móveis da sala
- 7. (☐) Agressões de vários alunos dirigidas a um só aluno
- 8. (☐) Roubo
- 9. (☐) Gestos ofensivos
- 10. (☐) Exclusão de um aluno de um grupo de amizade
- 11. (☐) Implicância
- 12. (☐) Espalhar boatos maldosos
- 13. (☐) Arremessar objetos contra outro aluno
- 14. (☐) Chamar um aluno por um apelido que humilha

09 – Você já presenciou casos de *bullying* nestas turmas?

- 1.(☐) Sim 2.(☐) Não

10 – Em caso afirmativo, em que local ocorreu?

1.() Na sala de aula 2.() No corredor 3.() No pátio escolar

11 – Você recebeu alguma denúncia de *bullying* por parte de algum dos alunos?

1.() Sim 2.() Não

12 – Você recebeu alguma denúncia de *bullying* vinda de um responsável, mãe ou pai de um dos alunos ?

1.() Sim 2.() Não

13 – Nessas turmas, já precisou intervir em algum caso que você considera ter sido um episódio de *bullying*?

1.() Sim 2.() Não

14 – Cite os nomes dos alunos que, conforme suas observações, apresentam comportamentos de risco para a prática de *bullying* em sala de aula (Citar nomes dos alunos e suas respectivas turmas).

Turma	Nome

*No questionário entregue aos professores foi deixado uma espaço de 20 linhas para preenchimento.

PARTE C – OS PROCEDIMENTOS DE INTERVENÇÃO

Por favor, responda as questões abaixo no caderno em anexo, enumerando a resposta de acordo com a numeração da pergunta.

01 – Como você definiria o *bullying*?

02 – Qual é o seu procedimento diante de um episódio de *bullying* em sala de aula?

03 – Você encontra obstáculos ou dificuldades para enfrentar o *bullying* em sala de aula?

1.() Sim 2.() Não

04 – Se sim, quais são esses obstáculos ou dificuldades?

05 – Se você encontra obstáculos, qual é ou quais são suas necessidades para superar a ou as dificuldades em lidar com o *bullying* em sala de aula?

06 – Em relação à escola, qual ou quais são as medidas que ela adotada nos casos de *bullying*?

07 – Conforme sua percepção, a escola enfrenta obstáculos ou dificuldades para lidar com o *bullying* escolar?

1.() Sim 2.()Não

08 – Se sim, quais são esses obstáculos?

09 – Em sua opinião, como deveria ser a atuação da escola no trato com os autores do *bullying*?

10 – Em sua opinião, como deveria ser a atuação da escola no trato com as vítimas do *bullying*?

11 – Em sua opinião, como deveria ser a atuação da escola no trato com os espectadores do *bullying*?

12 – Que medidas você sugeriria que poderiam ser implantadas pelo Governo do Estado por meio da Secretaria de Educação para prevenir e evitar o *bullying*?

13 – Que medidas você sugeriria que poderiam ser implantadas pela direção escolar para prevenir e evitar o *bullying* na escola?

14 – Que medidas você sugeriria para prevenir e evitar o *bullying* em sala de aula?

15 – Espaço destinado a observações, comentários e sugestões a respeito do assunto, caso julgue necessário.

Obrigada pela sua valiosa colaboração!

*O questionário foi acompanhado de folhas com pautas para as respostas.

APÊNDICE D**Atividade para professores – Análise Funcional****Atividade 2**

Relate, de forma sucinta, um episódio de indisciplina, *bullying* ou violência escolar que você observou em sala de aula.

Relato

Agora faça a análise funcional do episódio relatado:

Evento antecedente ou estímulo	Comportamento ou resposta do sujeito	Evento consequente ou consequência

Fonte: elaborado pela autora

APÊNDICE E

Atividades para professores – Definindo a violência escolar

*Todos os modelos que seguem estão sendo apresentados sem espaçamento para as respostas. Os originais foram entregues aos professores contendo espaçamento com pautas dentro dos quadros para que estes pudessem escrever suas respostas.

Exercício 1: Definir a violência escolar

Descrever um fato fictício ou real que tenha sido observado, lido ou relatado por alguém que envolva alunos em condutas antissociais ou violenta na escola. Descrever as características que definem a conduta como antissocial e/ou violenta e os elementos que a distinguem das demais formas de comportamentos antissociais e/ou violentos.

RELATO DE CASO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR

*

ESTUDO DE CASO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR	

Características essenciais	Elementos distintivos

*	*

*Espaço para resposta

O exercício 1 desta unidade foi baseado no texto:

ERTESVÅG, Sigrun K., y SAMUELSEN, Anne Sofie. Módulo A: Contexto, definiciones y conocimiento de La violencia escolar. Unidad A2: Lo que sabemos sobre la violencia escolar:

Descubrimientos a partir de la investigación y de la práctica. In Cowie, H., et al. **School Bullying and Violence: Taking Action**. 2006, www.vista-europe.org. Disponível em: <<http://www.vista-europe.org/downloads/Spanish/A2f.pdf>>. Acesso em: 15 ag.2009.

Exercício 2: Definir o contexto do *bullying*

O participante deve descrever um caso de *bullying* fictício ou real, seus protagonistas e os contextos em que vivem, a atuação de cada participante, o que fazem e o que deveriam fazer.

ESTUDO DE CASO DE <i>BULLYING</i>
Onde se desenvolveu a ação: *
Características dos participantes Vítima: * Agressor(es): *
O que ocorreu entre os participantes: *
Provável motivo: *
Fatores contextuais relacionados: *
Desfecho do episódio: *

Fonte: elaborado pela autora

*Espaço para resposta

ESTUDO DO CONTEXTO	
Contexto social	
Vítima *	Agressor *
Contexto familiar	
Vítima *	Agressor *
Contexto escolar	
Vítima *	Agressor *
Contexto interpessoal	
Vítima *	Agressor *

Fonte: elaborado pela autora

*Espaço para resposta

Exercício 3

Descrever exemplos de comportamentos problemáticos observados em sala de aula e que podem converter-se em fatores de risco à violência escolar. Classificar cada evento como indisciplina, conflito ou *bullying* e/ou outras formas de violência escolar.

Comportamento problemático	Classificação e sugestão para a solução do problema
*	Classificação *
	Sugestão *
*	Classificação*
	Sugestão *
*	Classificação *
	Sugestão *

Fonte: elaborado pela autora

*Espaço para resposta

Exercício 4

Leia o texto abaixo:

Reunião entre educadores na escola

Em uma reunião de educadores se debatia um incidente ocorrido com dois alunos de uma turma de 6ª série. Dois meninos, João e Luis, haviam brigado, chegando a trocar socos e pontapés em uma aula de Educação Física.

Depois da briga, João se queixou de que Luis o havia provocado, chamando-o por um apelido que ele não gostava quando ele se recusou a jogar no time de Luis.

Luis se defendeu dizendo que era mentira de João e que ele não o ofendeu, nem o provocou. Luis era um aluno modelo, com excelentes notas e um atleta promissor.

João não ia muito bem nos estudos, mas jogava bola muito bem; um professor havia pedido ao serviço de psicólogos do centro escolar um atendimento especializado a ele devido a seu comportamento indisciplinado.

No debate entre os professores, um professor queria dar uma suspensão de dois dias a

João por começar a briga enquanto que outro professor insistia em que ambos deveriam receber a suspensão porque os dois haviam violado a política de tolerância zero da escola. Outro professor disse que se devia obrigar os alunos a resolver suas diferenças com um mediador e que se devia oferecer a João uma segunda oportunidade pois ele estava em desvantagem e teria problemas com os estudos ao que outro professor o respondeu que o aluno nunca aprenderia a lição se escapasse sem castigo.

Alguns professores queriam investigar se Luis havia zombado de João.

Um professor disse que deveriam deixar para lá, dizendo que era só uma rixa entre dois alunos.

Baseado no texto acima, responda as seguintes questões:

Quais são as características que diferem João de Luis?	
João *	Luis *
Há a possibilidade de estas características interferirem na decisão dos educadores? *	
Que medidas deveriam ser tomadas nesta reunião? *	

*Espaço para resposta

O exercício 4 desta unidade foi baseado no texto:

ERTESVÅG, Sigrun K., y SAMUELSEN, Anne Sofie. Módulo A: Contexto, definiciones y conocimiento de La violencia escolar. Unidad A2: Lo que sabemos sobre la violencia escolar: Descubrimientos a partir de la investigación y de la práctica. In Cowie, H., et al. **School Bullying and Violence: Taking Action**. 2006, www.vista-europe.org. Disponível em:

<<http://www.vista-europe.org/downloads/Spanish/A2f.pdf>>. Acesso em 15 ag.2009.

Exercício 5

Descreva um caso de *bullying* que você tenha conhecimento do desfecho, se foi solucionado, como ele foi solucionado e quem o solucionou.

ANÁLISE DE CASO DE BULLYING
Descrever um caso de <i>bullying</i>: *
Quais as medidas que foram tomadas: *

Quem as tomou:

*

Fonte: elaborado pela autora

*Espaço para resposta

ANALISAR A ATUAÇÃO DE CADA PARTICIPANTE

O QUE FAZEM

A vítima *

O agressor *

O professor *

Os colegas de classes *

O diretor *

A equipe pedagógica *

Os pais da vítima *

Os pais do agressor *

Fonte: elaborado pela autora

ANALISAR A ATUAÇÃO DE CADA PARTICIPANTE

O QUE DEVERIAM FAZER

A vítima *

O agressor *

O professor *

Os colegas de classe *

O diretor *

A equipe pedagógica *

Os pais da vítima *

Os pais do agressor *

Fonte: elaborado pela autora

Exercício 6

Preencha o quadro abaixo com o que você considera ser um comportamento respeitoso e desrespeitoso feito pelo professor e pelo aluno.

Cite exemplos de comportamentos

Desrespeitoso

Respeitoso

Aluno

Professor

Aluno

Professor

*

*

*

*

Fonte: elaborado pela autora

*Espaço para resposta

APÊNDICE F

Sugestões de atividades *antibullying*

SUGESTÕES DE ATIVIDADES ANTIBULLYING

Produção de vídeo sobre *bullying*

Teatro

Realização de pesquisas sobre o *bullying*

Histórico – como começaram as pesquisas

Principais características – causas e conseqüências

Características das vítimas e dos agressores

Casos de *bullying* noticiados na mídia

Reportagens já publicadas (revistas, jornais, livros)

Programas de TV que exibiram o tema *bullying*

Pessoas famosas que foram vítimas de *bullying*

Alunos fazendo entrevistas com os próprios alunos sobre o *bullying*

Mesas redondas

Produção de cartazes informativos

Compor músicas sobre o tema *bullying* e apresentá-las em um festival.

Produzir textos e/ou poemas sobre *bullying*

Produção de um jornal informativo para a escola com textos produzidos pelos alunos

Produção de teatro com fantoche

Leitura e análise de textos com posterior produção de texto.

Regulamento *antibullying*

APÊNDICE G

Resumo do livro *Pretinha, Eu?*

Resumo

Título: *Pretinha, Eu?*

Autor: Júlio Emílio Braz

Editora: Scipione

Ano: 2008

Categoria: Infanto-juvenil

Este livro conta a história de uma menina negra e pobre chamada Vânia. Sua mãe trabalhava como empregada doméstica na casa dos donos do Colégio Harmonia e por este motivo deram a Vânia uma bolsa de estudos para estudar no Colégio. Esta escola atendia a uma clientela da classe social alta.

Ao chegar ao Colégio, Vânia causou o maior espanto em todos, pois em cem anos de história da escola, não havia o registro de ter estudado nela uma aluna negra.

Um grupo de colegas, formadas por cinco garotas - liderado por Carmita que era muito preconceituosa e por Tatiana, Bárbara, Vivi e Bel - começaram a implicar com Vânia, com sua cor e sua situação social. Para se sobressair a estes insultos Vânia estudava muito e sempre tirava as melhores notas da turma, o que irritava ainda mais suas agressoras.

Em um determinado dia as cinco colegas ridicularizaram Vânia na frente dos colegas de turma ao expor a todos que Vânia usava sempre uma blusa de frio por cima da camiseta do uniforme para que ninguém visse os buracos em sua camiseta. Por esse motivo Vânia chegou a deixar de freqüentar a escola por alguns dias.

Bel, uma das amigas de Carmita, não gostava das brincadeiras que faziam com Vânia, mas não fazia nada, pois tinha medo de chamar a atenção para si e ser o próximo alvo das colegas.

Na volta às aulas, Bel começou a ter amizade com Vânia e as duas passaram a ser amigas. Vânia demonstrou ser uma menina como todas as outras, mas que tinha que ser forte para poder superar os preconceitos. E com esse comportamento no decorrer do ano letivo, Vânia foi conquistando muitos amigos e Carmita foi ficando cada dia mais só.

Os pais de Vânia a incentivavam a estudar cada vez mais como forma de superar o preconceito e os pais de Carmita acreditavam que a escola não deveria aceitar pessoas do nível social de Vânia na escola.

Na festa junina da escola, Carmita jogou propositadamente um cachorro quente no vestido de Vânia, que estava vestida para dançar a quadrilha. Vânia ficou muito nervosa, mas decidiu dançar mesmo assim e brilhou muito na festa.

Sabendo do ocorrido a Direção escolar percebeu que estava sendo omissa e comunicou à turma que não permitiria mais preconceitos e discriminação no colégio e que iriam começar uma campanha contra este tipo de comportamento.

A história termina com Carmita sozinha, sem amigas e chamando Vânia de preta, no que Vânia responde: Pretinha, eu! Não tô nem aí!

APÊNDICE H

Questionário para a atividade Pesquisa quantitativa

Questionário:

TRABALHO DE PESQUISA SOBRE *BULLYING* NA ESCOLA

DISCIPLINA: MATEMÁTICA

Questionário para pais, avós ou responsáveis pelo aluno:

Nome do aluno(a) _____ Série: _____

>1 – O aluno ou aluna já reclamou sofrer, repetidas vezes, violência física, verbal ou psicológica feita por um mesmo aluno da escola?

1. () Sim 2. () Não

>2 – Qual foi sua atitude:

1. () Conversei com ele/ela e pedi para não ligar

2. () Conversei com ele/ela e pedi para revidar, dar o troco

3. () Fui até a escola e levei a reclamação dele/dela para a equipe pedagógica

4. () Ele(a) nunca reclamou estar sofrendo violência física, verbal ou psicológica na escola

>3 - Você sabe o que é *bullying*? 1. () Sim 2. () Não

Assinatura de um dos pais, avós ou responsáveis pelo aluno

Fonte: elaborado pela autora

APÊNDICE I

Transcrição do vídeo *O pai, o filho e o burrico*

Vídeo: *O pai, o filho e o burrico*

Vídeo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=a69zl4dCR40>>

Acesso em 21 de ab. 2010.

Transcrição do vídeo

Estória baseada em um conto persa que fala sobre orientação, discernimento e outras pessoas.

O pai, o filho e o burrinho

Era uma vez um pai, um filho e um burrico. Por um problema na infância, uma das pernas do filho era mais curta que a outra e por isto ele mancava.

- Pai as pessoas vão debochar de mim, eu não quero ir ao mercado.
- Filho você quer passar o resto da sua vida trancado em casa? Pare de reclamar e venha comigo!

E assim o pai montou rapidamente no burrico. – Vamos logo vou lhe mostrar que não precisa dar ouvidos ao que as pessoas dizem!

Tão logo pai e filho chegaram ao mercado as pessoas se juntaram e começaram a comentar.

- Olhem só que pai mais desumano! Monta no burrico sozinho enquanto o filho anda mancando atrás dele. O pai não se aborreceu, mas resolveu mudar de estratégia.
- Meu filho você ouviu o que eles estavam dizendo? Agora é a sua vez de montar no burrico.

Assim sendo, o pai desceu e mandou o filho montar no burrico, os dois seguiram viagem. Algum tempo depois os aldeões se juntaram novamente para comentar.

- Vejam só! Que rapaz mal educado, não tem nenhuma consideração pelos mais velhos. - Deixar o pai idoso a pé e montar no burro sozinho.

O rapaz sentiu-se extremamente mal e ficou vermelho de vergonha.

- Pai, acho melhor eu descer, as pessoas estão falando mal de mim – disse o filho preocupado.
- É verdade meu filho, vamos pensar numa outra solução.

O pai e o filho começaram a andar a pé. Seguiram viagem puxando o burrico.

- Agora não terão do que falar não é mesmo.

Só que as pessoas voltaram a se juntar e comentaram mais uma vez a atitude tomada pelo pai e pelo filho.

- Há! Há! Ha! Olhem! Que tolos! Seria mais conveniente para eles montar no burrico. Por que será que andam a pé?

E apontavam para os dois rindo cada vez mais, o filho se entristeceu mais uma vez com o acontecido.

- Pai eu acho melhor nos dois montarmos no burrico.

- É mesmo!? Pode ser uma boa solução. Respondeu o pai.

Então o pai e o filho montaram no burrico ao mesmo tempo. O burrico sofria com o peso de tanta carga, as pessoas balançavam a cabeça e diziam inconformadas ao verem tal cena.

- Olhem só! Duas pessoas naquele burrico! Vejam como ele está sofrendo com todo aquele peso.

- Como podem tratar assim um animal indefeso! Como eles são cruéis! Gente de coração duro! Pobre animalzinho!

- Pai, eles estão dizendo que maltratamos o burrico!

- Então, já sei o que vamos fazer.

Assim o pai e o filho resolveram fazer o contrário.

- Se estão com tanta pena do burrico, então acho que devemos carregá-lo.

- Eu concordo com o senhor pai.

E foi assim que pai e filho desceram do burrico e carregaram o animal nos ombros.

Mas as pessoas zombavam deles novamente.

- Há! Há! Ha! Eles são loucos! Estão carregando um burrico. Por que não montam no animal?

Todos apontavam para os dois e não conseguiam parar de rir.

O filho ficou muito envergonhado.

- Pai, o que faremos agora? Não podemos fazer mais nada!

- Em primeiro lugar vamos por o burro no chão, ele é pesado demais. Disse o pai encharcado de suor.

O pai e o filho resolveram descansar, sentados numa pilha de pedras.

- Cada um diz uma coisa diferente, eu realmente não sei a quem devemos ouvir. O filho apenas resmungou apoiado numa bengala.

- Agora! Vamos pensar direito e decidir a atitude que vamos tomar. Disse o pai.

- Pai eu acho melhor nos não darmos ouvidos a ninguém. Disse o filho já cansado de se esforçar para agradar os outros.

- Ta! Muito bem. Faça como achar melhor. De amanhã em diante você irá sozinho. Disse o pai apoiando totalmente a decisão do filho.

- O que será que as pessoas vão achar quando me virem mancando, sem ninguém para me ajudar? Perguntava o filho assim mesmo, olhando os aldeões a distância. Tudo que tinha vivido lhe vinha a mente.

E assim o filho foi ao mercado sozinho mancando. Enquanto caminhava tentava antecipar as frases que ouviria do povo da aldeia, mas alguma coisa havia mudado nele, era impossível agradar a todos por mais que se esforçasse.

- Olhem! Lá vem o manco!

Alguns meninos se juntaram rindo e apontando para ele. Mas o filho simplesmente seguiu em frente de cabeça erguida e pouco a pouco o som das risadas sumiu.

Um passeio pelo jardim da filosofia.

Talvez você não conheça alguém que tenha medo de ir a rua e ser alvo de deboches, no entanto este é o caso de muitas pessoas com necessidades especiais. Há gente que magoa os outros sem pensar, não tem consideração com aqueles que têm necessidades especiais e só porque uma pessoa é diferente debocham dela. Felizmente o pai da nossa estória era um homem sábio, ele foi ao mercado com o filho e o convenceu de que não há necessidade de se guiar pelo que os outros dizem. Tendo ou não necessidades especiais, não deixe de fazer nada por medo do que os outros possam dizer. Mas e você! Já se encontrou numa situação em que não fez o que realmente queria por medo do que os outros pudessem pensar?

APÊNDICE J

Texto para a atividade Gravação do vídeo - O Jornal da Escola

JORNAL

CENA I

APRESENTADOR: – Hoje vamos falar de um assunto que está sendo muito discutido no mundo inteiro.

APRESENTADORA: – Vamos falar sobre *bullying*. O que é *bullying*! O que significa esta palavra! Quais são suas consequências!

APRESENTADOR: – A palavra *bullying* é de origem inglesa e foi adotado no Brasil por não existir nenhuma outra palavra em português que possuísse o mesmo significado.

APRESENTADORA: – Traduzindo! *Bullying* enquanto substantivo significa valentão, brigão ou tirano e como verbo significa brutalizar, tiranizar, amedrontar, intimidar.

APRESENTADOR: – *Bullying* é quando um grupo de alunos ou um aluno maior ou mais forte persegue, agride ou ofende outro aluno várias vezes e sem motivo nenhum.

APRESENTADORA: – Em outras palavras o agressor sempre vai estar em uma vantagem desleal, ou porque eles se juntam em grupos para atacar um só aluno ou porque o agressor é mais velho ou mais forte fisicamente que sua vítima. O agressor faz isto porque ele não admite perder, então ele procura atacar alguém que não tem habilidade de defesa ou que está sozinho.

APRESENTADOR: – Só é considerado *bullying* se a agressão for feita várias vezes com o mesmo aluno e as principais formas do *bullying* podem ser: Sexual - Verbal - Físico - Moral - Psicológico - Material - Virtual

APRESENTADORA: – O *bullying* acontece entre pares e pode acontecer em qualquer lugar, na família entre irmão de idades próximas, entre colegas de trabalho, no clube, mas é na escola que os prejuízos deste mal são maiores.

CENA 2

APRESENTADOR: – O *bullying* na escola causa sérios prejuízos aos alunos, para falar sobre este assunto nós trouxemos aqui a psicóloga escolar Dr. Márcia, a pedagoga Débora, que trabalha em uma escola da rede estadual de Maringá e o Advogado Dr. Alexandre.

APRESENTADORA: – Dr. Márcia, quais são os prejuízos causado pelo *bullying*.

Dr. MÁRCIA: – São muitos, dependendo da intensidade dos ataques a vítima pode apresentar dores na barriga ou no estômago, dores de cabeça, ansiedade, depressão, pensamentos de vingança e de suicídio, bem como reações de agressividade.

CENA 3

APRESENTADOR: – Pedagoga Débora, quais são os prejuízos causados pelo *bullying* na escola?

DÉBORA: – As consequências do *bullying* para os estudos podem ser: Desinteresse pelos estudos, pelas atividades escolares, queda no rendimento escolar, faltas acentuadas, desistência e reprovação. Isto porque o *bullying* gera muito sofrimento para a vítima, então ela desiste de estudar.

CENA 4

APRESENTADORA: – Está presente aqui também o Advogado Dr. Alexandre que vai falar porque *bullying* é considerado crime. Por favor, Dr. Alexandre.

Dr. ALEXANDRE: – Bem, podemos dizer que *bullying* é crime porque quem pratica *bullying* está infringindo a Lei. O autor de *bullying* pode ser punido por ato infracional caso se trate de adolescente. Processo criminal, em caso de maior de idade. Em caso de crianças "agressoras" o procedimento poderá ser aplicado aos pais. As Denúncias de casos de *bullying* podem ser feitas no Conselho Tutelar, na Delegacia de Polícia ou no Ministério Público.

CENA 5

APRESENTADOR: – A repórter Daniele está nas ruas entrevistando algumas pessoas para sabermos o que elas pensam sobre o *bullying*. Daniele.

DANIELE: – Estamos em frente a uma escola estadual que realizou um projeto para combater o *bullying* na escola. Vamos entrevistar alguns alunos da escola para sabermos a opinião deles sobre o assunto.

DANIELE: Eduardo, você já sofreu *bullying* na escola?

ENTREVISTADO I: – Já sim, os moleques ficavam colocando apelidos em mim, ficavam me zoando, me humilhando na frente de todo mundo, era todo dia, não me deixavam em paz.

DANIELE: E agora, eles continuam fazendo *bullying* com você?

ENTREVISTADO I: – Agora eles pararam um pouco, eu denunciei para a direção da escola, aí eles pararam.

CENA 6

DANIELE: – E você Carlos, já sofreu *bullying* na escola?

ENTREVISTADO II: – Eu não, mas eu tenho um amigo que sofre *bullying* quase todos os dias.

DANIELE: O que os alunos fazem com ele?

ENTREVISTADO II: – Eles batem na nuca dele, o chamam por apelidos que ele não gosta e quando ele traz dinheiro, os moleques pegam o dinheiro dele.

DANIELE: Você vê e não faz nada?

ENTREVISTADO II: – Eu não, eu tenho medo de fazerem isto comigo, mas agora eu acho que eu vou denunciar para direção.

CENA 7

DANIELE: – Júlio, você já sofreu *bullying* na escola?

ENTREVISTADO III: – Qualé!!! Ninguém nunca fez isto comigo não, eu é que faço com eles.

DANIELE: Como é!!!? Você faz *bullying* com os outros alunos?

ENTREVISTADO III: – Bom, agora eu parei né! A direção *tava* pegando muito no meu pé e porque também eu aprendi que *bullying* não é uma coisa legal, que é crime.

DANIELE: – Mas antes você fazia que tipo de *bullying* com seus colegas?

ENTREVISTADO III: – Eu ficava zoando deles! Tem um nerd na minha sala que só tirava 100 nas provas e eu ficava doido porque eu só tirava 0, aí eu ficava zoando com ele.

DANIELE: – E você parou de zoar porque agora você consegue tirar 100?

ENTREVISTADO III: – Não, ainda não. Mas é que agora eu sei que se ele tira 100 é porque ele estuda e se eu tiro 0 é porque eu não estudo, a culpa não é dele, é minha.

CENA 8

APRESENTADORA: – Que bom que os alunos estão sendo informados de que *bullying* é crime, que só traz sofrimento e que devem parar com esta prática de violência nas escolas.

APRESENTADOR: – É isto mesmo, todos nós queremos viver em paz, queremos ser respeitados. Muito obrigado a todos!

APÊNDICE K**Autorização de uso de imagem****Autorização de uso de imagem**

Neste ato, na qualidade de maior e/ou responsável pelo menor abaixo qualificado, autorizo, por prazo indeterminado e sem limites de território, o Colégio Estadual XXXXX, com sede na XXX, e Ivone Pingoello, residente na XXXX, Maringá-PR a reproduzirem em vídeo a imagem do menor abaixo qualificado, nas home page do Colégio citado e da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná, nos periódicos impressos, em CD- Rom e outro suporte multimídia, sem limite de tiragem e para todos os fins científicos e educacionais aqui não expressamente mencionados.

Declaro, ainda, que autorizo, nas mesmas condições acima mencionadas, o Colégio XXX e Ivone Pingoello a reproduzir a imagem do menor abaixo qualificado em aulas teóricas de cursos de graduação, pós-graduação e aperfeiçoamento profissional e nos materiais impressos ou eletrônicos distribuídos aos alunos, em palestras, em trabalhos a serem apresentados em eventos científicos e para todos os fins científicos e educacionais aqui não expressamente mencionado.

Declaro, ainda, estar ciente desde já, que o vídeo produzido será de uso didático sem fins lucrativos, que não cabe em nenhum tempo, nenhuma reclamação trabalhista, indenização, ou mesmo pagamento de valor antecipado ou posterior pelo uso de sua imagem.

DADOS DO MENOR	
Nome completo do menor:	
Data de nascimento:	
Endereço:	
Nome do Pai:	
Nome da Mãe:	
DADOS DO RESPONSÁVEL PELO MENOR	
Nome completo:	
Data de nascimento:	Número do R.G.:
Endereço:	
Data:	
Assinatura:	

APÊNDICE L

Enredo do teatro I

TEATRO I

***Bullying* na escolar**

Roteiro: Ivone Pingoello

Personagens

Carlos – agressor

João – Vítima

Professor Gilmar

Professora Débora

Professora Maria Eduarda

Pedagoga

Diretora Márcia

Pai do Carlos

Mãe do Carlos

Júlia do Conselho Tutelar

CENÁRIO: Mesa, cadeira, um computador

CENA

1:

Professor sentado olhando para a tela de um computador.

PROFESSORA DÉBORA entra na sala e pergunta: – E aí! A escola está recebendo muitas denúncias de casos de *bullying*?

PROFESSORA MARIA EDUARDA responde: – Está sim, acabamos de receber esta denúncia agora, olha o que ele escreveu!: “Meu nome é João. Quero denunciar um aluno que está me xingando todos os dias, eu não agüento mais, agora ele está me ameaçando dizendo que vai me bater. Estou com muito medo, por favor me ajudem. O nome dele é Carlos.”

PROFESSORA DÉBORA: – Você sabe que a primeira intervenção quem tem que fazer é o professor né!? Só se a gente não conseguir resolver o problema é que a gente deve encaminhar para a equipe pedagógica.

PROFESSOR GILMAR: – É, eu sei sim, eu vou passar a denúncia para o Professor Gilmar, ele é o responsável por esta turma, eu sou só a responsável em receber as denúncias pelo site.

Professora Débora e Professora Maria Eduarda saem da sala.

CENA 2:

Professor Gilmar entra na sala e senta.

VÍTIMA entra e diz: – Professor Gilmar, você quer falar comigo.

PROFESSOR GILMAR: – Quero sim, sente-se aqui, por favor.

A vítima senta ao lado do professor.

PROFESSOR GILMAR: – Você enviou um email denunciando um menino não foi?

VÍTIMA: – Denunciei sim, ele fica me xingando o tempo todo, fica me ofendendo e me chamando por apelidos que eu não gosto e as vezes ele me dá tapas na cabeça.

PROFESSOR GILMAR: – Como você acha que nós podemos resolver este problema?

VÍTIMA: – A gente pode fazer o mesmo com ele, todo mundo da escola deveria chamar ele por apelidos que ele não gosta, aí ele vai ver o quanto é bom.

PROFESSOR GILMAR: – Mas você acha que isto pode resolver?

VÍTIMA: – Sei lá, pelo menos eu me vingo dele.

PROFESSOR GILMAR: – Você quer se vingar ou você quer resolver? Se você se vingar, ele não vai parar de mexer com você, pelo contrário ele vai mexer mais ainda com você.

VÍTIMA: – Então o que a gente pode fazer?

PROFESSOR GILMAR: – O que você acha de a gente chamar ele para conversar, ele pode perceber que está errado e parar de mexer com você.

VÍTIMA: – Acho difícil, ele é um troglodita, só entende a linguagem da porrada.

PROFESSOR GILMAR: – Não custa tentar, vamos conversar com ele.

Os dois saem da sala

CENA 3

Professor Gilmar entra na sala e senta.

Carlos entra na sala.

PROFESSOR GILMAR: – Olá Carlos, sente-se por favor.

PROFESSOR GILMAR pergunta a Carlos: – Você sabe o que é *bullying*?

CARLOS responde: – Uhmmm!! É de por café? Aquele negócio que a gente usa para por café?

PROFESSOR GILMAR: – Não, isto é bule, eu estou falando de *bullying*, a escola inteira está falando deste assunto, você não aprendeu o que é *bullying*?

CARLOS diz em tom de zoação: – Ah! Lembrei! *Bullying* é violência, é quando a gente persegue um menino menor que a gente, fica azucrinando ele.

PROFESSOR GILMAR: – “Quando a gente”? Isto significa que você pratica o *bullying*?

CARLOS: – Não eu não. Só meus amigos que fazem isto.

PROFESSOR GILMAR: – Você não? E o que é que você anda fazendo com o João?

CARLOS: – Que João? Eu nem conheço esse piá!

PROFESSOR GILMAR: – Tem certeza?

CARLOS: – Ahhhh! Tem aquele moleque que a gente fica zoando, mas é só brincadeira.

PROFESSOR GILMAR: – Para quem é brincadeira?

CARLOS: – Para todo mundo, todo mundo fica rindo.

PROFESSOR GILMAR: – O João também fica rindo?

CARLOS: – O João não, ele sempre chora. Moleque mole.

PROFESSOR GILMAR: – Por que você acha que ele chora?

CARLOS: – Sei lá! É porque ele é mole, não entende a brincadeira.

PROFESSOR GILMAR: – Por que as pessoas choram?

CARLOS: – Elas choram porque estão tristes ué!

PROFESSOR GILMAR: – Então o João chora porque está triste?

CARLOS: – É! Deve ser!

PROFESSOR GILMAR: – Você gostaria que fizessem com você o que você está fazendo com ele?

CARLOS: – Claro que não!! Eu ia dar umas porradas em quem fizesse isto comigo!

PROFESSOR GILMAR: – Então o João pode bater em você?

CARLOS: – Claro que não!

PROFESSOR GILMAR: – Por que não? Você disse que faria isto com quem mexesse com você, então o João também pode.

CARLOS: – O João pode vir conversar comigo e pedir para eu parar, se ele falar que não está gostando da brincadeira, eu paro.

PROFESSOR GILMAR: – Para mesmo?

CARLOS: – Paro sim.

PROFESSOR GILMAR: – E todo este tempo que você ficou zoando com ele, é difícil esquecer, se fosse para ele te bater por cada vez que você mexeu com ele você iria parar em um hospital.

CARLOS: – O que passou, passou. Não posso fazer mais nada.

PROFESSOR GILMAR: – Não pode fazer mais nada mesmo?

CARLOS: – Posso pedir desculpas.

PROFESSOR GILMAR: – Ótimo, pedir desculpas já é uma boa alternativa. Posso chamar o João pra vocês dois conversarem?

CARLOS: – Pode.

PROFESSOR GILMAR fala em tom de voz mais alto: – João, pode entrar.

João entra de cabeça baixa e fica virado de frente para o professor.

PROFESSOR GILMAR: – Então João, você tem alguma coisa para falar para Carlos?

JOÃO: – Eu queria falar pra ele parar de ficar mexendo comigo, parar de ficar me xingando e me chamando por apelidos que eu não gosto.

PROFESSOR GILMAR: – Então fala isto para ele João, fale para o Carlos o que você quer dizer.

JOÃO se vira para Carlos e diz: – Para de ficar me zoando, eu não agüento mais, eu não gosto.

CARLOS: – Você nunca disse que não gostava, eu achava que você estava se divertindo.

JOÃO: – Você acha que alguém pode se divertir sendo humilhado na frente de todo mundo?

CARLOS: – Eu nunca humilhei você. Eu só ficava zoando, era de brincadeira.

JOÃO: – Brincadeira que só tem graça para você, mas pra mim era violência.

CARLOS fala em tom de voz baixo: – Ta bom! Não vou mais fazer isto, desculpa.

PROFESSOR GILMAR: – Como é Carlos? Fale mais alto, por favor.

CARLOS: – Eu não vou mais fazer isto, me desculpe.

PROFESSOR GILMAR: – Você aceita o pedido de desculpas dele, João?

JOÃO: – Aceito, mas ele tem que parar mesmo.

PROFESSOR GILMAR: – Ele vai parar. Agora vamos voltar para sala de aula, ok!

Todos saem da sala. Professor à frente, alunos atrás, agressor fazendo gestos ameaçadores para a vítima.

CENA 4

Diretora e pedagoga entram na sala

DIRETORA: – O Professor Gilmar me disse que o Carlos não parou de fazer *bullying* com o João, disse que agora o Carlos está ameaçando bater no João fora da escola.

PEDAGOGA: – Pois é Diretora, eu chamei o Carlos para conversar e ele disse que ia parar, mas pelo jeito não parou. Vou ter que tomar outras providências, só a conversa não resolveu.

DIRETORA: – Você é a pedagoga responsável por esta turma, faça o que você achar melhor.

Diretora sai da sala.

Pedagoga procura um papel na mesa, olha para o papel, pega o telefone e faz uma ligação.

PEDAGOGA: – Aló! É o pai do Carlos? Aqui é da escola onde o Carlos estuda, o senhor pode vir aqui para gente conversar sobre o Carlos? Ok! Eu aguardo então.

Pedagoga sai da sala.

CENA 5

Pedagoga entra na sala acompanhada do pai e da mãe de Carlos. Pai de queixo empinado e mãe de cabeça baixa.

PEDAGOGA: – Então pais, o Carlos tem feito *bullying* com um colega de turma, nós já tentamos resolver o problema conversando com ele, mas parece que não deu certo, agora a gente precisa da ajuda de vocês.

PAI pergunta: – Bule, de por café???? Por que meu filho faria fazer café na escola?

PEDAGOGA: – Não é nada disto. *Bullying* é toda forma de violência feita de forma repetitiva por um aluno mais forte sobre um aluno mais fraco, que é o caso do Carlos, o Carlos é repetente, tem 14 anos e está em uma sala de alunos que tem em média 12 anos, ele se sente humilhado por isto e fica batendo ou xingando nos alunos mais novos que estudam com ele.

PAI: – Ah! É isto! Meu filho não tem jeito não, eu já dei varias surras nele, mas não adianta, ele vive se metendo em encrenca. Mas pode deixar professora, eu vou dar mais uma surra nele para ver se resolve.

MÃE: – Que vai bater nele nada, você pensa que ele é saco de pancada?

PAI: – Cala a boca! Quem manda em casa sou eu, se você encrencar, apanha também!

MÃE: – Viu professora! É assim que ele resolve as coisas lá em casa, é na base da pancadaria, é por isto que o Carlos vive batendo em todo mundo, é porque ele apanha lá em casa.

PEDAGOGA: – Violência gera violência, o Carlos bate porque ele apanha em casa e talvez seja por isto que ele repetiu de ano, a violência tem várias conseqüências.

PAI: – Vocês não sabem de nada, o filho é meu e eu educo como eu quiser.

Pai e mãe levantam-se e saem da sala. Mãe de cabeça baixa e Pai de queixo empinado puxando a mãe pelo braço com brutalidade.

Professor entra.

PEDAGOGA: – Não posso contar com os pais, vou ter que pedir ajuda ao Conselho Tutelar.

CENA 6

Pedagoga entra na sala.

Júlia, do Conselho Tutelar entra na sala.

As duas se cumprimentam

JÚLIA: – Sou a Júlia, do Conselho Tutelar. Como vai? Tudo bem?

DIRETORA: – Mais ou menos, estamos com problemas com um aluno.

JÚLIA: – É sobre o caso do aluno Carlos? A escola encaminhou um relatório para nós, o relatório diz que ele está praticando *bullying* com um aluno, é isto?

DIRETORA: – É isto mesmo.

JÚLIA: – Olha, infelizmente nós não podemos fazer mais nada pelo Carlos, ele já foi chamado no Conselho várias vezes pelo mesmo motivo e ele continua igual.

DIRETORA: – O que a gente pode fazer?

JÚLIA: – Nós podemos encaminhar o caso para o Ministério Público.

DIRETORA: – Então é o que nós vamos fazer, mas vou pedir para a pedagoga ter outra conversa com os pais do Carlos antes do encaminhamento.

As duas se despedem e saem da sala.

CENA 7

Entra a pedagoga em seguida entram os pais de Carlos.

PEDAGOGA: – Chamei vocês aqui novamente para conversar porque nós tomamos uma decisão quanto ao comportamento agressivo do Carlos. Devo lembrar a vocês que todo ato

de *bullying* é crime sob pena de responsabilização na justiça. Por isto nós vamos encaminhar o caso ao Ministério Público. Quem vai cuidar do caso a partir de agora será o Promotor de Justiça da Infância e da Juventude, que vai atender vocês no fórum municipal.

PAI exaltado diz: – Eeeepa! Que é isto!!! Meu filho não é bandido não!

PEDAGOGA: – Nós sabemos que ele não é bandido, mas ele está fazendo *bullying* com um aluno e nós já tentamos resolver o problema com diálogos e nada melhorou, o Conselho Tutelar disse que já tentou conversar com vocês, mas nada adiantou também, portanto só nos resta encaminhar o caso para a Promotoria Pública.

MÃE: – Por favor, não faça isto, deixa eu tentar conversar com meu filho primeiro.

PAI: – Que mané conversar que nada! Eu vou é dar outra surra nele, isso sim!

PEDAGOGA: – O que o senhor está fazendo com seu filho é crime também sabia, eu vou denunciar o senhor também. A melhor forma de se educar uma criança é conversando e não batendo.

PAI: – Eu fui educado assim, apanhando, e não morri por causa disto.

PEDAGOGA: – Mas o senhor foi feliz na sua infância?

PAI diz de cabeça baixa, com voz de tristeza: – Não, sempre sofri muito, eu não gostava quando meu pai me batia.

PEDAGOGA: – Então, o senhor está fazendo o mesmo com seu filho.

PAI: – Eu não sei educar de outro jeito, foi assim que meu pai me educou, batendo muito. Eu apanhava todo dia, não tinha conversa. As vezes eu penso que estou errado, mas dali a pouco estou fazendo tudo igual, batendo no meu filho como meu pai me batia, sem dó.

Pai abaixa a cabeça triste.

Mãe abraça o pai.

PEDAGOGA: – Olha, acho melhor vocês irem pra casa e pensar sobre isto, eu vou dar um tempo, não vou denunciar agora, vou esperar vocês decidirem sobre o que é melhor para o Carlos, se é continuar batendo nele ou mudar a forma de educar e começar a dialogar com ele.

Pai e mãe saem da sala de cabeça baixa, aparentando tristeza.

Pedagoga sai da sala.

CENA 8

Entram Carlos e João

CARLOS diz para João: – Meu pai veio falar comigo, foi a primeira vez que meu pai falou comigo, ele sempre me bate sem falar nada, quando falava era só pra me xingar e me ofender.

JOÃO: – É? E o que foi que teu pai falou?

CARLOS: – Ele disse que estava errado quando me batia, disse que me batia porque ele apanhava dos pais dele também, ele reconheceu que estava errando comigo e me pediu desculpas.

JOÃO: – E você desculpou?

CARLOS: – Claro! Ele é meu pai! Ele estava chorando e sofrendo muito e eu sei que ele não vai mais fazer isto. E eu quero pedir desculpas para você também, eu sei que errei com você, não vou mais ficar te humilhando na frente de todo mundo, sei que isto é ruim. Me perdoa?

JOÃO volta-se para a plateia e pergunta: – Então, o que vocês acham? Devo perdoá-lo?

João e Carlos se abraçam e os outros personagens entram e agradecem.

APÊNDICE M

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos realizando a pesquisa intitulada “Ações educativas aplicadas por professores em alunos do 6º ano do Ensino Fundamental para a redução do *bullying*” no Colégio Estadual XXXXXX na cidade de Maringá - PR e gostaríamos de obter a sua autorização para que seu filho(a) participasse da mesma. A pesquisa faz parte do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Marília – SP. Os trabalhos estão sendo conduzidos pela doutoranda Ivone Pingoello, portadora do RG. 4.018.214-4, regularmente matriculada neste programa, tendo como orientadora a professora Doutora Maria de Lourdes Morales Horiguela. O objetivo desta pesquisa é realizar ações educativas visando a prevenção e intervenção ao *bullying* escolar.

Esclarecendo: *Bullying* é toda forma de violência física ou verbal que acontece de forma repetitiva com uma mesma vítima, provocada intencionalmente pelo agressor ou por um grupo de agressores que procuram uma vítima menor ou mais fraca para se prevalecerem da desigualdade de poder.

Os trabalhos envolverão os seguintes aspectos:

- A) As identidades dos participantes da pesquisa serão mantidas em sigilo absoluto.
- B) Serão aplicados questionários para os professores e para os alunos da turma pesquisada.
- C) Serão feitas observações em sala de aula para efeito de conhecimento da turma.
- D) Serão realizadas reuniões com os professores para discussões sobre o tema.
- E) Será realizada palestra para os alunos sobre o *bullying*.
- F) Serão realizadas atividades envolvendo o tema *bullying* em sala de aula pelos professores da turma.
- G) Todos os trabalhos serão realizados no recinto escolar, na sala de aula do aluno e sem custos para os participantes.
- H) Os trabalhos de pesquisa serão finalizados ao final do ano letivo de 2010.

I) A pesquisa será apresentada na defesa de tese de Doutorado como conclusão do curso, na UNESP, campus de Marília – SP e em congressos e seminários com publicações para fins científicos.

Participar é uma opção e fica assegurado o direito de desistência em qualquer fase da pesquisa.

Certos de podermos contar com sua colaboração, nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos.

Profª Drª Maria de Lourdes Morales Horiguela - Orientadora responsável pela pesquisa - Departamento de Psicologia da Educação – Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP - Campus de Marília – SP. Telefone XXXX; endereço eletrônico: mlourdes@flash.tv.br ou mlourdes@marilia.unesp.br

Ivone Pingoello – Discente do curso de Doutorado em Educação – UNESP. Telefone XXX; endereço eletrônico: ivonepingoello@hotmail.com

*** Corte aqui e devolva apenas a parte de baixo.**

Por favor, preencha as linhas em branco com os dados que faltam.

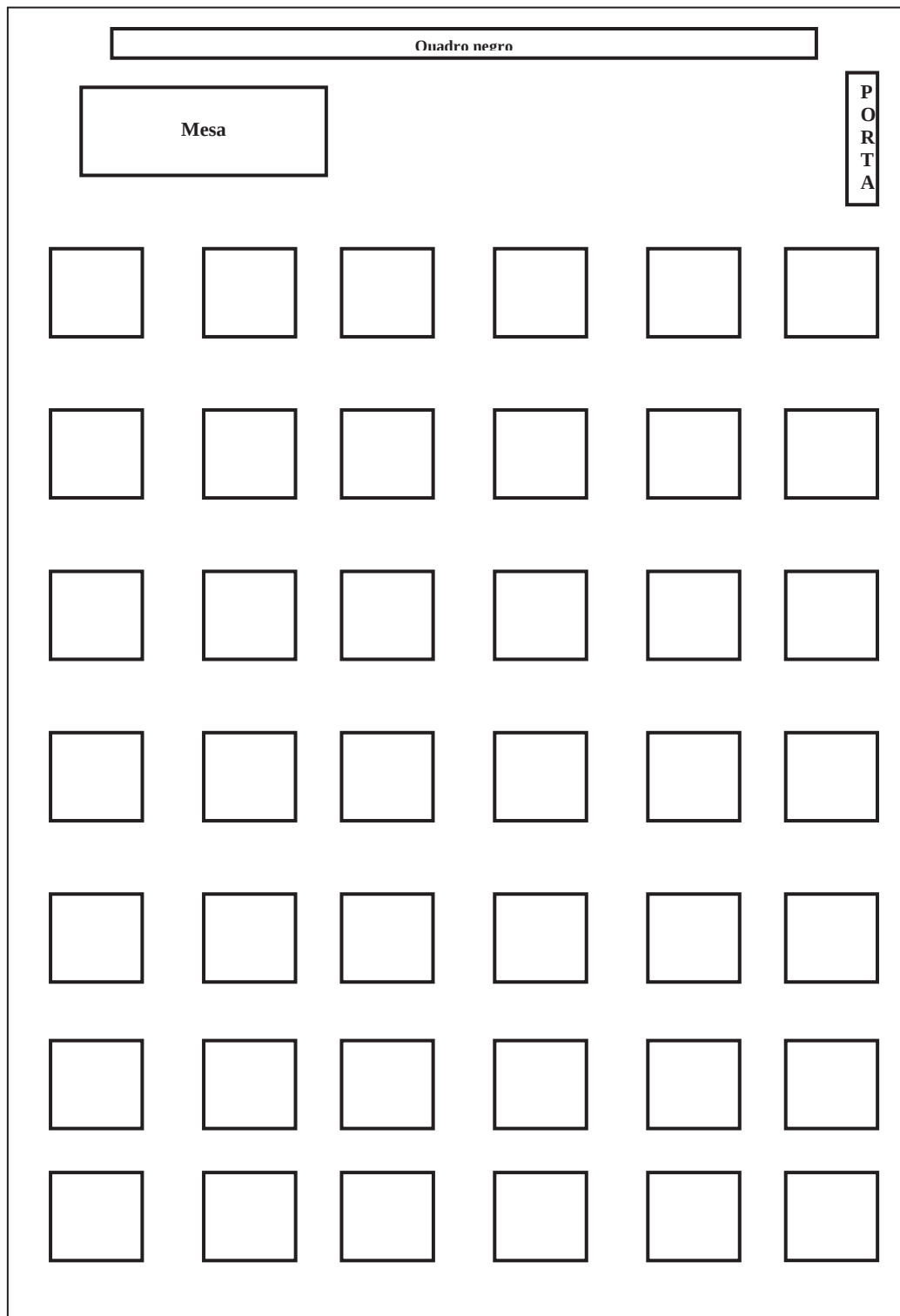
Eu, _____
portador(a) do RG _____ responsável
pelo(a)aluno(a) _____ o/a
autorizo a participar da pesquisa intitulada “Ações educativas aplicadas por professores em alunos do 6º ano do Ensino Fundamental para a redução do *bullying*” que será realizada no Colégio Estadual XXXX na cidade de Maringá - PR.

Declaro ter recebido as devidas explicações sobre a referida pesquisa e concordo que minha desistência poderá ocorrer em qualquer momento sem que ocorram quaisquer prejuízos. Declaro ainda estar ciente de que a participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido(a) quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

Autorizo

Data: ____/____/____

Assinatura do Pai, Mãe ou Responsável pelo aluno

APÊNDICE N**Mapa da sala de aula**

Cada quadrado representa uma carteira, as carteiras recebem, conforme a turma, uma letra e, conforme o local em que estão, um número. Iniciando a contagem pela fileira da esquerda, os códigos ficam assim estabelecidos: A1 senta na frente de A2, A2 senta na frente de A3 e assim sucessivamente.

APÊNDICE O

Protocolo relatório final das observações

RELATÓRIO FINAL DAS OBSERVAÇÕES DA PRIMEIRA FASE

Turma observada: _____

Dias observados: _____

Média de alunos observados: _____

Observadora: _____

Assinale nos quadros abaixo a frequência com que cada comportamento foi observado:

Frequência observada						
Comportamentos	Não foi observado	1 vez	2 vezes	3 vezes	4 vezes	Mais de quatro vezes
Indisciplina						
Antissocial						
desregrado						
Violência verbal						
Violência física						
Violência psicológica						

Fonte: elaborado pela autora

Parecer: (Foi deixado um espaço de 20 linhas para ser redigido o parecer)

No relatório final deverá constar os comportamentos que prevaleceram nos momentos observados, separados em seis categorias, a saber:

Indisciplina: Todo comportamento que quebre a regra disciplinar (recusa em fazer as atividades, gritos e/ou gestos que atrapalhem o desenvolvimento da aula, desrespeito às solicitações feitas pelos professores).

Comportamento antissocial: Todo comportamento que infringe uma norma pré-estabelecida para a boa convivência em sala de aula (tomar pertences do colega sem sua permissão, críticas destrutivas, danos aos objetos e móveis da sala, arremessar objetos contra colegas).

Comportamento desregrado: Comportamento que não segue regras (falta de limites, aluno que se impõe sobre o professor, prevalência de vontade própria sob a orientação do professor).

Violência verbal: Toda ofensa verbal (xingar, humilhar por meio de palavrões, uso de apelidos pejorativos).

Violência física: Comportamento que causa dano ao físico do outro (chutar, bater, dar socos).

Violência psicológica: Comportamento de imposição da vontade própria com o uso da intimidação (ameaçar alguém, por palavra ou gesto).

APÊNDICE P

Ficha de avaliação da atividade Você sabe o que é *bullying*?

ATIVIDADE

1. Responda: Você sabe o que é *bullying*?

1. () Sim

2.() Não

Fonte: elaborado pela autora

APÊNDICE Q

Tabela de tempo de observação 2

TABELA DE TEMPO DE OBSERVAÇÃO – TURMAS 6A, 6B, 6C, 6D E 6E**PRIMEIRA FASE**

As aulas têm duração de 50 minutos cada, com um intervalo de 15 minutos entre a terceira e a quarta aula.

No dia 16/03/2010 não foram feitas observações por motivo de paralisação dos professores.

Tabela de tempo observado na 6A

Data	Horas/aulas	Tempo observado	Total de alunos observados
15/03/2010	02	1 h. e 40 min.	38
17/03/2010	01	50 min.	38
Total: 02 dias	03	Total: 2 hs. e 30 min.	Média: 38 alunos observados

Tabela de tempo observado na 6B

Data	Horas/aulas	Tempo observado	Total de alunos observados
15/03/2010	01	50 min.	38
17/03/2010	02	1 h. e 40 min.	38
Total: 02 dias	03	Total: 2 hs e 40 min.	Média: 38 alunos observados

Tabela de tempo observado na 6C

Data	Horas/aulas	Tempo observado	Total de alunos observados
17/03/2010	01	50 min.	38
18/03/2010	02	1 h e 40 min.	37
Total: 02 dias	03	Total: 2hs. e 30 min.	Média: 38 alunos observados

Tabela de tempo observado na 6D

Data	Horas/aulas	Tempo observado	Total de alunos observados
18/03/2010	01	50 min.	38
22/03/2010	02	1 h. e 40 min.	38
Total: 02 dias	03	Total: 2 hs. e 30 min.	Média: 38 alunos observados

Tabela de tempo observado na 6E

Data	Horas/aulas	Tempo observado	Total de alunos observados
15/03/2010	01	50 min.	19
18/03/2010	01	50 min.	20
22/03/2010	01	50 min.	19
Total: 03 dias	03	Total: 2 hs. e 30 min.	Média: 19 alunos observados

Total das observações

	Quantidade de dias observados	Total de horas/aulas observadas	Total de tempo observado	Total de alunos observados
Total	04	15 h/a	12 hs. e 30 min.	171

APÊNDICE R

Questionário 1 para alunos

Turma: _____	Questionário: _____
Nome: _____	
Data: ____/____/____	

Código do aluno: _____

INSTRUMENTO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES
QUESTIONÁRIO 1 PARA OS ALUNOS

Prezado Aluno

Sua participação é imprescindível para o sucesso dos trabalhos de pesquisa que está sendo realizada nesta turma. Por isto solicitamos que assinale as alternativas das questões abaixo.

As respostas às questões devem se referir somente à turma e a escola em que você estuda neste momento.

Sua convivência com os colegas na escola

1. Quantos bons amigos você tem na escola?

- 01. () Apenas um bom amigo
- 02. () Dois ou três bons amigos
- 03. () Quatro ou cinco bons amigos
- 04. () Mais de seis bons amigos
- 05. () Não tenho nenhum bom amigo

2. Você é maltratado por colegas da escola?

- 01. () Sim, eu sou maltratado por colegas da escola
- 02. () Não, eu não sou maltratado por colegas da escola

3. Você é maltratado de que forma?

- 01. () Me chamam de apelidos que eu não gosto
- 02. () Me xingam, me humilhando na frente dos outros colegas
- 03. () Me dão socos, pontapés, empurrões
- 04. () Me ameaçam dizendo que vão me bater
- 05. () Fazem fofocas e espalham mentiras sobre mim

- 06. () Me isolam, não me deixam fazer parte do grupo
- 07. () Tiram sarro de forma exagerada do meu corpo ou do meu comportamento
- 08. () Escondem, estragam ou tomam minhas coisas
- 09. () Não sou maltratado por colegas da escola
- 10. () Outras formas

4. Você é maltratado na escola com que frequência?

- 01. () Uma ou duas vezes por mês
- 02. () Uma vez por semana
- 03. () Várias vezes por semana
- 04. () Todos os dias
- 05. () Não sou maltratado por colegas da escola

5. Em que local da escola você é maltratado?

- 01. () Na sala de aula na presença do professor
- 02. () Na sala de aula sem a presença do professor
- 03. () No pátio de recreio
- 04. () No corredor
- 05. () Não sou maltratado por colegas da escola

6. Como você se sente ao ser maltratado pelos colegas?

- 01. () Triste
- 02. () Magoado
- 03. () Indefeso, ninguém me ajuda
- 04. () Não sinto nada
- 05. () Não sou maltratado por colegas da escola

7. Você contou para alguém quando foi maltratado?

- 01. () Sim, para meus familiares
- 02. () Sim, para o(a) professor(a)
- 03. () Sim, para a Direção Escolar
- 04. () Sim, para meus colegas
- 05. () Não, nunca contei para ninguém
- 06. () Não sou maltratado por colegas da escola

8. Os colegas que te maltrataram estudam na mesma sala que você?

- 01. () Sim
- 02. () Não
- 03. () Não sou maltratado por colegas da escola

9. Você maltrata seus colegas da escola?

- 01. () Sim, maltrato colegas da escola
- 02. () Não, eu não maltrato colegas da escola

10. De que forma você maltrata?

- 01. () Coloco apelidos
- 02. () Xingo e humilha
- 03. () Dou socos, pontapés, empurrões
- 04. () Ameaço dizendo que vou bater

05. () Faço fofocas e espalho mentiras
06. () Isolo os colegas, não os deixo fazer parte do grupo
07. () Tiro sarro de forma exagerada do corpo ou do comportamento deles
08. () Escondo, estrago ou tomo suas coisas
09. () Não maltrato colegas da escola
10. () Outras formas
11. Com que frequência você maltrata seus colegas da escola?
01. () Uma ou duas vezes por mês
02. () Uma vez por semana
03. () Várias vezes por semana
04. () Todos os dias
05. () Não maltrato colegas da escola
12. Em que local da escola você maltrata seus colegas da escola?
01. () Na sala de aula na presença do professor
02. () Na sala de aula sem a presença do professor
03. () No pátio de recreio
04. () No corredor
05. () Não maltrato colegas da escola
13. O que você sente ao maltratar colegas da escola?
01. () Satisfação
02. () Raiva de mim mesmo
03. () Tristeza
04. () Sentimento de superioridade
05. () Não sinto nada
06. () Não maltrato colegas da escola
14. Os colegas que você maltrata estudam na mesma sala que você?
01. () Sim
02. () Não
03. () Não maltrato colegas da escola
15. Você já presenciou colegas praticando *bullying*?
01. () Sim, apenas uma vez
02. () Sim, várias vezes
03. () Não, nunca presenciei colegas praticando *bullying*
16. O que você fez ao presenciar colegas praticando *bullying*?
01. () Defendi a vítima
02. () Dei risada
03. () Ajudei os agressores
04. () Pedi aos agressores que parassem
05. () Não fiz nada
06. () Conte para um adulto da escola
07. () Fingi não ter visto
08. () Não presenciei colegas praticando *bullying*

17. O que você sentiu ao presenciar colegas praticando *bullying*?

- 01. () Fiquei triste
- 02. () Fiquei com medo de acontecer comigo
- 03. () Achei engraçado
- 04. () Não senti nada, são brincadeiras
- 05. () Não presenciei colegas praticando *bullying*

18. Por que você acha que alguns colegas praticam *bullying* na escola?

- 01. () Porque querem ficar populares
- 02. () Porque fazem *bullying* com eles
- 03. () Porque são maus
- 04. () Por diversão
- 05. () Porque se acham melhores que os outros
- 06. () Porque não são punidos
- 07. () Porque os adultos ignoram o *bullying*
- 08. () Porque as vítimas merecem

Muito obrigada pela sua colaboração.

Questionário adaptado de: FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas & respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Observação: Este questionário foi entregue aos alunos com um espaçamento 2 e espaço duplo entre as questões para facilitar a leitura dos alunos.

APÊNDICE S

Slides da palestra para os alunos

Projeto Bullying

- Bullying é causado pela necessidade de:
Se impor sobre outro.
Satisfação pessoal e demonstração de poder.
Conquistar popularidade na escola.

As principais formas do bullying podem ser:

- Sexual (abusar, assediar, insinuar);
- Verbal (apelidar, xingar, zoar);
- Físico (bater, chutar, beliscar, dar tapas na nuca);

Bullying é:

- Violência física, psicológica ou verbal feita de forma repetitiva por um aluno maior ou mais forte ou um grupo de alunos contra outro aluno.

Esconder o próprio medo, amedrontando aos demais.

Tornar outras pessoas infelizes, já que ele próprio é infeliz.

Vitimar outras pessoas por ter sido vítima de alguém no passado.

- Moral (difamar, caluniar, discriminar);
- Psicológico (intimidar, ameaçar, perseguir);
- Material (furtar, roubar, estragar pertences);
- Virtual (zoar, discriminar, difamar, xingar, por meio da internet e celular).

Principais vítimas

- Aluno considerado estudioso.
- Aluno gentil e generoso.
- Meninas que não se enquadram no padrão "barbie".



- Meninos que não fazem o tipo machão.
- Negros.
- Deficientes físicos.
- Os que são considerados "diferentes" dos demais.



Agressor:

- Normalmente o agressor é de séries mais avançadas ou são repetentes, podendo ter idade entre 13 e 14 anos e estudar com alunos de 10 e 11 anos, idade média das vítimas.
- Vangloria-se de sua suposta superioridade.
- Intimida e ameaça os outros alunos.



- Tem dificuldades em aceitar normas, irrita-se com facilidade e não aceita ser contrariado.
- É visto como o aluno mal, frio e antipático.
- Pode se envolver em condutas anti-sociais, como o roubo e vandalismo.



Espectador:

- Aluno que testemunha todo o sofrimento da vítima, mas não tem coragem de denunciar.
- Com medo de se transformar no próximo alvo afasta-se da vítima, contribuindo com o processo de exclusão.



As consequências do *bullying*

- As consequências dependem das características individuais de cada aluno.



O bullying pode causar:

Depressão.

Isolamento.

Falta de vontade de ir à escola.



Consequências na aprendizagem

- Desinteresse pelos estudos.
- Queda no rendimento escolar.
- Faltas acentuadas.
- Desistência.
- Reprovação.



Sentimento de rejeição.

Comportamentos agressivos.

Suicídio.



Nova modalidade de *bullying*:

- *Ciberbullying*



- O *bullying* homofóbico



É bullying quando:

Ocorre a repetição das agressões com um mesmo aluno

O agressor é mais forte ou é um grupo de agressores contra um aluno

Não é bullying quando:

Ocorre uma única agressão

Os envolvidos estão em nível de igualdade

- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)
- Art. 5º - Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Bullying é crime

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988

Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, ...:

- III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

- Art. 18 - É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Bullying é crime

- Sob pena de responsabilização na esfera criminal, o autor de bullying pode ser punido por ato infracional caso se trate de adolescente ou processo criminal, em caso de maior de idade. Em caso de crianças "agressoras" o procedimento poderá ser aplicado aos pais.

O que os alunos podem fazer para acabar com o bullying na escola

- Respeitar os outros
- Parar de fazer bullying
- Denunciar quem pratica o bullying



Não se deixar intimidar.

Não manter a agressão em segredo.

Relatar os fatos aos professores, coordenadores, diretores ou responsáveis.



O que a escola pode fazer para conter o bullying?

- Dialogar.
- Advertir.
- Encaminhar



- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

- Art. 2º - Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade

- O que as vítimas devem fazer?

Evitar a companhia de quem pratica o bullying.

Jamais falar com o agressor sozinho.

Não responder às provocações.



- Quem não reage, sofre.
- Como se reage?

- Não é com vergonha ou conformismo...

- E sim com **denúncia!**



Instâncias de intervenção na escola

- O professor
- A equipe pedagógica
- Os pais
- O Conselho tutelar
- A promotoria da infância e Juventude



APÊNDICE TFichas de avaliações da atividade Conceito *Bullying*

AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES
Nome:
1 - Conforme sua percepção em sala de aula, você acredita que os alunos compreenderam o que é <i>bullying</i>? 1. () Todos os alunos compreenderam 2. () Nenhum aluno compreendeu 3. () A minoria dos alunos compreendeu 4. () A maioria dos alunos compreendeu 5. () Metade dos alunos compreendeu

Fonte: elaborado pela autora

ATIVIDADE CONCEITO DE <i>BULLYING</i>	Turma:
Nome:	
1 - Responda: O que é <i>bullying</i> para você? (Foi deixado um espaço de 15 linhas para a resposta)	

Fonte: elaborado pela autora

APÊNDICE U

Sugestões de frases para os cartazes

PROPOSTAS DE FRASES PARA SEREM USADAS NA ELABORAÇÃO DOS CARTAZES

O pretexto utilizado de que tudo é brincadeira não cola mais, já sabemos que <i>bullying</i> é crime.
O silêncio não ajuda a combater o <i>bullying</i> , denuncie!
As conseqüências do <i>bullying</i> são graves para continuarmos achando que são simples brincadeiras.
A expressão <i>bullying</i> esta relacionada à intolerância e ao preconceito.
É respeitando as pessoas diferentes que mostramos que temos direitos iguais: o de ser diferentes.
Gente não é objeto para ser usado como instrumento de diversão
O <i>bullying</i> é uma forma de ingressar na adolescência ou na vida adulta pela porta do sofrimento para quem é vítima ou pela porta da violência para quem é agressor.
As grandes tragédias ocorridas nas escolas começaram com apelidos e humilhações verbais.
Atrás de um apelido inocente pode estar escondido o mais venenoso preconceito
Você sabe o que é <i>bullying</i> ? Onde e como ele ocorre? Se você teve um problema com seu amigo ou amiga, se ele te ofendeu mas depois fizeram as pazes, isto não é <i>bullying</i> . O <i>bullying</i> é quando alguém te ofende várias vezes e a pessoa que ofendeu você é maior ou mais forte ou faz parte de um grupo que te agride sempre.
<i>Bullying</i> é quando, repetidas vezes um aluno, sem motivo nenhum, agride outro aluno que não tem como se defender.
O <i>bullying</i> se manifesta por meio de insultos, intimidações, apelidos, gozações que magoam, acusações injustas, implicâncias com alunos que apresentam comportamento, forma de se vestir ou é diferente dos demais alunos, causando a exclusão, danos morais, materiais ou físicos.
O aluno que faz <i>bullying</i> procura sempre um aluno mais fraco que ele ou se junta em grupos para atacar alguém, isto porque o aluno que faz <i>bullying</i> tem medo de perder e para não perder ele procura alguém mais fraco que ele. Resumindo: Quem pratica <i>bullying</i> é um covarde.

<i>Bullying</i> é violência física, psicológica ou verbal feita de forma repetitiva por um aluno maior ou mais forte ou um grupo de alunos contra outro aluno.
<i>Bullying</i> é causado pela necessidade de: Se impor sobre outro. Satisfação pessoal e demonstração de poder. Conquistar popularidade na escola. Esconder o próprio medo, amedrontando aos demais. Tornar outras pessoas infelizes, já que ele próprio é infeliz. Vitimar outras pessoas por ter sido vítima de alguém no passado.
As principais formas do <i>bullying</i> podem ser: Sexual (abusar, assediar, insinuar); Verbal (apelidar, xingar, zoar); Físico (bater, chutar, beliscar, dar tapas na nuca); Moral (difamar, caluniar, discriminar); Psicológico (intimidar, ameaçar, perseguir); Material (furtar, roubar, estragar pertences); Virtual (zoar, discriminar, difamar, xingar, por meio da internet e celular).
Principais vítimas Aluno considerado estudioso. Aluno gentil e generoso. Meninas que não se enquadram no padrão “barbie”. Meninos que não fazem o tipo machão. Negros. Deficientes físicos. Os que são considerados “diferentes” dos demais.
As consequências dependem das características individuais de cada aluno. O <i>bullying</i> pode causar: Depressão. Isolamento. Falta de vontade de ir à escola. Sentimento de rejeição. Comportamentos agressivos.

Suicídio.
Consequências para os estudos Desinteresse pelos estudos. Queda no rendimento escolar. Faltas acentuadas. Desistência. Reprovação.
O que fazer para ajudar uma vítima? Informe o professor ou a equipe pedagógica da escola se você tiver um amigo que estiver sofrendo <i>bullying</i>. Incentive o aluno vítima a denunciar seu agressor e contar o fato a seus pais. Procure incluir a vítima de <i>bullying</i> nos círculos de amizade, evitando assim a exclusão dele.
<i>Ciberbullying</i> Enviar textos ou outro tipo de conteúdo maldoso via internet. Fazer amizade com falso pretexto, como por exemplos pessoas que se passam por outras para obter informações que possam ser mal usadas de várias formas. Por exemplo, para revelar segredos ou chantagear.
Celular Falar ou enviar mensagens maldosas, como ameaças ou ofensas. Tirar fotos e compartilhar imagens humilhantes. Filmar outros sendo ameaçados ou espancados, enviando em seguida os vídeos a outros celulares e sites onde serão vistos por pessoas conhecidas.
Para combater o <i>ciberbullying</i> o promotor de justiça criminal Lélío Braga Calhau, de Minas Gerais, dá dicas: "Se for uma comunidade ou perfil falso, é preciso fazer um 'PrintScreen' (comando que copia a imagem exibida na tela) e imprimir a figura. O responsável pela vítima pode fazer uma denúncia em delegacia de polícia ou diretamente no Ministério Público". "O anonimato pela Internet é uma falsa impressão. A Justiça brasileira consegue descobrir o autor da ofensa e encaminha o processo contra ele", explica o promotor. O agressor pode ser processado e ter de pagar indenização. Se for menor de idade, a conta pode pesar no bolso dos pais.
Características que diferem o <i>bullying</i> das demais formas de violência: Repetitividade das agressões; Abuso de poder: Agressão feita por um aluno mais forte sobre um aluno mais fraco ou feita

por um grupo de alunos sobre um aluno que está sozinho.
<i>Bullying</i> é crime porque seu praticante está infringindo a Lei.
Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Art. 5º - Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.
Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Art. 18 - É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.
<i>Bullying</i> é crime Sob pena de responsabilização na esfera criminal, o autor de <i>bullying</i> pode ser punido por ato infracional caso se trate de adolescente ou processo criminal, em caso de maior de idade. Em caso de crianças "agressoras" o procedimento poderá ser aplicado aos pais.
O que os alunos podem fazer para acabar com o <i>bullying</i> na escola Respeitar os outros Parar de fazer <i>bullying</i> Denunciar quem pratica o <i>bullying</i>
O que as vítimas devem fazer? Evitar a companhia de quem pratica o <i>bullying</i>. Jamais falar com o agressor sozinho. Não responder às provocações. Não se deixar intimidar. Não manter a agressão em segredo. Relatar os fatos aos professores, coordenadores, diretores ou responsáveis. Quem não reage, <u>sofre</u>. Como se reage? Não é com vergonha ou conformismo... E sim com <u>denúncia!</u>
Daniele Vuoto sofreu <i>bullying</i> por vários anos na escola, depois de conseguir superar o problema, Daniele criou o blog para ajudar quem sofre <i>bullying</i>. De acordo com Daniele, o primeiro passo é que a vítima precisa compreender que ser alvo dessa violência não é motivo de vergonha. Perceber que o silêncio não resolve nada e pedir ajuda. Contar para os pais ou

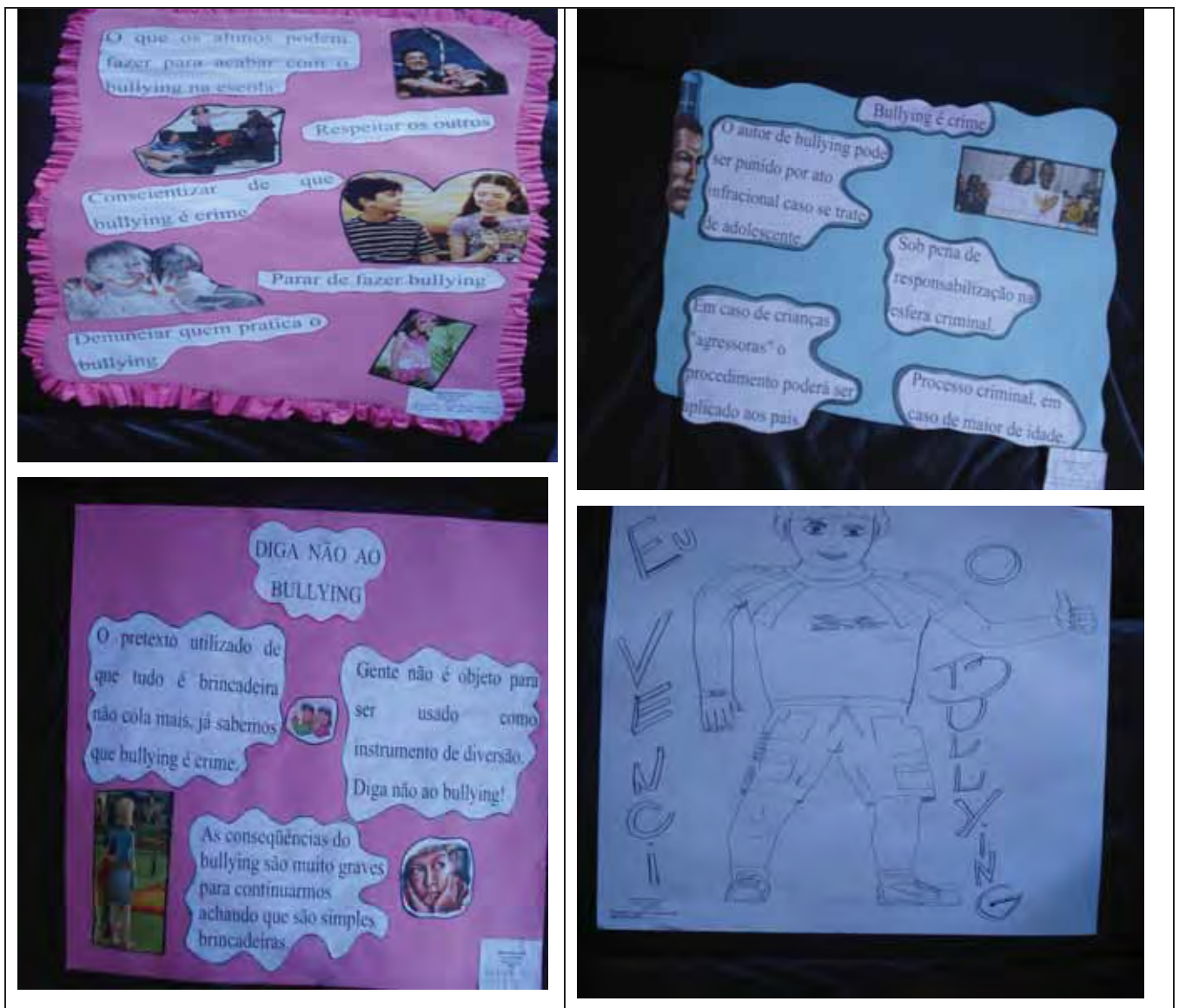
alguém de confiança, além da direção da escola. "Fazer cursos fora do colégio, atividades com outras pessoas, até cuidar de um bichinho, são coisas simples que ajudam a recuperar a autoestima. Quanto mais ler sobre o assunto, melhor. Aí aos poucos o aluno vê que não tem culpa do que acontece, e que quem o agride também precisa de ajuda, afinal, agredir outro para se sentir melhor não é algo saudável". Visite o site da Daniele: <http://nomorebullying.blog.ig.com.br/>

O termo *bullying*, palavra de origem inglesa, foi adotado no Brasil por não existir nenhuma outra palavra que abrangesse todo o seu significado; alguns autores adotam o termo “intimidação por colegas”.

Traduzido, *bully* enquanto substantivo, significa valentão, brigão ou tirano e como verbo, significa brutalizar, tyrannizar, amedrontar, intimidar.

APÊNDICE V

Mostra dos cartazes produzidos



APÊNDICE W

Fichas de avaliações da atividade Cartazes

AVALIAÇÃO DO PROFESSOR
Nome:
1 - Foi possível conciliar o ensino do conteúdo da disciplina exposto no objetivo desta atividade à transmissão de mensagens <i>antibullying</i>? 1. () Sim 2. () Não 2. Comentários avaliativos da atividade (opcional): (Foi deixado espaço para resposta)

Fonte: elaborado pela autora

ATIVIDADE ELABORAÇÃO DE CARTAZES	Turma:
Nome:	
1 - Assinale as alternativas que você considera terem sido os principais objetivos desta atividade: 1. () Se divertir 2. () Aprender mais sobre o <i>bullying</i> 3. () Tirar nota na disciplina de Artes 4. () Transmitir informações sobre <i>bullying</i>. 5. () Enfeitar o colégio 2 Você considera que: 1. () Os cartazes produzidos vão passar informações sobre o <i>bullying</i> e isto ajuda a combater o <i>bullying</i> na escola. 2. () Os cartazes vão enfeitar o colégio e ninguém vai prestar atenção nas mensagens escritas neles. 3. () Os cartazes vão passar informações sobre o <i>bullying</i>, mas isto não ajuda em nada no combate ao <i>bullying</i> na escola.	

Fonte: elaborado pela autora

APÊNDICE X

Versão musical sobre *bullying*

A vida de quem sofre com o <i>bullying</i> Minha vida era só chorar Em minha casa minha família desconfiava Não queria estar na escola Minha vida era uma droga Só porque eu era inteligente Começaram a zoar Com o projeto <i>bullying</i> minha vida começou a mudar Só porque sou gordinho Todo mundo me humilhava Colocaram apelidos em mim E a fofoca se espalhou Até da minha família zombaram Eu só queria ser amigo Com o projeto <i>bullying</i> minha vida começou a mudar Um dia minha mãe na porta da escola me buscou Todo mundo começou a me zuar Com palavras que não me agradou Me humilharam Mas eu continuei em frente Com o projeto <i>bullying</i> minha vida mudou	<i>Bullying</i> Eu queria estudar (repete 4x) Lá em casa eu aprendi Ser assim Sem briga Sem ódio Sem <i>bullying</i> pra mim Aprendi a amar Aprendi a estudar Aprendi a respeitar Mas na escola tudo é diferente Tem todo tipo de gente A educação é diferente Para cada gente Por isto escrevo esta canção Pra melhorar a situação Sem briga Sem ódio Que só traz confusão Vamos todos sermos irmão Com amor no coração
<i>Bullying</i> aqui já era Enquanto eu sofria Todo mundo ria Isso não ajudava So piorava <i>Bullying</i> aqui já era Eu conheci uma pessoa Que me ajudou a melhorar Me ajudou a respirar <i>Bullying</i>, era este o mal que eu sofria E não sabia Não conhecia Agora todos nós sabemos Que o <i>bullying</i> não queremos Que deve ir embora Este mal da escola	Se liga meu irmão O <i>bullying</i> é perigoso É melhor você se ligar Porque se não Você vai se ferrar O <i>bullying</i> é uma coisa Que não se deve fazer Porque se não você vai ser o próximo Nessa guerra se envolver Só é forte aquele que age Com razão e educação Se liga meu irmão.

APÊNDICE Y

Fichas de avaliações da atividade Versão musical

AVALIAÇÃO DO PROFESSOR
Nome:
1 - Esta atividade atendeu aos objetivos propostos? 1. () Sim 2. () Não 2 - Comentários avaliativos da atividade (opcional): (Foi deixado espaço para a resposta)

Fonte: elaborado pela autora

ATIVIDADE VERSÃO MUSICAL	Turma:
Nome:	
1 - Você gostou de ter participado desta atividade? 1. () Sim 2. () Não 2 - Você acredita que é possível transmitir mensagem <i>antibullying</i> por meio desta atividade? 1. () Sim 2. () Não	

Fonte: elaborado pela autora

APÊNDICE Z

Ficha de avaliações da atividade Leitura Literária

AVALIAÇÃO DO PROFESSOR
Nome:
1 Conforme sua percepção, os alunos identificaram as situações de <i>bullying</i> expostas no livro? 1. () A maioria dos alunos identificaram 2. () Metade dos alunos identificaram 3. () A minoria dos alunos identificaram

Fonte: elaborado pela autora

ATIVIDADE LEITURA LITERÁRIA	Turma:
Nome:	
1 - No livro havia cenas que retratavam situações de <i>bullying</i>? 1. () Sim 2. () Não 2 - Qual a mensagem que podemos tirar da história contada no livro? 1.() A protagonista merecia o que fizeram com ela porque era pobre e negra. 2.() O que fizeram com a protagonista era <i>bullying</i> e ela superou o problema estudando muito. 3 - () Tudo o que fizeram com a protagonista era só brincadeira.	

Fonte: elaborado pela autora

APÊNDICE AA

Fichas de avaliações da atividade Pesquisa Bibliográfica

AVALIAÇÃO DO PROFESSOR
Nome:
1 - Segundo seu critério de avaliação, esta atividade atingiu os objetivos propostos? 1. () Não 2. () Sim 2 - Comentário avaliativo da atividade: (Foi deixado um espaço de 15 linhas para a resposta)

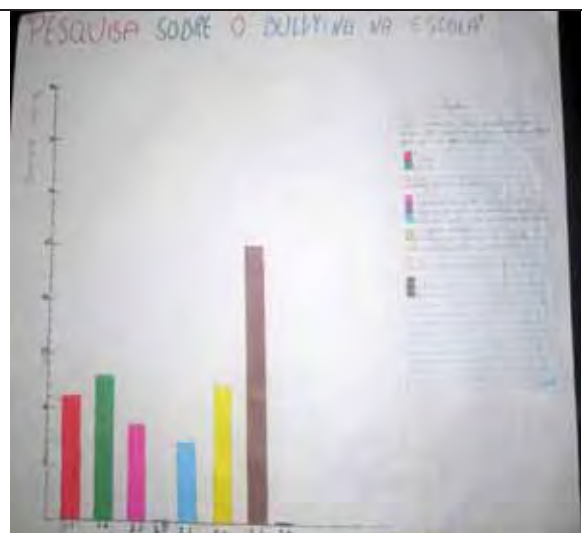
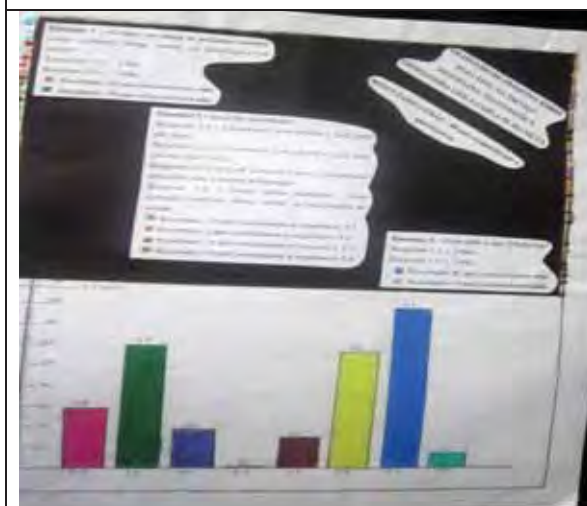
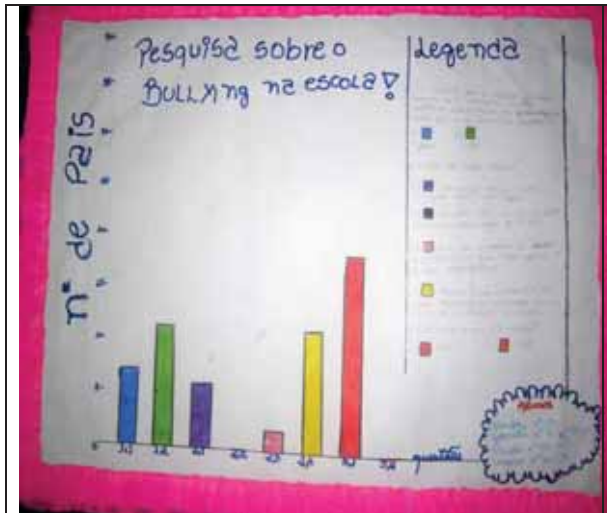
Fonte: elaborado pela autora

ATIVIDADE PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	Turma:
Nome:	
1 - Você considera que seus conhecimentos sobre <i>bullying</i> aumentaram depois de ter feito o trabalho de pesquisa sobre o tema? 1. () Sim 2. () Não	

Fonte: elaborado pela autora

APÊNDICE AB

Fotos dos cartazes dos gráficos



APÊNDICE AC

Fichas de avaliações da atividade Pesquisa quantitativa

AVALIAÇÃO DO PROFESSOR
Nome:
1 - Segundo seu critério de avaliação, esta atividade atingiu os objetivos propostos? 1. () Sim 2. () Não 2 - Comentário avaliativo da atividade: (Foi deixado um espaço de 15 linhas para a resposta)

Fonte: elaborado pela autora

ATIVIDADE PESQUISA QUANTITATIVA	Turma:
Nome:	
1 - O que você achou desta atividade? 1. () Adorei fazer esta atividade 2. () Gostei de fazer esta atividade 3. () Achei esta atividade muito chata 4. () Odiei fazer esta atividade 3 - Você entendeu o gráfico? 1. () Sim () Não	

Fonte: elaborado pela autora

APÊNDICE AD

Fichas de avaliações da atividade Mostra de vídeo I

AVALIAÇÃO DO PROFESSOR
Nome:
1 - Segundo seu critério de avaliação, esta atividade atingiu os objetivos propostos? 1. () Não 2. () Sim 2 - Comentário avaliativo da atividade: (Foi deixado um espaço de 15 linhas para a resposta)

Fonte: elaborado pela autora

ATIVIDADE MOSTRA DE VÍDEO I	Turma:
Nome:	
1 - Você gostou do vídeo? 1. () Sim 2. () Não 3 - Qual a mensagem que prevalece no vídeo? 1. () Sempre haverá pessoas falando mal de nós e devemos acreditar neles. 2. () Sempre haverá pessoas falando mal de nós, mas o que importa é a opinião que temos a nosso respeito. 3. () Devemos fazer tudo o que os outros falam para fazermos. 4. () Devemos fazer o que consideramos ser o certo, apoiados pelos nossos pais.	

Fonte: elaborado pela autora

APÊNDICE AE

Fichas de avaliações da atividade Mostra de vídeo II

AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES
Nome:
1 - Segundo seu critério de avaliação, esta atividade atingiu os objetivos propostos? 1. () Não 2. () Sim 2 - Comentário avaliativo da atividade: (Foi deixado um espaço de 15 linhas para a resposta)

Fonte: elaborado pela autora

ATIVIDADE MOSTRA DE VÍDEO II	Turma:
Nome:	
1 - Você gostou do vídeo? 1. () Sim 2. () Não 3 - Há relações entre os fatos apresentados no vídeo e casos de <i>bullying</i>? 1. () Sim 2. () Não	

Fonte: elaborado pela autora

APÊNDICE AF

Fichas de avaliações da atividade Produção de vídeo

AVALIAÇÃO DO PROFESSOR
Nome:
1 - Segundo seu critério de avaliação, esta atividade atingiu os objetivos propostos? 1. () Sim 2. () Não 2 - Comentário avaliativo da atividade: (Foi deixado um espaço de 15 linhas para a resposta)

Fonte: elaborado pela autora

ATIVIDADE PRODUÇÃO DE VÍDEO	Turma:
Nome:	
1 -Você considera que o vídeo produzido pelos alunos: 1. () Vai passar informações sobre o <i>bullying</i> e isto ajuda a combater o <i>bullying</i> na escola 2. () Vai apenas ser instrumento de diversão e ninguém irá prestar atenção nas mensagens transmitidas por ele. 3 - () Vai passar informações sobre o <i>bullying</i>, mas isto não ajuda no combater ao <i>bullying</i> na escola.	

Fonte: elaborado pela autora

APÊNDICE AGEstatuto *antibullying***PROJETO DE ESTATUTO REGULAMENTAR**

Dispõe sobre o combate da prática de *bullying*.

TÍTULO I**DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES**

Artigo 1º - Entende-se por *bullying* atitudes de violências físicas e/ou psicológicas intencionais, repetitivas e sem motivações evidentes que ocorrem entre pares em uma relação de desequilíbrio de poder, é praticado por um indivíduo (*bully*) ou grupos de indivíduos (*bullies*) contra uma ou mais pessoas com o objetivo de intimidar ou agredir podendo causar danos morais psicológico e/ou físicos.

Artigo 2º - As características definidoras de *bullying* são: ocorrências repetidas de agressões sobre a mesma vítima; desnível de poder entre vítima e agressor quando o agressor se vale de algum tipo de vantagem para se impor. As ocorrências devem ser entre pares de iguais, ou seja, sem que haja diferenças hierárquicas.

Artigo 3º - Constituem práticas de *bullying*, sempre que repetidas:

- I** - ameaças e agressões verbais e/ou físicas como bater, socar, chutar, agarrar, empurrar;
- II** - submissão do outro, pela força, à condição humilhante e/ou constrangedora na presença de outros sujeitos;
- III** - extorsão e obtenção forçada de favores sexuais;
- IV** - insultos ou atribuição de apelidos constrangedores e/ou humilhantes;
- V** - comentários racistas, homofóbicos ou intolerantes quanto às diferenças econômico/sociais, físicas, comportamentais, culturais, políticas, morais e religiosas;
- VI** - exclusão ou isolamento proposital do outro, pela intriga e disseminação de boatos ou de informações que deponham contra a honra e a boa imagem das pessoas; e
- VII** - envio de mensagens, fotos ou vídeos por meio de computador, celular ou assemelhado, bem como sua postagem em *blogs* ou *sites*, cujo conteúdo resulte em exposição física e/ou psicológica a outrem, também conhecido como *cyberbullying*.

Artigo 4º - O *bullying* pode ser classificado em três tipos, conforme as ações praticadas:

- I** - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;

II - exclusão social: ignorar, isolar e excluir;

III - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, infernizar, tyrannizar, chantagear e manipular.

Artigo 5º - As ocorrências de *bullying* atendidas por este estatuto devem ter acontecido ou se manifestarem nas dependências do colégio, salvo casos que tenham sido iniciado no interior da escola com desfecho em seu entorno, como a calçada que circunda os muros da escola do lado externo.

Artigo 6º - Será atendido pela escola, valendo-se deste estatuto, todos aqueles que se identificarem ou tiverem sido identificados como vítimas ou agressores de *bullying* que tiverem vínculo empregatício ou de matrícula com a escola.

TÍTULO II

DAS FINALIDADES E DOS PROCEDIMENTOS

CAPÍTULO I

DAS FINALIDADES

Artigo 7º - O estatuto tem por finalidade:

I – sistematizar os atendimentos dados a casos de *bullying* identificados na escola;

II – definir procedimentos de prevenção, intervenção e contenção.

III – nortear os procedimentos adotados para o combate ao *bullying*.

CAPÍTULO II

DOS PROCEDIMENTOS

Artigo 8º - Os procedimentos de prevenção, contenção e intervenção ao comportamento *bully* tem como objetivos:

I - Promover a capacidade empática e o respeito aos demais;

II - reduzir a prática de *bullying* na instituição;

III - disseminar conhecimento sobre o fenômeno *bullying*;

IV - identificar concretamente a incidência e a natureza das práticas de *bullying* para promover o desenvolvimento de abordagens específicas de caráter preventivo;

V - desenvolver planos locais para a prevenção e o combate às práticas de *bullying*;

VI - capacitar os docentes e as equipes pedagógicas para diagnosticarem casos de *bullying*;
VII - orientar as vítimas de *bullying* e seus familiares, oferecendo-lhes o necessário apoio técnico, de modo a garantir a recuperação da autoestima das vítimas e a minimização dos eventuais prejuízos em seu desenvolvimento escolar;

VIII - orientar os agressores e seus familiares, a partir de levantamentos específicos, caso a caso, de modo a conscientizá-los a respeito das consequências de seus atos e a garantir o compromisso dos agressores com um convívio respeitoso e solidário com seus pares;

IX - evitar tanto quanto possível a punição dos agressores, privilegiando mecanismos educativos alternativos, a fim de promover sua efetiva responsabilização e mudança de comportamento;

X - envolver as famílias no processo de percepção, acompanhamento e formulação de soluções concretas;

Artigo 9º - Para fins de incentivo à política *antibullying*, a instituição poderá solicitar o apoio da sociedade civil e de especialistas no tema:

I - na realização de seminários, de palestras, de debates;

II - na orientação aos pais, aos alunos e aos professores, por meio de cartilhas; e

III - no uso de evidências científicas disponíveis na literatura especializada e nas experiências exitosas desenvolvidas para fins de combate ao *bullying*.

Artigo 10º - A unidade escolar poderá criar uma equipe multidisciplinar, com a participação de docentes, alunos, pais e voluntários, para a promoção de atividades didáticas, informativas, de orientação e prevenção.

SEÇÃO I

DOS PROCEDIMENTOS DE REGISTROS

Artigo 11º - A instituição manterá histórico próprio das ocorrências de *bullying* em suas dependências, devidamente atualizado.

Artigo 12º - Não há *bullying* sem registro anterior que o defina. Para se definir se trata-se de caso de *bullying* há a necessidade de registro de no mínimo duas ocorrências anteriores envolvendo os mesmos protagonistas que qualificará o ato como sendo *bullying*.

Parágrafo único – As características das ocorrências registradas anteriormente devem ser compatíveis com as características peculiares de *bullying*. Será considerado *bullying* quando houver, no mínimo, dois registros com as características que o definem.

Artigo 13º - As ocorrências registradas deverão ser descritas em relatórios detalhados, contendo as providências tomadas em cada caso e os resultados alcançados.

TÍTULO III

DAS MEDIDAS DE PREVENÇÃO, INTERVENÇÃO E CONTENÇÃO

CAPÍTULO I

DAS MEDIDAS DE PREVENÇÃO

Artigo 14º - Considera-se medidas preventivas um conjunto de ações que visam evitar a ocorrência de *bullying* na escola.

Artigo 15º - As medidas preventivas têm por objetivo a promoção de um ambiente sem *bullying* baseado no conhecimento e entendimento do direito ao respeito às diferenças.

Artigo 16º - As medidas preventivas serão aplicadas na prevenção sem que haja para isto a necessidade de comprovação da existência de casos de *bullying*.

Artigo 17º - As medidas preventivas deverão ser executadas de forma progressiva, conforme as condições da escola:

Artigo 18º - A determinação dos procedimentos preventivos deverá ser feita em comum acordo entre a equipe pedagógica, professores e direção escolar.

Artigo 19º - Os procedimentos preventivos poderão ser organizados no cronograma anual escolar

Artigo 20º - Considera-se como medidas preventivas:

- a) Palestras informativas para os docentes, equipe administrativa e pedagógica, pais e alunos.
- b) Disponibilidade de materiais informativos como revistas, livros, sites de pesquisa.
- c) Disponibilidade e mostra de filmes, vídeos, fatos jornalísticos.
- d) Aproveitamento de conteúdo disciplinar para tratar de assuntos relacionados ao *bullying*.
- e) Dinâmicas em sala de aula, como debates sobre casos de *bullying*, mesa redonda, assembléias de alunos.
- f) Dar ciência aos alunos de seus atos e as consequências deles.
- g) Expor cartazes informativos.

h) Formar uma equipe multidisciplinar com a participação de docentes, alunos, pais de alunos e demais voluntários, para a promoção de atividades didáticas, informativas de orientação e prevenção ao *bullying*.

CAPÍTULO II

DAS MEDIDAS DE INTERVENÇÃO

Artigo 21º - Para fins deste estatuto entende-se por medidas de intervenção os procedimentos realizados no momento ou logo após a ocorrência de *bullying*. É a ação de intervir; mediar e interceder em favor da vítima no momento ou logo após a ocorrência do fato.

Artigo 22º - Considera-se medidas de intervenção:

- a)** No momento da agressão: Contenção da agressão por meio de repreensão feita ao agressor
- b)** Logo após a ocorrência de *bullying*: diálogo com a vítima em particular e diálogo com o agressor em particular.

Artigo 23º - O diálogo tem como finalidade:

- a)** Dar ao agressor a oportunidade de justificar suas ações.
- b)** Possibilitar a responsabilização pela dor causada à vítima.
- c)** Refletir sobre as possibilidades de reparar os erros cometidos.
- d)** Assumir as necessidades de mudanças como num contrato de intenções.
- e)** Assinar termo de compromisso

Artigo 24º - O adulto responsável em conduzir o diálogo deve observar os seguintes procedimentos:

- a)** Empatia: Capacidade de se colocar no lugar do outro e imaginar como se sentiria caso estivesse no lugar dele.
- b)** Respeito: Capacidade de acolher o outro integralmente, sem julgá-lo pelo que sente, pensa, fala ou faz.
- c)** Confrontação: Levar o outro a perceber a incoerência entre o que ele fala e o que ele faz.
- d)** Clarificação: Eliminar as confusões dos relatos; ordenar os fatos.
- e)** Parafrasear: Consiste em repetir, por palavras próprias, as principais ideias ou pensamentos expressos por quem fala, permite verificar ou confirmar o significado atribuído à mensagem.

f) Resumir: Recontar a história contada utilizando apenas os dados principais.

Artigo 25º - Encerrado o diálogo, o agressor deverá assinar um termo de compromisso, comprometendo-se a não mais praticar o *bullying*.

Artigo 26º - Os procedimentos de intervenção deverão ser registrados e arquivados.

Artigo 27º - Formar um grupo de apoio à vítima e oportunizar encontros entre as vítimas para que possam compartilhar suas experiências, minimizando o sofrimento e a exclusão.

CAPÍTULO III

DOS PROCEDIMENTOS DE CONTENÇÃO

Artigo 28º - Para fins deste estatuto entende-se por medidas de contenção os procedimentos adotados em casos de reincidência.

Artigo 29º - Verifica-se a reincidência procurando nos arquivos o registro de envolvimento anterior na prática de *bullying*, comprovando que o agressor tornou a praticar um ato da mesma espécie.

Artigo 30º - No caso de reincidência e tendo sido esgotadas todas as alternativas de prevenção e intervenção como forma de controle da prática do *bullying*, a equipe pedagógica poderá decidir por aplicar medidas ou atividades didáticas adequadas a cada caso.

Artigo 31º - A equipe pedagógica responsável por atender o caso, atendendo aos motivos, as circunstâncias e consequências do *bullying* praticado, estabelecerá:

I – A medida aplicada.

II – A atividade que será solicitada.

III – A quantidade de atividade solicitada.

IV – Se a atividade será entregue por escrito, se será apresentada oralmente ou de outra forma conforme a espécie da atividade.

V – A data para a entrega da atividade ou a apresentação oral.

VI – A medida que será tomada caso a atividade não seja realizada.

Artigo 32º - A medida aplicada ao adolescente levará em conta a sua capacidade de cumpri-la

Artigo 33º - Em caso da não realização da atividade pelo agressor, a escola poderá usar de medidas didáticas cabíveis ao caso.

Artigo 34º - As atividades solicitadas pela equipe pedagógica podem ser realizadas no período de contra turno e na residência do agressor, sem que ele tenha que comparecer à escola caso seja uma atividade em formato de trabalho escolar.

Artigo 35º - A entrega ou apresentação da atividade solicitada pela equipe pedagógica poderá ser feita em horário de aula, na sala de atendimento pedagógico.

Artigo 36º - Dentre as medidas de contenção que podem ser aplicadas em caso de reincidência da prática de *bullying*, estão:

- a) Colocar o agressor para participar de grupo *antibullying* formado pela escola.
- b) Solicitar que faça pesquisa sobre *bullying* e divulgá-la na escola.
- c) Produzir materiais informativos sobre *bullying*, como cartazes, gibi, jornal ou outro material que possa ser usado pela escola.

TÍTULO IV DAS OBRIGAÇÕES

CAPÍTULO I DAS OBRIGAÇÕES DA EQUIPE PEDAGÓGICA E DA DIREÇÃO ESCOLAR

Artigo 37º - É dever da equipe pedagógica e da direção escolar:

- a) Envolver a família e a comunidade na percepção de casos de *bullying*.
- b) Conversar com os pais dos envolvidos em casos de *bullying* e solicitar que acompanhem o caso até sua efetiva solução.
- c) Verificar a necessidade de encaminhamento à especialistas, tanto para o agressor como para a vítima.
- d) Criar atividades multidisciplinares que possam ser realizadas pelo agressor como forma de conscientizá-lo da necessidade de mudança de comportamento.
- e) Registrar toda denúncia de caso de *bullying*, incluindo as medidas adotadas para cada caso.
- f) Manter cartazes informativos sobre *bullying* na escola.
- g) Esgotados todos os recursos da escola em solucionar o problema e este não tenha sido solucionado, encaminhar o caso ao Conselho Tutelar ou a outros órgãos competentes.

CAPÍTULO II

DAS OBRIGAÇÕES DOCENTES

Artigo 38º - É dever do corpo docente:

- a)** Orientar os alunos.
- b)** Manter diálogo com agressor e vítima na tentativa de interromper o comportamento *bullying*.
- c)** Dar apoio moral a vítima.
- d)** Separar as panelinhas de agressores em sala de aula.
- e)** Colocar vítima e agressor longe um do outro em sala de aula.
- f)** Orientar os agressores sobre o convívio respeitoso e solidário.
- g)** Esgotadas as medidas que o docente pode adotar e estas não tendo surtido efeito, encaminhar o caso para a equipe pedagógica.

CAPÍTULO III

DAS OBRIGAÇÕES DISCENTES

Artigo 39º - É dever do aluno:

- a)** Não praticar *bullying*.
- b)** Não repetir ações sofridas de *bullying* com os outros.
- c)** Ao observar a prática de *bullying*, comunicar o fato aos responsáveis mais próximos.
- d)** Se for vítima de *bullying*, procurar ajuda com o professor e/ou equipe pedagógica.
- e)** Jamais enfrentar o agressor sozinho.
- f)** Não usar de violência para resolver o problema.
- g)** Incluir o aluno vítima de *bullying* nos círculos de amizade.
- h)** Respeitar todos da escola.

TÍTULO V

DISPOSIÇÕES GERAIS

Artigo 40º - Os casos omissos no presente Estatuto serão decididos em reunião entre a equipe pedagógica responsável em cuidar de casos de *bullying*.

Artigo 41º - O presente Estatuto entrará em vigor a partir de sua aprovação pela Assembleia Geral Extraordinária, e respectivo registro, devendo a Diretoria Executiva providenciar a divulgação.

Artigo 42º - Fica instituído, a partir desta data, no Colégio XXXXXXXX o Estatuto de Combate ao *Bullying*, de ação interdisciplinar e de participação comunitária.

APÊNDICE AH

Fichas de avaliações da atividade Estatuto

AVALIAÇÃO DO PROFESSOR ESTATUTO	Turma:
Nome:	
1 - Segundo seu critério de avaliação, esta atividade atingiu os objetivos propostos? 1. () Sim 2. () Não 2 - Comentário avaliativo da atividade: (Foi deixado um espaço de 15 linhas para a resposta)	

Fonte: elaborado pela autora

ATIVIDADE ESTATUTO	Turma:
Nome:	
1 – Qual sua opinião sobre a elaboração de um estatuto <i>antibullying</i>? 1. () Necessário 2. () Desnecessário	

Fonte: elaborado pela autora

APÊNDICE AI

Enredo do teatro II

DIFERENTE?... EU?...

Cenário:

Quatro amigas conversando em local público. Todas vestidas de formas bem diferentes, cabelos penteados ou arrumados de formas diferentes, acessórios, calçados e maquiagens bem diferentes uma das outras. Cada uma apresenta um estilo, como por exemplo, uma pode ser emo, a outra pode ser patricinha, a outra pode ser *cowgirl*, a outra pode ser funkeira (são apenas sugestões, a caracterização das personagens é opcional). O diálogo é acompanhado de trejeitos característicos das personagens.

CENA

Amiga 1 diz: - Mas é claro que sou diferente, se eu não fosse diferente eu seria um xérox, uma cópia ou um clone de alguém que já existe.

Amiga 2 diz: - Cada um tem um jeito de ser, tem um cabelo diferente, corpo diferente, se veste de forma diferente ou se comporta de modo diferente.

Amiga 3 diz: - Então, por que os diferentes sofrem *bullying* se quem faz *bullying* com eles também é diferente, já que todos somos diferentes?

Amiga 4 diz: - Oras bolas! Você não entende. Uns são diferentes para mais e outros são diferentes para menos!!!!

Amiga 1 diz: - Peralá! Peralá! Confundi tudo na minha cabeça. Primeiro, o que é *bullying*? Segundo: Como assim, diferentes para mais e diferentes para menos??!!!

Amiga 2 diz: - Bom, respondo a primeira pergunta: *Bullying* é violência física, verbal ou psicológica feita de forma repetida por um aluno mais forte ou um grupo de alunos com outro aluno que eles julgam ser diferente.

Amiga 3 completa dizendo: - E essa diferença incomoda, por isso eles atacam com agressividade repetitiva, isto é *bullying*, entendeu?

Amiga 4 diz: - Quem pratica o *bullying* no fundo no fundo acha que é menos, menos inteligente, menos bonito, menos rico e ele ataca na tentativa de ser mais em alguma coisa, mesmo que seja ser mais violento.

Amiga 1 diz: - Uhmmm!!! Entendi! O praticante de *bullying* ataca porque ele se sente inferior!!!! Mas é lógico que ele não quer que ninguém saiba disto né! Por isto ele interpreta um personagem tipo valentão.

Amiga 5 diz: - É!!! E a vítima pode ser diferente para mais.

Amiga 2 diz: - A vítima pode ser mais bonita que o agressor, por isto o agressor se sente incomodado.

Amiga 3 diz: - A vítima pode ser mais inteligente, pode ser o CDF da sala, por isto o agressor se sente incomodado, por que no mínimo as notas dele não devem ser as melhores da sala né! Afinal ele não tem tempo para estudar, ele vive brigando o tempo todo!

Amiga 4 diz: - A vítima é alvo de piadas porque o agressor quer diminuir o valor dela para ele se sentir o maioral, já que no fundo no fundo ele sabe que é o pioral.

As quatro amigas 1, 2, 3 e 5 dizem juntas: Pioral!!!! Esta palavra existe?

Amiga 4 diz: Sei lá! Se não existia, acabei de inventar!

Amiga 1 diz: - Deixa eu ver se entendi, o agressor na verdade quer que todos sejam piores que ele ou no mínimo igual?

Amiga 2 diz: - Se ele é repetente, ele quer que todos repitam o ano também?

Amiga 3 diz: - Se ele é um grosso, o aluno educado sofre na mão dele?

Amiga 4 diz: - Isto mesmo! O agressor quer que todos sejam iguais a ele.

Amiga 5 diz: - Mas isto é um absurdo, ninguém é obrigado a mudar, nós temos o direito de ser quem quisermos ser, temos que por um fim neste problema, pelo menos aqui na nossa escola.

Amiga 2 diz: - Já sei, vamos obrigar o agressor a ser como nós.

Amiga 3 diz: - Ah!!! Mas desse jeito o que você quer é o mesmo que o agressor quer, que todos sejam iguais.

Amiga 4 diz: - O agressor pode ser do jeito que ele quiser, só não pode ser agressor.

Amiga 1 diz: - O agressor pode ser do jeito que ele quiser mas não pode ser agressor? Então ele não pode ser do jeito que ele quiser!

Amiga 2 diz: - Ele pode ser do jeito que quiser, vestir a roupa que quiser, arrumar o cabelo do jeito que ele quiser, mas não pode fazer *bullying*.

Amiga 3 diz: - É! Ele tem que aprender a respeitar as diferenças de todos, afinal ele também é diferente.

Amiga 4 diz: - Ele tem que saber que *bullying* é crime!

Amiga 5 diz: - Isto mesmo, então vamos dizer para eles:

As cinco amigas dizem juntas: *BULLYING É CRIME. SEJA FELIZ DO JEITO QUE VOCÊ É E VAMOS SER FELIZES JUNTOS.*

APÊNDICE AJ

Fichas de avaliações da atividade Teatro

AVALIAÇÃO DO PROFESSOR
Nome:
1 - Foi possível assimilar o objetivo didático e o objetivo <i>antibullying</i> nesta atividade? 1. () Sim 2. () Não 2 - A participação como atores da peça teatral contribuiu para melhorar o comportamento dos alunos atores em relação ao <i>bullying</i>? 1. () Sim 2. () Não 3. () Não sei dizer, há a necessidade de observar mais os comportamentos deles. 3 - Conforme sua observação, a receptividade dos alunos que assistiram à peça teatral foi: 1. () Boa 2. () Ficaram indiferentes 3. () Ruim 4. Comentários avaliativos: (foi deixado um espaço de 15 linhas para a resposta)

Fonte: elaborado pela autora

ATIVIDADE TEATRO	Turma:
Nome:	
1 O que você achou da peça teatral? 1. () Ótima 2. () Boa 3. () Ruim 4. () Péssima 2 Qual foi a mensagem transmitida? 1. () O praticante de <i>bullying</i> estava correto 2. () O praticante de <i>bullying</i> tem problemas que precisavam ser resolvidos 3 Qual ou quais as mensagens que você percebeu na peça teatral? (Foi deixado um espaço para a s respostas)	

Fonte: elaborado pela autora

AVALIAÇÕES DOS ALUNOS ATORES	Turma:
Nome:	
1 Você gostou de ter participado da peça teatral? 1. () Sim 2. () Não 2 Em relação aos conhecimentos sobre o <i>bullying</i> depois de sua participação no teatro, como você avalia? 1. () Meus conhecimentos sobre o <i>bullying</i> aumentaram 2. () Meus conhecimentos sobre o <i>bullying</i> continuaram os mesmos 3. A participação na peça teatral promoveu mudanças em seu comportamento? 1. () Sim 2. () Não 4. Se você respondeu que sim, cite qual ou quais foram estas mudanças: (Foi deixado um espaço para a resposta)	

Fonte: elaborado pela autora

APÊNDICE AK

Questionário para professores 2

INSTRUMENTO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES
QUESTIONÁRIO 2 PARA OS EDUCADORES – AVALIAÇÃO

Prezado Professor

Este instrumento de coleta de dados é parte integrante da pesquisa institucional que está sendo realizada nesta escola com as turmas do 6º ano do período da tarde, sob o título “Ações educativas aplicadas por professores em alunos do 6º ano do Ensino Fundamental para a redução do *bullying*”.

Tal instrumento nos possibilitará fazer uma avaliação dos trabalhos realizados com o objetivo de apontar os aspectos positivos e os aspectos negativos deste projeto.

01 – Quanto aos encontros realizados com os educadores, você considera que foram:

1. () Ótimo
2. () Bom
3. () Regular
4. () Ruim
5. () Péssimo

02 – Quanto ao conteúdo dos encontros realizados com os educadores, você considera que:

1. () Foi apropriado ao objetivo do projeto
2. () Foi apropriado ao objetivo do projeto, porém foi insuficiente
3. () Foi inadequado ao objetivo do projeto

03 – Quanto ao tempo gasto com os estudos dos conteúdos, você considera que:

1. () Foi suficiente
2. () Foi insuficiente

04 – Quanto ao local dos encontros, você considera que:

1. () Era apropriado
2. () Era inadequado
3. () Era apropriado, porém os ruídos atrapalharam a concentração.

05 – Quanto às atividades realizadas com os alunos, você considera que foram:

1. () Ótimas
2. () Boas
3. () Regulares
4. () Ruins
5. () Péssimas

06 - O seu procedimento diante de um episódio de *bullying* em sala de aula:

1. () Melhorou
2. () Piorou
3. () Não mudou nada

07 - Os obstáculos ou dificuldades para enfrentar o *bullying* em sala de aula:

1. () Diminuíram
2. () Aumentaram
3. () Não mudou nada

08 – De forma geral, você percebeu melhorias no clima em sala de aula no que se refere a prática de *bullying*?

1. () Sim
2. () Não

09 - De forma geral, qual a avaliação que você faz dos trabalhos realizados neste projeto?

1. () Ótimo
2. () Bom
3. () Regular
4. () Ruim
5. () Péssimo

10 – O que poderia ser melhorado nos encontros com os educadores?***11 – O que poderia ser melhorado nas atividades realizadas com os alunos?*****12 – Espaço para comentários, sugestões ou críticas.***

*Estas questões foram acompanhadas de 20 linhas para as respostas.

Muito obrigada pela sua valiosa colaboração!

Observação: Este questionário foi entregue aos professores com espaçamento 2, espaço duplo entre as questões e as três últimas questões foram acompanhadas de 15 pautas.

APÊNDICE AL

Questionário para alunos 2

**INSTRUMENTO PARA COLETA DE INFORMAÇÕES
QUESTIONÁRIO 2 PARA OS ALUNOS – AVALIAÇÃO****Código de identificação :_____**

Prezado Aluno

Solicitamos que assinale as alternativas das questões abaixo cujas respostas reflitam sua opinião quanto aos trabalhos de pesquisa sobre *bullying* realizados no segundo semestre do ano letivo de 2010.

Análise geral da sala de aula**1. Após o início dos trabalhos sobre *bullying* na sala de aula, você considera que:**

- 1. () A prática de *bullying* diminuiu
- 2. () A prática de *bullying* diminuiu só um pouco
- 3. () A prática de *bullying* acabou na sala de aula
- 4. () A prática de *bullying* aumentou
- 5. () A prática de *bullying* aumentou muito
- 6. () Não mudou nada

2. Como tem sido o comportamento do agressor:

- 1. () Continua praticando *bullying*
- 2. () Aumentou a prática de *bullying*
- 3. () Não pratica mais *bullying*
- 4. () Diminuiu um pouco a prática do *bullying*
- 5. () Não mudou nada

3. Como está a situação da vítima em sala de aula

- 1. () Continua sendo vítima de *bullying*
- 2. () As agressões sobre a vítima diminuíram mas não acabaram
- 3. () Não há mais vítima de *bullying* em sala de aula

4. Como tem se comportado os espectadores de *bullying*:

- 1. () Ajudam a vítima
- 2. () Não fazem nada
- 3. () Ajudam o agressor

Análise individual

5. Caso você tenha sido vítima de *bullying* no início do ano letivo, como está sua situação hoje?

1. () Não sou mais vítima de *bullying* em sala de aula
2. () O *bullying* comigo diminuiu mas não acabou
3. () Continuo sendo vítima de *bullying* em sala de aula
4. () Nunca fui vítima de *bullying* em sala de aula

6 – Se você foi vítima de *bullying* em sala de aula, como você se comporta hoje?

1. () Confio mais em mim
2. () Confio mais nos professores
3. () Não tenho mais medo de denunciar
4. () Continuo tendo medo de denunciar
5. () Continuo não confiando nos professores
6. () Nunca fui vítima de *bullying* em sala de aula

7. Caso você tenha se reconhecido como agressor no decorrer dos trabalhos realizados sobre *bullying* na escola, como está seu comportamento hoje?

1. () Não faço mais *bullying* com meus colegas de escola
2. () Eu diminui a prática de *bullying* mas não parei
3. () Continuo praticando *bullying* do mesmo jeito
4. () Nunca pratiquei *bullying*

8 – Se você se reconheceu como praticante de *bullying* e acredita que o seu comportamento mudou, esta mudança se deve ao fato de que:

1. () Agora tenho mais conhecimento sobre as consequências dos meus atos
2. () Agora sei que *bullying* é crime
3. () Não mudei, continuo praticando *bullying* do mesmo jeito
4. () Nunca pratiquei *bullying*

9. Caso você tenha se identificado como espectador de *bullying* no decorrer dos trabalhos realizados, como você se comporta hoje? De cada duas alternativas assinale uma.

1. () Não tenho mais medo de denunciar o praticante *bullying*
2. () Continuo tendo medo de denunciar o praticante de *bullying*
3. () Não acho engraçado o comportamento do praticante de *bullying*
4. () Continuo achando engraçado o comportamento do praticante de *bullying*
5. () Não colaboro com o praticante de *bullying*
6. () Colaboro com o praticante de *bullying*
7. () Não tenho mais medo de acontecer comigo
8. () Continuo tendo medo de acontecer comigo

10 – Se você presenciar um colega praticando o *bullying*, qual a atitude que você tomaria hoje?

1. () Ajudaria a vítima

2. () Ajudaria o praticante de *bullying*
3. () Denunciaria o caso para um adulto
4. () Pediria para o praticante de *bullying* parar
5. () Não faria nada

11 – Os professores da turma que participaram do projeto têm percebido a prática de *bullying* em sala de aula?

1. () Sim
2. () Não
3. () Alguns sim, outros não

12 – Os professores da turma que participaram do projeto, quando percebem a prática de *bullying*, ajudam a vítima?

1. () Sim
2. () Não
3. () Alguns sim, outros não

13 – Você acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de *bullying*?

1. () Sim
2. () Não

14. De forma geral, faça uma avaliação dos trabalhos realizados para evitar o *bullying* em sala de aula:

1. () Bom
2. () Ruim
3. () Ótimo
4. () Péssimo

15 - Caso você queira, neste espaço abaixo você pode deixar sua mensagem, sua avaliação, crítica ou elogios relacionados ao projeto *bullying* realizado na escola.

*foi deixado um espaço de 15 linhas para a manifestação do aluno.

Observação: Este questionário foi entregue aos alunos com um espaçamento 2 e espaço duplo entre as questões para facilitar a leitura dos alunos.

MUITO OBRIGADA PELA SUA VALIOSA PARTICIPAÇÃO!

Turma: _____	Questionário: _____
Nome: _____ _____	
Data: ____/____/____	

APÊNDICE AM

Tabela de observação 2

TABELA DE TEMPO DE OBSERVAÇÃO – SEGUNDA FASE

As aulas têm duração de 50 minutos cada, com um intervalo de 15 minutos entre a terceira e a quarta aula.

Tabela de tempo observado no 6º ano turma A

Data	Horas/aulas	Tempo observado	Total de alunos observados
18/05/2010	01	50 min.	38
19/05/2010	02	1 h. e 40 min.	38
24/05/2010	01	50 min.	37
25/05/2010	01	50 min.	38
26/05/2010	02	1 h. e 50 min.	38
Total: 05 dias	07	Total: 5 hs. e 50 min.	Média: 38 alunos observados

Tabela de tempo observado no 6º ano turma B

Data	Horas/aulas	Tempo observado	Total de alunos observados
18/05/2010	01	50 min.	34
19/05/2010	02	1 h. e 40 min.	33
20/05/2010	01	50 min.	33
24/05/2010	01	50 min.	34
25/05/2010	01	50 min.	34
26/05/2010	01	50 min.	34
Total: 06 dias	07	Total: 5 hs. e 50 min.	Média: 34 alunos observados

Tabela de tempo observado no 6º ano turma C

Data	Horas/aulas	Tempo observado	Total de alunos observados
07/06/2010	02	1 h e 40 min.	36
09/06/2010	01	50 min.	37
15/06/2010	01	50 min.	35
16/06/2010	02	1 h. e 40 min.	35
21/06/2010	01	50 min.	35
Total: 05 dias	07	Total: 5 hs. e 50 min.	Média: 35 alunos observados

Tabela de tempo observado no 6º ano turma D

Data	Horas/aulas	Tempo observado	Total de alunos observados
08/06/2020	01	50 min.	38
09/06/2010	02	1 h. e 40 min.	38
14/06/2010	01	50 min.	35
17/06/2010	01	50 min.	36
21/06/2010	01	50 min.	36
23/06/2010	01	50 min.	36
Total: 06 dias	07	Total: 5 hs. e 50 min.	Média: 36 alunos observados

Tabela de tempo observado no 6º ano turma E

Data	Horas/aulas	Tempo observado	Total de alunos observados
07/06/2010	01	50 min.	19
14/06/2010	02	1 h. e 40 min.	25
16/06/2010	02	1 h. e 40 min.	23
21/06/2010	01	50 min.	25
23/06/2010	01	50 min.	25
Total: 05 dias	07	Total: 5 hs. e 50 min.	Média: 25 alunos observados

Total das observações

5 turmas	Quantidade de dias observados	Total de horas/aulas observadas	Total de tempo observado	Total de alunos observados
Total	15	35	29 hs. e 10 min.	168

APÊNDICE AN

Análise da mostra de alunos com comportamentos de risco para a prática de *bullying*

Nas análises da terceira fase alguns alunos deram as mesmas respostas que a maioria dos alunos e para que o texto não fique repetitivo e extenso, expomos agora as atividades e as respostas dadas pela maioria e, no texto individual, quando a resposta dada for a mesma da maioria, apenas será citado esta ocorrência.

Atividade 1: Você sabe o que é *bullying*?

Resposta da maioria: Não

Atividade 2: Conceito de *bullying*

Resposta da maioria: Ato de violência

Atividade 3: Elaboração de cartazes

Respostas da maioria: Aprender mais sobre *bullying* e tirar nota na disciplina de artes

Atividade 4: Versão musical

Resposta da maioria: Gostou de participar da atividade e que é possível transmitir uma mensagem *antibullying* por meio desta atividade.

Atividade 5: Leitura literária

Resposta da maioria: Sim, havia cenas no livro que retratavam situações de *bullying* e o que fizeram com a protagonista era *bullying* e ela superou o problema estudando muito.

Atividade 6: Pesquisa bibliográfica – Tema: O *bullying* no mundo

Resposta da maioria: Sim, os conhecimentos sobre *bullying* aumentaram depois de ter feito esta atividade.

Atividade 7: Pesquisa quantitativa

Resposta da maioria: Gostou de participar da atividade e entendeu o gráfico.

Atividade 8: Mostra de vídeo - Título do vídeo: O pai, o filho e o burrico

Resposta da maioria: Gostou do vídeo e a mensagem entendida é que sempre haverá pessoas falando mal de nós, mas o que importa é a opinião que temos a nosso respeito e que devemos fazer só o que consideramos ser o certo, apoiados pelos nossos pais

Atividade 9: Mostra de vídeo - Título do vídeo: Exclusão

Resposta da maioria: Gostou do vídeo e que há relações entre os fatos apresentados no vídeo e casos de *bullying*.

Atividade 10: Produção de vídeo jornalístico

Resposta da maioria: vai transmitir informações e isto ajuda a combater o *bullying* na escola.

Atividade 11: Estatuto

Resposta da maioria: É necessário

Atividade 12: Teatro

Resposta da maioria: avaliou como ótimo e que o praticante de *bullying* tem problemas que precisam ser resolvidos.

As respostas dadas aos Q1A e Q2A estão expostas nos quadros abaixo no formato de texto corrido, gerando um relato ocasionado pelas respostas dadas pelo aluno.

ALUNO A19			
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
Nas observações pode-se constatar que A19 tem como principal amigo o aluno A29, estão constantemente juntos e se unem para zoar, tirar sarro e humilhar os demais colegas. A19 apresenta comportamento indisciplinado e provoca conflitos com os colegas de turma, sempre em companhia de A29.	Tem apenas um bom amigo. Disse que é maltratado na escola, que o xingam, humilhando-o na frente dos outros colegas, lhe dão socos, pontapés, empurrões, o ameaçam, dizendo que vão bater nele, escondem e estragam pertences dele, fatos que ocorrem uma vez por semana, na sala de aula na presença do professor, na sala de aula sem a presença do professor, no pátio do recreio e no corredor. Disse que se sente indefeso, ninguém o ajuda e que contou aos familiares. Declarou que os colegas que o maltratam estudam na mesma sala. Afirmou que não maltrata colegas da escola. Disse já ter presenciado colegas praticando <i>bullying</i> uma vez, que não fez nada e ficou com medo de acontecer com ele. Segundo opinião de A19 quem pratica <i>bullying</i> o faz porque quer ficar popular, porque é mau e porque se acha melhor que os outros.	Não participou das avaliações das atividades 3, 6 e 7. Na avaliação da atividade 1 respondeu como a maioria e na atividade 2 conceituou <i>bullying</i> como um programa usado para controlar a violência na escola. Nas atividades 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12, A19 respondeu o que a maioria dos alunos responderam.	Para A19 a prática de <i>bullying</i> em sala de aula diminuiu, pois o agressor diminuiu um pouco as agressões que cometia e por isto as agressões sobre a vítima diminuíram mas não acabaram. Relatou que os espectadores têm ajudado as vítimas. Declarou que nunca foi vítima e que nunca praticou <i>bullying</i>. Disse que continua tendo medo de denunciar o agressor e que continua tendo medo de acontecer <i>bullying</i> com ele. Declarou que se presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i>, ajudaria a vítima e pediria para o agressor parar. Para A19 os professores têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula e que, quando percebem, ajudam a vítima. Acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula sobre <i>bullying</i> ajudaram a diminuir esta prática e avaliou os trabalhos como tendo sido bons.

ALUNO A21			
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
Observou-se que se trata de um aluno indisciplinado, com dificuldades em aceitar regras e limites, não faz as atividades propostas pelos professores, fica andando na sala de aula, mexendo com os alunos, hora batendo em suas cabeças, hora mexendo nos materiais sobre as carteiras, frequentemente canta música estilo <i>hip hop</i> , sai e entra da sala de aula sem pedir permissão.	Tem de dois a três bons amigos. É maltratado por colegas da escola, o chamam por apelidos que ele não gosta na frequência de uma a duas vezes por mês no pátio do recreio. Disse que fica magoado quando é maltratado, que contou para a direção escolar e que os colegas que o maltratam não estudam na mesma sala dele. Assumiu que maltrata colegas da escola, disse que xinga e humilha, na frequência de uma a duas vezes por mês no pátio de recreio e que sente tristeza ao maltratar. Relatou já ter presenciado colegas praticando <i>bullying</i> várias vezes, que defendeu a vítima e que ficou com medo de acontecer com ele. Segundo a opinião de A21 os colegas que praticam <i>bullying</i> o fazem porque querem ficar populares	O aluno A21 não participou das avaliações das atividades 5, 6, 7, 9, 10, 11 e 12 Nas avaliações das atividades 1, 2, 3, 4 e 8 respondeu o que a maioria dos alunos responderam.	O agressor não pratica mais <i>bullying</i> e por isto não há mais vítima e a prática de <i>bullying</i> diminuiu em sala de aula Os espectadores não têm feito nada. Não é mais vítima de <i>bullying</i> em sala de aula e que agora confia mais nele mesmo. Não faz mais <i>bullying</i> com os colegas de escola; seus comportamentos mudaram porque agora ele tem mais conhecimento sobre as consequências dos seus atos Não tem mais medo de denunciar o agressor; não acha engraçado o comportamento dele; não colabora com ele e não tem mais medo de acontecer <i>bullying</i> com ele Caso presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i>, ajudaria a vítima e denunciaria o caso para um adulto. Apenas alguns professores têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula e apenas alguns têm ajudado a vítima. As Atividades realizadas pelos professores sobre <i>bullying</i> ajudaram a diminuir esta prática em sala de aula e avaliou os trabalhos realizados como ótimos.

ALUNO A25

PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
Aluno com comportamento indisciplinado, mantém constante movimentação corporal, visitando as carteiras onde sentam seus colegas. Está sempre provocando brincadeiras com os colegas da turma, sempre sorridente e expansivo.	Tem de dois ou três bons amigos. Não é maltratado na escola. Não maltrata colegas na escola. Já presenciou colegas praticando <i>bullying</i> apenas uma vez, não fez nada para ajudar e não sentiu nada porque são brincadeiras. Os colegas que praticam <i>bullying</i> o praticam porque são maus.	Não participou das avaliações das atividades 6, 7, 11 e 12. Avaliou as atividades 1, 2, 3, 4, 5, 9 e 10 como a maioria dos alunos. Quanto a atividade 8, disse que não gostou do vídeo e a mensagem entendida foi a mesma entendida pela maioria dos alunos.	O agressor diminuiu um pouco a prática de <i>bullying</i> e por isto esta prática diminuiu só um pouco em sala de aula; não há mais vítima de <i>bullying</i> em sala de aula. Os espectadores não têm feito nada. Nunca foi vítima; confia mais nos professores. Nunca praticou <i>bullying</i>, mas assumiu que seu comportamento mudou porque agora ele sabe que <i>bullying</i> é crime. Não tem mais medo de denunciar o agressor; não acha engraçado o comportamento dele e não colabora com ele; não tem mais medo de acontecer <i>bullying</i> com ele. Disse que pediria para o agressor parar, caso presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i>. Os professores da turma têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula e quando percebem, ajudam a vítima. Acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e avaliou os trabalhos realizados como ótimos.

ALUNO A29			
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
É amigo de A19 e estão sempre unidos para zoar, tirar sarro e humilhar os demais colegas. A19 apresenta comportamento indisciplinado e provoca conflitos com os colegas de turma.	Tem mais de seis bons amigos. É maltratado por colegas de escola, recebe ameaças, dizendo que vão bater nele, disse que isto ocorre uma a duas vezes por mês na sala de aula na presença do professor e que se sente magoado ao ser maltratado. Nunca contou para ninguém que é maltratado e os colegas que o maltratam estudam na mesma sala dele. Declarou que não maltrata colegas da escola. Relatou que já presenciou colegas praticando <i>bullying</i> várias vezes e que pediu aos agressores para pararem, disse que ficou triste ao presenciar colegas praticando <i>bullying</i>. Conforme a opinião de A29 os colegas que praticam <i>bullying</i> o fazem porque são maus, porque se acham melhores que os outros, porque não são punidos e porque os adultos ignoram o <i>bullying</i>.	Não participou das avaliações 6 e 7. Avaliou as atividades 1, 2, 4, 8, 9, 10, 11 e 12 como avaliaram as maioria dos alunos. Na avaliação dos alunos 3 para A29, o objetivo da atividade foi se divertir e aprender mais sobre o <i>bullying</i>, e a mensagem entendida foi a mesma da maioria dos alunos. Na atividade 5, na leitura do livro, A29 disse que haviam cenas que retratavam situações de <i>bullying</i> e que a protagonista merecia o que fizeram com ela porque era pobre e negra. A29 avaliou o teatro como bom e o praticante de <i>bullying</i>, apresentado no teatro, tem problemas que precisavam ser resolvidos.	A prática de <i>bullying</i> diminuiu; o agressor diminuiu um pouco a prática do <i>bullying</i>, porém não há mais vítima de <i>bullying</i> em sala de aula. Os espectadores têm ajudado as vítimas. Não é mais vítima de <i>bullying</i> e que agora confia mais nele, mas continua tendo medo de denunciar Nunca praticou <i>bullying</i>, mas seu comportamento mudou porque agora ele sabe que <i>bullying</i> é crime Continua tendo medo de denunciar o agressor e continua tendo medo de acontecer <i>bullying</i> com ele Se presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i>, denunciaria o caso para um adulto. Apenas alguns professores têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula e apenas alguns professores ajudam a vítima. Acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula sobre <i>bullying</i> ajudaram a diminuir esta prática e avaliou os trabalhos realizados como bons.

ALUNO B20			
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
Apresenta comportamento indisciplinado, permanece boa parte do tempo da aula andando pela sala, mexendo com os demais colegas; toma para si os pertences, caneta, lápis, régua dos colegas e os leva para sua carteira, só devolvendo se o dono for buscar o objeto levado. Em duas ocasiões B20 assediou as alunas B18 e B28, recusado o assédio, o aluno B20 disse palavras ofensivas às alunas. Em uma ocasião B20 chamou a aluna B27 de “almôndega”.	Tem dois ou três bons amigos. É maltratado por colegas da escola, que o xingam, humilhando-o na frente dos outros colegas na frequência de uma vez por semana na sala de aula na presença do professor. Disse que se sente magoado ao ser maltratado, contou para os familiares e que os colegas que o maltratam estudam na mesma sala dele. Declarou que maltrata colegas da escola, que tira sarro de forma exagerada do corpo ou do comportamento deles uma ou duas vezes por mês no pátio do recreio. Relatou que sente raiva dele mesmo ao maltratar e que os colegas que maltrata estudam na mesma sala dele. Contou que presenciou colega praticando <i>bullying</i> uma vez, que deu risada e ficou com medo de acontecer com ele. B20 acredita que os colegas que praticam <i>bullying</i> o fazem por que querem ser populares.	Não participou da avaliação da atividade 6. Avaliou as atividades 1, 2, 5, 7, 8, 9, 10 e 11 como avaliaram a maioria dos alunos. Conforme B20, o objetivo da atividade 3 foi se divertir, aprender mais sobre o <i>bullying</i> e transmitir informações sobre <i>bullying</i> ; acredita que os cartazes vão passar informações mas isto não ajuda em nada no combate ao <i>bullying</i> na escola. Disse que gostou de ter participado da atividade 4 e acredita que não é possível transmitir uma mensagem <i>antibullying</i> por meio desta atividade. A gravação do teatro foi boa e o praticante de <i>bullying</i> , apresentado no teatro, tem problemas que precisavam ser resolvidos.	A prática de <i>bullying</i> diminuiu; o agressor diminuiu um pouco as agressões praticadas, não há mais vítima em sala de aula. Os espectadores têm ajudado as vítimas. Nunca foi vítima de <i>bullying</i> . Não faz mais <i>bullying</i> com os colegas; seu comportamento mudou porque agora ele tem mais conhecimento sobre as consequências dos seus atos. Continua tendo medo de denunciar o agressor e não acha engraçado o comportamento dele. Caso presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i> , denunciaria o caso para um adulto. Os professores não têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula e apenas alguns professores ajudam a vítima ao perceber sua posição. B20 não acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e considerou que todos os trabalhos realizados foram bons.

ALUNO C1			
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
C1 e C8 são amigos, permanecem sempre juntos. Observou-se que se trata de uma dupla que usa as provocações como forma de divertimento; provocaram a aluna C6 e a chamaram de Tico e _Teco, Olivia Palito e égua no cio.	Tem dois ou três bons amigos. É maltratado, recebe socos, pontapés e empurrões uma ou duas vezes por mês no pátio do recreio. Relatou que não sente nada ao ser maltratado, que contou para os colegas e que os que o maltratam estudam na mesma sala dele. Assumiu que maltrata colegas de escola, dá socos, pontapés e empurrões e outras formas, uma ou duas vezes por mês no pátio do recreio. Relatou que não sente nada ao maltratar e que os colegas que maltrata estudam na mesma sala dele. Declarou que já presenciou colegas praticando <i>bullying</i> várias vezes e não fez nada, não sentiu nada, porque são brincadeiras. Os colegas que praticam <i>bullying</i> o fazem porque querem ficar populares, porque fazem <i>bullying</i> com eles, por que são maus, por diversão e por que se acham melhores que os outros.	Não participou das avaliações das atividades 6 e 10. Avaliou as atividades 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 11 e 12 como avaliaram a maioria dos alunos Na avaliação da atividade 7 C1 respondeu que adorou fazer a atividade e que entendeu o gráfico.	A prática de <i>bullying</i> em sala de aula não mudou nada, o comportamento do agressor não mudou nada e a vítima de <i>bullying</i> continua sendo vítima Os espectadores de <i>bullying</i> não têm feito nada para ajudar as vítimas. Declarou que nunca foi vítima e que nunca praticou <i>bullying</i>. Na questão 9, C1 não assinalou nenhuma das respostas. Caso C1 presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i> ele não faria nada. Para C1 apenas alguns professores têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula e, quando percebem, ajudam a vítima. C1 não acredita que as atividades realizadas pelos professores ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> em sala de aula.

ALUNO C8			
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
É amigo de C1, observou-se que se trata de uma dupla que usa as provocações como forma de divertimento; provocaram a aluna C6 e a chamaram de Tico e Teco, Olivia Palito e égua no cio. Em outro momento C8 colocou a mão sobre sua genitália e projetou o quadril para frente em resposta à reclamação feita pela aluna C29 de que ele estava atrapalhando a aula.	Tem quatro ou cinco bons amigos. É maltratado por colegas de escola, fazem fofocas e espalham mentiras sobre ele uma ou duas vezes por mês, no pátio do recreio. Disse que não sente nada ao ser maltratado, que nunca contou para ninguém e que os colegas que o maltratam estudam na mesma sala dele. C8 declarou que maltrata colegas de escola, dá socos, pontapés e empurrações uma vez por semana na sala de aula sem a presença do professor. Disse que sente raiva dele mesmo ao maltratar os colegas e que estes estudam na mesma sala dele. Disse que nunca presenciou colegas praticando <i>bullying</i>. Conforme a opinião de C8 quem pratica <i>bullying</i> o faz porque quer ficar popular e porque se acha melhor que os outros,	Não participou das avaliações das atividades 5, 10 . Na atividade 1 respondeu que não sabia o que é <i>bullying</i> e na atividade 2 definiu <i>bullying</i> como um ato de violência com desnível de poder. As avaliações das atividades 3, 4, 6, 7, 8, 9 e 11 foram as mesmas da maioria, C8 avaliou o teatro como ruim e considera que o praticante de <i>bullying</i>, apresentado no teatro, tem problemas que precisavam ser resolvidos	O clima em sala de aula quanto à prática de <i>bullying</i> não mudou nada, o comportamento do agressor não mudou nada e as agressões sobre a vítima diminuíram, mas não acabaram Os espectadores têm ajudado o agressor. Nunca foi vítima de <i>bullying</i> Continua praticando <i>bullying</i> do mesmo jeito e não mudou seu comportamento. Continua achando engraçado o comportamento do agressor Não faria nada se presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i>. Os professores da turma não têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula e não ajudam a vítima de <i>bullying</i> quando percebem o fato Acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> Avaliou os trabalhos realizados como péssimos.

ALUNO C9			
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
Nas observações pode-se perceber que C9 apresenta comportamento indisciplinado, ar de superioridade em relação aos demais alunos, não aceita imposição de regras, gosta de impor suas vontades, comportamento que se evidencia em frases ditas pelo aluno, como por exemplo: “- <i>Quem manda aqui sou eu.</i>”; “- <i>Eu sou o cara, ninguém se mete a besta comigo se não vai ter.</i>” ou “- <i>Sai daí muleque, que eu quero sentar aí.</i>” Não foi possível verificar se se trata de um praticante de <i>bullying</i> por não termos presenciado um comportamento agressivo de forma repetitiva cometido por ele sobre um mesmo aluno.	Tem mais de seis bons amigos. É maltratado na escola, colocam apelidos que ele não gosta, tiram sarro de forma exagerada do corpo ou do comportamento dele e que isto acontece todos os dias no corredor da escola. Disse que fica magoado, que nunca contou para ninguém e que os colegas que o maltratam não estudam na mesma sala dele. Declarou que maltrata colegas de escola, que coloca apelidos uma ou duas vezes por mês no pátio do recreio, disse que sente raiva dele mesmo ao maltratar e que os colegas que ele maltrata estudam na mesma sala dele. Revelou já ter presenciado colegas praticando <i>bullying</i> várias vezes, que deu risada e o sentimento foi o de tristeza. Segundo C9, os colegas que praticam <i>bullying</i> o fazem porque querem ficar populares, porque são maus e por diversão.	Não participou das avaliações das atividades 3, 6, 7 e 10. Na atividade 1 C9 disse que não sabe o que é <i>bullying</i> e na atividade 2 respondeu que <i>bullying</i> é um ato de violência que ocorre de forma repetitiva. Avaliou as atividades 4, 5, 9 e 11 como a maioria dos alunos. Na avaliação das atividades 8 disse que não gostou do vídeo, a mensagem entendida foi a mesma da maioria. C9 disse que achou a peça teatral boa e que o praticante de <i>bullying</i>, apresentado no teatro, tem problemas que precisavam ser resolvidos	A prática de <i>bullying</i> diminuiu; mas o agressor continua praticando <i>bullying</i> e as vítimas de <i>bullying</i> continuam sendo vítimas. Os espectadores têm ajudado as vítimas. O <i>bullying</i> praticado contra ele diminuiu, mas não acabou e que continua não confiando nos professores. Diminuiu a prática de <i>bullying</i>, mas não parou e seu comportamento mudou porque agora ele tem mais conhecimento sobre as consequências dos seus atos. Continua tendo medo de denunciar o agressor; não acha engraçado o comportamento dele, não colabora com ele e não tem mais medo de acontecer <i>bullying</i> com ele. Se visse um colega sofrendo <i>bullying</i>, não faria nada. Os professores da turma têm percebido a prática de <i>bullying</i> e, quando percebem, ajudam a vítima. Acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e avaliou os trabalhos realizados como sendo ótimos.

ALUNO C17			
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
C17 participa e/ou incentiva brincadeiras com os colegas de turma, sai constantemente de sua carteira e conversa com os colegas durante a aula, apresenta comportamento indisciplinado. Reclama, mas faz as atividades propostas pela professora. Em duas ocasiões o aluno C17 se referiu ao aluno C11 como “Aquele preto ali”.	Tem mais de seis bons amigos. É maltratado, o chamam por apelidos que ele não gosta, fazem fofocas, espalhando mentiras sobre ele, tiram sarro de forma exagerada do corpo ou do comportamento dele. Disse que isso ocorre na frequência de uma vez por semana no pátio do recreio. C17 disse que não sente nada ao ser maltratado, que contou para os colegas e que os colegas que o maltratam não estudam na mesma sala dele. Declarou que maltrata, que coloca apelidos todos os dias nos colegas da escola, não respondeu sobre o local onde isto ocorre, disse que não sente nada ao maltratar e que os colegas que ele maltrata não estudam na mesma sala dele. Revelou já ter presenciado colegas praticando <i>bullying</i> várias vezes, na ocasião deu risada e não sentiu nada, porque considera que são brincadeiras. Segundo C17 os colegas que praticam <i>bullying</i> o fazem porque querem ficar populares e por diversão.	Não participou da avaliação da atividade 10 . As respostas dadas nas avaliações das atividades 1, 2, 3, 4, 6, 8 e 9 foram as mesmas da maioria dos alunos Na atividade 5, para C17 haviam cenas no livro que retratavam situações de <i>bullying</i> e que a protagonista merecia o que fizeram com ela porque era pobre e negra. C17 achou a atividade 7 muito chata, mas entendeu o gráfico. Para C17 a atividade 11, referente a elaboração de um estatuto <i>antibullying</i> é desnecessária. C17 avaliou o teatro como bom e acredita que o praticante de <i>bullying</i> , apresentado no teatro, tem problemas que precisavam ser resolvidos	A prática de <i>bullying</i> diminuiu. O comportamento do agressor não mudou nada. Não há mais vítima de <i>bullying</i> em sala de aula. Os espectadores de <i>bullying</i> não têm feito nada para ajudar as vítimas. Nunca foi vítima de <i>bullying</i> em sala de aula e que nunca praticou <i>bullying</i> . Não assinalou nenhuma alternativa na questão 9 e na questão 10 disse que denunciaria para um adulto caso presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i> . Os professores da turma têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula, porém, conforme resposta de C17 os professores não ajudam a vítima de <i>bullying</i> quando percebem o fato. Acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e avaliou os trabalhos realizados como ótimos.

ALUNO C21				
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2	
Apresenta comportamento indisciplinado, regrado hora por brincadeiras, conversas, andando pela sala, hora parando para fazer as atividades propostas pela professora. Se referiu à aluna C18 em uma ocasião como “pirigueti” e em outra como “tiro de guerra”.	Tem dois ou três bons amigos. É maltratado por colegas de escola, o chamam por apelidos que ele não gosta e que isso ocorre uma ou duas vezes por mês no pátio do recreio, disse que fica triste ao ser maltratado, que contou para os colegas e que os que o maltratam não estudam na mesma sala dele. Declarou que maltrata colegas de escola, coloca apelidos uma ou duas vezes por mês no pátio do recreio, disse que sente satisfação ao maltratar e que os colegas que ele maltrata não estudam na mesma sala dele. Relatou já ter presenciado colegas praticando <i>bullying</i> várias vezes, disse que defendeu a vítima, que contou para um adulto e revelou que ficou triste ao presenciar o ocorrido. Conforme resposta de C21 os colegas que praticam <i>bullying</i> o fazem porque não são punidos.	Não participou das avaliações das atividades 3, 4, 6 e 10. Na atividade 1 respondeu que não sabe o que é <i>bullying</i> e na atividade 2 o conceituou como uma forma de violência repetitiva com desnível de poder. As avaliações feitas das atividades 5, 7 8, 9 e 11 por C21 foram as mesmas da maioria dos alunos Avaliou o teatro como bom e que o praticante de <i>bullying</i> , apresentado no teatro, tem problemas que precisavam ser resolvidos	A prática de <i>bullying</i> em sala de aula, não mudou nada, o agressor continua praticando <i>bullying</i> e as agressões sobre a vítima diminuíram, mas não acabaram Os espectadores de <i>bullying</i> têm ajudado as vítimas. Nunca foi vítima de <i>bullying</i> em sala de aula. Diminuiu a prática de <i>bullying</i> mas não parou e seu comportamento mudou porque agora ele tem mais conhecimento sobre as consequências dos seus atos Não tem mais medo de denunciar o agressor e não acha engraçado o comportamento dele; não colabora com ele e não tem mais medo de acontecer <i>bullying</i> com ele. Caso visse um colega sofrendo <i>bullying</i> , ajudaria a vítima. Os professores da turma têm percebido a prática de <i>bullying</i> e quando percebem, ajudam a vítima. Não acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e considerou que todos os trabalhos realizados foram bons.	

ALUNO C22			
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
Observou-se que C22 é um aluno extrovertido, conversa com todos os alunos da sala, brinca, tira sarro, anda pela sala, mexe com os alunos, volta a sentar-se em sua carteira e faz as atividades propostas pelos professores.	Tem mais de seis bons amigos. Não é maltratado Não maltrata colegas da escola. Relatou que já presenciou colegas praticando <i>bullying</i> várias vezes, que deu risada e achou engraçado. Conforme a opinião de C22 os colegas que praticam <i>bullying</i> o fazem porque querem ficar populares.	Não participou das avaliações das atividades 6, 7, 8, 10. Na atividade 1 respondeu que não sabe o que é <i>bullying</i> e na atividade 2 o conceituou como um ato de violência com desnível de poder. As avaliações de C22 das atividades 3, 4, 5 e 11 foram as mesmas feitas pela maioria dos alunos. C22 gostou da atividade 9, que se refere ao vídeo Exclução e disse que não há relações entre os fatos apresentados nos vídeos e casos de <i>bullying</i> . C22 avaliou o teatro como bom e acredita que o praticante de <i>bullying</i> , apresentado no teatro, tem problemas que precisavam ser resolvidos	A situação de <i>bullying</i> em sala de aula não mudou nada, o agressor continua praticando <i>bullying</i> e a vítima de <i>bullying</i> continua sendo vítima. Os espectadores têm ajudado as vítimas. Nunca foi vítima e nunca praticou <i>bullying</i> . Não tem mais medo de denunciar o agressor, não acha engraçado o comportamento dele e não tem mais medo de acontecer <i>bullying</i> com ele. Caso presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i> , ajudaria a vítima. Os professores da turma têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula e, quando percebem, ajudam a vítima. Acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e avaliou os trabalhos realizados como bons.

ALUNO D3				
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2	
Aluno com porte físico maior que os demais alunos da turma, possui tom de voz forte, fala alto. Apresenta comportamento indisciplinado, se impõe sobre os demais alunos e sobre os professores, ameaçando e intimidando, valendo-se de sua estatura e tom de voz, fato observado a partir de registros em que D3 aparece empurrando alunos menores que ele com o próprio corpo, gritando frases como: “- <i>You te pegar lá fora</i>”; “- <i>Eu te arrebeito muleque</i>” “- <i>Cala a boca piá, se não eu te arrebeito</i>.” ou “- <i>Sai da minha frente, se não eu faço picadinho de você</i>.” Para os professores, D3 disse frases como: “- <i>Você não manda em mim</i>.” “- <i>Eu faço o que eu quero</i>.”, conforme registros de observações. Não foi registrada a repetição destes comportamentos de D3 sobre uma mesma vítima, o que caracterizaria a prática de <i>bullying</i>.	Tem dois ou três bons amigos. Não é maltratado. Não maltrata colegas de escola. Declarou já ter presenciado colegas praticando <i>bullying</i> várias vezes, deu risada e não sentiu nada, porque são brincadeiras. Segundo resposta de D3 quem pratica <i>bullying</i> o faz porque quer ficar popular.	Não participou das avaliações das atividades 3, 5, 10, 11 e 12. Na atividade 1 respondeu que não sabe o que é <i>bullying</i>, na atividade 2 conceituou <i>bullying</i> como um ato de violência repetitiva. As avaliações feitas por D3 nas atividades 4 e 7 foram as mesmas da maioria dos alunos. Na avaliação da atividade 6, D3 disse que seus conhecimentos sobre <i>bullying</i> não aumentaram depois de ter participado desta atividade. Nas avaliações das atividades 8 e 9, D3 disse que não gostou dos vídeos assistidos. As mensagens das duas atividades foram as mesmas da maioria dos alunos.	O agressor diminuiu um pouco a prática do <i>bullying</i> em consequência, a prática de <i>bullying</i> diminuiu em sala de aula e as agressões sobre a vítima diminuíram, mas não acabaram. Os espectadores não têm feito nada. Nunca foi vítima de <i>bullying</i>. Não faz mais <i>bullying</i> com os colegas de escola e seu comportamento mudou porque agora ele sabe que <i>bullying</i> é crime. Não tem mais medo de denunciar o agressor, não acha engraçado o comportamento dele; não colabora com ele e não tem mais medo de acontecer <i>bullying</i> com ele.. Caso presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i>, não faria nada. Somente alguns professores da turma têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula e também somente alguns têm ajudado a vítima quando percebem o que está acontecendo. Não acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e avaliou os trabalhos como bons.	

ALUNO D5			
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
Durante nossas observações não foi registrado nenhum comportamento agressivo envolvendo este aluno. Em um dos dias de observações a professora regente da aula se aproximou da observadora e disse que D5 é o aluno “ <i>come quieto</i> ”, disse que D5 ataca os alunos que sentam próximos a ele sem fazer alardes. Observou-se que D5 apresenta semblante sério, mesmo envolvido em brincadeiras com colegas de turma, não sorri, mantém uma postura compenetrada, tom de voz baixo, porém firme.	Tem quatro ou cinco bons amigos. Declarou que é maltratado na escola, que o chamam por apelidos que ele não gosta, que isso ocorre uma ou duas vezes por mês na sala de aula sem a presença do professor. Disse que se sente indefeso, que ninguém o ajuda; contou para os familiares e os colegas que o maltratam estudam na mesma sala dele. Relatou que maltrata colegas, que coloca apelidos uma vez por semana no pátio do recreio. Sente tristeza ao maltratar os colegas e os que ele maltrata não estudam na mesma sala dele. Declarou que já presenciou colegas praticando <i>bullying</i> várias vezes, que pediu aos agressores para pararem e ficou com medo de acontecer com ele D5 acredita que os praticantes de <i>bullying</i> o fazem porque são maus.	Não participou das avaliações das atividades 5 e 10. Na atividade 1, D5 respondeu que não sabe o que é <i>bullying</i> e na atividade 2 conceituou <i>bullying</i> como um ato de violência repetitiva. As avaliações de D5 das atividades 3, 4, 6, 7, 8, 9 e 11 foram iguais as avaliações da maioria dos alunos. D5 avaliou o teatro como bom e acredita que o praticante de <i>bullying</i>, apresentado no teatro, tem problemas que precisavam ser resolvidos	A prática de <i>bullying</i> acabou na sala de aula, o agressor não pratica mais <i>bullying</i> e não há mais vítimas em sala de aula Os espectadores têm ajudado as vítimas. Não é mais vítima de <i>bullying</i> e não têm mais medo de denunciar o agressor. Afirmou que nunca praticou <i>bullying</i>. Não tem mais medo de denunciar o agressor, não acha engraçado o comportamento dele; não colabora com ele, não tem mais medo de acontecer <i>bullying</i> com ele. D5 denunciaria para um adulto caso visse um colega sofrendo <i>bullying</i>. Apenas alguns professores têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula e, quando percebem, ajudam a vítima. Acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e avaliou os trabalhos realizados como ótimos.

ALUNO D12

Este aluno foi indicado como agressor por um professor e ouvimos relatos de outros professores que ele seria uma vítima de *bullying*. Segundo relatos dos professores, da vice-diretora e da pedagoga, este aluno “*toma remédio controlado porque ele tem um transtorno de conduta*”, não foi informado que transtorno é este e nem qual o remédio que o aluno toma. Segundo as professoras, nos dias em que ele toma o remédio ele é a vítima e nos dias em que ele não toma remédios ele é o agressor.

Durante o período de observações, a pedagoga que acompanha o projeto nos chamou para conversar a respeito de D12; a pedagoga relatou que o aluno estava sendo agredido fora do colégio e que havia um grupo de cinco alunos que estava ameaçando de “*pegar*” o aluno D12 fora do colégio. A pedagoga chamou D12 e os alunos que o ameaçavam para uma conversa, cada qual em horários diferentes. Fomos convidados a observar o momento da conversa que ocorreu da seguinte forma: A pedagoga chamou primeiro o aluno D12 para conversar em uma sala onde só estavam presentes a pedagoga, D12 e nós. Durante todo o diálogo que se seguiu, D12 permaneceu apático, tínhamos dificuldades em escutar sua voz, que saía em tom muito baixo, seus olhos permaneceram o tempo todo semi-abertos e as respostas dadas as perguntas feitas pela pedagoga eram sempre diretas e resumidas. D12 resumiu em poucas palavras que o grupo sempre o atacava fora do colégio, que o empurravam para o meio da rua quando vinha um carro. A pedagoga finalizou a conversa dizendo a D12 que iria tomar providências e solicitou a D12 que não provocasse os grupos, pois estes haviam reclamado de que D12 sempre os provocava.

Na conversa com o grupo, todos foram chamados para conversar em um mesmo momento na mesma sala onde foi atendido D12. O grupo era composto por 5 alunos, 3 deles pertenciam a turma de D12, eram eles D5, D23 e D33 e dois eram de outras turmas de séries diferentes. O grupo alegou que D12 sempre os provocava, que ficava fazendo “*creu*” em suas nádegas. A pedagoga explicou a situação de D12, falou sobre seus problemas de saúde e solicitou ao grupo que parassem de agredir D12. A conversa foi finalizada com todos se comprometendo a parar desde que D12 também parasse de os provocar

PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
Das 7 aulas observadas, D12 faltou em uma aula, em duas aulas observadas, o aluno D12 apresentou comportamento inquieto, saía constantemente de sua carteira, se dirigia aos colegas próximos e mexia nos cabelos deles, dava tapas na nuca dos colegas, fazia movimentos imitativos ao ato sexual. Em uma ocasião, D26 reclamou para a professora dizendo: “ – Professora, eu vou arrebrantar esse muleque, ele	Tem dois ou três bons amigos. Declarou que não é maltratado e que não maltrata colegas de escola. Disse que nunca presenciou colegas praticando <i>bullying</i> e que os colegas que praticam <i>bullying</i> o fazem por diversão.	Não participo das avaliações das atividades 5 e 10. As avaliações feitas por D12 às atividades 1, 2, 6, 9, 11 e 12. D12 respondeu que o objetivo da atividade 3 foi se divertir e tirar nota na disciplina de Artes. D12 considerou que os cartazes produzidos vão passar informações e isto ajuda a combater o <i>bullying</i> na escola. D12 disse que não gostou de ter	A prática de <i>bullying</i> em sala de aula diminuiu só um pouco, porque o agressor diminuiu só um pouco as agressões cometidas, portanto as agressões sobre a vítima diminuíram, mas não acabaram. Os espectadores de <i>bullying</i> têm ajudado a vítima Relatou que o <i>bullying</i> praticado contra ele diminuiu mas não acabou e que não tem mais medo de denunciar.

<i>fica fazendo creu na minha bunda.</i>” Em um momento, D12 simula uma masturbação dentro da sala de aula na presença dos demais colegas de turma. Em quatro aulas observadas D12 apresentou comportamento apático, falou pouco, não saiu de sua carteira. Neste dia os alunos D15 e D23 vão até a carteira dele, dão tapas em sua nuca, socos em suas costas e o aluno D15 o chama de filho da puta.		participado da atividade 4 e que não é possível transmitir uma mensagem <i>antibullying</i> por meio desta atividade. D12 disse que não gostou de ter participado da atividade 7, mas entendeu o gráfico. D12 disse que não gostou da atividade 8, a mensagem entendida foi a mesma entendida pela maioria dos alunos	Afirmou, em uma questão, que nunca praticou <i>bullying</i> e respondeu em outra questão que o seu comportamento não mudou, que continua praticando <i>bullying</i> do mesmo jeito. Não tem mais medo de denunciar o agressor, não acha engraçado o comportamento dele, não colabora com ele e não tem mais medo de acontecer <i>bullying</i> com ele Caso presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i>, denunciaria para um adulto. Para D12, os professores da turma têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula, mas somente alguns, quando percebem o fato, ajudam a vítima. Acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e avaliou os trabalhos realizados como ótimos.

ALUNO D30			
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
A aluna apresentou comportamento indisciplinado. Provoca os meninos, bate com a palma das mãos nas costas dos meninos e sai correndo. Constantemente se envolve em discussões com os meninos e reclama para a professora sobre as ofensas que os meninos proferem a ela. Revida com xingamentos e palavrões.	Tem dois ou três bons amigos. Relatou que é maltratada por colegas de escola, que a chamam por apelidos que não gosta na frequência de uma ou duas vezes por mês na sala de aula na presença do professor. Não sente nada ao ser maltratada, contou para os familiares e os colegas que a maltratam estudam na mesma sala dela. Revelou que maltrata colegas de escola, que coloca apelidos, dá socos, pontapés e empurões uma ou duas vezes por mês na sala de aula sem a presença do professor. Disse que sente raiva dela mesmo ao maltratar e que os colegas que maltrata estudam na mesma sala dela. Declarou que já presenciou por várias vezes colegas praticando <i>bullying</i>, que deu risada, não fez nada e achou engraçado. D30 acredita que os colegas que praticam o <i>bullying</i> o fazem porque querem ficar populares, porque são maus, por diversão, porque se acham melhores que os outros e porque os adultos ignoram o <i>bullying</i>.	Não participou das avaliações das atividades 5 e 10. Na atividade 1 respondeu que não sabe o que é <i>bullying</i> e na atividade 2 conceituou <i>bullying</i> como um ato de violência repetitiva. As avaliações das atividades 3, 4, 6, 8, 9, 11 e 12 feitas por D30 foram as mesmas feitas pela maioria dos alunos. D30 respondeu, na avaliação da atividade 7, que adorou fazer esta atividade e que entendeu o gráfico.	A prática de <i>bullying</i> na sala de aula diminuiu só um pouco, o agressor diminuiu um pouco as agressões e estas diminuíram sobre a vítima, mas não acabaram. Os espectadores têm ajudado as vítimas. Nunca foi vítima e nunca praticou <i>bullying</i>. Não tem mais medo de denunciar o agressor; não acha engraçado o comportamento dele e continua tendo medo de acontecer <i>bullying</i> com ela. Caso presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i>, denunciaria o caso para um adulto. Os professores da turma não têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula, mas só alguns ajudam a vítima quando percebem o fato. D30 não acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e avaliou os trabalhos realizados como ótimos.

ALUNO E5			
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
Apresenta comportamento indisciplinado. Em todas as situações de zombarias ocorridas na turma nos momentos em que ocorreram as observações E5 se fez presente com comentários pejorativos, completando a zombaria, ressaltando determinada característica do aluno que estava sendo zombado. Registramos o aluno E5 chamando o aluno E7 de Haiti, chamando o aluno E12 de fedido e chamando o aluno E26 de chinês.	Tem quatro ou cinco bons amigos. Declarou que é maltratado, o chamam por apelidos que ele não gosta várias vezes por semana na sala de aula na presença do professor. Disse que se sente magoado ao ser maltratado, que contou para a direção escolar e que os colegas que o maltratam estudam na mesma sala dele. Revelou que maltrata colegas de escola, não respondeu sobre a forma que maltrata, mas disse que maltrata uma ou duas vezes por mês no pátio do recreio. Sente tristeza ao maltratar e os colegas que maltrata estudam na mesma sala dele. Relatou já ter presenciado por várias vezes colegas praticando <i>bullying</i>, disse que pediu aos colegas para pararem e que ficou triste ao presenciar o ocorrido. E5 acredita que quem pratica <i>bullying</i> o faz porque quer ficar popular.	Não participou das avaliações das atividades 8, 9 e 10. Nas atividades 1, 2, 4, 5, 6, 7 e 11 a avaliação feita foi a mesma que a maioria dos alunos fizeram. Na avaliação da atividade 3, para E5 os objetivos da atividade foram se divertir, tirar nota na disciplina de Artes e transmitir informações sobre <i>bullying</i> e considera que os cartazes produzidos vão passar informações e isto ajuda a combater o <i>bullying</i> na escola. E5 avaliou o teatro como sendo bom e acredita que o praticante de <i>bullying</i>, apresentado no teatro, tem problemas que precisavam ser resolvidos	A prática de <i>bullying</i> diminuiu porque o agressor diminuiu um pouco as agressões cometidas, portanto as agressões sobre a vítima diminuíram, mas não acabaram. Os espectadores não têm feito nada. Não é mais vítima de <i>bullying</i> e agora confia mais nele mesmo. Não pratica mais <i>bullying</i> com os colegas de escola e seu comportamento mudou porque agora sabe que <i>bullying</i> é crime Não tem mais medo de denunciar o agressor, não acha engraçado o comportamento dele, não colabora com o ele e não tem mais medo de acontecer <i>bullying</i> com ele. Caso presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i>, ajudaria a vítima e pediria para o agressor parar. Alguns professores da turma têm percebido a prática de <i>bullying</i> e quando percebem, ajudam a vítima. Não acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e avaliou os trabalhos realizados como péssimos.

ALUNO E13

PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
Aluno com porte físico maior que os demais alunos da turma, apresenta comportamento indisciplinado, tumultuando a aula; mexe com todos os alunos da turma, fala em tom de voz alto, não respeita os professores. Chamou o aluno E3, em duas ocasiões, de calçair, calcinhair e alçair e chamou o aluno E23 de coelho em duas ocasiões dizendo : “O coelho, vê se fica quieto se não eu te arrebento.”, em outra ocasião chamou o aluno E23 de orelhudo e chamou o aluno E7 de Haiti em duas ocasiões.	Não respondeu ao questionário 1	Não participou das avaliações das atividades 2 e 10. Nas atividades 1, 3, 4, 5, 8, 9, 11 e 12 as avaliações feitas por E13 foram iguais as da maioria dos alunos. Para E13, na avaliação da atividade 6, seus conhecimentos sobre <i>bullying</i> não aumentaram depois de ter participado desta atividade. E13 disse que adorou fazer a atividade 7 e que entendeu o gráfico. E13 participou do teatro como ator, disse que gostou de ter participado, que seus conhecimentos sobre <i>bullying</i> aumentaram e que sua participação promoveu mudanças em seu comportamento, não descreveu quais foram estas mudanças.	A prática de <i>bullying</i> diminuiu só um pouco porque o agressor diminuiu um pouco as agressões cometidas, as agressões sobre a vítima diminuíram, mas não acabaram Os espectadores têm ajudado a vítima. Nunca foi vítima de <i>bullying</i>. Não faz mais <i>bullying</i> com os colegas de escola e seu comportamento mudou porque agora tem mais conhecimento sobre as consequências dos seus atos. Não tem mais medo de denunciar o agressor; não acha engraçado o comportamento dele, não colabora com ele e não tem mais medo de acontecer <i>bullying</i> com ele. Caso presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i>, ajudaria a vítima e denunciaria o caso para um adulto. Os professores da turma têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula e quando percebem ajudam a vítima Acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e considera que todos os trabalhos realizados foram bons.

ALUNO E18

PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
Apresenta comportamento indisciplinado, regrado hora por brincadeiras, conversas, andando pela sala, hora fazendo as atividades propostas pela professora. Em uma ocasião chamou E12 de fedido.	Tem mais de seis bons amigos. Declarou ser maltratado de outras formas que não as citadas no questionário, uma a duas vezes por mês na sala de aula na presença do professor. Não sente nada ao ser maltratado, contou para o professor e os colegas que o maltratam estudam na mesma turma. Assumiu que maltrata colegas de escola de outras formas que não as citadas no questionário, uma vez por semana na sala de aula na presença do professor. Não sente nada ao maltratar e os colegas que maltrata estudam na mesma turma que ele. Já presenciou por várias vezes os colegas praticando <i>bullying</i>, não fez nada, mas ficou com medo de acontecer com ele. Acredita que os praticantes de <i>bullying</i> o praticam porque se acham melhores que os outros.	Não participou das avaliações das atividades 4, 6 e 10. Nas atividades 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 11 as avaliações feitas por E18 foram as mesmas feitas pela maioria dos alunos. E18 avaliou o teatro como bom e acredita que o praticante de <i>bullying</i>, apresentado no teatro, tem problemas que precisavam ser resolvidos	A prática de <i>bullying</i> diminuiu só um pouco porque o agressor diminuiu um pouco as agressões cometidas, portanto as agressões sobre a vítima diminuíram, mas não acabaram. Os espectadores não têm feito nada. Nunca foi vítima e nunca praticou <i>bullying</i>. Não tem mais medo de denunciar o praticante de <i>bullying</i>; não acha engraçado o comportamento dele, não colabora com ele e não tem mais medo de acontecer <i>bullying</i> com ele. Caso presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i>, não faria nada. Somente alguns professores da turma têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula e quando percebem, ajudam a vítima. Não acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e considera que todos os trabalhos realizados foram bons.

ALUNO E19			
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
Aluno que apresenta comportamento indisciplinado, não atende as solicitações dos professores, como por exemplo, fazer as atividades, pegar o material escolar, sentar-se em sua carteira. Em uma ocasião chamou o aluno E26 de chapelão e bóia-fria.	Não respondeu ao questionário 1.	Não participou das avaliações das atividades 3 e 10. Nas atividades 1, 2, 4, 5, 6 as avaliações feitas por E19 foram as mesmas feitas pela maioria dos alunos. Na avaliação da atividade 7, E19 respondeu que adorou fazer esta atividade e que entendeu o gráfico. Na avaliação das atividades 8 e 9, E19 respondeu que não gostou dos vídeos. A mensagem que E19 entendeu da atividade 8 e que sempre haverá pessoas falando mal de nós e devemos ouvir o que eles falam. Na avaliação da atividade 9, E19 respondeu que há relações entre os fatos apresentados nos vídeos e casos de <i>bullying</i>. Na avaliação da atividade 11, E19 respondeu que a elaboração de um estatuto <i>antibullying</i> é desnecessária. Avaliou o teatro como péssimo e acredita que o praticante de <i>bullying</i>, apresentado no teatro, tem problemas que precisavam ser resolvidos	A prática de <i>bullying</i> acabou na sala de aula, o agressor não pratica mais <i>bullying</i> e não há mais vítima em sala de aula Os espectadores não têm feito nada. Não é mais vítima de <i>bullying</i> e agora confia mais nele mesmo. Não faz mais <i>bullying</i> com os colegas de escola e seu comportamento mudou porque agora tem mais conhecimento sobre as consequências dos seus atos. Não tem mais medo de denunciar o agressor; não acha engraçado o comportamento dele, não colabora com ele e não tem mais medo de acontecer <i>bullying</i> com ele. Caso presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i>, não faria nada Os professores da turma têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula e apenas alguns, quando percebem o fato, têm ajudado a vítima Não acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e considerou que todos os trabalhos realizados foram bons.

ALUNO E24			
PRIMEIRA FASE OBSERVAÇÕES	SEGUNDA FASE QUESTIONÁRIO 1	TERCEIRA FASE ATIVIDADES	QUARTA FASE QUESTIONÁRIO 2
Aluno que apresenta porte físico maior que a maioria dos alunos da turma, apresenta comportamento indisciplinado, fala em tom de voz alta, não respeita os professores e os colegas de turma, comportamento que se evidencia quando E24 se recusa a atender as solicitações dos professores respondendo-os com sarcasmo e palavrões; em relação aos colegas de turma, E24 profere palavrões generalizados, empurra e dá socos em alunos que estão próximos a ele. Chamou o aluno E7 de Haiti em uma ocasião.	Tem dois ou três bons amigos. Disse que não é maltratado na escola. Revelou que maltrata colegas de escola, que coloca apelidos, não respondeu quanto a frequência. Disse que o maltrato praticado ocorre no pátio de recreio; não sente nada ao maltratar e os colegas que maltrata não estudam na mesma sala dele. Declarou já ter presenciado por várias vezes colegas praticando <i>bullying</i>, disse que deu risada, que achou engraçado. E24 acredita que quem pratica <i>bullying</i> o faz por diversão.	Não participou das avaliações das atividades 7, 10. Atividade 1 e 2: não sabe o que é <i>bullying</i> e o conceituou como um programa para controlar a violência. Atividade 3: o objetivo foi tirar nota na disciplina e os cartazes vão enfeitar o colégio e ninguém vai prestar atenção nas mensagens. Atividade 4: não gostou e é possível transmitir uma mensagem <i>antibullying</i> por meio desta atividade. Atividade 5: haviam cenas no livro que retratavam situações de <i>bullying</i> e a protagonista merecia o que fizeram com ela porque era pobre e negra. Atividade 6: seus conhecimentos sobre <i>bullying</i> não aumentaram. Atividades 8 e 9: não gostou dos vídeos, a mensagem entendida foram as mesmas entendidas pela maioria. Atividade 11: elaboração do estatuto é desnecessária. Atividade 12: teatro foi péssimo e a mensagem entendida foi a mesma da maioria.	O clima em sala de aula quanto a prática de <i>bullying</i> não mudou nada, o comportamento do agressor não mudou nada e as agressões sobre a vítima diminuíram mas não acabaram. Os espectadores têm ajudado os agressores. Nunca foi vítima de <i>bullying</i> em sala de aula. Continua praticando <i>bullying</i> do mesmo jeito e seu comportamento não mudou. Continua achando engraçado o comportamento do praticante de <i>bullying</i> e colabora com ele, Caso presenciasse um colega sofrendo <i>bullying</i>, ajudaria o agressor. Os professores da turma têm percebido a prática de <i>bullying</i> em sala de aula, porém não ajudam a vítima quando percebem o fato Não acredita que as atividades realizadas pelos professores em sala de aula ajudaram a diminuir a prática de <i>bullying</i> e avaliou os trabalhos realizados como ruins.

ANEXOS

ANEXO A

Parecer do Comitê de Ética



Unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Fone: (0xx14) 3402-1346

Fone: (0xx14) 3422-1302

www.marilia.unesp.br/cepe-mail: cep@marilia.unesp.br

Parecer do Projeto nº. 1650/2009

IDENTIFICAÇÃO

1. Título do Projeto: BULLYING ESCOLAR: DESENVOLVENDO HABILIDADES NOS EDUCADORES PARA A PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO
2. Pesquisador Responsável: Orientador(a) MARIA DE LOURDES MORAES Horiguela e Orientando(a) IVONE PINGOELLO
3. Instituição do Pesquisador: Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP/Marília
4. Apresentação ao CEP: 20/10/2009
5. Apresentar relatório em: Semestralmente durante a realização da pesquisa.

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Desenvolver habilidades antibullying em educadores como método para a prevenção e intervenção do bullying escolar. Objetivos Específicos: Investigar a realidade em sala de aula no que se refere à existência do bullying escolar com questionários para os educadores e alunos, observação em sala de aula e aplicação de teste sociométrico; Realizar reuniões com os educadores onde serão discutidos os temas, objetivos, técnicas e estratégias de desenvolvimento de habilidades antibullying; Realizar reuniões com os alunos para esclarecimentos sobre o bullying e suas consequências; Ministrar Aulas de Interação Social aos alunos reincidentes encaminhados pelos educadores; Mediar a aplicação da Justiça Restaurativa em casos reincidentes de bullying; Disponibilizar site na internet para denúncias de casos de bullying bem como oferecer, por meio do site, material de apoio para estudos aprofundados sobre o bullying e suas consequências; Avaliar os trabalhos realizados por meio de questionários e relatos dos educadores.

SUMÁRIO DO PROJETO

O objetivo deste trabalho é desenvolver habilidades que levem os educadores a intervir de forma segura no controle e prevenção do bullying escolar, espera-se que todos os participantes desenvolvam comportamentos relacionados à prevenção do bullying bem como medidas a serem tomadas quando constatado sua existência. Os participantes serão alunos de uma turma de 6ª série do ensino fundamental de uma escola pública e os educadores envolvidos com a turma. A metodologia consiste em palestras, reuniões, observação em sala de aula, aplicação de questionários e teste sociométrico. Os temas abordados serão os conceitos, formas e aplicação da: Análise das necessidades; Análise Comportamental e Análise das Contingências; Escuta ativa e Mediação; Sanção por reciprocidade e Justiça Restaurativa.

COMENTÁRIO DO RELATOR

O projeto de pesquisa, em análise, apresenta uma sólida constituição, dentro dos padrões de rigor acadêmico-científico. Justifica-se, pois o bullying escolar tem sido um problema de caráter internacional, que prejudica as atividades escolares. A metodologia de execução está adequada aos objetivos propostos. O cronograma de execução é viável, bem como a escolha de participantes. A bibliografia é pertinente. Todos os responsáveis pelos envolvidos no trabalho assinarão o termo de consentimento livre e esclarecido e serão eticamente respeitados.

PARECER FINAL

O CEP da FFC da UNESP após acatar o parecer do membro relator previamente aprovado para o presente estudo e atendendo a todos os dispositivos das resoluções 196/96 e complementares, bem como ter aprovado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido como também todos os anexos incluídos na pesquisa resolve aprovar o projeto de pesquisa supracitado

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES**DATA DA REUNIÃO**

Homologado na reunião do CEP da FFC da Unesp em 2/12/2009

Dr. Edvaldo Soares

Presidente do CEP

Prof.ª Dr.ª Mariângela Spotti Lopes Fujita

Diretora da FFC

ANEXO B

Autorização da Escola

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a realização da pesquisa institucional intitulada *Desenvolvendo Habilidades nos Educandos para a prevenção e intervenção* neste Estabelecimento de Ensino, cujos trabalhos serão desenvolvidos pela Doutoranda **Ivone Pingoello** com orientação da Doutora **Maria de Iurdes Morales Horiguela** no ano letivo de 2010. Declaro estar ciente dos aspectos que envolvem os trabalhos de coleta de dados e as formas de divulgação dos resultados obtidos.

19 de outubro de 2009.



ANEXO C

Texto para o 5º encontro com os professores

Módulo B: Un enfoque escolar integral (EEI)
Unidad B2: Cómo insertar el enfoque escolar integral (EEI):
El desafío de su implantación*
 Anne Sofie Samuelsen y Sigrun K. Ertesvåg
 Noruega

Traducción de AM Consultores. Encargados de proyecto: Alberto Blanco y María Dolores Rodríguez

Resumen del pensamiento y conocimiento actuales sobre cómo insertar el EEI

[...]*

La implantación del EEI contra la violencia escolar exige un proceso de aprendizaje que no puede sacarse de contexto. Actualmente, vivimos en una compleja sociedad del conocimiento que exige tener ciudadanos formados que puedan aprender continuamente y trabajar en un entorno de diversidad.

Esta complejidad implica cambio, y especialmente, un cambio rápido, impredecible y no lineal en nuestras organizaciones y en nuestro mundo.

Estos cambios no son fáciles de controlar; se necesitan distintas formas de pensar sobre el cambio que los enfoques convencionales no han permitido.

Como consecuencia de ello, las escuelas deben convertirse en “organizaciones que aprenden”¹, si no, no conseguirán sobrevivir como organizaciones creadoras de conocimiento (Fullan, 2001).

Estos cambios sociales suscitan la cuestión de cómo cultivar y mantener el aprendizaje en unas condiciones de cambio complejo y rápido. Las escuelas están empezando a descubrir que las nuevas ideas, la creación y el intercambio del conocimiento son aspectos esenciales para resolver problemas de aprendizaje en esta sociedad cambiante a un ritmo vertiginoso.

La mayoría de las organizaciones, escuelas y otras entidades ha realizado una gran inversión en tecnología e incluso posiblemente en formación, pero apenas en el intercambio y la creación de conocimiento; y cuando intentan compartir y utilizar nuevos conocimientos, les resulta extremadamente complicado. Por ejemplo, la identificación de las mejores prácticas se consigue bastante bien, pero a la hora de transmitir y utilizar el conocimiento, las escuelas pocas veces tienen éxito.

Según Fullan (2001) la implantación consiste en el proceso de llevar a la práctica una idea, un programa o un grupo de actividades y estructuras que son nuevos para las personas que intentan o esperan cambiar. Este proceso ha demostrado ser todo un reto y la investigación muestra que las escuelas no se comportan como organizaciones racionales que responden de la forma prevista frente a iniciativas de cambio (p. ej. Cuban, 1999; Reynolds, Teddlie,

Hopkins, y Stringfield, 2000). Al contrario, en las escuelas la forma de pensar y la ejecución real de los proyectos de mejora son totalmente diferentes (p. ej. Hargreaves, 2001; Hopkins y Reynolds, 2001). La innovación consta de tres fases: iniciación, implantación e institucionalización. Esta unidad se centrará principalmente en la implantación y, en cierta medida, en la iniciación.

El mayor problema al que se enfrentan las escuelas es la fragmentación y la sobrecarga. El esfuerzo necesario para desarrollar el programa se entiende que influye en el proceso de cambio (Hargreaves, 2001; Midthassel y Ertesvåg, 2006). Asimismo, la falta de coherencia y cohesión, con pocas oportunidades para la reflexión y el desarrollo de conocimiento colectivo, supone un desafío para la implantación de un enfoque integral de la violencia escolar por parte del centro. Con un contenido estratégico y un desarrollo de conocimiento organizativo a corto y largo plazo, las escuelas pueden superar este problema. El objetivo es crear culturas en las que florezcan la innovación y la mejora continua.

[...]*

Organizaciones que aprenden

El concepto de “organización que aprende” es la respuesta a la complejidad de la sociedad y a los rápidos cambios de la demanda y las tareas de las escuelas de hoy en día. El conocimiento “caducado” constituye un problema en una sociedad sometida a rápidos cambios. Existen continuas exigencias de reajuste, y el conocimiento y las soluciones válidas tienen una vida limitada. Son necesarias “organizaciones/escuelas que aprenden” y “profesores que aprenden”. Una “escuela que aprende” es una escuela en continuo cambio y creadora de conocimiento. Una “organización que aprende” es una organización en desarrollo.

Las escuelas cambiarán continuamente, porque nunca serán lo “suficientemente buenas”. Siempre tendrán un potencial de desarrollo basado en exigencias y desafíos cambiantes. Las soluciones, en la mayoría de las ocasiones, tienen una aplicación limitada; son necesarias nuevas formas de enfocar la creación del conocimiento. Por tanto, la escuela que no cambia con su contexto está en peligro de estancamiento. Siempre habrá posibilidad de mejorar y las escuelas experimentarán cambios contextuales que exijan cambios continuos.

Las organizaciones que aprenden lo hacen a nivel individual, grupal y organizativo. Por ello, las escuelas necesitan estar organizadas de forma que presten atención a los procesos de aprendizaje de los profesores. El cambio puede tener lugar en muchos niveles, por ejemplo, el profesor, el equipo docente, la escuela o el distrito escolar.

Nivel individual – Combinando la observación en el aula y el apoyo entre iguales, los profesores pueden aprender unos de otros. Por ejemplo, los profesores experimentados pueden “adoptar” a profesores menos experimentados, o la dirección del centro puede dividir al profesorado en parejas para que trabajen en procesos de aprendizaje mutuo.

Nivel grupal – A menudo, los profesores trabajan en grupos. Mediante la introducción de diversos métodos (p. ej. Munthe y Midthassel, 2001; Radford, 2000) que aporten tiempo y oportunidad para reflexionar acerca de diversos problemas y aumentar la capacidad de aprendizaje a nivel grupal. Además, el resultado podría ser el desarrollo de una visión compartida de la violencia escolar y un acuerdo intersubjetivo entre el profesorado.

Nivel organizativo – El aprendizaje organizativo implica un aprendizaje estático y activo. La memoria organizativa estática es un documento escrito que la escuela, como organización, ha tomado como válida (Kim, 1993). A menudo, al profesorado le resulta difícil concretar un plan por sí mismo. Una de las razones podría ser que ningún valor o ninguna filosofía compartida sobre la violencia escolar a nivel escolar, grupal e individual aporta motivos para desarrollar el plan; cada miembro del profesorado no ha integrado la idea en su propio pensamiento y no existe un acuerdo intersubjetivo entre el profesorado. Una memoria organizativa activa se refiere a acciones de las que se ocupa

generalmente la sociedad educativa y que son practicadas por todos, o casi todos los miembros del profesorado. A menudo, la memoria activa se considera valiosa en toda la organización. Una escuela que aprende tiene como objetivo desarrollar una memoria organizativa activa; para conseguirlo, es necesario un plan de acción, tener un enfoque estratégico en el desarrollo del conocimiento.

[...]*

Análisis de carencias

Uno de los desafíos importantes de las escuelas y distritos escolares en el desarrollo de una “organización que aprende” es saber qué conocimiento desarrollar. El primer paso es la realización del análisis de carencias, que evalúa la diferencia entre la situación actual y la deseada, con el habitual objetivo de establecer cómo pasar de un estado a otro. Según Irgens (2004), una escuela que aprende necesita tener en cuenta los pasos siguientes:

1. Tras planificar las tareas y obligaciones del centro, la organización realiza una evaluación de la competencia de cada uno de los miembros del profesorado y de la organización en conjunto.

2. Asimismo, la organización debe planificar las futuras tareas y obligaciones. Es posible que exista una distancia entre lo que la escuela debe conocer en el futuro y lo que conoce en ese momento.

Basándose en un plan estratégico de conocimiento y capacidades, la escuela puede identificar en qué medida están alineadas sus diversas categorías existentes de conocimiento con sus necesidades estratégicas. El resultado es un conjunto de áreas potenciales de falta de conocimiento.

3. A continuación, la escuela debe desarrollar un plan y establecer el conocimiento que debiera desarrollarse o adquirirse para cubrir la falta de conocimiento. En este caso se pueden elegir varios enfoques. Por ejemplo, el desarrollo de conocimiento entre el profesorado o la contratación de nuevas personas con la competencia necesaria.

La estrategia de conocimiento describe el enfoque general que la escuela pretende adoptar para alinear sus recursos de conocimiento y capacidades con las exigencias intelectuales de su estrategia. La estrategia de conocimiento, y no menos importante, la estrategia de innovación que la escuela elija influirá en la calidad educativa que ofrezca a los alumnos en el futuro. Además, una mayor concienciación respecto de la elección de la estrategia puede producir beneficios económicos nada desdeñables debido a la mayor eficacia del trabajo o a que mayor número de problemas reciben solución a nivel escolar. Aún más, puede aumentar la motivación y satisfacción entre el profesorado, ya que los docentes se enfrentan a desafíos para los que están más que preparados. Se profundizará más sobre este tema en las Unidades D1 y D2.

[...]*

Resistencia y barreras

Cuatro tipos de barreras en los procesos de cambio en la escuela

- o Barreras psicológicas

- o Barreras prácticas

- o Barreras de valores y poder

La implantación de una nueva idea en la escuela conduce a menudo a una resistencia y a unas barreras a las que hay que enfrentarse de una forma u otra (Samuelsen, en prensa). Además de tiempo y esfuerzo, el miedo al cambio es una de las barreras más

importantes para la implantación con éxito. Se han identificado numerosas barreras, pero aquí se presentan cuatro de ellas: barreras psicológicas, barreras prácticas y barreras de valores y poder (Skogen, 2004).

El conocimiento de la resistencia y las barreras es fundamental para conseguir una implantación exitosa. Casi todas las organizaciones tienen mecanismos de autoconservación, de resistencia frente a los cambios y de mantenimiento de la organización actual. Todas las organizaciones desarrollan su propio funcionamiento; algunas de las normas y rutinas se fundamentan en documentos escritos y otros medios de acción y normas son informales, no están escritas y son más inconscientes. Sin embargo, éstas guían a las personas de la organización y su comportamiento. A la hora de cambiar la forma de actuar en una escuela, el innovador puede encontrarse con resistencia. Los individuos de dentro o fuera de la escuela no lo aprobarán, trabajarán contra el cambio, sabotearán o retrasarán el proceso de cambio de prácticas válidas. De este modo, la resistencia puede ocurrir de forma activa, de forma velada, o no participativa (Skogen, 2004). A continuación, prestaremos atención a un modelo de barreras aportado por Morrison (2002):

Barreras psicológicas

Aparte de la barrera psicológica de “no se ha hecho así nunca”, hay otras como la desconfianza, el miedo al cambio, el sentimiento de culpa, la necesidad de aprobación y el deseo de poder, así como el miedo a hacer el ridículo ante los iguales. De este modo, las barreras psicológicas son un fenómeno de la psique humana que actúan como resistencia. El conocimiento de estos fenómenos es vital para dirigir un proceso de cambio. La creación de un contexto de seguridad es clave para el éxito de estos procesos.

[...]*

Barreras prácticas

Las barreras prácticas tienen un carácter más concreto que las psicológicas. Algunos ejemplos en las escuelas son el tiempo, los recursos, y los objetivos y sistemas poco definidos.

El factor tiempo

El tiempo es esencial para trabajar con el cambio. Es fácil olvidar que el cambio necesita tiempo. Siempre surgen problemas no anticipados cuando se planean y llevan a cabo los cambios. El cambio también depende de la información, el acceso al conocimiento experto y la medida en que afecta a cada participante. Cuando se dirige un proceso de cambio, es vital una organización en la que las personas tengan tiempo suficiente para llevar a cabo sus actividades en el proceso. Asimismo, es importante que los grupos del profesorado tengan tiempo suficiente para reflexionar juntos y debatir cuando sea necesario. Es de gran ayuda elaborar un plan de acción.

Recursos

En la planificación y realización de la implantación hay que ocuparse de los recursos profesionales y económicos. Si la innovación origina una reorganización a gran escala, será necesario ocuparse de la financiación externa. En los presupuestos anuales normalmente hay recursos para proyectos, pero nunca ha habido suficientes recursos financieros para lograr mejoras en el trabajo habitual. Los recursos profesionales son tan importantes como los financieros. En otras palabras, pocas veces se necesita sólo uno u otro recurso, sino una combinación de ambos.

Objetivos poco claros

Las personas tienen diferentes capacidades de percepción y distintos puntos de referencia. Esto contribuye a que exista una comprensión diferente de las intenciones o metas de las innovaciones, lo que puede representar un desafío para realizar el trabajo.

Barreras del sistema

La estructura de la organización puede constituir a menudo una barrera para realizar y resolver nuevas tareas y problemas.

[...]*

Barreras de valores y poder

Las barreras de valores y poder están relacionadas, y para muchos son las más importantes en el trabajo con el cambio. Estas barreras pueden ser negativas o positivas dependiendo de su fundamento en valores. Aceptémoslo, trabajar con el cambio puede ser positivo en lugar de negativo.

Barreras de valores

Para algunos, los valores, normas, tradiciones y cultura de una innovación les serán conocidos y familiares. Para otros, serán contrarias a su sistema de creencias. A menudo se utiliza el poder y la autoridad para defender los valores. Por tanto, es difícil separar los barreras de valores y poder.

Barreras de poder

Es importante entender las posiciones de poder dentro de las organizaciones y sistemas sociales, y denunciar el uso indebido del poder. El problema es que las personas situadas en posiciones de poder manipulan la situación para su beneficio personal. El poder puede ser difícil de definir y ver. En las organizaciones los líderes a menudo ostentan el máximo poder; el nivel de poder a menudo depende de la relación entre las personas o los grupos, y a su vez del nivel de poder entre estos. Las personas en posiciones subordinadas pueden identificar el poder más fácilmente, porque lo sienten, que las personas en posiciones de poder.

Adquirir poder como líder del cambio supone una ventaja, porque se consigue más fácilmente la atención para ideas y metas, y más control de varias partes del proceso de toma de decisiones. Es necesario alcanzar los objetivos y cuidar los valores en la obtención de poder. El aspecto negativo de estar al mando es la crítica, la actuación con responsabilidad y la gestión del poder con ética. Las personas con poder y las que lo buscan pueden suponer barreras a la innovación, si sus ventajas personales, profesionales o económicas se ven amenazadas o reducidas como resultado de la innovación (Skogen, 2004).

Resolver las barreras psicológicas.

Tratar la inseguridad de las personas y los sistemas

o Identificar condiciones contextuales

o Consulta individual

o Información, información y más información

En un proceso de innovación es especialmente importante preocuparse por los sentimientos de seguridad e inseguridad de las personas.

La reducción de las barreras psicológicas individuales y del sistema mediante la observación de los recursos temporales, económicos, profesionales y sociales de la organización es crucial. La identificación de barreras psicológicas a nivel del sistema puede reducir las barreras psicológicas a nivel individual.

La información que proporcionen los miembros del personal respecto a sus experiencias de inseguridad ayudará a tratarla. Puede ser necesario realizar una consulta individual para reducir el nivel de inseguridad de los miembros del equipo. Es importante aportar a

las personas un sentimiento de seguridad a través de la información. Nunca sobra información por más que se aporte; de ahí que la información sobre lo que ocurrirá y las consecuencias a nivel organizativo e individual sean importantes (Skogen, 2004).

Resolver las barreras prácticas

Prevenir las barreras prácticas

- o Tiempo
- o Recursos
- o Metas ambiguas
- o Sistema

Tiempo

Cuando se planifican innovaciones es importante ser generoso con los recursos temporales. Advierta a los participantes en la innovación de que siempre surgen problemas imprevistos durante este tipo de trabajo; es imposible preverlos durante la planificación. Es vital la prevención de la resistencia al cambio que puede influir en los recursos temporales, así como otras barreras similares.

Recursos

El tema de los recursos financieros debe resolverse. Se deben decidir las tareas que pueden realizarse con el presupuesto habitual y las tareas que necesitan financiación externa. Asimismo, constituye un paso importante en la planificación de una innovación qué cualificaciones profesionales hay y cuáles faltan en la organización para llevar a cabo la innovación (Análisis de carencias).

Metas ambiguas

En todos los proyectos es importante desarrollar un entendimiento común de las innovaciones y medidas desde el principio. Esta responsabilidad compete en un principio a la dirección, pero el resto del personal será también responsable. Este trabajo está ligado a la planificación y comunicación de una visión (Kotter y Cohen, 2002).

Sistema

Los cambios de responsabilidades pueden suponer cambios en la estructura de la organización. Es importante analizar de forma realista si los cambios en la estructura de una organización se basan en mejoras específicas. Se debe cuidar el “optimismo del sistema”² (Skogen, 2004).

Resolver las barreras de valores y poder

Evitar la influencia de las barreras de poder y valores en el proceso de cambio

- o Evitar las barreras psicológicas
- o Coalición con la dirección
- o Información, comunicación, cooperación y apertura

Barreras de valores

Es casi imposible evitar que las barreras de valores interfieran o influyan en el proyecto de innovación. Las medidas propuestas para evitar las barreras psicológicas son importantes y pueden reducir las barreras de valor.

Barreras de poder

Aliarse con la dirección es vital para la implantación de todo un programa o concepción escolar. Eludir el poder en contra contribuirá a la realización de la innovación; las barreras de poder pueden desacelerar o destruir el proceso de innovación. Las estrategias del innovador son: información, comunicación, cooperación y apertura (Skogen, 2004).

Resistencia y barreras

La resistencia y las barreras son un fenómeno complejo y relativo. El tiempo, el conocimiento, la economía, y la capacidad del sistema para manejar el cambio son importantes para una innovación con éxito. Las experiencias previas positivas o

negativas son importantes para el innovador. Las dificultades iniciales y el cansancio de la organización para con las innovaciones son aspectos importantes de la resistencia y las barreras en las escuelas. Para conseguir un buen resultado será de gran ayuda ser consciente y estar preparado para el tipo de resistencia y barreras que se pueden encontrar en la iniciación e implantación de un enfoque escolar integral.

[...]*

*Partes retiradas do texto por não conterem informações relevantes para o projeto.

Para ler o texto na íntegra acesse:

<http://www.vista-europe.org/downloads/Spanish/B2f.pdf>

ANEXO D

Textos para o 6º encontro com os professores

1º Texto

Módulo A: Contexto, definiciones y conocimiento de la violencia escolar

Unidad A1: Comprender la definición y el contexto de la violencia escolar*

Rosario Ortega¹, Virginia Sánchez¹, Luc Van Wassenhoven², Gie Deboutte² y Johan Deklerck²

1 - España

2 - Bélgica

Traducción de AM Consultores. Encargados de proyecto: Alberto Blanco y María Dolores Rodríguez

[...]*

Resumen de las ideas y el conocimiento actuales acerca de la definición y contexto de violencia escolar

Definiciones de violencia escolar

¿Qué es la violencia escolar? De forma general, la definición puede abarcar las categorías siguientes: violencia verbal, física, sexual y psicológica; exclusión social; violencia contra la propiedad; violencia relacionada con hurtos; amenazas; insultos; difusión de rumores (Smith, Morita, Junger-Tas, Olweus, Catalano, y Slee, 1999; Smith, 2003). Olweus (1999, p.12) la define como el “comportamiento agresivo en el que el actor o autor utiliza su cuerpo o un objeto (incluso armas) para causar daño o malestar (relativamente grave) a otro individuo”. Entre las definiciones que van más allá del daño físico se encuentra la de la Organización Mundial de la Salud (OMS, 2002), que incluye las amenazas así como la propia violencia. Por su parte Debarbieux (2003) identifica influencias ideológicas e históricas en la forma en que una sociedad decide definir el fenómeno de la violencia. Como dice: “Aquello a lo que llamamos violencia está determinado tanto ideológica como históricamente. La preocupación actual por la violencia en la educación también refleja nuestra cambiante relación con la violencia. De ser aceptada, si no estimulada, ha pasado a ser intolerable en Europa. No se trata de un fenómeno universal, pero sí de una señal de la existencia de una nueva visión compartida de la infancia. Esta visión va desde la existente noción de que los niños totalmente incivilizados necesitan una forma de corrección ortopédica [sic] hasta las consecuencias de lo que la pedagoga sueca Ellen Key denomina ‘el siglo del niño’, en el que se prefiere el afecto a la represión, y la prevención al castigo” (Debarbieux, 2003, pp. 43-44).

En su informe para el Consejo de Europa, Vettenburg (1999) concluyó que no existía una definición clara de violencia escolar, lo que dificultaba, entre otras cosas, afirmar si la violencia escolar estaba aumentando o realizar comparaciones válidas entre las tasas de violencia escolar de diferentes países. Sin embargo, como señala Debarbieux (2003), en la actualidad existe una mayor concienciación de la necesidad de aceptar una multiplicidad de definiciones de violencia escolar realizadas desde diversas perspectivas, incluidas las de los niños y jóvenes. Esto permite a los investigadores y profesionales desarrollar una sólida base de conocimiento y acumular hipótesis que pueden conservar o desechar en vista de los resultados de las investigaciones a medida que vayan apareciendo.

El contexto de la violencia escolar

Para poder comprender el complejo fenómeno de la violencia escolar, es necesario realizar un análisis exhaustivo del contexto económico, cultural, escolar e individual en el que se genera. El análisis de VISTA adopta una perspectiva bioecológica (Bronfenbrenner, 1979; Bronfenbrenner y Morris, 1998). (Ver Gráfico 1).

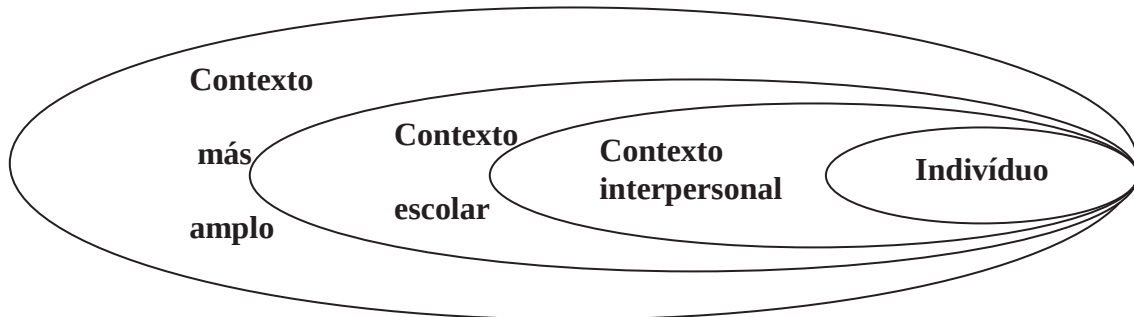


Gráfico 1. Modelo bioecológico para comprender la prevención de la violencia escolar (adaptado de la Organización Mundial de la Salud, 2002)

La mayoría de los investigadores de este campo toman ahora en cuenta los factores socioculturales como la raza, el género y la clase social en su análisis del problema. Los factores de riesgo y protección relacionados con la violencia están presentes en todos los niveles del modelo, incluidos el contexto individual, interpersonal, escolar y el contexto social más amplio. Los *factores de riesgo* son aquellos factores que hacen que un individuo tenga más posibilidades de desarrollar problemas frente a la adversidad; no causan necesariamente en sí mismos dificultades. Los *factores de protección* son aquellos que protegen al individuo y evitan que desarrolle problemas incluso en condiciones adversas. Es muy difícil desentrañar los factores causales específicos, ya que las variables que interactúan son múltiples. Sin embargo, los estudios de investigación a largo plazo que siguen el desarrollo infantil desde una edad temprana pueden identificar estos factores de riesgo y protección que aparecen en las cadenas de causalidad, ofreciendo así un conjunto de pruebas como base para el diseño de intervenciones.

Para comprender por qué ocurre la violencia escolar, VISTA recomienda un enfoque abierto y flexible, en lugar de un análisis causa-efecto. En la siguiente sección, siguiendo el modelo de Bronfenbrenner, veremos la forma en que los diferentes contextos – *individual, interpersonal, escolar y social más amplio* – pueden promover o reducir el fenómeno de la violencia escolar (Farrington, 1998).

Contexto individual

Los investigadores han estudiado a fondo las características individuales de los niños y niñas que se convierten en agresores, así como los que se convierten en víctimas. Los niños y niñas agresivos son impulsivos, tienen poco autocontrol y poca resistencia a la frustración (Baldry y Farrington, 2000). Asimismo, varios estudios han mostrado que los niños agresivos tienen importantes deficiencias cognitivas relacionadas con la interpretación de acontecimientos sociales, atribuyendo hostilidad a situaciones sociales ambiguas (Dodge y Frame, 1982).

También una investigación reciente ha mostrado que las diferencias en las habilidades sociales y cognitivas de niños y niñas nos pueden ayudar a comprender las diferencias de género encontradas en los niños involucrados en comportamiento violento y delictivo. Las habilidades sociales y cognitivas clave parecen proteger a las niñas de

involucrarse en este tipo de acciones, en comparación con los niños (Bennett, Farrington, y Huesmann, 2004).

La teoría de la mente explica por qué algunos niños acosan a sus compañeros (Smorti, Ortega, y Ortega, 2002; Sutton, Smith, y Swettenham, 1999). Los acosadores son aparentemente buenos estrategas cognitivos, capaces de apreciar los detalles de sus acciones, y por consiguiente, capaces de notar el dolor de los demás, aunque con limitada empatía (Menesini, Sánchez, Fonzi, Ortega, Costabile, y Lo Feudo, 2003). Con respecto a las víctimas, los estudios muestran que suelen tener baja autoestima, son tímidos y tienen dificultades para hacer amigos.

Contextos interpersonales

Al mismo tiempo, la violencia debe tomarse en cuenta en el contexto de las relaciones interpersonales. Por ejemplo, los amigos pueden ser tanto un factor de riesgo como de protección para ser victimizado, dependiendo en la calidad de la amistad (Adams, Bukowski, y Bagwell, 2005). Esencialmente, la naturaleza de las relaciones familiares desempeña un papel crítico en el desarrollo de las relaciones entre iguales en el colegio (Smith, Bowers, Binney, y Cowie, 1993).

Farrington (1998) indica que hay tres factores familiares relacionados con el riesgo de involucrarse en la violencia escolar:

Ausencia de afecto y calor emocional entre padres y madres, y en general, en el grupo familiar que se pone de manifiesto en los primeros años de vida escolar.

Existencia y uso de violencia física o psicológica en el grupo familiar; vivir en un ambiente familiar en el que la violencia es habitual.

Ausencia de normas, directrices y controles razonables de parte de los adultos sobre conducta, actitud y actividades de los niños.

En cuanto a los estilos de educación de los hijos, Baldry y Farrington (1998) descubrieron que los niños que acosan tendían a tener padres autoritarios y punitivos con baja autoestima. Otros estudios descubrieron una relación entre la sobreprotección de las madres y las víctimas masculinas; en el caso de las víctimas femeninas, hay una relación importante con una percepción de rechazo de la madre (Finnegan, Hodges, y Perry, 1998).

La teoría del apego sugiere que al principio el niño desarrolla un modelo de trabajo interno de relaciones que explica, por ejemplo, la indefensión psicológica de la víctima y la agresión injustificada del autor. Los estudios que tienen como objetivo explorar las relaciones entre los problemas del acoso escolar y el apego también han descubierto que los niños inseguros son más propensos a involucrarse en problemas de acosador/víctima (Smith y Myron-Wilson, 1998), especialmente de convertirse en víctima de acoso escolar. La teoría del apego puede ayudar a explicar, por ejemplo, la alta probabilidad de que los niños de familias en los que ocurren abusos (entre los padres así como de los padres a los hijos) sean propensos a repetir los mismos patrones de inseguridad en las relaciones con sus iguales.

Contexto escolar

Las relaciones interpersonales, cimentadas en la familia, se desarrollan más en la escuela. La violencia aparece en entornos institucionales, como los colegios, en los que el contacto frecuente entre los participantes puede perpetuar los roles estereotipados de dominación y sumisión (Ortega, 1994). Los contextos estables, como las escuelas, pueden crear condiciones que fomenten las relaciones positivas en el proceso de *convivencia*, la acción de vivir con los demás, con "... un espíritu de solidaridad, fraternidad, cooperación, armonía, un deseo de entendimiento mutuo, el deseo de llevarse bien con los demás, y la resolución de conflictos mediante el diálogo u otros medios no violentos" (Ortega, del Rey, y Mora-Merchán, 2004, p. 169). Es

imprescindible saber cómo se establecen las redes sociales en las que se apoya la *convivencia*, así como las fuerzas contrarias que socavan la *convivencia*.

No hay escuelas idénticas, como tampoco hay alumnos idénticos. Algunos alumnos están faltos de motivación, o se aburren en el colegio, o no gustan de normas y reglas; algunos tienen entornos familiares difíciles o sufren abusos o acoso en casa. Una importante fuente de conflicto entre los profesores y los alumnos es el sistema de *disciplina* adoptado por la escuela. En este sentido, varios programas de lucha contra la violencia escolar destacan la importancia de los sistemas de disciplina para la contención de la violencia escolar (p. ej. Olweus, 1999; O'Moore y Minton, 2004; Ortega, 2003; Ortega, del Rey, Sánchez, Ortega-Rivera, Mora-Merchán, y Genebat, 2003; Ortega y Lera, 2000; Smith, 1997)

Asimismo, las redes sociales conformadas por los alumnos y los profesores, y la forma en que se comportan entre ellos, son las que sostienen la *convivencia*.

Los conflictos son una parte inevitable de la vida social, y las escuelas no son ajenas a ellos. Las relaciones entre iguales, y entre los profesores y alumnos, son una fuente habitual de conflictos en las escuelas. Frecuentemente, los profesores se quejan del comportamiento de sus alumnos, sin plantearse el impacto de su propio comportamiento en el clima escolar. Sin embargo, la mejor forma de crear *convivencia* y una cultura de la no violencia es enfrentarse a los conflictos honradamente y con vistas a resolverlos, tanto si tienen lugar entre los alumnos o entre el profesorado. Estos conflictos deben resolverse positivamente, ya que ofrecen a los alumnos y a los profesores una fuente de aprendizaje real y una ocasión para el cambio.

Los conflictos sin resolver y el comportamiento de acoso sin respuesta pueden autoperpetuarse y contaminar así los procesos de *convivencia* de la escuela. El concepto de *convivencia* permite explicarnos el fenómeno de la violencia escolar en el marco de las relaciones interpersonales que se establecen en la escuela.

Al mismo tiempo, la idea de *convivencia* puede ayudarnos en la prevención y reducción de la violencia escolar controlando esos procesos tan interpersonales arraigados en la vida de la escuela. Si empleamos esta idea, no necesitaremos emplear agencias externas para resolver el problema de violencia, ya que la solución radica en las estructuras y redes del propio colegio.

El contexto en sentido más amplio

Los sociólogos y criminólogos ofrecen una perspectiva más amplia mediante el registro de la influencia que ejercen la cultura, la sociedad y la política en la violencia escolar. Desde este punto de vista, la violencia escolar está considerada como el resultado de una patología social y “vulnerabilidad social” (Vettenburg, 1999; Walgrave, 1992) ya que hay determinados sectores de la población que corren especial riesgo de involucrarse en violencia. Estos grupos “se benefician menos de las cosas positivas que las instituciones ofrecen” (Vettenburg, 1999, p. 38) ya que muy a menudo sólo se enfrentan a la autoridad ejercida por la sociedad (como la representada en este caso por la escuela), pero rara vez experimentan los beneficios que la sociedad ofrece. Con frecuencia viven experiencias negativas dentro del sistema educativo (por ejemplo, problemas de aprendizaje, suspensión y expulsión, falta de respeto del personal, bajo rendimiento, moral baja) que pueden derivar en poca motivación, desafección, y en general un sentimiento de hostilidad hacia la escuela como sistema. Hargreaves (2003) destaca el impacto de la globalización en el sistema educativo y en los orígenes de la violencia. En las sociedades capitalistas, las personas tienden a comportarse de forma individualista y competitiva que conserva las diferencias entre clases sociales y resalta la situación de los grupos desfavorecidos. Potencialmente estas diferencias culturales pueden tener un impacto en los niveles de violencia de diversos países (Ortega et al.,

2003). De hecho, algunos estudios recientes han demostrado que las comunidades con una compromiso más fuerte de igualdad registran niveles más bajos de agresiones directas (Bergeron y Schneider, 2005). Es importantísimo que el sistema educativo promueva valores de colaboración, cooperación y creatividad mediante un trabajo activo para el desarrollo una cultura escolar positiva en las escuelas.

[...]*

*Partes retiradas do texto por não conterem informações relevantes para o projeto.

Para ver o texto na integra acesse:

<http://www.vista-europe.org/downloads/Spanish/A1f.pdf>

2º Texto

Módulo B: VISTA: Un enfoque escolar integral (EEI)

Unidad B6: Tratar con la indisciplina y la disrupción

Rosario Ortega, Rosario del Rey, Javier Ortega-Rivera y Claire Monks
España

Traducción de AM Consultores. Encargados de proyecto: Alberto Blanco y María Dolores Rodríguez

[...]*

Resumen del pensamiento y conocimiento actual sobre cómo tratar la indisciplina y la disrupción

En las últimas décadas ha aumentado el número de investigaciones sobre el comportamiento agresivo en las escuelas. Estas investigaciones lo han destacado como un asunto que afecta a escuelas con niños de todas las edades, incluidos preescolares (p. ej. Monks, Smith, y Swettenham, 2003; Ortega y Monks, 2005; Perren y Alsaker, 2006). En algunos países se han desarrollado programas educativos para tratar la violencia y el acoso escolares que han dado como resultado la aparición de políticas educativas locales y nacionales contra la violencia escolar (Smith, 2002). La mayoría de estas políticas educativas se centran en la prevención como método de mejora del clima escolar y las relaciones entre todos los miembros de la escuela (ver Unidad A1). Para desarrollar este objetivo, es importante entender la escuela como un contexto complejo de relaciones interpersonales. A veces, los problemas entre los miembros de la comunidad escolar (profesores, estudiantes y familias) pueden facilitar la aparición de violencia en las escuelas. Por esta razón, es importante saber y entender el tipo de problemas que pueden existir en nuestras escuelas y la forma de tratarlos para prevenir la violencia.

La literatura científica ha destacado habitualmente tres problemas principales que pueden relacionarse con la violencia en las escuelas: conflictos interpersonales, falta de disciplina y problemas de disrupción (Cotton, 2001; Dwyer, Osher, y Warger, 1998; Elliot, 1991; Gottfredson, Gottfredson y Hybl, 1993; Lawrence, Steed, y Younith, 1977; McManus, 1995; Ortega, 1998; Skiba y Peterson, 1999, 2000). Cuando estos problemas afectan a los centros escolares, se genera un sentimiento de desasosiego en los profesores. La vida diaria en las escuelas se dificulta, y empiezan a entretenerse

problemas de comportamiento, como la falta de motivación, con los académicos. Cuando esto ocurre, es fácil entender la dificultad que entraña analizar el origen real de todos los problemas mencionados por los profesores. A veces es mejor concentrarse en buscar las soluciones a estos problemas, en lugar de buscar sus causas. Asimismo, como apuntan Smith, Rigby y Pepler (2004), es importante comenzar a tratar estos problemas cuando los niños empiezan la escuela o en preescolar, y continuar a lo largo de la escolarización. La forma en que se traten dependerá del nivel de desarrollo de los niños en cuestión.

Sin embargo, creemos que es posible trabajar con alumnos de todas las edades para tratar los conflictos, la falta de disciplina y la disrupción. El primer paso para tratar los conflictos, la falta de disciplina y los problemas de disrupción es diferenciarlos claramente, ya que las causas, consecuencias y líneas de intervención son diferentes dependiendo del caso. Uno de los principios básicos del funcionamiento de una intervención educativa es la identificación de la situación o del comportamiento que será el centro de esa intervención. Este primer punto, que algunos casos puede parecer obvio, puede resultar una tarea complicada en el caso de la violencia escolar, porque es posible confundirla con otros fenómenos que tienen lugar dentro del aula y que, aunque constituyen un riesgo de comportamiento violento para el alumno, no pueden considerarse como violencia escolar. También estos problemas de conducta en el aula pueden en muchas ocasiones estar relacionados con el origen de la violencia escolar que se manifiesta en los centros educativos o en la propia tarea educativa. Con el objetivo de dinamizar la sesión formativa, en este resumen tratamos la diferencia entre conflicto, disciplina y disrupción.

Conflicto

El conflicto es inherente a la vida social de los hombres, puesto que en muchas ocasiones nuestros intereses y posturas con respecto a una necesidad, una situación, un objeto o una intención se contraponen a los intereses y posturas de otros. En nuestra opinión y en la de otras personas, esta confrontación puede resolverse a través del diálogo y la negociación, en los que encontramos la disposición socio-moral y la posibilidad de ceder y cambiar nuestro interés y opinión por el del otro o por uno intermedio. Sin embargo, en ocasiones el conflicto no se resuelve mediante el diálogo y la negociación, sino que se recurre a los comportamientos agresivos. En este caso, los conflictos pueden considerarse un riesgo para la violencia escolar (del Rey, Sánchez, y Ortega, 2004; Ortega, 1998).

Por tanto, el conflicto puede considerarse como un elemento de dicotomía entre el crecimiento y la falta de crecimiento de las relaciones sociales, ya que si nos enfrentamos a una lucha de intereses podemos resolver el conflicto por diferentes medios: negociación o conflicto. Así, el conflicto no es negativo en sí mismo, sino todo lo contrario: puede ser el punto de partida para el desarrollo personal y social de los alumnos si se les enseñan los medios adecuados para resolver sus propios conflictos. Es decir, el conflicto debe considerarse como una oportunidad para avanzar en el entendimiento desde la base de un respeto mutuo. Para una buena resolución del conflicto, no siempre es necesario que las partes adopten una postura intermedia o que una de ellas ceda y esté de acuerdo con la otra. Una buena resolución se basa también en el hecho de que no es necesario que nadie ceda para que se resuelva: la resolución se encuentra mediante la negociación y el diálogo.

Saber cómo establecer un diálogo con los demás sobre los intereses encontrados supone un avance positivo dentro del conflicto, incluso si no se alcanza un acuerdo, ya que se usan herramientas no violentas para resolver diferencias. En resumen, no siempre es necesario estar de acuerdo con el otro.

Por otra parte, debemos saber que, en muchas ocasiones, los alumnos resuelven sus conflictos mediante la violencia, porque han aprendido que el recurso a conductas violentas es la mejor forma de resolver los desacuerdos con sus iguales. Es decir, que el más fuerte o el más hábil socialmente se impone al otro en la confrontación. En ese momento los conflictos pueden provocar violencia escolar, pues los alumnos aprenden a resolver sus diferencias recurriendo a la agresión. Es importante saber que el conflicto no es negativo en sí mismo, pero que la forma de resolverlo puede serlo. El conflicto en las aulas puede ser útil para desarrollar las habilidades de diálogo y negociación y, al mismo tiempo, aprender a controlar la agresión.

Disciplina

El análisis de la disciplina lleva a una mejor comprensión de los conflictos y problemas de conducta en la escuela y su relación con el orden y el control.

En general, es posible identificar las dos formas de entender la disciplina, dependiendo del objetivo principal: el control o la formación de los alumnos.

En el primer caso, se considera que la disciplina es una necesidad para controlar el comportamiento de los alumnos (los profesores quieren que los alumnos estén quietos y en silencio dentro del aula) o para establecer el control como condición necesaria para el desarrollo del aprendizaje en el aula (es necesario un cierto orden para establecer el proceso de enseñanza y aprendizaje). En el segundo, la disciplina se considera un medio para promover la formación de los alumnos. Es decir, la forma en que se maneja la disciplina enseña a los alumnos maneras de comportamiento, valores y estrategias. De esta forma, dependiendo del tipo de gestión disciplinaria utilizada en el aula, se pueden conseguir efectos diferentes en el desarrollo y el aprendizaje de los alumnos.

El uso de la disciplina como control se traduce en el establecimiento de normas y reglas para regular la conducta de los alumnos, así como las correspondientes sanciones si esas normas y reglas se incumplen. Por otro lado, si se usa la disciplina como formación, se fomentan el orden y el control en cada sujeto como proceso de desarrollo de su pensamiento crítico, y se contempla la disciplina como medio para facilitar ese desarrollo. Es decir, mientras el primer punto de vista se basa en el control externo del comportamiento, el segundo lo trata como un proceso interno.

Desde esta perspectiva, y agrupando los distintos enfoques, definimos la disciplina escolar como un fenómeno complejo de carácter instrumental que persigue dos objetivos: el orden y el control del comportamiento de los miembros de la comunidad educativa, fundamentalmente de los alumnos, para los que son necesarias estrategias educativas. Asimismo, la disciplina busca las condiciones necesarias para establecer el proceso de enseñanza y aprendizaje, incluida la educación socio-moral del estudiante para su integración social de forma responsable, crítica y cívica.

Indisciplina

La complejidad del análisis de la disciplina desaparece cuando se aborda la indisciplina escolar. La indisciplina se refiere a los comportamientos de los alumnos que no cumplen las reglas y normas establecidas dentro del control y el orden. Por tanto, la indisciplina es el comportamiento individual de un alumno que incumple las normas de comportamiento. Las publicaciones científicas sobre la indisciplina escolar identifican dos tipos principales de causas: causas centradas en el individuo, y causas centradas en la dinámica de grupo.

Las causas centradas en el individuo estudian las características y circunstancias personales del alumno que incumple las reglas y normas de comportamiento en el aula. Entre los factores más importantes que encontramos se encuentran la falta de motivación, la baja autoestima, un nivel de desarrollo cognitivo insuficiente para el

autocontrol que el sistema disciplinario exige, inestabilidad familiar, y poca calidad del entorno en el que viven los estudiantes.

Las causas centradas en la dinámica de grupo tienen en cuenta el análisis de la disciplina desde un punto de vista sistemático, definiendo el círculo vicioso de la indisciplina (Lawrence, Steed y Yount, 1977). Estos autores indican que los incidentes de indisciplina generan un malestar en el profesor, quien reacciona adquiriendo más control, lo que a su vez posibilita la repetición del comportamiento indisciplinado de los alumnos. Otro elemento clave de la dinámica de grupo es la escasa relación entre los profesores del centro y, es posible que no exista un claro acuerdo en la gestión de la disciplina entre los mismos. Los alumnos no saben cómo comportarse y en ocasiones se aprovechan de esas diferencias en su propio beneficio, lo que provoca aún más confrontaciones entre profesores, quienes a su vez reaccionan con más control o con mayores diferencias en el control. Otro de los factores de la dinámica de grupo es la falta de preparación del profesor para tratar la disciplina en las aulas (Barrett y Davis, 1995; Pilarski, 1994), especialmente los profesores noveles (Emmer, 1994; Kearney, Plax, Sorenson, y Smith, 1988) que gestionan los problemas de indisciplina de forma autoritaria, aumentando así el problema.

La relación entre disciplina e indisciplina

Las publicaciones científicas sobre la disciplina muestran que en la mayoría de los casos los profesores utilizan respuestas punitivas, como sanciones, en las situaciones de indisciplina (Skiba y Peterson, 1999). Las respuestas punitivas (expulsión o castigo) provocan un aumento de los episodios de indisciplina de los alumnos, quienes reaccionan con más agresiones y más incumplimientos de normas frente al castigo. El recurso a respuestas punitivas no produce un mayor control y orden en el aula, ya que incrementa la diferencia de poder entre el profesor y los alumnos. Esta gran diferencia provoca un clima autoritario en el aula, que produce un aumento de los conflictos entre el profesor y los alumnos. A veces, las sanciones disciplinarias aparecen antes de los problemas. Por ejemplo, en los Estados Unidos se ha desarrollado un plan de máximo control sobre los alumnos a través de la introducción de medidas de seguridad a la entrada de las escuelas (Dwyer, Osher, y Warger, 1998; Skiba y Peterson, 2000). De esta forma, se refuerza y expande el entorno de los centros. Hay detectores de metales, cámaras de vigilancia, oficiales de policía, etc. Sin embargo, hasta ahora, este aumento de medidas de control no se ha demostrado efectivo para reducir la violencia o la indisciplina y disrupción de los alumnos en los centros educativos.

[...]*

Recurso 1 Problemas de comportamiento, características y Riesgos

PROBLEMAS	MOTIVOS POR LOS QUE SUPONEN UN RIESGO DE VIOLENCIA ESCOLAR
Falta de motivación	Cuando no tienen razones para estudiar y permanecen en la escuela durante muchas horas, los alumnos pueden recurrir a actos violentos para detener el desarrollo normal de la clase.
Conflictos sin resolver	Los conflictos sin resolver entre individuos pueden suponer un foco de violencia escolar porque durante ese tiempo empiezan a crecer los pequeños malentendidos. Así, la comunicación y el diálogo son cada vez más difíciles de tratar y aumenta la probabilidad de aparición de la violencia escolar.
Disrupción	A veces, los métodos didácticos tradicionales o monótonos

	originan comportamientos de desorden que pueden ser causa de episodios de violencia escolar.
Falta de disciplina	Las normas son necesarias en la comunidad escolar y deben ser conocidas y aceptadas por todos los individuos. Cuando los alumnos no entienden las razones de algunas normas específicas, tienden a no respetarlas. Estas situaciones son a veces origen de episodios de violencia escolar.

* Partes retiradas do texto por não conterem informações relevantes para o projeto.

Para ver o texto na integra acesse:

<http://www.vista-europe.org/downloads/Spanish/B6f.pdf>

ANEXO E

Transcrição do vídeo Ser ou não ser – Exclusão em debate

Série: Ser ou não ser – Exclusão em debate – Programa Fantástico – Rede Globo

Transcrição do vídeo disponível em:

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL695664-15607-157,00.html>

Acesso em: Fev. 2010

Transcrição do vídeo Exclusão

Vai recomençar a viagem pelo mundo do pensamento: ser ou não ser? A série que mostrou como a filosofia está presente no dia-a-dia de todos nós volta para uma temporada de quatro episódios aqui no Fantástico!

Todas as civilizações se constroem e se sustentam em leis. Em toda sociedade existe um grande número de coisas que não se pode fazer: há coisas que não devem ser ditas, atitudes que não são permitidas. Toda sociedade cria limites e proibições. Escolhe algumas formas de viver e rejeita outras.

Mas como cada cultura se relaciona com a parcela da população que não se enquadra?

Nossa sociedade tem uma forma muito particular de se relacionar com aquilo que rejeita: ela interna.

É o que diz um dos pensadores mais influentes do século 20, o historiador e filósofo Michel Foucault. Exclusão: este é o assunto de hoje, na volta de "Ser ou não ser"!

A vida do ex-portador de hanseníase, Nivaldo Mercúrio, mudou depois que descobriu uma mancha no corpo.

“Uma mancha seca, avermelhada. Uma mancha que a gente pode cortar, furar, não sente dor, nem nada”, conta Nivaldo.

Era hanseníase, a doença que durante muitos séculos foi conhecida como lepra. Nivaldo tinha 21 anos. Naquela época, meados da década de 40, não havia cura para hanseníase. Para eliminar o incômodo social que a doença causava, a saúde pública optou pelo isolamento, pela internação.

Entre as mais antigas experiências de internação, temos a construção de leprosários. A partir do século 4 da Era Cristã e até o fim das Cruzadas, os leprosários se multiplicaram por toda a Europa.

O leproso representava uma ameaça pública. A comunidade, com a justificativa de proteger as pessoas saudáveis, expulsava o doente.

“No começo foi muito doído, muito doído. A discriminação, o preconceito”, lembra Nivaldo.

Nivaldo mora há 62 anos no Instituto Lauro de Souza Lima, antigamente conhecido como asilo-colônia Aymorés, ou leprosário de Bauru, no interior de São Paulo.

“As pessoas vinham para cá para ficarem presas, incomunicável com a sociedade, que eles consideravam a sociedade sadia”, lembra Elias Freitas, ex-portador de hanseníase.

Os leprosários foram construídos como espaços fora da cidade, para excluir, para eliminar o que a sociedade não sabia, ou não podia tratar.

“A hanseníase é uma doença que ainda apresenta uma certa carga de estigma extremamente forte, ligada à questão da religiosidade, de pecado”, diz Marcos Virmond, diretor do Instituto Lauro de Souza Lima.

A lepra não estava somente associada a uma doença que precisava ser erradicada, mas ao poder sagrado de Deus.

“Ela é uma das poucas doenças que é citada na bíblia”, conta Marcos.

Havia, na época uma tendência a acreditar que o sofrimento humano era um castigo divino. O doente de lepra era alguém que trazia a marca da ira de Deus na pele.

Na França da Idade Média, às vezes queimava-se vivo o doente, dentro de casa, com todos os objetos pessoais.

A idéia de usar o fogo para combater o mal ainda existia no Brasil do século 20. O doente não morria queimado, mas perdia tudo o que tinha em nome da saúde e da higiene. Foi assim que aconteceu com a família de Nivaldo. Sua mãe também era portadora de hanseníase e precisava ser internada.

“Pediram para nós todos sairmos de dentro de casa, jogaram gasolina e puseram fogo. Com tudo que tinha dentro”, lembra Nivaldo.

O asilo-colônia de Bauru chegou a ter mais de 2 mil internos, que se casavam e formavam famílias. Mas os filhos eram separados dos pais logo depois do parto.

“A mãe nem olhava a criança”, conta Nivaldo.

“Não ficava nem três minutos”, diz Elias.

Era proibido o contato físico entre pessoas saudáveis e portadores de hanseníase, para evitar o contágio. Em dia de visita, doentes e familiares eram obrigados a manter uma distância de seis, sete metros uns dos outros.

“Isso daí machucava muito a gente, porque vinha o pai, ou a mãe, e a gente não podia nem dar a mão, nem nada. Era muito doído”, lamenta Nivaldo.

Ele não pôde nem mesmo dar um último abraço, de despedida, no pai.

“Eu falei: ‘eu estou fazendo aniversário daqui a sete, oito dias. Ele quer me cumprimentar, e eu também quero dar um abraço nele, também, né?’. E me falaram: ‘você é um leproso, você não pode ir’”. Sofri um trauma nervoso, emocional, não conversava com ninguém, andava sozinho”, conta Nivaldo.

E foi assim que Nivaldo passou 31 anos mudo, sem conseguir dizer uma palavra.

“Quando ia falar, as pessoas não entendiam, não. Eu ficava até com medo da minha voz, nervoso”, lembra Nivaldo.

Com o tempo, surgem novos remédios e a epidemia de lepra desaparece. Mas não desaparece o hábito que adquirimos de excluir, de isolar o que nos incomoda.

A prática de internação, que começou nos leprosários, permaneceu nos manicômios e presídios, que se tornaram instituições fechadas, longe dos olhos da sociedade. A exclusão passou a ser vista como a forma mais imediata de punir, de corrigir, de curar.

Um dos grandes problemas dessas instituições é que o isolamento cria uma população cada vez maior de marginalizados.

“Para eles, o pior vai ser conseguir um serviço e voltar a se integrar na sociedade de novo”, acredita Ana Claudia Ramos, mulher de preso.

Além disso, a exclusão facilita o surgimento de uma comunidade de delinquentes. Cada vez mais independente e organizada.

Os ataques em São Paulo são um exemplo disso: a população carcerária cresceu e se organizou tanto que inverteu a situação: os presos determinavam o que acontecia nas ruas, enquanto cidadãos livres eram obrigados a ficar presos em suas próprias casas.

O sistema penitenciário cria um exército de inimigos dentro da sociedade. Excluir não elimina. Ao contrário, tudo parece indicar que a parte excluída tende a crescer, a se fortalecer, a se organizar.

Mas este não é o único efeito da exclusão. A herança social do leprosário é uma forma de ver, uma forma de pensar, que sempre elimina, exclui.

“Me sinto excluída porque eu sou gordinha!”, diz uma jovem.

“Por ser baixinho”, afirma o rapaz.

“Como negro, é impossível, no Brasil, não sentir algum tipo de exclusão, né?”, acredita outro rapaz.

É como se cada um de nós conservasse um leprosário vazio, capaz de abrigar o que nos incomoda, ou o que não queremos ver.

“Às vezes, você vai numa festa, você não está com a roupa adequada. Às vezes, no colégio, você não é aquela mais popular”, diz uma jovem.

Mesmo sem perceber, estamos sempre excluindo alguém ou alguma coisa. É como se, de alguma forma, todos nos tornássemos excluídos.

“Eu quero dizer para a sociedade o seguinte: que não se repita erros fatais como esse, de isolamento. Erradicar uma doença com isolamento. Isso não pode existir jamais na face da terra uma coisa dessa”, pede Elias.

A hanseníase está praticamente erradicada em muitos países da Europa, mas o Brasil ainda ocupa o segundo lugar, depois da Índia, em número de casos - foram 38 mil só no ano passado.

Hoje, muitos dos ex-internos continuam vivendo nos leprosários.

“A maioria deles perderam os vínculos de família. Não têm para onde voltar. Muitas das famílias, inclusive, nem os queriam de volta”, diz Marcos Virmond, diretor do Instituto Lauro de Souza Lima.

Apesar de já estar curado, Nivaldo não quer sair de lá. Seu desejo é ser enterrado no leprosário, ao lado da mãe. Ele voltou a falar há dez anos, depois de um trabalho intenso de fonoaudiologia.

“Voltar a falar foi uma alegria muito grande. Aí é bagunçar mesmo. É uma coisa que devolve para a gente viver de novo”, comemora Nivaldo.

ANEXO F

Protocolo de observação

Protocolo de Observação

Título da pesquisa:

Local:

1. Observadora: _____

2. Objetivo da observação:

3. Data da observação: ____/____/____

4. Horário da observação :

4.1 Início: _____

4.2 Término: _____ 4.3 Total: _____

5. Relato do ambiente físico:

6. Relato do ambiente social:

7. Quantidade de alunos observados:

7.1 Meninas: _____

7.2 Meninos: _____

7.3 Total: _____

8. Descrição dos sujeitos observados:

9. Técnica de amostragem e registro:

10. Registro das observações:

Obs.: Nos itens 5,6,8,9 e 10 foram deixados espaços com linhas para os registros.